

LO QUE PENUMBRA CITA APILLE

Autora de **HELL** Paris 75016



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

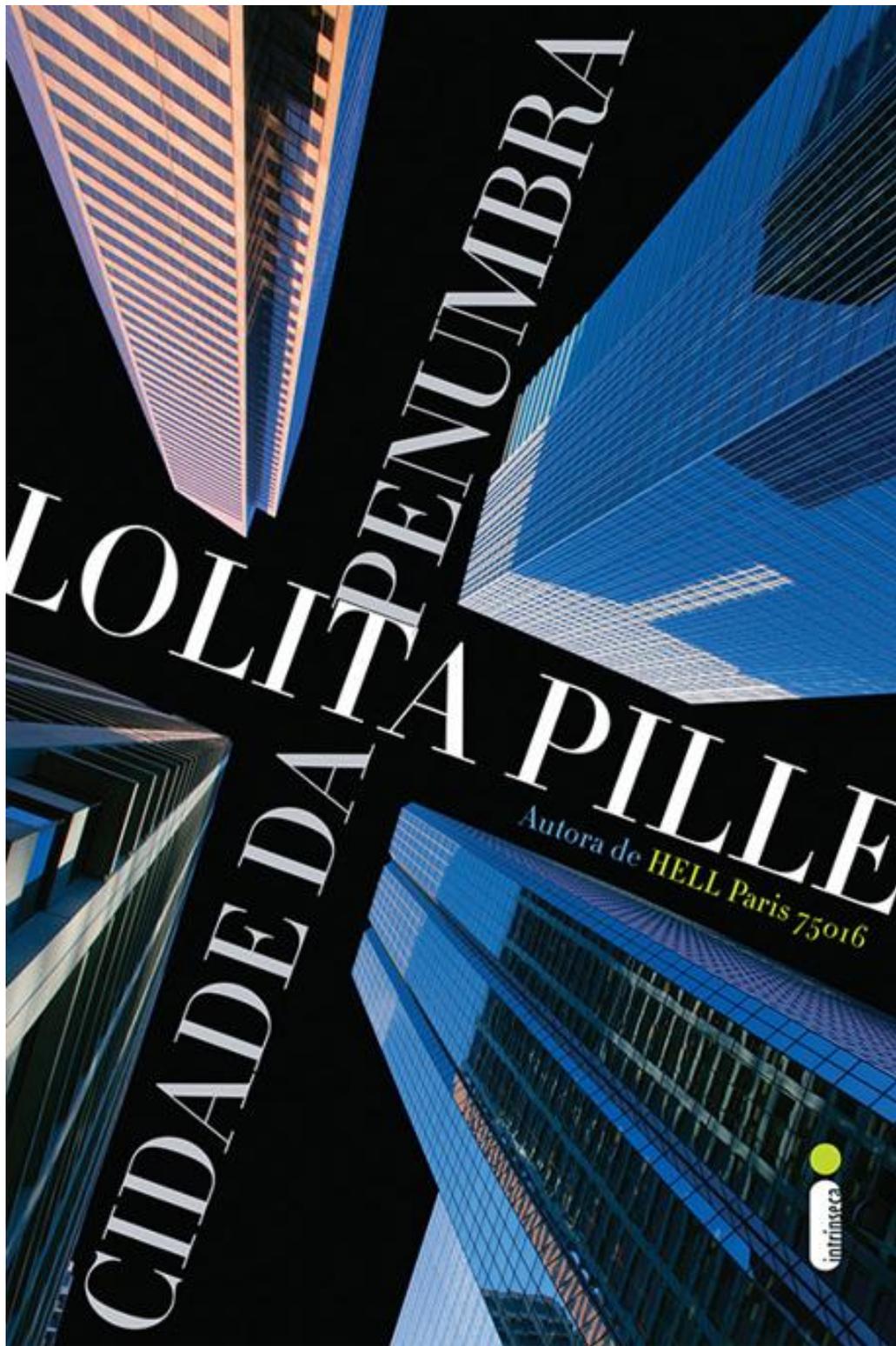
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



LOLITA PENUMBRA

CIDADE DA APILLE

Autora de **HELL** Paris 75016



LOLITA PILLE
CIDADE DA
PENUMBRA

Tradução de JULIO BANDEIRA

Copyright © Éditions Grasset & Fasquelle, 2008

TÍTULO ORIGINAL
Crépuscule Ville

TRADUÇÃO
Julio Bandeira

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Victor Burton

PREPARAÇÃO
Anna Lee

REVISÃO
Mariana Arcuri
Taís Monteiro

REVISÃO DE EPUB
Luana Gonçalves

GERAÇÃO DE EPUB
Selênia Serviços

E-ISBN
978-85-8057-041-0

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 | Gávea | Rio de Janeiro | RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



Para meu pai

“Sempre que o gosto amargo do fastio começa a tomar conta de minha boca; sempre que há um novembro úmido e chuvoso em minha alma; sempre que me vejo parar involuntariamente diante das funerárias e ir atrás de todos os enterros que posso, e, sobretudo, quando me sinto tão por baixo, que se faz necessário todo um esforço moral para me impedir de sair intencionalmente à rua e derrubar sistematicamente o chapéu das pessoas — sei, então, que é chegada a hora de partir o mais rápido possível para o mar. Este é o meu substituto para o cano de um revólver.”

HERMAN MELVILLE, *MOBY DICK*

PRIMEIRA PARTE O GRANDE APAGÃO

Colin Parker desistiu no fim daquela noite fria de 21 de janeiro. Ele não se lembrava mais da data exata. Mas achava que isso acontecera em 21 de janeiro porque a televisão estava o tempo todo mencionando o primeiro aniversário da Guerra Narcótica. Ele se lembrava disso: das entrevistas dos veteranos intercaladas por gravações de campo que arfavam debaixo da trajetória das balas. A noite toda, o pipocar das metralhadoras misturava-se com o da chuva, enquanto ele ia e vinha em seu apartamento, com todos os sentidos agitados tal como um animal enjaulado. Uma atmosfera febril, que geralmente antecede as grandes despedidas, reinou até o amanhecer. Mas Colin Parker não estava de partida. E nunca mais estaria, até sua última viagem.

Ele morria sufocado. Já era surpreendente que houvesse sobrevivido até então. Colin Parker recebera o milagre da morte lenta. Um tubo digestivo em liberdade condicional, que hesitava em desistir e antecipar sua longa agonia vegetal. Às vezes, entre dois porres, era tomado por um acesso de desesperança e pensava estar morto. E, se ele já estivesse morto, jamais iria morrer. A morte não era aquilo que a gente pensava. Não era um fim. Era uma condenação à perenidade, uma ida sem volta para uma eternidade de torturas imóveis.

A partir do momento em que começou a perder o controle de seu corpo, cada vez se lembrava menos. Sua percepção alterada pelo abuso de psicotrópicos há muito tinha se livrado da incômoda noção de tempo. Da mesma forma como não imaginava um fim para seus tormentos, também era incapaz de presumir sua origem; e se, às vezes, lembranças confusas voltavam, parecia que pertenciam não a uma época passada, mas ao domínio do imaginário, como um lugar utópico, impossível, o qual visitara em sonho, onde tivera uma infância e mulheres, e cujo ar compartilhara caminhando pelas ruas.

Para começar, seu corpo havia se desenvolvido de uma só vez. Seus membros estavam cobertos de carnes em excesso. Sua barriga

ficara pesada, atrasando seu passo, englobando em pouco tempo o peito e os quadris, e seu rosto adquiriu no espelho uma aparência infantil um pouco ridícula. Ele ocupava o espaço de uma maneira diferente. O menor movimento tornava-se penoso. Passava noites em claro, virando de um lado para o outro a fim de escapar do desconforto que o privava do sono. Ele comprou soníferos. Suas forças arrefeciam. Ficava logo cansado e esperava ainda mais impacientemente pela hora das refeições.

Depois disso, a forma como o olhavam não era mais a mesma. Sempre provocara indiferença, e isso o magoava. Agora, quem passava por ele o olhava com nojo. Isso o magoava ainda mais. Engolia litros de refrigerantes antidepressivos. Apesar dos repetidos avisos de seu Rastreador, cada dia comia mais. Naquela inesquecível manhã de 21 de janeiro, ele conseguira entrar em apenas um de seus quatro ternos. Calça, colete e paletó cinza-perolado de mescla de lã e lycra. Seu trabalho exigia o uso do terno, e o cinza-perolado, apesar da ameaçadora tensão nas costuras da calça, que estava quase arrebetando, era a última esperança de Colin Parker. Às oito e meia, nos corredores do Transdistrital, uma multidão de colegiais de uniforme o azucrinou com as primeiras piadinhas do dia. Ele buscou refúgio no banheiro público e constatou, com certo alívio, que a costura havia resistido. Esse episódio, entretanto, serviu para que fizesse uma ideia daquilo que o destino lhe reservava no caso de a costura estourar.

Chegou atrasado ao escritório, Torre Clair-Monde. A maioria dos colegas já estava às suas mesas. Sentiu os olhares cravados nele enquanto atravessava os espaços transformados em campo minado. O amor que dedicava ao seu trabalho lhe provocou um pouco de raiva. Redigiu cinco apresentações de produto para xampus que lavam a seco e cremes de beleza reparadores. Os textos eram concisos e respeitavam as figuras impostas, enriquecendo-as com um toque de humor totalmente pessoal. O comitê, sem dúvida, iria aprová-los do jeito que estavam. Colin Parker sentiu um orgulho que foi imediatamente estragado por um estalo no meio das pernas. Oito ou dez pontos, não mais que isso, tinham arrebetado, mas Colin Parker sentiu, daquele momento em diante, que estava fodido. Era

uma questão de segundos. Ao menor movimento brusco, ao menor suspiro, a costura estouraria debaixo dele e ele acabaria de cuecas, à mercê dos olhares. Então, a indiferença polida que reinava no departamento de comunicação dos cosméticos Clair Derm se tornaria um murmúrio de linchamento. Ele seria apontado, às gargalhadas. Tirariam fotos, que então circulariam de um Rastreador para outro, acompanhadas de legendas demolidoras. Talvez até lhe jogassem um grampeador na cara. Depois, as risadas acabariam sendo substituídas por um frio desprezo. Cansados da nova presa, trocariam elogios entre si por serem, comparados a ele, tão bem-dotados. Colin Parker esperou pelo final do dia sem ousar respirar. Às sete da noite, seus colegas seguiram em bando para os elevadores. Só quando o departamento ficou completamente deserto, ele se mandou com passos miúdos. Pegaria um táxi para voltar para casa.

Na calçada da Torre Clair-Monde, dois táxis recusaram-se a levá-lo. Ele insistiu com o motorista do segundo automóvel, ameaçou dar queixa. O taxista se exaltou e respondeu que o carro dele não era um vagão de gado, arrancou subitamente e o que havia sobrado do terno cinza-perolado ficou todo lambuzado de lama. Colin Parker desistiu da ideia do táxi sem, contudo, pensar em se aventurar pelas ramificações do Transdistrital, repletas de gente. Decidiu voltar a pé. As ruas estavam escuras e ele tinha o hábito de andar colado aos muros. Quando chegou ao Texaco Boulevard, aconteceu o que mais temia. Com lycra ou sem lycra, as calças de Colin Parker acabaram com as costuras totalmente abertas. Faltavam ainda quinze minutos de caminhada até seu apartamento, na Torre Alegria. Ele sentia frio, estava com fome e tinha vontade de urinar. Estava sozinho, no meio da rua, metido em seu terno rasgado. Diante dele, um anúncio de jeans exibia, em todo o comprimento da fachada de um prédio, a silhueta esguia de um homem atlético. Parecia que o homem lhe dera uma piscadela vitoriosa e Colin Parker se escondeu num ponto de ônibus para chorar. De fato, aquele homem havia vencido. E ele, Colin Parker, tinha definitivamente perdido.

Ele chorou a noite toda. Quebrou os objetos que eram frágeis. Quebrou o espelho do banheiro batendo nele com o controle

remoto, soltando gritos estridentes. Bebeu quase um litro de destilado e o dobro de refrigerante antidepressivo. Lá pelas quatro da manhã, começou a pensar em acabar com sua vida. Procurou, em vão, por um meio indolor. Preferiu acabar com a vodca. Quando adormeceu, as lâmpadas halógenas dos postes já refletiam a aurora através das persianas.

Ele sabia que não iria mais trabalhar.

A cidade tratava bem seus prisioneiros. Colin Parker solicitou ajuda financeira alegando "inaptidão crônica para o trabalho devido a uma deformidade categoria A". Um médico foi visitá-lo e tentou lhe receitar uma reconstituição plástica. Ele recusou, era direito seu. O médico atestou a categoria para as autoridades competentes, que lhe concederam uma pequena pensão mensal. Uma soma suficiente para cobrir os gastos com alimentos e bebidas, sua conexão com a internet, a tv a cabo e a eletricidade. Ele tinha um Rastreador graças ao qual podia fazer seus pedidos, um receptor isotérmico para encaminhar tais pedidos, um robô doméstico com oitenta e dois por cento de autonomia. Tinha um videotitã e acesso a três mil canais, cuja função holograma lhe permitia projetar seu alter ego escolhido em programas do gênero "aqui o herói é você", uma função que ele esperava ansiosamente que fosse ativada para os canais pornográficos. Graças ao seu controle remoto universal, ele podia, sem sair da cama, direcionar a tela, modificar o brilho, mexer as venezianas, perseguir o robô.

O mundo exterior, por outro lado, não tinha mais nada para lhe oferecer, exceto alguns encontros infrutíferos com indivíduos que não pareciam ser seus semelhantes, uma vez que seus olhares insistentes o lembravam penosamente de que fugia à regra.

Em casa, era ele quem determinava as regras. Sozinho, permanecia digno, desocupado, finalmente livre. Decidiu que iria descansar por um tempo. Trancou a porta e escondeu a chave. Na tela, o apresentador anunciou a enésima tentativa de purificação celeste, a morte suspeita de Lila Schuller, alguns delitos dos mortos-bancários, o primeiro aniversário da Guerra Narcótica.

Estirou-se sobre a cama e pediu um contrafilé de quatrocentos gramas com batata frita e molho béarnaise, duas pizzas de

pimentão, uma omelete, uma porção de pato ao curry, um litro de sorvete de creme, um pacote de macarons, dois litros de refrigerante Euphore Light sabor gengibre e quatro travesseiros, medindo sessenta e cinco por sessenta e cinco centímetros. No canal Luz das Estrelas, era anunciado um filme com Lila Schuller na matinê, seguido da retransmissão de sua necropsia.

Colin Parker suspirou de alegria, aumentou o volume ao mesmo tempo que abençoava a Cidade e o Progresso que lhe estavam sendo finalmente oferecidos; ele estava pronto para começar a viver.

E viveu, segundo seus votos, mais de dez anos.

Estendido toda a noite, todo o dia, os olhos chumbados na tela, o controle remoto ao alcance da mão, ele comia. Ele comia o tempo todo, sem parar, sem prazer. Pouco importava se a comida estava quente ou fria, boa ou ruim, crua ou cozida, sólida, líquida, fresca, viva, vencida, nojenta. O que importava era o gesto mecânico da colher até as mandíbulas, as mandíbulas trabalhando, o estômago em ação. Engolir o suficiente para enganar, na incapacidade de preencher, o vazio que crescia dentro de si. Para aplacar suas entranhas transformadas em Fúrias, que não paravam com suas exigências. Seu corpo o possuía, tornara-se escravo de seu aparelho digestivo. Logo, não havia nem dia, nem noite, nem tempo. O vício contumaz desfez os ciclos que punham ordem no tempo para recriar sua própria alternância de saciedade fugaz, de eterna frustração, até durante o sono, até mesmo no momento preciso em que era satisfeito. A fome o supliciava mesmo no instante em que estava comendo.

O primeiro ano foi tranquilo; o segundo, indiferente; o terceiro, difícil. A partir do quarto ano, sua memória começou a ficar confusa, seu espírito, a enfraquecer. Ele continuava a engordar. Dormia sentado, com medo de sufocar durante as raras horas de sono. Sua solidão tornava-se cada vez menos sustentável. As doses maciças de antidepressivos que ele se autoadministrava para suportar a si mesmo devastavam seu sistema nervoso. Tinha pesadelos, sonhava com fluidos orgânicos palpitantes, com slogans publicitários hipnóticos, com aves de rapina que lhe arrancavam as vísceras. Ele se perdia numa inóspita não zona, onde, enlouquecido pela privação,

acabava por se autodevorar. Uma noite, sonhou que as carniças com que se alimentara haviam ressuscitado em seu ventre e estavam se debatendo. Acordou sobressaltado, os punhos cerrados, o abdômen moído pelos golpes que se autoinfligira para eliminar os monstros imaginários.

Seus sonhos e os cardápios de suas refeições eram, essencialmente, os acontecimentos que a partir daquele momento constituíam sua existência. Se bem que, de maneira marginal, ele não escapava aos preceitos e era compelido a realizar todos os dias os onze minutos de confissão compulsória. De manhã e à noite, numa hora determinada, seu Rastreador tocava e a Voz lhe fazia a pergunta consagrada: "Estimado Assinante, como estás?" As respostas de Colin Parker variavam segundo as substâncias ativas. Às vezes, em plena viagem de refrigerante com ópio, Colin Parker começava a entoar uma canção brasileira que falava de insensatez. Algumas notas bastavam para se lembrar de sua mãe. Dela, restava quase nada. Apenas uma derradeira imagem com cores esmaecidas devido às evocações. A mãe voltava do bar, onde trabalhava, com a primeira claridade do amanhecer. Ela se sentava diante da casa, diante do mar, com uma garrafa e um copo. Colocava um disco e virava o som para o horizonte. Ela se embebedava até o meio-dia. Era sempre o mesmo disco, um ritmo de bossa nova infinitamente triste. Então todos os litorais foram evacuados, a sombra encobriu a Cidade e a mãe partiu. E Colin Parker ficou sozinho. A solidão de Colin Parker. Várias vezes, Colin Parker digitava por conta própria a tecla C de Confessionário e, horas a fio, ficava repetindo que estava só. Quando a chamada da Grande Central o pegava em plena crise ansiolítica, suas confissões se limitavam a enumerar as coisas que havia comido ou que pensava comer. Nesse estado, em que nada importava, Colin Parker se considerava quase feliz. Mas tais momentos de enlevo, à medida que seu corpo se habituava aos remédios, foram ficando cada vez mais raros. Ele aumentou as doses. Variou os tipos. Fez misturas. Toda vez que conseguia recuperar seu alívio, era sempre por um curto período, até que o refrigério desaparecesse de novo. Ele atingiu doses cujo preço, para qualquer um, seria a morte. Mas o efeito que tinham nele era o de

uma leve sonolência. Passou da codeína para os hipnógenos, dos hipnógenos para as benzodiazepinas, dos benzos aos antidepressivos, dos antidepressivos aos psicofármacos. Dos psicofármacos para a heroína legal. Da heroína legal para os comprimidos de ópio.

Ficou no ópio.

Foi tomado pela demência ao longo do quinto ano. Pode ser que todas aquelas drogas o tivessem deixado maluco. Pode ser também que o mal estivesse adormecido nele há muito tempo e que a droga apenas o tivesse feito desabrochar. Tinha dias que Colin Parker estava convencido de que um parasita havia tomado conta de seu corpo. Em várias ocasiões, ele o descrevera durante a confissão como uma "besta de pesadelo, um animal infame com o apetite de um barril furado e dentes longos como facas". Colin Parker acreditava que esse parasita tinha a intenção de implodi-lo. Apesar de sua força extraordinária, o animal tinha um calcanhar de Aquiles que Colin Parker achava possível explorar para vencê-lo. A besta era alérgica a vinagre. Mesmo seu assistente social tendo garantido que seu organismo certamente não abrigava nenhum animal desse tipo, Colin Parker começou a beber dois litros de vinagre por dia. Disso resultaram terríveis dores gástricas que o convenceram da ineficácia de sua estratégia defensiva. As dores de barriga eram, é claro, um golpe do parasita. Colin Parker resolveu partir direto para a amputação.

Foi na manhã do dia 26 de maio que começou a rasgar suas carnes. Devido à influência dos opiáceos, só sentiu a dor vinte e cinco minutos depois. Tivera tempo de realizar, no próprio corpo, um orifício de alguns centímetros de profundidade. Desmaiou quando viu o sangue, um sangue borbulhante de um vermelho-lava. Ele permaneceu em coma por seis dias inteiros.

Acordou sôfrego, com as ideias clarificadas pela sangria e com um apetite de ogro. Estavam reunidas as condições propícias para a remissão.

E, finalmente, foi a televisão que o salvou.

Durante cinco anos, Colin Parker nunca havia parado de engordar. Agora, parecia feito de um só bloco. Mesmo que acreditasse, a cada

quilo que ganhava, ter atingido seu limite — aquele que não poderia alcançar sem que explodisse —, seu corpo parecia capaz de dilatar-se ao infinito. Sua pele ficara azulada. Suas veias incharam por baixo da pele. Ele tinha escaras. Estava ficando cada vez mais fraco, caía em ruína, seu coração batia em rendição e seus membros chumbados recusavam-se ao menor movimento, mas nada disso tinha importância, uma vez que a tela da tv estava lhe restituindo tudo. Na penumbra do cômodo, com as venezianas fechadas, em seu abandono, em sua negra solidão, a tela da tv lhe havia oferecido a luz. E ele corria sem fôlego pelas margens dos oceanos que lhe tinham sido proibidos, enfiando os pés até o tornozelo no calor da areia, redescobrando suas pernas. Era capaz até de voar cortando o ar, os olhos fechados, ébrio do vento que lhe fustigava a frente, até o coração das nuvens em um céu alumbrado. Ele que havia sofrido, numa vida inteira de misérias, os ultrajes dos outros sem ousar responder-lhes, calava agora suas bocas com socos e mordidas, fazendo seu sangue jorrar até que eles gritassem por piedade. Em seguida, mudava de programa e reencontrava suas mulheres, belas como lembranças retificadas, todas aquelas que o rejeitaram e aquelas que ele inventava, para depois transar com uma após a outra, sem brochar; e nunca havia imaginado que as mulheres pudessem berrar daquele jeito.

Ele era um justiceiro, um herói, um super-homem, o bonzão, estava mais vivo do que nunca em forma de pixels em movimento na tela redentora, a tela-espelho que lhe devolvia o rosto que ele sabia rejuvenescido, remodelado, virgem de todas as dores, belo como o cartaz de publicidade 3x3 no muro em frente. E os olhos abertos do verdadeiro Colin Parker perscrutavam as profundezas do espelho encantado, piscando incrédulos, diante do espetáculo lastimável de um homem enorme e feio, visível em ângulo morto no outro lado do cômodo.

Por fim, na noite do Grande Apagão, quando Colin Parker se deu à morte, ele estava justamente começando a melhorar.

1

Era pouco antes das oito horas da noite quando Syd Paradine saiu de seu carro chapa fria no horário de pico da saída dos escritórios no Packard Boulevard. O calor úmido do ar o atingiu como uma queimadura. O condicionador de ar externo devia estar enguiçado. Syd respirou fundo. O oxigênio superaquecido carregava os cheiros de comida para viagem, gasolina e suor. O semáforo demorava a ficar vermelho. Syd se meteu na massa de funcionários dos escritórios que se espremia na calçada cercada de barras de ferro. Na calçada em frente, uma multidão idêntica o encarava, rostos desconhecidos, alterados pelo cansaço de uma jornada de trabalho, brilhando aqui e ali, distorcidos através das máscaras de gás embaçadas.

As oito horas soaram no relógio da Torre Clair-Monde no momento exato em que os sinais para pedestres e seus alto-falantes para cegos liberaram a travessia. Dos dois lados do bulevar, a multidão se lançou em bloco, como se cuspidas por uma comporta. Quase todos desembainharam seu Rastreador. Chegara o momento. Syd atravessou o Packard Boulevard com o passo vacilante de alguém ainda tonto por causa do porre da véspera e, para avivar a ressaca alucinatória que lhe acariciava os tímpanos, um coro de mil vozes começou a fazer sua Confissão noturna. A cada segundo, a atmosfera parecia ficar mais pesada. Syd levou a mão à testa e enxugou uma fina película de suor. Debaixo de seu paletó de couro, a camiseta estava ensopada entre as omoplatas. Ele apressou o passo até a Starbucks.

O calor o expulsara de seu quarto de hotel. Hotel Nokia-Hilton: um arranha-céu tipo pombal chique no sopé do qual acabava a parte nobre do Texaco Boulevard. Hotel Nokia-Hilton. *Sua casa*. Vinte e dois metros quadrados de solidão, com muitas nuances de uma exaustiva paleta de tons cinza. Vista aberta sobre os

engarraamentos. Syd acordara por volta das cinco horas da tarde de um sono pervertido por uma quantidade excessiva de álcool. Depois de uma ducha fria, do café medíocre do hotel, de um exame prolongado das fotos tiradas na véspera do alto da Torre Dionysia, a tempestade que seu espírito atormentado não tinha condições de acalmar voltou a castigar-lhe a mente. Ele tinha se estirado sobre a cama e os segundos se desfolharam em claro, laboriosamente, cada qual deixando a marca de sua passagem. No teto, o ventilador agitava suas pás em puro desperdício, dispersando o ar sufocante sem que a temperatura baixasse um grau sequer.

A Starbucks estava lotada, com todos falando do calor insuportável. Um telão transmitia um anúncio do Ministério da Aparência. Syd fitou as filas sedentas que se apertavam nos cinco caixas. O Ministério da Aparência gastava dinheiro à toa; acima do Texaco Boulevard, as pessoas há muito tinham entendido perfeitamente a lição. A maior parte dos assinantes que estavam ali já tinha entrado na faca. Rostos reconstruídos à base de bisturi a laser numa tentativa completamente vã de ficarem parecidos com as Estrelas. Como outrora fizera sua mãe, como sua atual esposa também. Como, de fato, todo mundo. Syd sentiu um calafrio e instintivamente passou a mão no rosto. Ele sentiu sua pele áspera sob a barba de dois dias. Não tinha entrado na faca e estava definitivamente decidido a se permitir envelhecer segundo a ordem natural das coisas. Tinha horror à impostura. Era exatamente isso que essa multidão em volta dele trazia esculpido na cara. E essa impostura era a consequência digna de uma série de mentiras. O direito à Juventude. O direito à Beleza... Syd se deu conta de que boa parte dos indivíduos que estavam ali tinha descolado um cantinho no espelho para ficar se admirando. Nenhum deles aparentava ter mais de vinte e dois anos. Todos tinham os olhos bastante abertos e as sobrancelhas tão arqueadas, que o resto do rosto parecia estar pendurado neles. O nariz inexistente e os pômulos salientes reforçando as sobrancelhas. Lábios hipertrofiados, parecendo órgãos genitais. Era esse o rosto da hiperdemocracia.

Syd pediu dois máxis de café gelado. Pagou com seu implante bancário. Teve a impressão de que a garota do caixa olhou de

esquelha para a sua aliança. Pegou seus dois cafés e se instalou numa mesa que tinha vista para a rua e sobre a qual tinham deixado um exemplar amassado do *Correio das Cidades*. Adoçou uma das bebidas e abriu o jornal. A manchete anunciava em letras garrafais o novo veto do Executor Wanatabe aos Trinta e Oito. Syd havia começado a ler quando a porta de entrada se abriu bruscamente, de um só golpe, ao que se seguiu uma marcha acelerada. Ele levantou os olhos: nos caixas, os rostos dos empregados mostravam um esgar de pavor. Antes mesmo de olhar, Syd já sabia do que se travava. As batidas do SPI estavam cada vez mais frequentes, mesmo na Sub-Textaco. Um número cada vez maior de assinantes estava se envolvendo em Atividades Anticitadinas. Syd olhou. Dois agentes de preto agarravam um ruivo, quase um garoto. Com seu Rastreador, um deles escaneava o pulso do garoto. Este protestou e o agente deu-lhe um tapa para que se calasse. De onde estava, Syd não podia distinguir o rosto dos agentes, escondidos atrás de grandes viseiras. Ninguém podia. Só o garoto. E o garoto, em prantos, urinava nas calças.

Os dois agentes o algemaram e o embarcaram. Syd viu o furgão arrancar e se mandar velozmente pelo bulevar. Dobrou na esquina da rua Vinte e em seguida desapareceu. Então, Syd teve uma visão premonitória de um corpo pálido de adolescente largado na região dos exilados.

Seu olhar se desviou para o cruzamento lá fora. Fortune Square e seu carrossel de bólidos camicases. Atrás, erguia-se o Edifício do SPSM.: arcaico, em forma de foguete, sombrio como só as repartições administrativas dos serviços públicos sabem ser, ainda mais quando revestidas daquela aura demoníaca que, aos olhos de todo assinante-modelo, todas as delegacias e prisões possuem.

A Preventiva-Suicídios ocupava os últimos andares. Syd contemplou o acender das luzes, uma a uma, que projetava através das camadas de névoa os sinais de uma mecânica funcionando a pleno vapor nessa hora vespertina em que os transeuntes, apressados, andavam pela cidade em busca de seus sofás e controles remotos. Ainda que o dia e a noite fossem convenções estabelecidas pelo Executor, os assinantes haviam preservado a

disposição secular dos humores orgânicos, e seus comportamentos clandestinos mantiveram-se fiéis à noite. Syd disse a si mesmo que esse era exatamente o tipo de ideia que não deveria escapar durante uma entrevista. A televisão chegaria às nove e ele havia caído na armadilha. Câmera intrometida de merda, com sua conversa de uma hora num tom de confiança que tanto agradava ao espectador imbecil da Clair-News. Uma fórmula que Syd explorava para cultivar ao máximo a desinformação: desviar a atenção do conteúdo, fazendo convergir todo o interrogatório apenas para o lado superficial da própria rotina.

Uma rotina que, sem dúvida, acabaria nas próximas vinte e quatro horas. Syd terminou o café se perguntando se daria uma passada dali a pouco no SPSM para que o apanhassem de uma vez na conclusão do inquérito dos Assuntos Internos. Ele seria suspenso e, quem sabe, até mesmo destituído. As sanções dos Assuntos Internos tinham validade imediata e, nesse caso, que se danasse a Sylvia Fairbanks, da Clair-News, e seu maldito *Cinquenta e Dois Minutos*. Syd se perguntava como iria ocupar seu tempo quando não fosse mais tira. Procurou ajuda na lógica para aplacar mais um surto de remorso que tomava conta dele. Pensou em sua descoberta, consequência de seu ato de misericórdia, e tentou atribuir a ele as virtudes de uma justificativa.

Enfiou as mãos nos bolsos do paletó e apertou com os dedos sua câmera fotográfica. No seu Rastreador, eram 20h25 e o dossiê não chegaria antes das 20h45, via *Delivery*, ao seu escritório no arranha-céu. Ainda tinha algum tempo pela frente e se permitiu mais alguns minutos de autocomiseração.

Sua carreira abortada.

E um tipo totalmente diferente de contrato que estava prestes a expirar.

Esticou mecanicamente a mão na qual brilhava a triste promessa que estava a ponto de ser quebrada: sua aliança. Um tipo de lealdade imbecil, não em relação a *ela*, mas em relação a sua própria palavra, o havia impedido de tirá-la e guardá-la no fundo de uma gaveta até a cerimônia de expiração. Suspirou. Em quarenta e oito horas, estaria livre de novo. O que significava estar mais uma

vez só. Foi atravessado por um sobressalto de angústia, lancinante, incolor e vagamente translúcido, parecido com aqueles que golpeavam suas madrugadas na época em que bebia demais. Ele pressentiu o próprio futuro, um rosário de intervalos de tempo rigorosamente iguais prestes a ser contados em círculo. Os acontecimentos da noite passada lhe voltaram à mente.

Tinha saído da Torre Dionysia por volta da meia-noite com os despojos no bolso. Dionysia ficava bem no meio dos bairros-telas e, enquanto procurava um táxi na Ford Avenue, seus passos o levaram até seu antigo endereço. Uma vez lá, a necessidade de um drinque falou mais alto. Syd tinha largado dois táxis, um após o outro, para entrar nas ruelas infectas onde a enxurrada de anúncios luminosos ia decrescendo. Não estava com vontade de voltar para casa. Vagou por alguns minutos pelas terras de sua juventude, sem vitalma, observando de passagem algumas placas arrancadas, a sombra de um cão de briga urrando atrás dos gradis do estacionamento das torres, o bom e velho cheiro de pedra úmida e de fósforo superaquecido. Olhando a confusão das vias ao longo das margens do rio de Sucata. Dois camburões e um carro-patrolha. A Narcóticos e a Clandestinos dividiam entre si a atraente tarefa das primeiras batidas: meter em cana os junkies e mortos-bancários mergulhados até o pescoço em sua própria imundície. Syd apressou o passo. Foi quando subia a Florence Avenue, na direção da Sub-Tex, que um garoto de oito anos — o pivete rodava bolsinha sozinho a quarteirões de distância do setor de meretrício — o abordou. Só para dar um chega para lá, Syd mostrou o distintivo. O garoto arregalou os olhos e avisou que a polícia pagava meia. Ele queria comprar mais umas armas para começar o quarto nível do Jogo. Syd deu a ele uma nota de dez paus e o levou pela orelha até um boteco na esquina no qual a mãe do querubim tomava tragos de vodca falsificada no fundo de um reservado. Passou-lhe um sermão de leve antes de seguir caminho. No fundo do bar, uma cópia malfeita de Lila Schuller lançou-lhe uma olhadela triste sob suas pálpebras modeladas pela plástica. Seu Rastreador tocou para avisá-lo da conquista. A voz melosa da Central tinha sibilado a mensagem apropriada: “A alguns metros de você, alguém o deseja

secretamente. Para consultar sua ficha descritiva, digite D e siga as instruções. Com Clair-Monde, o amor está ao lado. Com Clair-Monde, a felicidade é a realidade.”

Por curiosidade, Syd deu uma olhada na ficha da sua Lila Schuller de liquidação. As bobagens habituais. Um perfil de débil mental de primeira. Estado de saúde: limpa, últimos exames datando da semana passada. Nascimento: 12 de junho de 81 na Oitava Zona Leste. Cinquenta anos. Cinco décadas. A metade de um século.

Lançou um último olhar em direção à pequena família que acabara de reconstituir, a tempo de ver sua nota passar da mão do garoto para a da mãe, que devolveu um trocado e pediu outra birita. Em seguida, foi embora encher a cara sozinho, na própria casa, no trigésimo nono andar do Hotel Nokia-Hilton.

• • •

Eram precisamente 20h45 quando Syd atravessou a passagem de segurança do Edifício e se deu conta de que o prédio não havia sido poupado da pane. Tirou o paletó, fez uma bola com ele e o segurou com uma mão, enquanto o saguão, com suas grandes lajotas de mármore timbrado, aparentava frescor. A garota nova da recepção o chamou pelo nome: um mensageiro o esperava lá em cima e sua mulher havia ligado pelo menos umas quarenta vezes. Syd perguntou se, por azar, ela havia fornecido a sua mulher o novo número de seu Rastreador. A garota respondeu que não. Todos os ramais telefônicos da recepção tocaram ao mesmo tempo e Syd fugiu na direção dos elevadores. Cruzou com dois brutamontes da Preventiva-Homicídios que subiam dos subsolos. Desde o caso Legrand, ele não se dava muito bem com o pessoal da Homicídios e os colegas o cumprimentaram friamente, se afastando dele como se encrenca fosse algo contagioso.

Syd atravessou a parte do andar sem divisórias em meio ao burburinho de sempre: o barulho dos teclados, o ronco das impressoras e dos ventiladores, o zumbido silencioso dos rádios sem

uso. Consultou a escala de trabalho e não viu seu endereço marcado, nem a observação extraordinária da hierarquia destituindo-o de suas funções de oficial-comandante. Uma breve menção a respeito da visita da Clair-News às nove horas e, na frente de sua sala, estava o entregador da *Delivery* esperando, suando e arfando em seu uniforme amarelo-vivo feito de lona de paraquedas, lançando olhares cheios de ódio para aqueles tiras babacas metidos em suas atividades covardes: bordoadas em teclados de computador, maus tratos a impressoras recalcitrantes, violências contra máquinas de café.

Syd se apresentou, deu seu número de dez algarismos de assinante da *Delivery* e recebeu das mãos do correio um enorme envelope em papel Kraft dentro do qual se percebiam os contornos de um objeto retangular, com cerca de quinze centímetros de espessura. No gesto que o empregado fez para entregar a encomenda, Syd percebeu que ele tinha escarificações ao longo de todo o antebraço. Mantendo a fisionomia impassível, pediu ao rapaz que esperasse alguns minutos. Entrou em sua sala e fechou a porta. Mandou imprimir as fotos que havia feito, no dia anterior, no topo da Dionysia. A máquina ronronou. Ele pegou o seu segundo café, se instalou na poltrona e a virou para a janela envidraçada. A poltrona rangeu com seu peso e, dentro daquilo que era teoricamente uma caixa térmica, o gelo havia derretido. Engoliu os dois comprimidos de aspirina com cortisona com a ajuda de um trago do café aguado, enxugou a testa e ligou o rádio o mais baixo possível. Só então rompeu o selo *Delivery* que fechava o envelope e retirou o dossiê.

Era um fichário de couro fino e preto, que os anos tinham amolecido a ponto de ficar quase tão maleável quanto os papéis que continha. Textos e imagens, de origens e qualidades variadas. Recortes de jornais, relatórios incompletos da Criminal do Segundo Distrito, folhas de serviço de um simples soldado do batalhão dos Alistados Voluntários, cujo nome desaparecera debaixo de espessas rasuras feitas com hidrográfica preta, páginas manuscritas cobertas de uma prosa febril numa ortografia insegura, fotos de diversas inspirações: os sucessivos estágios do escurecimento do céu, com a data e a hora embaixo e na margem inferior direita, e alguns

instantâneos de seu próprio rosto inchado, irreconhecível, imóvel, em coma, datados do dia 21 de março de 20.

Nem classificação, nem cronologia, nada para orientar a desordem. À primeira vista, era uma compilação de testemunhos, oficiais ou pessoais, das páginas negras da história hiperdemocrática. Ousada. Invertebrada. Apenas uma ideia. Nada mais que um backup, uma extensão de memória. Tudo estava ali, tudo aquilo de que Syd queria se lembrar com a acuidade das primeiras impressões: o incêndio do Innocence e sua classificação suspeita de acidental, a natureza peculiar de sua participação na Guerra Narcótica, rixas pessoais com o SPI, algumas notas sobre os Labos, uma crônica imprecisa da agonia da era solar.

Era esse último caso que precisava ser atualizado.

Syd esticou o braço até a impressora e pegou as fotos. Certificou-se de que o detalhe estava bem visível e as enfiou numa capa de plástico, a qual inseriu num lugar preciso entre os documentos iniciais. Pegou um envelope novo na gaveta da escrivaninha, mas mudou de ideia na hora em que ia guardar o fichário. Abriu-o novamente na primeira página, se permitiu um momento de reflexão, que parecia mais uma reminiscência, emitiu um breve suspiro e, em seguida, começou a reler aquela frase que tinha mais de trinta anos, pensando em até que ponto a sua descoberta da véspera o autorizava a duvidar, ou mesmo refutar.

CLAIR-NEWS

Quarta-feira, 20 de abril de 02 — Primeira edição

PRESSIONADO PELO GOVERNO VENCE, O CMPM PUBLICA TRABALHOS MANTIDOS ATÉ AGORA SOB GRANDE SIGILO

PROGNÓSTICO DE UM APOCALIPSE EM CURSO

Foi com uma proficiência de linguagem raramente vista em seus semelhantes que o prof. Richard Kaplan, diretor do prestigioso CMPM, desmentiu ontem, nas páginas do *Correio das Cidades*, nossas revelações a respeito de uma mutação climática iminente.

Uma Razão de Cidade foi invocada esta manhã, durante a entrevista coletiva concedida pelo professor, sobre a enorme *barriga* que esse desmentido provocou, quase custando a nosso jornal sua reputação até então ilibada. De fato, os resultados do grupo de trabalho científico, conduzido por nosso amigo de rico vocabulário, foram, desde sua criação no início do ano 01, classificados como confidenciais. "O segredo fazia-se necessário para preservar nossos concidadãos, uma vez que, se o tivéssemos anunciado, declarou o professor boca suja, acabaríamos enrabados pelo SPI" Fim de citação. "E isso se justifica, uma vez que os resultados são de tal natureza que, se conhecidos da gente comum, seriam contraproducentes para a ordem pública. Considerando que a situação mudou, vou anunciá-los hoje. O recente ciclone confirma que o processo se acelerou. No momento presente, acho que o mínimo que posso fazer é avisá-los de que estamos fodidos."

Tudo começou em 22 de dezembro de 99, exatos seis meses depois do grande crash. Um observatório siberiano anunciou ao CMPM a preocupante presença de áreas de sombra manchando a radiação solar. Já faz algum tempo que a população se insurge contra a desconfortável degradação do ciclo das estações, que parece ter-se reduzido a um grande inverno violado pela intermitência de clareiras de tórrido calor.

O setor agrícola entra em crise. A cidade aumenta seu endividamento junto ao Clair-Monde para lançar a operação Jardim de Inverno. Duzentos e cinquenta e oito canteiros de obras têm início no ano 00, as estufas periféricas tornam-se operacionais no ano seguinte, com os resultados excelentes que conhecemos. Entretanto, a irregularidade da radiação solar não para de preocupar o Executor Vence, desde sempre sensível à questão do meio ambiente. Kaplan é convocado e sai de sua licença na universidade para ser designado residente do CMPM, com uma dotação orçamentária ilimitada e um time de primeira qualidade. A equipe dedica-se com afinco no início do ano 01. Primeira etapa: elucidar os dados enviados pelos satélites *Martyre VII* e *Antinea* que mostram um escurecimento alarmante da Terra vista do céu. As cerrações gasosas se acumulam acima de nossas cabeças. Nós nos queixamos das intempéries. O pior, como sempre, ainda está por vir.

O CMPM obtém uma amostra do gás. Foram seis meses de análise em tempo integral para chegar ao seguinte resultado: uma combinação feita

de dióxido de carbono, fuligem e um elemento inédito, sintetizado por micro-organismos aeróbicos, que dava à mistura a propriedade de se autorregenerar e proliferar. “Um roteirista de segunda categoria apresentaria, afirmou Kaplan, o seguinte argumento: esse gás está vivo, é expansionista e imortal.”

Em setembro último, Kaplan comunica sua descoberta ao seu velho amigo Vence. Ele também o informa das prováveis consequências do fenômeno. Vence o exorta a agir. Kaplan, sem muita esperança, recomeça os trabalhos, agora numa cruzada em busca de um antídoto, uma batalha perdida de antemão contra o inevitável. Ele tenta o uso de dispositivos aéreos concebidos para absorver e reabsorver as cerrações em processo de formação: os Captores. A operação Dilúvio resulta num completo fracasso com um prejuízo concreto de dois bilhões de unidades. Os Captores são derrubados e destruídos.

“As propriedades orgânicas do gás lhe permitem não somente reequilibrar sua massa em regeneração, mas também se expandir. Constituído como um corpo puro, é impossível separar seus elementos. É impossível recriá-lo artificialmente. É impossível neutralizá-lo.” Kaplan pelo menos dissipou nossas aflições em relação a uma eventual nocividade do gás: inodoro e desprovido de qualquer propriedade deletéria, é pouco provável que ele venha a corromper ou a tornar rarefeito o ar que respiramos.

“Aquilo que devemos temer é algo de outra natureza. Seu alto teor de fuligem lhe confere uma densidade e uma opacidade que obstruem a radiação solar. Nós ignoramos ainda até que ponto isso está relacionado à atividade ciclônica excepcional que persiste sobre o litoral oeste. Sabemos simplesmente que essa atividade é durável. Sabemos simplesmente que essa obstrução da radiação do Sol perturba nosso clima. Sabemos simplesmente que o gás prolifera em grande velocidade e que, daqui a quatro, cinco anos, essa obstrução será total.”

Dois anos foram mais do que suficientes. Um longo crepúsculo de setecentos dias, e depois a noite caiu como uma sentença. Syd fechou o fichário e o deixou cair sobre os joelhos. Ele se xingou de imbecil. Sua descoberta no topo de Dionysia: uma prova tangível de

que uma adulteração manchava a versão oficial. E daí? Isso era uma doença corrente que contaminava outras versões oficiais. Syd disse a si mesmo que era uma tolice guardar esse dossiê. Uma tolice alimentar seu ceticismo dessa forma. Por ter encontrado alguns esqueletos dentro do armário da hiperdemocracia, querer agora questionar a própria hiperdemocracia. Fantasmas. Ele não era melhor do que aqueles iluminados que a gente escutava vociferando através do muro do estacionamento, ao lado da entrada da Preventiva-Psiquiátrica. Ainda por cima de uniforme, e inteligente o suficiente para ficar de boca fechada durante a Confissão. Syd levantou os olhos para as janelas e, por alguns minutos, contemplou o Microsoft District cintilando ao longe: a massa de torres titânicas cujos cimos se perdiam nos primeiros estratos do nevoeiro, a via aérea do Transdistrital que serpenteava por entre os arranha-céus, alguns helicópteros vazios. Do alto do prédio do SPSM, a ilha de edifícios parecia um arco metálico cuja função seria sustentar a tampa opaca do céu. A Torre Clair-Monde, a mais alta de todas, deslizava seu facho sobre toda a superfície do centro da cidade. A potência da luz era tal que a noite inteira parecia brilhar com as cores da torre.

“Essa é a realidade”, disse Syd a si mesmo, e foi tomado de uma repentina vontade de vomitar. Procurou alguns comprimidos de Nausepan na gaveta da escrivaninha e os engoliu com o restante do café. O interfone tocou para avisar que a equipe de televisão havia chegado. Tinha a permissão em ordem, com as autorizações do chefe Dunbar e do ministério. Syd disse à garota que estava pronto para receber os visitantes, enfiou o fichário no envelope e apressou-se em abrir a porta para o entregador. O garoto se queimou ao selar o envelope e Syd poderia jurar que ele fez de propósito.

Ele assinou tudo que pediam e ficou olhando o rapaz de uniforme amarelo ir embora, enquanto pensava no passado não muito distante no qual era ele próprio quem partia. Antes da guerra, igual a todos os caras sem grana de sua geração. Onze ou doze anos atrás. A zanzar pela cidade distribuindo encomendas lacradas: essa era uma posição próxima o suficiente para se ter certeza de que a *Delivery* não brincava com sigilo. Só era possível chegar à sala dos

cofres depois de atravessar quatro passagens detetoras de matéria em meio ao coro dos latidos de cães farejadores. Os pacotes que escapavam do controle ganhavam a sua candidatura ao segredo. Seus clientes não tinham nome, nem rosto, e eram eles mesmos que escolhiam seus números de identificação. O SPI, apesar de seus infinitos poderes excepcionais, só podia vasculhar com mandado de busca autorizado em várias instâncias. Não havia, em Clair-Monde, lugar mais seguro que um depósito *Delivery*.

O mínimo de que Syd dispunha para usar.

Seu dossiê significava claramente uma atividade anticidadina, e das boas. Cada vez que ele o pegava para atualizá-lo, hesitava e queria destruí-lo, mas em vão. Uma superstição o impedia. Essas poucas páginas significavam o símbolo de uma desobediência sobre a qual ele havia construído a própria identidade. Ele via a sua destruição como se fosse um ato de rendição. Um consentimento. Um dia, o SPI ia pegá-lo. Era preciso viver correndo esse risco, ou senão se perder.

Syd caminhou ao encontro da televisão passando e repassando na cabeça o conceito audacioso de morte accidental a bala.

• • •

— ... porque o papel desempenhado pelo Rastreador nas nossas sociedades não se limita obviamente a ligar os indivíduos uns aos outros via ondas visiofônicas. Essa função, há séculos já explorada por sociedades arcaicas, representa apenas uma ínfima porcentagem do leque de possibilidades de uso pandêmico de um emissor-receptor inteligente. Nos anos 70, Louis Clair ocupou o cargo de engenheiro informático no centro de um importante grupo de telefonia móvel. A circulação de informação e a conexão entre os indivíduos são algo que o apaixona e frustra ao mesmo tempo: para ele, a riqueza das novas tecnologias só é explorada em trinta por cento de sua capacidade. O relatório de otimização é o equivalente a se construir um avião para sujeitá-lo a uma ferrovia. E para a

inovação era preciso somente pouca coisa. Se a telefonia de hoje serve para conectar um indivíduo A a um indivíduo B, a telefonia de amanhã dependerá totalmente da criação de uma identidade C: uma identidade, onisciente, inteligente, até mesmo extralúcida. Clair levou três anos para conceber seu projeto e sete anos para executá-lo. A ideia dele era simples: contando com o vício das pessoas em seus telefones celulares, ele decidiu, para começar, centralizar as ondas, tornando possível que houvesse, antes de tudo, um rastro quase infalível da movimentação dessas pessoas. Nós estávamos em 79 e a Grande Central acabara de ser ativada. Ela era dotada de uma inteligência artificial de ponta e capaz de, ao selecionar as informações traçadas, antecipar eventos tão cruciais quanto um desastre natural ou um acidente de carro. Foi, aliás, nos quadros da Preventiva-Rodoviária que o sistema teve sua inauguração oficial, no verão de 82. A tecla A para Alerta Acidente significou para os motoristas uma imunidade quase total, e, para Louis Clair, o sucesso que lhe permitiu a independência e a criação de sua própria empresa: a Clair-Monde. Ele chegou, então, à próxima etapa ao ativar a tecla S de Sentimental. Com ela, foi oferecida ao assinante a possibilidade de programar seu Rastreador para buscar, no lugar deles, perfis que correspondessem às suas preferências. Assim, quando um Rastreador é localizado num raio de cinquenta metros ao redor do alvo com as características do perfil, este recebe um boletim informando. Os resultados são imediatamente comprovados. Entre cem boletins enviados, sessenta resultam em relações sexuais comprovadas. O índice de aprovação chega a noventa e oito por cento. Ninguém mais morre nas estradas e a gente transa o máximo que pode. Quando Louis Clair morreu, em 92, de um câncer generalizado, deixou para trás uma fortuna pessoal de cento e três bilhões de unidades, um truste tentacular e um mundo melhor. As funções inerentes ao sistema, em seguida, se multiplicaram. A tecla R para Relacional, a tecla C para Confessionário, a tecla E de Encalço, a tecla D de Despista etc. Passados quase quarenta anos, o sistema de Clair não parou de prosperar e se diversificar. A confissão obrigatória resultou em verdadeiras revoluções no setor comercial, entre outros. Os desejos exprimidos a todo instante por milhões de

assinantes são, dessa forma, desviados para as agências de Pertinência, as quais, por sua vez, os redirecionam para as empresas em questão, permitindo que elas possam calcular sua produção fazendo jus à demanda e, sobretudo, satisfazendo cada vez melhor as necessidades de cada um. Foi entre essas paredes que ocorreu, porém, a mais bela das inovações. Encontro-me neste momento no Edifício do SPSM: Serviço de Proteção contra Si Mesmo. Um arranha-céu de setenta andares, bem no meio do Segundo Distrito. Mil e quinhentas salas, quatro mil funcionários, divididos em cinco departamentos-delegacias que dispensam apresentação: Preventiva-Medicinal, Preventiva-Psiquiátrica, Preventiva-Agressões, Preventiva-Suicídios e Preventiva-Homicídios. Cinco delegacias cujo único objetivo é salvar vidas. Como funciona o SPSM? Qual é o papel da Grande Central? Quem são os salvadores que trabalham no anonimato? Em alguns instantes na Clair-News, entraremos juntos nos bastidores do Bloco SPSM e conheceremos o tenente Syd Paradine, número 2 da Preventiva-Suicídios, cujo depoimento oferecerá a vocês sua extraordinária experiência de funcionário-herói.

Sylvia Fairbanks, da Clair-News, continuou, por alguns longos segundos após o término da sua introdução, a dirigir um sorriso sedutor na direção da parede dos fundos. Ela havia insistido em apresentar sua lenga-lenga na entrada da Emergência, tendo como pano de fundo as interrupções frenéticas dos furgões e das ambulâncias, além da procissão de indiciados imobilizados que eram conduzidos aos elevadores, tanto seguros pela mão, quanto a pontapés no rabo, dependendo do chefe da intervenção. Somado ao calor de deixar qualquer um maluco, o Bloco inteiro estremecia sob um boato alarmante: os ataques perpetrados por mortos-bancários no interior dos muros da própria Cidade. Um rumor que o flash de notícias das vinte horas não havia julgado útil divulgar. O quadro acima da bomba de gasolina exibia números acima da média; as agressões conduzidas por sete missões efetuadas contra quatro suicídios e três homicídios, e não eram ainda nem nove e meia.

Syd sentiu que esmorecia com os efeitos do Nausepan. Suava frio e tinha a impressão de que seu corpo inteiro estava do avesso, com

os nervos à flor da pele. Condições perfeitas para fazer parte de um interrogatório gravado. Ele tinha uma ideia do que era Sylvia Fairbanks. Terninho provocante, reconstrução plástica de nível médio e dentes demais na boca. Sem contar suas opiniões pró-Clair. Parecia uma amiga da mulher dele. Syd não conseguiu deixar de olhar para cima quando ela mencionou o “mundo melhor” que Clair tinha deixado. Esse era o tipo de reação a ser banida de uma entrevista. Se aconteceu o milagre de ele virar um ás com o caso Legrand, não interessava ganhar uma revogação por comportamento prejudicial à imagem da instituição. Sua repugnância pelo SPSM vinha de longe: o caso Legrand fora apenas sua primeira manifestação, um grande feito legado à instituição como um todo. Só que, ao mesmo tempo em que detestava seu próprio trabalho, e, por conseguinte, cometia atos estúpidos, apegava-se a ele como à própria vida.

Sylvia Fairbanks o interpelou:

— Tenente, estamos prontos para a visita.

Ele resmungou que os civis não deviam tratá-lo pela patente e disse a si mesmo que, caso conseguisse falar exatamente o contrário do que pensava, sairia com honras dessa encrenca.

Conduziu a dupla ao Despojamento, no último andar do Bloco. Debaixo do teto de vidro o calor estava evidentemente insuportável, e os caras do Despojamento o xingaram em voz baixa quando ele mandou que vestissem as camisas diante da câmera. Como Sylvia Fairbanks queria que a cena aparentasse naturalidade, foram necessárias três tomadas. Syd teve de explicar por três vezes seguidas, diante da câmera, que ninguém no Bloco SPSM tinha acesso às informações confidenciais reveladas em confissão pelos assinantes. Era a Grande Central quem decretava o estado de urgência. Syd não sabia o número de cabeça, mas uma boa porcentagem dos assinantes estava classificada em vermelho. As “veleidades suicidas dormentes” eram identificadas desde a infância e monitoradas durante toda a vida do indivíduo, graças aos mesmos softwares psicológicos que determinavam, por exemplo, o escopo preliminar das preferências sexuais, as disposições violentas e as taras.

Com a declaração do estado de urgência, um informe seguia então para o Bloco. No informe, não havia nada mais do que a identidade e a localização do assinante em apuros, uma descrição sucinta de seu mal, o nível do alerta e uma estimativa do tempo limite para a intervenção. O Despojamento encaminhava o informe para o serviço pertinente e arquivava uma cópia. Era a Regedoria do Bloco propriamente dita que determinava a missão, segundo o número de efetivos disponíveis. Em seguida, a patrulha mais próxima do local ligava a sirene e as luzes e disparava ao longo dos corredores exclusivos: era o caso de salvar alguém de si mesmo.

Syd deu uma olhada na sala dos Arquivos, cuja lenta expansão ameaçava invadir o andar inteiro. Foi necessário quebrar as divisórias e mudar o departamento de manutenção de informática para o sexagésimo andar. Pulsões de morte, fixações nojentas, garotada coberta de escarificações, tarados que espreitavam as mulheres sozinhas, mulheres e homens solitários que se deixavam morrer.

Eles entraram no elevador. Desceram até o trigésimo nono andar. Atravessaram três controles de segurança. Mas não ultrapassaram o quarto. Os civis não tinham autorização para entrar no arsenal. O *cameraman* filmou através da vidraça as fileiras de fuzis de setas de tranquilizante que estavam lado a lado com as armas de verdade. Os oficiais e todo o departamento de Homicídios tinham porte de arma. A recomendação era de que usassem o mínimo possível, mas algumas vezes acontecia de um suspeito ser apagado. Syd contava pessoalmente quinze anos de violência: Guerra Narcótica, Criminal, Preventiva, sem contar sua crise de adolescência. Tinha atirado em desconhecidos em nome da hiperdemocracia e havia sido tomado por uma sensação constrangedora de onipotência. Ele sabia que os homens estupravam as mulheres, que as mulheres espancavam seus filhos até a morte, que as crianças matavam outras crianças. Era essa a ordem das coisas da maneira que havia aprendido. Não ficava mais surpreso com isso. Por outro lado, continuava a ficar perplexo diante da obediência de certos criminosos que informavam a seu Rastreador, e por meio dele à Grande Central e ainda, de quebra, ao essencial das forças preventivas que naquele preciso momento se

dirigiam à residência de suas esposas não renovadas com o único objetivo de meter-lhes uma bala na cabeça.

Esses aí quase sempre eram apagados.

Crime de intenção, era como se chamava.

Syd conduziu Sylvia Fairbanks e seu capacho até o subsolo, onde os criminosos de intenção, que tinham escapado aos ases do gatilho da Homicídios, berravam em coro sua inocência. Ele os levou ao Trânsito, onde os suicidas e protossuicidas reincidentes estavam mergulhados num profundo sono químico à espera de orientações. À Regedoria, onde a posição das patrulhas era controlada via satélite. À Sala da Guarda, quase deserta, bem no meio do primeiro turno de vigília. Em seguida, os encaminhou ao próprio escritório, uma espécie de armário embutido com janela no quadragésimo oitavo andar. Quando fora promovido a número 2, lhe propuseram que mudasse para um escritório maior, provido de videotitã, sofá de couro e, até mesmo, frigobar. Este último item quase o conquistou. Um verdadeiro escritório de número 2. Um escritório nos andares inferiores. Mas recusou. Queria vigiar a Cidade de cima. Queria trabalhar vigiando a origem do mal.

Sylvia Fairbanks o entrevistou, ele se manteve sorridente como se fosse alguém tentando vender alguma coisa.

Defendeu seu território. Declarou que o SPSM estava baseado numa ideologia válida, que a vida humana estava acima das liberdades individuais. Que proteger os assinantes de si próprios legitimava a coerção. Esse era o fundamento da Cidade-Providência. Disse que não gostaria de viver sob um outro sistema.

Depois invocou a memória de Louis Clair. Disse que, de seu túmulo, o homem com certeza abençoaria suas ações. Disse que os abusos eram raros. Que, se houvesse, a rivalidade interna no trabalho era muito pequena. Que estava feliz de acordar todos os dias pela melhor das causas.

Não disse o que os caras da Homicídios inventavam no subsolo nas horas mortas da madrugada. Não disse que os caras do Despojamento faziam tráfico de informação porque o desespero e a merda, a que só o Bloco tinha acesso, eram a mina de ouro das

agências de Pertinência. Não disse o que faziam com os reincidentes.

Ele não falou que trabalhar no SPSM acabava por deixar as pessoas malucas.

Não falou que, às vezes, deixava os assinantes morrerem.

A babacona da Fairbanks quis que ele contasse sobre uma de suas intervenções.

Ele respondeu que o tempo havia acabado.

Ela perguntou se ele tinha missões que fracassavam.

Ele viu o rosto exangue de Liza Legrand aparecer como uma mancha de luz através do nevoeiro.

Respondeu que os agentes que falhassem em suas missões eram consequentemente punidos.

Ela perguntou se ele mesmo já havia pensado em se suicidar.

Ele declarou que a entrevista havia terminado.

• • •

— Você me largou por isso? — tinha berrado Myra sem sequer dizer um alô, um bom-dia, ou mesmo um “oiiii” carregado de raiva contida quando Syd ligou para ela do único telefone público do Bloco, em frente às latrinas dos visitantes no primeiro andar, depois que Fairbanks e seu esbirro partiram. — Para empilhar garrafas vazias num barraco? Para virar holograma em filme pornô numa tela pré-crash caindo aos pedaços? Foi para isso que você me largou?

Myra se calou e seus gritos foram substituídos por algo que não era silêncio. Impactos e explosões. Palavrões e onomatopeias. Syd teve vontade de se movimentar. Ele desenrolou o fio e o aparelho de telefone se soltou. Segurou o fio, andou até as pias, equilibrou o telefone na beirada de uma delas e resolveu aproveitar o tempo em que sua mulher se dedicava a destruir seu quarto de hotel para lavar as mãos. Ficou, em seguida, se olhando demoradamente no espelho do banheiro e não se achou nada bem. De qualquer forma, não estava tão mal assim, com seus trinta e seis anos e sua cicatriz na

têmpora direita, lembrança de uma bala perdida no front da Guerra Narcótica, a ponto de justificar a destruição das coisas.

— Arrebentei com tudo — murmurou ela. — Agora que arrebentei com tudo, você vai voltar para casa?

Não, ele não voltaria mais.

No silêncio que se seguiu, Syd disse a si mesmo que ainda preferia a bagunça de uma garrafa vazia espatifada em cima de uma tela de televisão velha, do tempo anterior ao crash. Cada vez mais espaçados, os suspiros surgiam pelo fone. Ele pegou uma toalha e enxugou o suor que escorria de seu rosto. O calor difundia todo tipo de odores agradáveis. Pela enésima vez, se preparou para explicar à mulher, drogada com cocaína, que não tinha intenção de voltar.

Ela chorava.

Syd imaginou Myra Vence, com seu Rastreador atarraxado no ouvido, coberta de diamantes da cabeça aos pés, em meio às ruínas de seu quartinho duas estrelas. Ele imaginou Myra Vence há quatro anos, o rosto diáfano e ainda intacto, seu jeito altivo quando ela entrou em seu escritório, a vontade imediata que teve de comê-la. Pensou no apartamento deles, no 55 do Shell Boulevard, tão grande que dava para se perder, cheio de bibelôs humanos que viviam escutando atrás das portas, os vapores das angélicas que subiam dos queimadores e aquela sensação, que sempre tinha, de estar de passagem. Abençoou o sujeito que havia restringido o tempo de casamento a três anos. Perguntou-se no que esse cara deveria estar trabalhando agora.

Disse a Myra que a veria na cerimônia de expiração.

— Eu não quero que esse contrato expire, quero que a gente renove o contrato.

— Myra, nós tomamos uma decisão...

— Você tomou uma decisão.

Ele suspirou.

— Syd, preciso lhe perguntar uma coisa.

Seu Rastreador tocou. Convocação à Permanência, tinha chegado a vez dele. Disse a Myra que precisava desligar. Disse que a veria na cerimônia.

— Eu preciso lhe perguntar uma coisa — ela repetiu, num tom mais alto.

— Preciso desligar.

O pânico desligou por ele. A voz de Myra se perdeu. Ele bateu em algumas teclas e percebeu que a linha estava muda. Ia culpar a idade do aparelho, quando a escuridão se abateu. Banheiro e corredor mergulhados no breu, não havia sequer o mínimo brilho das luzes de emergência que penetravam os corredores geralmente em monótonas constelações. Passou-se um segundo e houve um impacto semelhante ao de uma deflagração, mas sem sopro nem chamas. Depois seu Rastreador tocou com uma ordem de missão. Foi somente nesse momento que a cidade soltou seu urro.

• • •

Naquela noite, o nevoeiro, que era a origem do mal, pareceu se condensar e seus estratos embranquecidos desceram à altura dos olhos, como para manifestar sua simpatia pelo caos. Apesar de sua localização, no coração do centro antigo, poupado da urbanização nociva que havia atingido todo o resto, a rua Vinte também sucumbira, no geral, sob ornamentos supérfluos, milhares de fogueiras em tonéis com as quais a Cidade tinha se emperiquitado para esconder sua miséria. Repleta de sombras dançantes, sua versão em preto e branco causava arrepios. O prédio em frente, sem as luzes que revelavam vida pelas aberturas das seteiras, parecia tanto um bunker quanto um pombal. Syd levantou os olhos para o céu à procura da tempestade. A iluminação halógena dos postes havia pifado e a única claridade que havia vinha das telas-titãs, que pontuavam as fachadas, e das imagens que substituíam os aparelhos em stand-by ou com defeito. Eram como pedaços de céu disseminados aqui e ali para caçoar da desordem, para zombar do presente. A sempiterna logomarca. A logomarca de Clair-Monde. Embaixo, os homens corriam ao longo de uma pista que não levava a lugar nenhum. Mais abaixo, as chapas amassadas espalhadas ao

longo de quilômetros com o crepitar do fogo que saía dos motores, prometiam uma bem-acabada pira funeral aos acidentados, encurralados nos cockpits.

Embaixo, dependendo dos grandes faróis sobreviventes, fotógrafos amadores disparavam suas objetivas sobre os presuntos, variando nos ângulos.

Seu carro nunca passaria pelos escombros.

Sua moto estava na garagem, na residência isolada dos Vence, definhando na companhia das limusines e dos 4 x 4.

Ele tinha nove minutos.

Começou a correr no meio do tumulto.

Enquanto se jogava às cegas escada abaixo, havia chamado Myra de volta pelo seu Rastreador. Os apocalipses aproximam as almas. No quarto do hotel, Myra estava escondida debaixo da mesa. Ela tinha medo de escuro, ela queria engravidar. Ela queria que ele fosse buscá-la. Havia dois meses, eles marcaram um encontro no cinepub e ela havia chegado atrasada. A sala estava mergulhada na escuridão e a publicidade tinha começado. Uma produção B contando a ascensão fulgurante de um lutador mortal cujas forças provinham de seu par de tênis Asics. Cenas de combate estupeficientes, apesar de um excesso de flashbacks sobre as glórias do herói. Ao cabo de duas horas, o estrangeiro, que colocava seus Asics, havia derrubado o grande campeão, recuperado sua mulher, reconquistado a estima de sua prole e as luzes se acenderam. Syd virou-se para a mulher ao seu lado. Ele não a reconheceu.

E tinha razão. Myra tinha mudado de rosto. Até seu olhar havia se transformado debaixo de suas pálpebras redesenhadas. Seus lábios haviam triplicado de volume e ela tinha acrescentado novos dentes. Os olhos estavam roxos e o nariz estava todo costurado.

— Liga para o seu pai — ele respondeu. — Pede para ele ir buscá-la.

Ele desligou. Tinha virado a esquina da avenida Heinz na direção norte e tentou não diminuir o passo. De longe, o imenso domo de vidro que abrigava os jardins da Marlboro Square estava apagado e oprimia como uma montanha ameaçadora. Sentiu uma dor

lancinante do lado direito e disse para si mesmo que estava velho demais para isso.

Colin Parker morava na Torre Alegria, bem no alto do Texaco Boulevard, a dez quarteirões do Nokia-Hilton. A trinta quarteirões de onde ele estava.

Syd corria e o caos a sua volta passava como num desfile acelerado. Cartazes de publicidade lastimáveis, anúncios reduzidos ao silêncio de alguns néons apagados. Os helioprojetores, imensos e inúteis, lembravam uma fileira de moinhos de vento em pleno vácuo cósmico. A vitrine da Starbucks entulhada de um esquadrão de *scooters*. O Centro de Impostos em chamas. Syd registrou a informação. Em seguida, carros esmagados com feridos em estado grave esperando desesperadamente uma ambulância hipotética que nunca iria conseguir passar pelas ferragens. Cachorros perdidos. Crianças abandonadas. E toda aquela gente, coitada, olhando para o céu.

Escutou tiros quando estava chegando aos primeiros prédios do Texaco Boulevard. Na calçada em frente, uns trinta mortos-bancários estavam amontoados diante da farmácia que ficava na esquina da rua Quinze. Syd viu a porta de vidro se espatifar. E os saqueadores rebentarem para dentro. Ele continuou sua corrida. Viu um pneu voar e despedaçar a vitrine de uma loja de bebidas alcoólicas. E um antigo caixa eletrônico cuspir suas notas à farta para os marginais. O caixa eletrônico ainda tinha circulação nas não zonas. A escória estava em todo lugar. A escória tinha sido banida para sempre para fora dos muros da Cidade. Os mortos-bancários não tinham nada. Graças a essa pane, eles podiam, enfim, ganhar alguma coisa. Não iam fazer cerimônia. Uma bala perfurou a vitrine blindada de uma joalheria.

Vinte quarteirões.

Uma explosão atrás dele.

O que ele via diante de si era o apocalipse com todas as cores. Um apocalipse modernizado. Atualizado com as fobias do momento. Sinais de trânsito apagados, condicionadores de ar externos enguiçados, telas em stand-by, acidentes de carro, redistribuição de

bens à mão armada, sistemas de segurança abandonados, linhas mudas.

O mundo, decididamente, tornara-se inabitável.

Syd se deu conta de que os trinta anos passados desde o final da era solar haviam sido apenas uma contagem regressiva.

Dez quarteirões. Tinha começado a chover. Syd estava sem fôlego. Mesmo assim continuou a correr, reanimado pelo frescor do aguaceiro. Um rugido aumentou de volume junto com o brilho de um farol. Sem parar, Syd levantou os olhos. Um helicóptero descreveu uma curva lenta entre dois edifícios e, antes de pousar no teto do Nokia-Hilton, passou pelo Texaco Boulevard dando um rasante nas fachadas. Um rastro fulgurante das luzes do facho Clair-Monde destacou sua marca. Um grande v flamejante sobre a cabine riscada pela chuva. Igor Vence em socorro da filha.

O Rastreador tocou no momento em que Syd começava a distinguir a massa do arranha-céu Alegria no eixo da Torre Clair-Monde. Seu Rastreador tocava em rajadas. De fato, não parou de tocar enquanto Syd acelerava a corrida pelos últimos dez quarteirões que o separavam de Colin Parker e de seu tempo limite. Só faltavam dois minutos, mas a multidão se avolumava em seu caminho. Esbarrou em dois homens, num bando de garotos maltrapilhos e numa mulher de penhor, que ele jogou no chão encharcado. Ouviu os xingamentos da mulher ao mesmo tempo que pisava o adro da torre.

Faltava um minuto.

Ele soube que era tarde demais.

• • •

Naquela noite chuvosa do dia 17 de novembro de 31, Colin Parker, mesmo usando seu próprio corpo como um projétil de peso para arrebentar com estrondo a vidraça dupla de sua moradia num conjugado da Torre Alegria, não conseguiu escapar do silêncio. Durante sua longa queda, longa como uma sucessão de vinte e

cinco andares, longa como o balanço de uma existência lamentável, apesar da amplitude do grito que lhe subia à garganta, o silêncio continuou a torturá-lo. Não ouviu o alarido dos transeuntes dispersados, nem a cacofonia do grande bulevar que se aproximava, nem o estalido do próprio deslocamento.

A calçada se encaixou em sua boca aberta, abraçou seu tórax, quebrou seus joelhos. O silêncio continuava. Ele espirrou sangue pelo nariz, pela boca. O silêncio ainda estava lá. Por fim, o sofrimento intolerável que corria por seus membros foi substituído por outro, e o que ainda lhe restava de consciência devolveu-lhe finalmente o piano agriçoce de um tema de jazz do passado, pouco antes de ele deslizar para outro silêncio.

• • •

Houve um impacto forte o suficiente para furar o asfalto. O chão tremeu. Syd vacilou e retomou o fôlego. Ele abriu os olhos. Distanciou-se, horrorizado, do corpo pastoso do obeso.

O helicóptero afastou-se emitindo o barulho dos rotores.

Syd escaneou o pulso do presunto para se certificar de que aquele era mesmo o alerta que recebera. Era. O obeso se chamava Colin Parker, só tinha um prenome. Vivia lá em cima, na Torre Alegria, vigésimo quinto andar. Acabara de se jogar pela janela. Mijava sangue por todos os orifícios. Não havia mais nada a ser feito por ele.

Ele havia passado para o outro lado com um sorriso imbecil.

O sorriso de Liza quando ela tinha pulado.

A multidão cercou o cadáver. Syd recuou e deu alguns passos a esmo.

Seu Rastreador tocou mais uma vez. Não havia parado de tocar enquanto ele corria na direção do condenado. Davam tiros a sua volta e o aparelho tocava.

Os tiras da Clandestina que estavam perseguindo os saqueadores.

A multidão se dispersou aos gritos.

Syd consultou a tela de seu Rastreador.

Nomes apareciam em procissão. Uma porrada de nomes. Uma porrada de ordens de missão. Uma porrada de "veleidades suicidas dormentes prestes a se manifestar em um minuto, um minuto e trinta segundos, três minutos, dois minutos, um minuto, no minuto seguinte, agora, já, tarde demais".

Syd largou o Rastreador. As balas assoviavam em seu ouvido. Ele era o único que permanecia no adro da torre. Só ele e o morto Colin Parker. Ele tinha olhado para cima, um velho reflexo. Em dez telas-titãs, dez exemplares do Sol se dissolviam lentamente no mar em forma de arabescos laranja que formariam num instante as letras conhecidas.

Clair-Monde.

Syd tinha sacado sua arma de serviço. Ele atirou na tela mais próxima sem saber muito o porquê. Atirou duas vezes. E, pouco antes de tombar com uma bala perdida, teve a satisfação de ver surgir uma talagarça de cristais rompidos sob o crepúsculo mentiroso. O curto-circuito tomou conta de toda a superfície. A tela se pulverizou. O azul virou preto e um monte de partículas brilhantes jorrou e dançou, por um breve instante, à altura de seus olhos, do outro lado da rua antes de se apagar, e não havia mais como distingui-las da poeira que voava em redemoinho pela rua.

2

- O senhor reconhece, então, seu fracasso.
 - Eu reconheço que a missão fracassou.
 - Não é exatamente a mesma coisa.
 - Nesse ponto nós estamos de acordo.
 - Colin Parker está morto, nisso nós concordamos.
 - Colin Parker é um presunto frio. E, se tenho alguma responsabilidade, diga-se a verdade: eu teria conseguido evitar essa tragédia se um certo apagão não houvesse transformado o departamento num estacionamento de carrinhos bate-bate.
 - O senhor está querendo dizer que Colin Parker morreu por causa de um engarrafamento?
 - Gostaria de saber uma coisa. Que merda de importância tem a morte de Colin Parker para você? Era seu parente?
 - Estou me lixando para Colin Parker, tenente, o problema é com o senhor.
- Syd se contraiu para suportar a pontada de dor aguda que parecia furar sua têmpora direita. Ele mordeu os lábios para não gemer. Haviam apontado uma lâmpada reparatória em direção a sua cabeça e ele tinha uma sensação esquisita quando o feixe se desviava para os tecidos intactos. Eram nove horas da manhã e ele acabava de despertar de um sono que estava mais para um buraco negro. Quando acordou, com a boca pastosa, a cabeça moída e com ressaca de remédios, descobriu-se num quarto de hospital que mais parecia um purgatório, todas as atividades restabelecidas num mundo miraculoso e o SPI em sua cabeceira. Aceitar o SPI era assinar um pacto diabólico cuja cláusula primeira era a renúncia de si mesmo. Os indivíduos traem. O SPI não queria saber de traidores. O SPI não queria saber de indivíduos. Começavam primeiro pelo corpo, a mente vinha depois. Uma reconstrução plástica bastante singular. Seus traços distintivos reduzidos a nada. As feições aplainadas até

coisa nenhuma. Esse procedimento tinha um nome. Chamava-se apagamento.

A bruma no lugar do rosto.

Os números de série como identidade.

Os rumores de tortura que circulavam na Cidade.

Por intermédio de uma perfusão de café, Syd conseguiu reconstituir os acontecimentos da véspera, cuja versão expurgada estava oferecendo ao agente de preto. Com a perfusão de anfetaminas legais, ele retomava energias que, apesar de artificiais, não deixavam de ser úteis para protegê-lo no campo minado do interrogatório. Não fazia a menor ideia daquilo que o SPI poderia ter contra ele. As missões que fracassavam eram encaminhadas para os Assuntos Internos, ele já conhecia o processo, e não ao todo-poderoso Serviço de Proteção da Informação.

Deveria ser alguma outra coisa... Lembrou-se das últimas trapalhadas com o SPI e fez uma careta. Era coisa de vários anos atrás, de quando tinha trinta anos e era cheio de ilusões estúpidas. Tinha pensado que podia se opor a eles. Tinha acreditado na imunidade de seu ato porque seu ato era justo. Quase perdeu um olho com isso. Quase perdeu a vida. Nunca tinha apanhado tanto, e recebeu um desmentido categórico de sua crença imbecil de que os piores sofrimentos eram os da alma. As pressões começaram bem devagar. Um agente de preto passou para vê-lo no escritório. Tinha pedido gentilmente que arquivasse o incêndio do Innocence como acidental. E que parasse por aí. Syd se recusara. O agente tinha insistido. Syd mantivera sua recusa. O agente foi embora. Eles voltaram de noite. Arrombaram a porta de seu conjugado nos bairros-telas. Naquela época, Syd sofria de insônias terríveis que ele tratava na base do álcool. A vodca o mergulhava num primeiro sono pesado e desprovido de sonhos, anterior aos sobressaltos de angústia que se alternavam até o amanhecer. Ouviu quando eles chegaram. Eram cinco. Eles o trancaram no porta-malas de um 4 x 4. Um longo percurso nauseabundo até um destino incerto.

Ele foi sentir o ar livre lá pelas quatro da manhã. Um lugar sombrio nos confins da zona distrital, iluminado apenas pela fosforescência das estufas periféricas e o reflexo avermelhado das

cercas eletrificadas que delimitavam as não zonas. Tiraram a sorte para ver quem começava. Eles se alternavam forçando-o a manter-se ajoelhado enquanto o surravam com coronhadas de .45 e pedaços de canos. Arrastaram-no até o capô do 4 x 4 e colocaram sua cabeça até a um milímetro da hélice do radiador. Tiraram-na no último segundo. Tomaram cuidado em poupá-lo para que levasse mais tempo. Preferiam bater. Syd sentiu os ossos se espatifarem. Tinha engolido e depois vomitado o próprio sangue. De tempos em tempos, um carro passava na autoestrada ao alcance da voz. Ele berrava e os carros aceleravam.

Apagou nas primeiras horas do alvorecer.

Foi despertar no hospital quatro meses depois.

O caso do Innocence: arquivado. A cara, destruída. Recusou-se a entrar na faca. Agora, fingia ser durão para esconder aquilo que estava sentindo lá no fundo.

Medo.

O cara do SPI perguntou se o suicídio de Elizabeth Legrand também tinha sido provocado por um engarrafamento. Syd respondeu que não. Que Elizabeth Legrand devia o seu descanso à sua misericórdia. Duas mortes em três meses na conta do número 2 da gloriosa Preventiva eram duas mortes em excesso. O cara do SPI estava ali para ajudá-lo.

A ladainha dele já estava ensaiada. Saiu tudo de uma vez.

O SPI protegia a informação na hiperdemocracia. A Preventiva era uma das instituições mais populares. Syd era o número 2. Era casado com a filha de Igor Vence. Syd, ultimamente, entrara em parafuso. Disso todo mundo sabia. Tinha largado Myra Vence. Ele estava tão maluco que chegava a ponto de se meter com a Brigada das Não Zonas, enchendo o saco deles com perguntas. Tinha recomeçado a beber. Enquanto suas escorregadelas acontecessem na vida privada, eram problema dele. Ele deixara que Liza Legrand empacotasse para que escapasse da cadeira. Falhou conscientemente na sua missão em nome de uma questão emocional. Tinha escorregado feio. No universo do trabalho. Isso dizia respeito aos deveres e à reputação de uma das instituições mais populares da Cidade.

Syd estava em condicional devido ao caso Legrand. O pessoal dos Assuntos Internos tinha decidido arrastar o caso até a expiração de seu ilustre casamento. Mas ele continuou a fazer cagada em sua vida privada. Tinha se mudado para um hotel. Bebia como uma esponja. Suas angústias o perseguiram. É ou não verdade que, nesses últimos dois meses, voltara sete vezes ao teto do arranha-céu Dionysia, de onde Liza Legrand se jogara com sua permissão? Não é verdade que ele tocou, não fazia nem uma semana, em assuntos que eram veementemente anti-hiperdemocráticos em sua Confissão? Tudo levava a crer que se tratava de uma alma prestes a se perder. Ele teimava em recusar qualquer assistência psiquiátrica. Houve agentes erradicados por muito menos do que isso.

E aconteceu que Colin Parker teve sucesso em seu salto do anjo.

Syd estava na merda.

Ele estava na merda, mas a sua posição era tal que, se ele afundasse, ia cagar toda a Preventiva, e isso precisava ser impedido. Era preciso abafar o caso Colin Parker. O agente de preto foi rápido em seu discurso. Colin Parker iria sumir dos Registros. Ele desapareceria da Grande Central. Do Rastreador de Syd, se Syd gentilmente o entregasse a eles. A ficha de Colin Parker no banco da Cidade seria falsificada e ele seria declarado morto-bancário nos anos 20. Suas assinaturas e suas contas apareceriam, assim, com incorreções. Elas seriam anuladas automaticamente. Vamos dar um jeito para que Colin Parker nunca tenha existido.

Só tinha um probleminha.

No Bloco do SPSM, a transparência era um princípio. Os resultados eram coletados a cada trinta e seis horas e imediatamente difundidos na Rede, disponíveis ao acesso de todos. Assim que Colin Parker desaparecesse da Grande Central, desapareceria também do computador do Bloco, mas isso não era o suficiente. O Despojamento estava encarregado de fornecer o balanço. Eles realizavam um duplo inventário. Era preciso que o balanço do computador batesse com os Arquivos, e vice-versa. Era necessário que Colin Parker desaparecesse dos Arquivos Preventivos. Antes da meia-noite.

— Resumindo — disse Syd —, vocês estão me dando uma ordem para roubar um documento oficial?

— Não — respondeu o agente de preto —, tudo o que o senhor precisa fazer é digitar seus códigos e segurar a porta para mim.

— E vocês estão fazendo — retrucou Syd — tudo isso para me ajudar, certo?

— Nós cuidamos da tranquilidade dos assinantes protegendo-os de certas informações potencialmente angustiantes. O senhor, tenente Paradine, é por si só uma informação angustiante.

Syd agradeceu o elogio, lhe entregou seu Rastreador e marcou um encontro naquela mesma noite, às vinte e três horas, na esquina da avenida Heinz com a rua Vinte. O agente enfiou o aparelho no bolso e saiu andando apressado do quarto. Muito depois de ele ter desaparecido do corredor, Syd continuava escutando o eco das solas de seus sapatos batendo no chão.

Elas continuavam a martelar na sua cabeça enquanto ele começava cautelosamente a especular. Uma visita do SPI só podia significar uma coisa: uma encrenca das boas e na qual, querendo ou não, ele estava metido. Tinha bancado o babaca. Tinha fingido que havia engolido, ou melhor, aceitado, a conversa fiada e evitado mencionar *os outros*. As dezenas de assinantes que haviam se matado ontem eram uma verdadeira bomba-relógio para a opinião pública.

Ele sabia. O SPI sabia. Na dúvida, o SPI evitaria apagar o genro de Igor Vence enquanto ele fizesse o jogo deles. Fingir ignorância. Concordar com tudo. Calar a boca.

Ao menor deslize, ele seria convidado para dar uma voltinha num terreno baldio.

Syd sarrupiu tudo o que havia sobre a mesa de cabeceira. Fez o inventário do saque. Uma porrada de bolinhas, famílias inteiras de soníferos e analgésicos. Engoliu três comprimidos de Zolapin. Os psicotrópicos lhe davam um barato digno de uma droga de contrabando, mas logo dormiu um sono de verdade, que o faria recuperar as forças e o deixaria lúcido ao acordar. O mínimo, considerando a merda que iria fazer.

Em seguida, ligou a TV.

• • •

"... que o Grande Apagão foi consequência não do temido esgotamento das fontes energéticas, ou de uma sabotagem armada pelos marginais moradores das não zonas, mas sim de um reflexo defensivo do sistema de fornecimento, que, diante de um pico excepcional de consumo, precisou simplesmente ser reiniciado. No Parlamento, triunfaram os partidários dos Trinta e Oito. De fato, um acontecimento semelhante não poderia ter ocorrido sob o regime dos Trinta e Oito. O Grande Apagão pesaria, no futuro, na disputa. Se a divisão da atividade dos assinantes em três turnos de oito horas claramente cheira a totalitarismo, a gente não pode se lixar para realidades tais como superpopulação e superconsumo..."

"... A eletricidade é suficiente para todos em Clair-Monde? Ontem à noite, em consequência de um pico de consumo, a Grande Central não teve outra saída senão ordenar que a rede fosse reiniciada para evitar um curto-circuito. Aproveitando-se do caos, exércitos de mortos-bancários ultrapassaram nossas muralhas e se dedicam, na mais completa impunidade, às suas atividades de pilhagem e violência. A Brigada Clandestina está neste momento mobilizada para a expulsão dos mortos-bancários de dentro dos limites da Cidade e dizem que a Cidade já estará limpa ao meio-dia. O Executivo, entretanto, recomenda a todos os assinantes que permaneçam em suas casas e só saiam em caso de força maior. A crueldade dos marginais..."

"... Há possibilidade de que o sinistro volte a ocorrer? Ao ser indagado, Igor Vence, ex-Executor, líder tácito dos Doze e CEO de Vence Energy, recusou-se a dar declarações em pessoa..."

"... a energia foi restabelecida esta madrugada às 3h11, graças à intervenção de Charles Smith, antigo hacker convertido ao serviço do Executivo. O Grande Apagão não durou, todas as contas feitas, mais que sete horas e trinta minutos. Sete horas e meia durante as quais a Cidade inteira foi palco de um verdadeiro caos..."

"... Igor Vence baixou a cabeça e partiu em direção aos elevadores. Ao menos necessários oito seguranças para preservá-lo

da hostilidade da multidão reunida nas escadarias dos escritórios da Vence Energy. O acionista majoritário de Clair-Monde deverá isentar Vence de qualquer responsabilidade no Apagão que provocou na noite passada um número maior de mortes do que seriam capazes vinte bombas de hidrogênio. Lembremos que, desde o fim da era solar, é a Vence Energy que ilumina a Cidade com uma média de nove fontes a cada dez, abarcando todas as zonas. Uma situação de quase monopólio que pode muito bem voltar-se contra seu dono se a investigação que começou esta manhã..."

"... retransmissão desse acontecimento: vejamos... São 5h45 e depois de aproximadamente uma hora e trinta minutos a eletricidade foi finalmente restabelecida na Cidade. Somos muitos, aqui nas escadarias da Torre Clair-Monde, esperando a saída do herói do momento. Com somente trinta e quatro anos de idade, esse antigo hacker que cumpriu duas penas de prisão, primeiro em 24, depois em 27, por espionagem industrial e fraude fiscal, foi recuperado no ano passado pelos headhunters do Executivo e oferece desde então seus talentos às causas legais. Foi por via aérea que Charles Smith pôde chegar essa noite, por volta de uma da manhã, ao último andar da Torre Clair-Monde, sede da Grande Central. Para entrar no endereço mais vigiado da hiperdemocracia, Charles Smith levava nas mãos a chave do Executor Watanabe e teve de dar sua palavra de honra de que não publicaria nenhum relato de sua intervenção. Foi sozinho, aliás, que ele adentrou as portas do lendário elevador, durante as duas horas e alguns minutos que o antigo hacker levou para determinar as causas do bug e neutralizá-lo. O destacamento do SPI que o acompanhava foi obrigado a esperar nos andares inferiores. Mas os portões estão finalmente se abrindo... O SPI aparece primeiro... Parece ser um grande contingente... Duas, três, quatro fileiras... São bem numerosos... Cinco... Seis... E é isso, quem está andando no meio das fileiras é Charles Smith... Ele tem um ar cansado... É verdade que foi uma noite dura para todo mundo... Charles Smith, o senhor poderia nos explicar, em poucas palavras, a causa do Apagão?

— Ocorreu um excesso de consumo. O sistema entendeu que era preciso reiniciar e evitar o curto-circuito.

— *Charles Smith, como foi que o senhor conseguiu restabelecer a força?*

— *A força restabeleceu-se sozinha.*

— *Como assim?... O senhor poderia... falar um pouco mais a esse respeito?*

— *O sistema tentou restabelecer a energia o tempo todo, mas sua função de segurança sempre abortava o procedimento. Foi preciso desligar manualmente alguns canais consumidores de alta potência, como os projetores de publicidade celestes e os loteamentos de glóbulos solares, para desativar a segurança, e em seguida o sistema pôde voltar a funcionar satisfatoriamente.*

— *Qual é a probabilidade de que isso aconteça de novo?*

— *Eu não sei. Se vocês pararem de ligar a máquina de lavar ao mesmo tempo que a lava-louça, talvez o mundo se safe.*

— *Por favor, sem brincadeiras, Charles Smith, o senhor tem alguma estimativa?*

— *Não tenho, já disse. Seria preciso eliminar pessoas, com certeza a gente consumiria menos eletricidade. Mas não me pergunte que pessoas.*

— *Hum... Charles Smith, uma última pergunta... O senhor acaba de mais ou menos salvar o mundo... Como é que o senhor se sente?*

— *Superior aos outros. É bastante agradável.*

— *Charles Smith está se retirando e conseguiu, graças aos agentes de segurança que o cercam, atravessar a multidão amontoada nas escadarias da Torre. Um carro oficial o espera lá adiante para levá-lo ao Palácio Executivo, onde ele restituirá oficialmente...*

• • •

Syd diminuiu o volume da televisão.

Charles "Shadow" Smith em pessoa.

Charles "Shadow" Smith, olha só o terno. Olha só aquele relógio e o sapato envernizado. Um quarto dos efetivos divisionários do SPI,

tudo isso só para ele. Olha só esse andar em zigue-zague e essas pernas titubeantes.

Um agente de preto abriu a porta de trás de uma limusine com o capô brilhante para Charles "Shadow" Smith entrar. O agente de preto entrou logo atrás dele. Outros dois agentes foram se sentar na frente. Mais dois deram a volta e, pelo outro lado do carro, foram completar a lotação atrás. Um último zoom no rosto do salvador da humanidade. Olha só esses olhos de aço fosco e essa expressão na boca.

A porta bateu e, apesar da multidão, a limusine arrancou.

O reflexo de dezenas de objetivas no vidro fumê.

Syd desligou a TV. Tinha visto o suficiente. Conhecia o cara melhor do que ninguém. A expressão no seu rosto, ele também a conhecia. Já a tinha visto. Shadow acabara de ver algo semelhante à Morte.

Os hipnóticos começaram a fazer efeito e Syd mergulhou lentamente em doze horas de sono forçado. Ele capotou tentando abafar dentro de si o eco distante de um tiroteio silencioso ocorrido há onze anos.

• • •

Ele sonhou com a Guerra Narcótica.

Estava em alerta durante toda a noite, no posto fronteiro 23, sem saber se ia ou não ser chamado. A espera podia durar até o amanhecer e, por horas a fio, ele andava de um lado para outro entre a sala da guarda e o pedaço de deserto que cercava o Q.G., atento ao estalido do rádio que se intercalava aos aumentos bruscos de tensão quase sempre frustrados que permeavam sua noite.

Na sala da guarda, uma parte dos outros caras se ocupava de bater os recordes no videogame Killing AI, enchendo a cara escondido, até o final de sempre: briga de bêbados ao alvorecer porque Spong, o ás do gatilho de plástico, apagava sempre mais robôs malvados do que o resto do efetivo reunido. Outros ficavam no bate-boca, quebrando recordes em matéria de masturbação

verbal. Histórias de mulheres que gostavam desse tipo de sacanagem, discussões de baixo nível das quais se saía sem nenhum arranhão, viagens de cristal de metanfetamina que duravam semanas, miseráveis das não zonas violentadas porque não eram consideradas mulheres.

Syd se isolava por opção. A solidão e a indolência levavam sua mente a se perder em águas turvas. Tinha vezes que pensava estar doido. Ia para o estacionamento com seu fuzil, subia no capô de um carro e esvaziava um pente inteiro de balas num guindaste abandonado, além dos limites da Cidade.

Seu sonho retrocedeu e começou a enunciar manchetes de jornais.

Eram os anos 20, ou quase isso, e a obsessão do momento eram as drogas. Os meios de comunicação vomitavam estatísticas que deixavam as donas de casa de cabelo em pé. A banalização das drogas pesadas entre garotos dentro das próprias casas. Oitenta por cento dos jovens entre doze e quinze anos usavam cocaína, a partir da entrada no ensino médio. O flagelo ameaçava se estender à faixa etária ainda mais jovem. Um episódio foi a gota d'água. O triste destino da pequena Betume (apelidada assim porque fora concebida na calçada), acostumada aos opiáceos desde que ainda era apenas um feto (a putinha barata: uma viciada barra-pesada), morreu aos sete anos de uma overdose de heroína no banheiro do jardim de infância (Betume, meio retardada, tinha repetido três vezes seu último ano).

As fotos do rostinho transtornado tinham rodado a Cidade.

Para responder aos motins, um ministro do Interior especialmente belicoso declarou que para situações extremas eram necessárias medidas extremas. Ao mesmo tempo, correu o boato de que grandes traficantes poderosos se tornaram megalomaníacos e queriam um posto mais elevado. Do escambo nos becos à tomada do poder, só era preciso um passo, mas o furo da Clair-News foi transmitido pelas outras mídias. Não eram mais pistoleiros que o crime organizado estava recrutando nas não zonas, e sim soldados, e os quartéis de manobras militares foram vigiados por helicópteros

de segurança. As imagens difundidas ininterruptamente em rede em todas as cadeias de informação mergulharam a Cidade no pânico.

“Se eles querem a guerra...”, urrou para a imprensa o ministro chegado à retórica.

Era o dia 15 de setembro de 19.

A Guerra Narcótica tinha sido declarada.

Syd havia acabado de abandonar seu curso de direito. Ele vivia num quarto e sala cheio de insetos nos bairros-telas. Roubava carros e participava de pegadas com suas próprias regras. Era necessário estar de porre e chapadão até o limiar do coma e correr sem farol e sem Rastreador na contramão da pista de carretas. Foi lá que ouviu falar sobre o boxe-rodeio. Os ginásios de boxe reabriam à noite para um jogo modificado que atraía uma multidão de apostadores. Era preciso desafiar alguns sujeitos a subir no ringue. Os caras quebravam a sua cara em pedacinhos, mas você não podia, acima de tudo, revidar. Tudo uma questão de autocontrole. Era preciso aguentar em pé o maior tempo possível.

Syd aguentou por meia temporada.

Sabia que numa noite dessas não levantaria mais.

Ele foi um dos primeiros a se alistar.

Depois de dezoito dias de ociosidade no posto fronteiro 23, o Batalhão dos Alistados Voluntários tinha estourado seu primeiro depósito. As arrobadas de heroína pura estavam armazenadas em sacos marcados como AÇÚCAR MASCAVO. Os caras dos explosivos afanaram três sacos de heroína e o posto fronteiro ficou fedendo a vômito durante uma semana. Numa manhã, descobriram um cara enforcado no guindaste e mais nenhum sinal da heroína que tinha sido escondida nas caixas de munição. Acharam melhor dizer que foi um ataque dos inimigos.

Eles foram mandados no dia seguinte para o front. O front era um planalto rochoso a duas horas das fronteiras, na Zona Exterior Norte. As metralhadoras funcionaram de meia-noite às quatro da manhã e, quando levantaram acampamento, o solo estava coberto de cartuchos.

De modo geral, isso fez bem a todo mundo. Sequer viram a cara do inimigo. De tempos em tempos, vinha uma bala perdida que feria

um companheiro. Syd recebeu uma de raspão na têmpora. No dia seguinte, o noticiário das treze horas da Clair-News festejava a vitória do Batalhão dos Alistados Voluntários.

Isso foi celebrado. Um ringue improvisado foi montado no subsolo. Alguns dos caras acompanhavam o boxe na Rede. Eles conheciam Syd e sua má reputação. Syd teve que subir no ringue e dar aos homens uma mostra de seus talentos. Ele foi sagrado o herói do dia e carregado em triunfo pelos companheiros até um bar de fronteira onde garotas das não zonas de treze anos faziam quase tudo que lhes era pedido por alguns dólares falsificados. Lá pelas três da manhã, a sacanagem tinha degenerado em suruba e Syd se mandou. Deu uma parada para urinar na beira dos arames farpados que delimitavam o Segundo Distrito. A maior parte dos caras tinha insistido em lhe pagar uma bebida e o negócio prometia durar uns bons quinze minutos.

— Estranha essa sua maneira de fazer amigos — disse uma voz atrás dele.

Syd teve um sobressalto.

— Você faz isso pela grana, ou realmente gosta?

— Vai se foder — respondeu Syd. Ele tinha virado para ver o rosto do inconveniente. Shadow tinha se sentado no capô do carro. Ele se embriagava conscientemente, ao mesmo tempo em que fixava o olhar num ponto no interior das não zonas.

— Dizem que os Labos são daquele lado — disse Shadow.

— O que você sabe disso? — respondeu Syd.

— Com certeza é mentira — tinha murmurado o outro —, como tudo o que dizem por aí.

— Como tudo que dizem sobre você? — perguntou Syd, uma vez que não tinha paciência para continuar uma conversa dessas em voz baixa, assustadiça, a respeito dos Laboratórios e seu mistério.

— Vai fundo.

— Nunca viram você com as garotas. Mas basta pegar num computador para o cara virar uma espécie de gênio. Você é mais maluco que todo mundo aqui.

— Eu não gosto das garotinhas, e, *a priori*, nem você, ainda bem. Sei me virar com computadores e o sujeito considerado o mais

maluco de todos por um bando de malucos é, talvez, a única mente sã.

Shadow empunhou sua garrafa e deu grandes goles sedentos como se bebesse água. Em seguida, a isolou por cima do arame farpado e seu olhar ficou de novo perdido nas claridades difusas das não zonas.

— Você conhece alguém nos Labos — perguntou Syd.

— E você?

Fazia, de fato, duas semanas que eles haviam feito uma aliança tácita. De dois homens que se mantinham em silêncio quando a multidão berrava em volta deles. De tácita, essa aliança tornara-se de repente real. Naquela noite, Syd desabafou um bocado de coisas. Shadow permanecia calado e alimentava com birita suas confidências. A história paterna pareceu interessá-lo em especial. No final do século passado, como em uma porção de lares com poder aquisitivo mediano, o velho se aproveitou mais do que devia da lei de endividamento ilimitado. Depois do crash de 99, os assinantes viram seus direitos fundamentais ser sujeitados à Recuperação. Os corpos eram arrestados. Os insolventes tinham, contudo, a possibilidade de dispor de seus filhos. Diante do dilema, foram muito poucos os chefes de família que aguentaram o sacrifício. As crianças com menos de treze anos foram avaliadas em preços proibitivos.

O pai se ofereceu por uma soma medíocre.

Fazia mais de quinze anos que ele apodrecia nos Labos.

A gente ignorava o que acontecia por lá. Os boatos eram raros, e não deixavam passar mais que um terror difuso acerca do cotidiano dos Labos. Tudo o que se podia perceber ali era, da mesma maneira que a agitação da superfície da água permite apenas adivinhar a carnificina que ocorre nas profundezas, a vaga certeza do horror. Diziam que a Santa Trindade dos Labos era constituída de experiências medicinais, tráfico de órgãos e prostituição. Diziam que não era nada mais que um campo de trabalhos forçados. E diziam ainda outros circunlóquios, que ninguém ousava confirmar, cochichos, murmúrios...

Extermínio...

Rumores.

Pelo menos duas certezas: os corpos estavam à mercê, e a lei sobre a destituição tinha sido aprovada na mesma semana em que a pena de morte fora restabelecida.

Quando Syd terminou sua história, os helioprojetores começavam a fabricar a aurora nas fronteiras e alguns caras do batalhão vomitavam no estacionamento. Ele preferiu se mandar a começar a soluçar no capô do carro de Shadow. Voltou sozinho, a pé, até o posto fronteiro 23.

Três dias depois, Shadow contou a ele sobre a operação do dia 4. Ele lhe disse coisas que eram guardadas a sete chaves.

Deu vinte e quatro horas para tomar uma decisão. A resposta de Syd foi imediata.

Na noite de 4 de outubro, ele ficou estendido sobre a cama, os olhos arregalados fixos no teto até sua hora chegar. Ao amanhecer, foi ao encontro de Shadow no estacionamento. Um vento dos infernos soprou durante toda a noite e, do outro lado da barreira, o guindaste havia desaparecido. Eram duas horas de estrada e nem ele nem Shadow disseram nada até o destino.

A residência Clair-de-Lune era um loteamento mediano que pertencia a um fundo de investimentos pouco preocupado com a origem do dinheiro. Era uma bolha solar tecnologicamente ultrapassada. Com as paredes pintadas de tinta fosca. Uma falésia em *trompe l'oeil*, que era dominada por uma Lua amarela desbotada.

Era lá que se escondiam os novos figurões do narcotráfico.

Colocaram os silenciadores. Nenhum sistema de segurança era bom o bastante para Shadow. Eles forçaram nove passagens. No jardim, uma tropa de pistoleiros robôs enferrujava sob os irrigadores. Os cães se levantaram. Os cães se deitaram com as balas silenciosas.

Eles iam apagando os gângsteres. Apagavam junto às esposas. Na terceira parada, acertaram tão bem o alvo que ele desmoronou junto com a mulher e dois cadáveres quentinhos deslizaram a seus pés. Na quinta, esbarraram num garoto que descia as escadas. Shadow tentou derrubá-lo com um soco, mas o garoto começou a urrar. Shadow, então, o deixou inconsciente com uma coronhada. O garoto

rolou escada abaixo. Eles fugiram. Haviam despachado os outros quatro alvos. A última casa pegou fogo. Um alarme disparou, um outro respondeu, em meio a um concerto de latidos de cachorros sortudos.

Eles saíram do condomínio às sete da manhã. Fizeram uma parada no primeiro motel. A recepcionista pensou que eles eram um casal de bichas malfeitoras. Cada um ficou meia hora no chuveiro. Em seguida, Shadow telefonou para seu superior sem nome e lhe disse que a missão havia sido cumprida. Responderam que teriam aquilo que pediram.

• • •

O velho jamais pegou o trem de volta. Já estava morto quando a ordem para libertá-lo chegou à administração dos Labos.

3

Eram duas as saídas da garagem do prédio do SPSM: uma ficava paralela à fachada, no número 169 da rua Vinte, e a outra desembocava na obscuridade da Fortune Square, colada à entrada do metrô. Ao dirigir seu carro lentamente para fora da garagem, Syd reparou num Mahindra preto estacionado na entrada do cinepub. Era o veículo habitual das altas patentes do SPI. E tinha alguém ao volante.

Syd deu marcha a ré no seu carro chapa fria até o beco das entregas do Rei do Hambúrguer que a Preventiva frequentava. O Mahindra estava bem na esquina, o motor desligado. O motorista jogou um copo de papel por cima do vidro abaixado. Ele não o tinha visto. Syd deixou o carro em ponto morto e olhou o relógio. 23h17.

Sabia que não ficaria muito tempo esperando.

Tinha se mandado do hospital lá pelas oito horas. Seu ferimento malcicatrizado, dopado de analgésicos. Havia descolado um telefone público no fundo da lavanderia do hospital e ligado para Myra no telefone fixo da creche paterna, localizada no Vale da Bolha. Risco de escuta abaixo de zero.

Ela levou a moto dele para a garagem do Bloco do SPSM. Eles se encontraram às dez e meia. Syd havia recuperado a sua Speed Infinite. Myra, magra como um passarinho no seu macacão Vence Motors. Boquiaberta, olhos arregalados, afirmando de dez em dez segundos que não havia tomado nada, tomado nada, tomado nada. Ela perguntou a ele se havia pensado a respeito. Os ecos cresciam rapidamente na garagem vazia. Ele pediu a ela que brigasse, se possível, em voz baixa. Eles acabaram trepando no banco de trás. Ela reclamou de novo que queria um filho. Ele preferiu fecundar o asfalto impermeável.

Depois se mandou, lembrando a ela o que precisava fazer. Ligar o motor às 23h10. Sair do carro. Deixar a porta aberta. Esperá-lo na

saída principal.

O sujeito do SPI já estava lá, na esquina da Heinz com a Vinte. Syd preparou com cuidado sua entrada em cena. Ele acelerou sua Triumph fazendo o maior esporro possível. Estacionou bem no meio da calçada. O sujeito do SPI o brindou com um comentário de admiração em relação ao monstro. Os motores potentes aproximam as almas masculinas. Eles apertaram as mãos. O sujeito do SPI estava à paisana. Um boné e um cachecol disfarçavam seu rosto para que não fosse identificado. Ele carregava uma maleta de couro. A maleta parecia estar vazia. Ela era grande e profunda. As intuições de Syd pareciam se confirmar.

Elas só foram se confirmando mais e mais ao longo de sua ida ilícita ao próprio local de trabalho. Ele conduziu o agente de preto ao Bloco do SPSM. Ele o estava levando aos Arquivos. O sujeito do SPI o deixara na entrada, de vigia.

Seis minutos de espera, um cagaço que aumentava toda vez que parava de agir.

O que ele estava tentando fazer era nada mais nada menos que foder com o SPI. Se desse bobeira, seria apresentado à Câmara. Ninguém sabia o que havia dentro da Câmara, o boato que corria era de que praticavam um tipo diferente de tortura. Uma tortura *limpa*. O boato que corria era de que os condenados à Câmara não ficavam nela nem quinze minutos. Eles saíam loucos, uma loucura sem retorno. Dessa, não havia saída.

O agente de preto tinha se juntado a ele. A maleta: cheia a ponto de estourar. Syd fez de conta que não percebeu nada. Depois de uma parada na máquina de bebidas, eles fizeram o caminho inverso. Syd bancou o alcoólatra, o canalha. Ele pediu ao sujeito do SPI um telefone de contato: quem sabe, eles podiam se ajudar mutuamente de novo no futuro. Ele descreveu a agonia de Colin Parker com piadinhas de médico-legista. Disse ao agente de preto que estava entupido de drogas e que a vodca que bebeu foi excessiva. Argumentando que era para evitar que quebrasse o pescoço de moto, pediu o seu Rastreador de volta. Ele ia subir para a casa de campo dos Vence, fazer uma última visitinha à mulher antes da expiração. Em seguida, piscou o olho com uma expressão obscena.

O sujeito do SPI pareceu ter engolido a encenação dele. Devolveu o Rastreador. Eles trocaram um aperto de mão antes de se separarem na esquina da Heinz com a Vinte. Syd ofereceu uma carona. O sujeito do SPI disse que estava estacionado ali perto, na Fortune Square. Syd arrancou com a Triumph e se mandou.

Apesar de seu estado, Myra seguiu direitinho as instruções. Ela o estava aguardando em pé na rampa da garagem. Ele desceu em disparada da moto. Ela tomou o lugar dele. Ele enfiou o seu Rastreador no bolso do macacão da mulher.

Seu carro chapa fria o esperava na garagem. O motor ligado. A porta do motorista aberta.

Escutou o rugido da Triumph aumentar e diminuir.

Supôs que o agente do SPI também houvesse escutado.

Iria encontrar-se com Myra em menos de dois dias, para a expiração. Suspirou. Tinha restos de cocaína sobre o para-brisa. Um cheiro de angélica pairava dentro do carro. Abaixou o vidro e olhou o relógio: 23h20.

Seu homem apareceu. O agente ficou de perfil no fecho de luz colorida que vinha dos néons do cinepub: silhueta raquítica, a cabeça enterrada entre o boné e o cachecol, a maleta pesando no braço. Syd tinha mirado no carro certo. O agente fez um sinal. O Mahindra foi na direção dele. Ele abriu a porta de trás e jogou dentro a maleta. Depois entrou e o carro arrancou em direção ao Packard Boulevard. Syd anotou o número da placa e contou até cinco antes de começar a seguir o Mahindra. As ruas só foram parcialmente liberadas e o que restava de escombros tinha sido empurrado para a pista dos táxis. Àquela hora, tarde da noite de um dia de luto, não havia muita gente nas ruas. Syd deixou que aumentasse a distância entre ele e a viatura do SPI.

Seu encalço o conduziu para fora do centro. O Mahindra se dirigia diretamente para o sul. Ele passou pela praça Clair-Monde, desceu a avenida Microsoft, seguindo depois pela marginal do rio de Sucata. Depois de atravessar a Sub-Tex, a viatura do SPI acelerou fundo. Syd acompanhou a velocidade. Era provável que o Mahindra estivesse se dirigindo para fora dos limites da Cidade. Nesse caso, iria cruzar com

ele na Transdivisional Sul, onde haveria mais veículos para encobrir seu encaço.

Ele viu o Mahindra desaparecer na via expressa no momento em que chegava à autoestrada. Ele ziguezagueou por entre os carros e foi se postar atrás de uma jamanta em que havia uma porção de motos desmanteladas. Dali tinha certeza de que os agentes não iriam notá-lo. Myra já devia ter chegado a seu destino e, se eles o traçassem, o sinal o localizaria no número um da avenida Vence. Torcia para não cruzar com nenhuma patrulha da Preventiva-Rodoviária. Dirigir sem Rastreador era considerado um delito grave, que escondia quase sempre um outro, e carros chapa fria, iguais ao dele, percorriam durante a noite as estradas, parando sistematicamente os veículos que não emitissem o sinal.

Ele dirigiu assim durante vinte minutos; enquanto uma parte dele estava ocupada com as luzes traseiras do Mahindra, duzentos metros a sua frente, e espreitava, ao mesmo tempo, a Preventiva, outra se debatia contra os retornos oportunistas das lembranças do sonho que tivera durante o dia.

Pouco depois da alegada vitória que a Cidade Ihes devia, a ele e a Shadow, seu parceiro desaparecera sem deixar rastro. A última vez que Syd o vira fora um mês depois da rendição, por ocasião de uma última luta de neoboxe. Um empresário e seu agente tinham lhe preparado um lucrativo canto do cisne e a sua ânsia de redenção, reavivada pela sua experiência de guerra e a morte do pai, fez com que aceitasse essa grana como um trampolim necessário para um novo começo. O ginásio ficava sobre o cais do rio de Sucata e um bando de gente veio assistir a seu último espancamento. Um bom número de veteranos veio torcer e, entre eles, Shadow, acompanhado de uma garota esquisita. Enquanto cobriam Syd de porrada no ringue, Shadow e a garota o acalentaram o tempo todo com seus olhares idênticos. Ela, cerca de quatorze anos, um rosto todo anguloso de desenho animado, cujos traços eram hipertrofiados. Um rosto que deixa a gente sem graça e nos obriga a desviar o olhar. Esses olhos impossíveis, genuinamente Shadow, com alguma coisa ainda mais metálica, parecendo absorver toda a luz a sua volta.

Naquela noite, Syd bateu o próprio recorde, só desmoronando com seu oitavo adversário, após um tempo de resistência de vinte e cinco minutos e quarenta e dois segundos, e quando reabriu os olhos, depois de ter perdido a consciência, no mar de rostos inclinados sobre ele, não achou mais nem Shadow, nem a garota. Nos dias seguintes, tentou encontrar Shadow. Ele não estava atendendo em casa. O número do seu Rastreador tinha sido redistribuído. Syd acabou desistindo, isso até o dia em que os verdadeiros motivos da Guerra Narcótica lhe foram revelados, transformando seus assassinatos em brincadeiras de mau gosto das quais ele e Shadow foram as primeiras vítimas.

A Guerra Narcótica não fora nada mais do que uma guerra entre gangues.

Passaram-se seis meses desde o dia 4 de outubro e fazia pouco tempo que seus pesadelos tinham se atenuado. Havia se inscrito na escola de polícia na esperança de que lhe garantissem seus três anos de Direito e sua folha de serviço. Ele tinha uma garota fixa, uma bolsista das não zonas, ainda mais dura do que ele.

Sua vida parecia tomar jeito.

O acontecimento nem chegou ao jornal da tarde. Syd o pescou quase sem querer, folheando as páginas de economia da Clair-News.

Clair-Monde fez a aquisição da Curare.

Clair-Monde fez a aquisição da Pharmaco.

Clair-Monde fez a aquisição dos Drugstores.

Clair-Monde tinha passado a mão em todas as farmácias da Cidade, todas as zonas inclusas.

Algumas semanas depois, aos vinte e quatro direitos do homem foi acrescentado um vigésimo quinto artigo que mereceu todas as honras da primeira página do jornal: desde 97, quando o direito à Juventude, o direito à Beleza e o direito ao Conforto Mínimo foram votados, o Executivo não havia tocado no texto fundador da hiperdemocracia. A partir dos cinco primeiros distritos, onde se localizava o epicentro político e econômico, chegando ao mais desesperador dos buracos que agonizavam aos pés das muralhas litorâneas, a nova alegria espalhou-se como rastilho de pólvora.

Todo assinante tem o direito de “cuidar de seus ferimentos morais como bem quiser”.

Em seu gigantesco complexo de estufas tropicais, na Vigésima Zona, entre duas plantações de café, Clair-Monde cultivava a sua papoula. Heroína, coca e anfetaminas legais invadiram as prateleiras das superfarmácias. A indústria superfarmacêutica tornou-se mais lucrativa do que a de energia ou a de armamento.

E era Clair-Monde que embolsava a grana.

E fora Clair-Monde que bancara a guerra.

Parecia que, diante de uma verdade intolerável, Shadow tornara-se plúmbeo de dentro para fora. Ele ficava o tempo todo a brincar com a morte, a brincar com a sua morte, mas acrescentava que, se a vida não valia nada, ela lhe era também totalmente indiferente a ponto de não merecer um golpe baixo de sua parte. Shadow gostava de assistir aos programas de autoajuda, eles eram, dizia, a única coisa que ainda o fazia rir. Shadow se lixava para os outros e para toda essa boa vontade que impulsionava o mundo em direção ao destino final, com quatro paredes ao redor de si, dentro das quais fosse possível instalar coisas frágeis e seres humanos com quem comer. Shadow dizia que havia poucos destinos que valiam a pena.

Perguntou a Syd se ele tinha um e Syd respondeu que não.

Na noite de 4 de outubro, percebeu um brilho estranho no olhar de Shadow quando estava de saída. O brilho de satisfação dolente de alguém para quem as suspeitas se confirmaram, suspeitas que gostaria que fossem frutos de sua própria loucura.

Shadow certamente sabia mais do que ele.

Syd havia encontrado o endereço dele por meio do Escritório dos Veteranos. Shadow morava no beco Johnnie Walker. Uma pequena residência dos bairros antigos, tijolos vermelhos aparentes e portas de ferro numeradas. Um pátio no qual a garotada jogava bola entre as cordas dos varais de roupa, tipo cartão-postal do século passado.

Shadow não estava em casa. Syd destrancou a porta com um cartão de crédito. O apartamento estava limpo, de tão vazio. Sangue coagulado nas juntas dos ladrilhos do banheiro. Dentro da banheira, os azulejos mal-asseados estavam imperceptivelmente velados de

vermelho. Um espelho quebrado. Nada que pudesse ajudar Syd a retomar sua pista.

Ele nunca o veria de novo. Isso fora há dez anos.

O Mahindra desviou para a saída à direita. A manobra acabou de chofre com as suas recordações, e ele diminuiu a velocidade para que o SPI se distanciasse. As não zonas ficavam somente a alguns quilômetros e a estrada que pegaria levava a locais pouco frequentados: o heliporto particular, as fábricas, os despejos e, em toda volta, o deserto.

Syd se empenhou em redobrar a vigilância. Ao fim de duzentos metros, apagou os faróis. As sirenes começaram a soar atrás dele. Elas estavam se aproximando a uma velocidade com v maiúsculo e, por precaução, ele desviou o carro para a areia até sair do campo dos grandes postes de iluminação halógena. Um caminhão o ultrapassou e seguiu na direção que havia tomado o Mahindra. Era um furgão com a marca do Necrotério Tridistrital. As sirenes voltaram, e ainda mais fortes, atrás dele. Um segundo furgão refrigerado passou em disparada, depois um terceiro, seguido de um quarto. Syd sentiu arrepios. Desde quando furgões de carne congelada disparavam com a sirene a toda, como se seus passageiros tivessem soltado uma grana preta para chegar mais rápido? Saiu do carro e inspecionou o terreno. Estava a dois passos do heliporto, sobre um enorme platô que dominava uma zona industrial. A estrada seguia nessa direção. Curvas serpenteavam ao longo da serra, num suave declive que levava até o vale. Fora da estrada não havia nenhum atalho: o platô acabava bruscamente numa descida íngreme. Impraticável de automóvel. Syd caminhou até a extremidade do promontório.

Foi de lá que avistou a confusão.

Uns trinta carros estavam estacionados em fila indiana no meio do deserto. Havia um enxame de homens indo de um lado para outro, berrando ordens que Syd não entendia. O prédio: uma base compacta que se estendia por cerca de vinte metros, tendo em uma de suas extremidades uma chaminé em forma de cone que funcionava a todo o vapor. Syd não queria acreditar no que se desenrolava debaixo dos seus olhos. Duvidou do próprio raciocínio.

Queria ver. Pegou sua câmera fotográfica e, com o zoom, aproximou a cena. O visor se perdeu na areia. O visor se perdeu nos rostos transtornados dos agentes de preto. Braços em polvorosa em meio a uma grande confusão. Os cromados avermelhados dos caminhões. A essa distância, ele não conseguia estabilizar a imagem. Seu olho recebia detalhes que eram aumentados mil vezes, mesma proporção do número de peças soltas de um quebra-cabeça que seu cérebro se recusava a montar. Os rebites da máquina. Os estratos de fumaça. O braço de um guindaste. A marcha a ré de um furgão na direção da fossa de um incinerador. Aquilo que estavam descarregando.

Ele colocou a câmera no bolso de sua blusa e inspirou profundamente. Iniciou sua descida. O declive era menos íngreme do que pensou. Ia devagar; não enxergava muita coisa e a areia não oferecia nenhum apoio. Avançou cautelosamente, recuando, jogando seu corpo para trás para evitar que o solo se desfizesse com seus passos. O chão cedeu mesmo assim e seu longo escorregão passou despercebido graças à escuridão e ao esporro mecânico que distraía todo mundo.

Ele se viu a cinquenta metros do incinerador, em volta do qual a maioria dos agentes se aglomerava de costas para ele. As fileiras de furgões esperando serem descarregados formavam uma guarida oportuna entre os agentes e ele. Frotas com uma quantidade tão grande de veículos só eram empregadas após as catástrofes e os atentados. Ele se aproximou. Esfregou as palmas das mãos uma na outra para se livrar das pedrinhas que haviam ficado presas nas mãos durante a queda. Reparou que quem dirigia o guindaste era um tipo de aparência humana. Um civil. Dois agentes de preto o cercavam. O sujeito era jovem, magriço, sacudido por espasmos. Syd viu o guindaste se livrar de sua carga. Uma, duas vezes. No solo, um trio de agentes de preto, que pareciam dirigir a operação, soltou uma saraivada de palavrões. Ele viu o Mahindra que havia seguido estacionado ao lado dos outros carros. Isso lhe deu um cagaço. Ele se encostou contra um furgão.

Aquele cheiro...

Syd colocou todo o seu peso sobre os dois batentes do furgão e apertou o botão de abrir. As portas se abriram com um clique

abafado graças à pressão que exerceu.

As batidas de seu coração chegavam aos ouvidos.

Aquele cheiro.

Ele subiu a bordo. Fechou a porta atrás de si.

Olhou. Desviou os olhos.

Forçou-se a olhar. Olhou de novo, contendo a náusea.

Eram obesos. Empilhados como cortes de carne na vitrine do açougueiro. Obesos do piso até o teto, transbordando dos furgões refrigerados malfechados, largados no chão tendo uma simples lona como último travesseiro, jogados uns sobre os outros por falta de espaço. Havia uns quarenta, talvez mais. Um monte de carnes separadas unicamente pelos sudários jogados sobre os corpos num simulacro de decência. Isso dava a impressão insuportável de que formavam um todo. Um todo ensanguentado, torcido, lívido. Carnes rosadas de cadáveres, massas moles cheias de feridas e escaras, meladas de sangue e de merda. Rostos convulsionados pelo horror de uma morte à queima-roupa, os olhos brancos, a boca aberta da qual quase saía ainda o eco de um último grito. Ou vazios, irreconhecíveis, amassados. Ou suplicantes, ou infinitamente tristes, ou finalmente em paz.

E aquele fedor misturado com formol.

Syd se forçou a agir como policial e engoliu o horror bem lá no fundo de si mesmo. Olhou o relógio. 1h32. Ele se permitiu cinco minutos.

Pegou sua câmera e tirou uma dúzia de fotos. Colocou na função filmadora. Tentou filmar, apesar das mãos trêmulas. Filmou com a sensação de ser um doente, um perverso, e o fluxo de imagens que chegavam, imprecisas sob a claridade das luzes das lanternas, dava-lhe a impressão de que não podiam ser reais. A maioria dos presuntos não estava etiquetada. Nenhum tinha identidade. Algumas poucas etiquetas presas no dedo do pé os designavam apenas como sendo X ou Y, a data, a hora e a causa presumível da morte. Eram mortes recentes. A rigidez cadavérica já bastante perceptível, a lividez em processo de formação. Entre vinte e cinco e trinta horas, no máximo. Ele guardou a câmera e cedeu à necessidade de olhar o horror mais de perto. Se estivesse agindo como *voyeur*, o fazia como

bom policial, e, apesar das emoções contrárias que tomavam conta de parte dele, o que ditava a sua ação era, antes de tudo, o *porquê*.

Ele respirou e seu estômago se revirou. Prendeu o fôlego e, ao se concentrar na *causa mortis* rabiscada em cada uma daquelas etiquetas, um discreto começo de resposta surgiu diante dele.

Suicídio.

Olhou o relógio. 1h38.

Ele se apoiou contra o batente esquerdo e empurrou o outro. A porta se entreabriu, deixando entrar um ar quente e puro, além de um barulho de altercação que vinha do incinerador. Ele saiu do furgão. Olhou para ver se o caminho estava livre. A maioria dos agentes estava agrupada perto do incinerador, falando em seus Rastreadores. Outros vigiavam a estrada. A cabine do guindaste cobria todo o campo de visão ao redor. Syd se preparou para uma corrida rápida e curta. Partiu, correndo abaixado na direção da colina, atento ao ruído do guindaste que era a garantia de que não tinha sido notado. Quando já havia percorrido três quartos da distância, o barulho cessou e Syd achou que estava perdido. Ele continuou, porém, a fugir, e conseguiu ainda arrancar o dobro da velocidade de seus membros exaustos. Quando chegou ao sopé da colina, seu corpo resolveu abandoná-lo. Ele se apoiou contra a encosta para recuperar o fôlego, arfando como um afogado. Teve a impressão de que a asca do furgão impregnava todo o seu corpo. Ele afastou o cabelo, levantou as mangas e vomitou sua bile. Enxugou os olhos. Percebeu que não escutou nem gritos, nem ordens, nem faróis apontados para sua fuga. Nem estampidos.

Arriscou olhar para trás.

O guindaste tinha parado porque o rapaz estava descendo.

A máquina tinha se imobilizado no meio do movimento, a escavadeira balançando seus dentes no ar. Na escada, a meia distância do chão, o garoto tinha se agarrado aos degraus de ferro e estava imóvel. Fragmentos de vozes chegavam até Syd, sem que ele pudesse compreendê-las. Percebia apenas a inflexão de súplica na voz do garoto. E o tom de ameaça na dos agentes. Seguiu-se uma hesitação que durou alguns instantes. E o garoto pulou. Um salto impossível, quase gracioso, que o levou a voar por cima do comitê

de recepção reunido ao pé da escada, terminando numa queda feia no estacionamento improvisado. O garoto se levantou apoiado numa perna só e tentou correr. Syd viu que mancava em sua direção. Viu o círculo de agentes se fechar em volta do garoto.

Ouviu os disparos. Viu o fugitivo cair.

O garoto ficou imóvel ao último sobressalto de seu coração.

Os agentes se aproximaram e o cercaram, escondendo o garoto da visão de Syd.

Os agentes continuaram a atirar no morto. Eles continuaram a atirar enquanto Syd escalava a encosta e percebia que, ao término de algumas etapas, essa escalada não o levaria a outro lugar que não o quarto 191 do Hotel Nokia-Hilton, o refrão das balas logo o remeteria a outro estribilho que começou a martelar em sua cabeça como um tambor antes de uma execução.

COM CLAIR-MONDE, A SUA FELICIDADE NÃO É MAIS UMA UTOPIA.

SEGUNDA PARTE
MORTE DE UM HACKER

4

— Nós estamos reunidos, hoje, para liberar dos laços do casamento este homem e esta mulher aqui presentes. Faz três anos que, dia após dia, o tenente Sydney Paradine e a senhorita Myra Christa Théodora Vence subscreveram em suas almas e consciências um contrato nupcial de duração predeterminada. Faz três anos, as duas partes juraram se amar, querer-se bem, um proteger e o outro ser digno desta proteção, até que seu contrato atingisse a expiração. Hoje, 19 de novembro de 31, passa a caber ao casal escolher perpetuar seu compromisso por uma duração suplementar de três anos ou pôr nele um termo.

Syd empenhava-se com muito esforço para fazer bonito na frente da grã-finagem reunida para a requintada cerimônia após a qual Myra Christa Théodora Vence se veria livre de seu tira alcoólico oriundo dos bairros pobres. O prefeito Zorghi estava em um dos primeiros camarotes, entre o porta-voz do Executor Watanabe e Richard Kaplan em pessoa, caquético em sua cadeira de rodas. No banco familiar, os Vence podiam ser enumerados por ordem crescente de importância: a perua do patriarca escondendo atrás de um véu preto seus fascinantes tiques faciais, Carrie Vence, a irmã caçula, feia como o diabo metida no seu vestido bufante, dividindo seus olhares de ódio entre a atual perua de seu pai e a antiga, ou seja, sua própria mãe, sócia opulenta e imperiosa de Myra, trôpega sob seus diamantes, uma mão no ombro do filho, que estava embriagado, os olhos embaçados e a gravata desfeita, e, ao lado do garoto, surpreendentemente atarracado e com uma cara surpreendentemente bexiguenta para qualquer um que só o conhecesse das enormes fotos em preto e branco das primeiras páginas de jornais, Igor Vence em pessoa, disfarçando atrás de seus habituais óculos escuros sua consciência pesada de homem

poderoso e, quiçá, até mesmo alguma emoção pelo infortúnio de sua filha predileta.

A cerimônia ocorria num salão adjacente ao corpo principal da imponente mansão de tijolos aparentes onde viviam o patriarca e seus dois filhos ainda menores. A casa, é claro, estava numa bolha de proteção. Era a maior das bolhas solares e a mais bem-projetada do distrito. Nela, uma manhã que dava a impressão de ser real era filtrada pelos vitrais, aureolando a figura do pregador com uma elegância de outrora, que parecia perdida para sua plateia, toda ela arruinada. Myra Christa Théodora planava a mil pés de altitude, entupida com os comprimidos que a mãe lhe dava, os mesmos que permitiram à primeira mulher de Vence, cujo casamento expirou sem renovação, manter sempre a aparência de dignidade em qualquer circunstância e, nesta circunstância, mãe e filha compartilhavam a mesma dignidade ausente. A perua de mantilha parecia ter administrado o mesmo tratamento a si mesma; já o Júnior, com as pálpebras em movimentos estroboscópicos, babava na gravata, e era público e notório que Vence e Kaplan tinham em comum um gosto acentuado pelo ópio. O próprio Syd estava completamente fora dali. O episódio do incinerador o deixara acordado até o amanhecer e ele tinha enchido a cara durante esse tempo. De volta ao hotel, encontrou o seu quarto devastado com o orçamento referente à indenização colado no cofre. O rastro habitual de Myra Vence, repleto de fileiras de pó e eflúvios pesados. Os corpos lívidos dos obesos povoavam a solidão do quarto de hotel. Syd tinha telefonado ao plantão *Delivery*. Seu dossiê chegou ao Nokia-Hilton no momento em que ele terminava sua segunda vodca. Durante três boas horas, ele rabiscou várias páginas, enxugando um copo atrás do outro, e o apaziguamento acabou por atender a seu apelo enquanto o papel branco ia aos poucos recolhendo todo o peso que ele não aguentava mais carregar. O apaziguamento nasceu de sua convicção de que era preciso saber a qualquer custo, e o objetivo de sua vida tinha acabado de lhe aparecer: ser um desconhecido no seu próprio mundo.

Lá pelas quatro horas da manhã, as câimbras de tanto escrever, a enxaqueca alcoólica e os flashbacks intermitentes tinham imobilizado

sua mão. Precisava de qualquer jeito falar com alguém. Ligou do telefone do quarto para Identidades e Localizações; como veterano da Criminal, pôde fazer um pedido extraordinário de informação e conseguiu o número do Rastreador de Charles Smith.

Charles Smith não atendeu.

Completamente de porre e convencido de que Shadow era o único que tinha as respostas, Syd insistiu. Na sexta tentativa, alguém acabou por atender. Shadow, se é que foi ele, ficou em silêncio. Tudo o que Syd ouviu foram sucessivas salvas de disparos, pentes inteiros solenemente esvaziados como no tempo da Guerra Narcótica e, talvez, o barulho das ondas, e se perguntou se não era uma peça que sua mente, martirizada pelo excesso de recordações e álcool, estava lhe pregando. Ele adormeceu ouvindo os tiros. Três horas depois, o telefone urrava a ponto de estourar os tímpanos; era somente a recepção. O despertar marcial. Seu ferimento na têmpora tinha reaberto durante a noite, estava com o corpo em frangalhos, de ressaca e com uma depressão daquelas. Um belo dia para ir enfrentar a turma inteira dos Vence. Olha só esse marido renegado, em pé no altar, metido em seu terno azul-ferrete de domingo, os olhos de peixe morto, com a cabeça cheia, tentando dissimular a vontade insuportável de vomitar sob a aparência de estar vivendo uma forte emoção.

— Uma vez que aquilo que um dia foi um sacramento, a manifestação terrestre e fugaz de um amor irrealizável entre nós, seres humanos, e as Alturas, aquilo que teve, outrora, a vocação do indefectível e do eterno, precisou rever suas ambições para se conformar ainda mais com as de seus aspirantes. Não se trata mais, hoje, de deveres e renúncias. Trata-se de direitos e desejos, visto que não existe mais do que um único desafio reconhecido pela nossa instituição, e este desafio é a felicidade. Aquilo que o homem fez, o homem pode igualmente desfazer, e se Sydney e Myra foram capazes de confessar que entre eles o amor não existe mais, não é nosso papel mantê-los aqui, visto que não é mais aqui que se encontra a felicidade.

Myra vacilou, e Syd ficou sem saber se foi pelas palavras do pregador ou se ela estava simplesmente doidona demais para

manter o equilíbrio. Ela balançou de um pé para o outro para, em seguida, se recompor pousando sua mão descarnada no braço de Syd. Esse roçar provocou nele uma leve sensação de queimadura. Os raios de sol artificial tinham aumentado de intensidade e o halo que agora banhava o perfil de Myra evocou em Syd alguma coisa semelhante a uma resignação macabra. Não é mais aqui que se encontra a felicidade... Ele tinha subestimado a conversa fiada do pregador. As palavras o atingiram como uma bala dundum. Um impacto limpo no alvo seguido da explosão de uma miríade de fragmentos de chumbo que partiam para acariciar os pontos sensíveis. A fórmula, suspensa acima de suas cabeças, a dele e a de Myra, se estendeu aos Vence e a seus consortes reunidos atrás deles, escapou do saguão, subiu destruindo o teto de vidro e partiu para pairar com os nevoeiros que envolviam a Cidade.

O pregador continuava com a sua ladainha. Uma lágrima escorreu pelo rosto de Myra. O momento atingiu Syd como um soco no estômago. Sua história com Myra começou a desfilar na sua cabeça, no exato momento em que ele segurava o primeiro suspiro.

O encontro dos dois: a irrupção de Myra na sala de Syd, no seu último ano na Criminal. Seu primeiro caso interessante desde o incêndio do Innocence: um acerto de contas numa escola de ricos. A vítima: um professor de matemática rigoroso como a justiça. A arma: uma pistola de duelo com a coroa de nácar, com duas ou três eras de idade, uma porra de peça de museu. E no papel do rápido no gatilho, Igor Vence Júnior em pessoa, aliás, o irmãozinho de Myra. Doze anos de idade na época do caso. Aliás, o último da classe. Típico.

Syd fez do caso uma questão pessoal. Pelo incêndio do Innocence, por seu ego de tira arranhado, pela limpeza imaculada do humilde apartamento do professor que deixava atrás de si feitos discretos e uma mulher sem beleza.

Myra: aquela tarde de chuva do dia 12 de fevereiro de 25, elegante até dizer chega, depois detestável e imperiosa como uma criança mimada a quem nada pode ser negado, nem o perdão a seu irmão aprendiz de assassino, em seguida surpreendente como uma jurista erudita, jogando habilmente com seus conhecimentos

formalistas e processuais, após uma frieza de lâmina no seu último recurso: a ameaça de reprovação por parte de seus familiares.

Syd estava prestes a pô-la no olho da rua quando recebeu no seu Rastreador o envelope rosa das boas notícias. Apareceu na tela a ficha com os detalhes dos critérios necessários, os quais Syd preenchia em noventa e quatro por cento. O servidor s de Sentimental tomava, portanto, a liberdade de felicitá-lo por essa pontuação excepcional. O servidor tomava a liberdade de lembrar a seu assinante que: “com Clair-Monde, o amor está a poucos metros.” Nesse caso, estava sentado na sua sala: a ficha estava no nome de Myra Vence.

Sua risadinha imperceptível tinha calado o bico de Myra em pleno rompante de dor. Ela engoliu um pouco de sua soberba diminuída, sem entender, até que seu Rastreador tocou. Ela o olhou. Viu que tinha falsificado alguns detalhes pessoais. E foi sua vez de soltar uma risadinha.

— Parece que eu também faço seu tipo, inspetor.

Apesar da réplica, ele não a pôs porta afora.

Syd nunca soube se a decisão do juiz havia sido determinada antes mesmo do processo, sob a pressão direta de Igor Vence, ou se o magistrado deixou-se simplesmente enganar pelo carnaval de falsos testemunhos coroados por uma defesa de virtuose a mil dólares o minuto. O depoimento do Júnior no banco dos réus foi o ponto alto do espetáculo. A grande cena do segundo ato, lágrimas, soluços, sustentação de ambiguidades em relação a eventuais violências sexuais. Sem nada afirmar, ele havia sugerido o pior. Júnior recebeu cinco anos com *sursis*. Foi mandado para uma casa de correção particular. Syd não tinha mais atribuições no caso. Ele foi afastado, uma vez que estava dormindo com Myra. Fez questão de comparecer à cremação do professor Rhys-Smith. Assistiu sozinho, tendo como companhia apenas a viúva, as duas meninas e alguma coisa que lembrava uma avó. Ninguém mais fora honrar a memória do pedófilo. Passado um ano e meio, Júnior estava livre.

Syd continuou a dormir com Myra. Casou-se com ela. E ele teve suas noites, passagens cujas lembranças, mesmo hoje, não conseguia de todo renegar, ainda que a visão do conjunto lhe desse

vontade de sair correndo. Foram noites nas quais o rosto de sua mulher materializara-se no ambiente para ficar ainda mais bonito, erguendo-se como uma proa luminosa que afastava para os cantos sua solidão tenaz. Noites em que se surpreendeu colocando para fora todo o horror que ele repetia sem cessar a si mesmo, como se nessas horas fosse capaz de se livrar dele. A Guerra Narcótica e seu hipertexto, a perda de seu pai, as cenas de crimes congeladas em sua própria impotência de mudar fosse o que fosse, a lassidão de obrigar homens e mulheres a viverem no limite de suas forças, tudo isso porque não conseguiam mais “comer sozinhos”, e essa sede que não se sabia muito bem de quê, essa perpétua busca de um objeto desconhecido que o torturava e apavorava, que ele nunca encontrava, no qual tocava levemente quando ela adormecia em seus braços.

E depois a história deles morreu sem que ninguém a matasse, e tudo aquilo que ele amara pertencia a outros tempos, a outros lugares os quais deixara para nunca mais voltar. Myra havia mudado. Ela não fazia mais nada. Renunciara ao mundo. Decidiu ser apenas amor. Ele não lhe pedia muitas coisas, e ela, no entanto, fazia tudo errado. Logo, o amor absorveu todo o resto dentro dela. Ele não tinha mais uma mulher, um indivíduo: somente um corpo que apertava, uma voz que choramingava e dois olhos que o fitavam o tempo todo, aflitos, vazios, permanentes, que se comportavam como duas guimbas de cigarro mal-apagadas.

Ele passou a gostar menos dela. Ela culpou a diminuição do desejo por isso. Detestou o próprio corpo por não ser mais desejável. Decidiu se punir. Parou de comer. Cheirava cada vez mais pó. Bebia. Não dormia mais. Tomava cada vez mais remédios. Ficou burra. Ele a deixou.

Myra Vence, o grande amor de sua vida, uma desocupada, uma idiota, uma drogada.

Eles entregaram suas alianças ao pregador e tudo acabou.

• • •

Syd engoliu duas aspirinas com cortisona e alguns comprimidos de codeína. Se tinha uma coisa que nunca faltava à sua mulher era um armário de remédios mais bem-provido que o de um hospital. Aproximou-se da janela. Estava no quarto de solteira de Myra, com seus pôsteres de Estrelas mortas e seus efebos-bibelôs com longos cílios pintados. A suíte de sua ex dava para a parte de trás do parque e, além de um labirinto de ciprestes e dos roseirais do pai, ficavam as muralhas que definiam a Zona Exterior Oeste, com quilômetros de atiradores de elite e arame farpado. Bem abaixo dele, a festa estava a mil. A abóbada projetava sobre o lago uma ressurreição do meio-dia. Dentro de uma hora ou por volta disso, o almoço estaria terminado e começaria a nevar no jardim. Um bando de homens e mulheres estava lá, sem fazer porra nenhuma, além de se olhar e encher a cara.

Suspirou. A festa estava a mil e, a algumas centenas de metros dali, os habitantes das não zonas que tentavam passar pela fronteira eram abatidos diante de todos.

Suspirou de novo. Gostaria de se mandar imediatamente.

Não dava. Tinha alguém que precisava ver.

Pegou as chaves da moto na mesa de cabeceira e saiu à procura de seu homem.

• • •

Ficou procurando em vão entre os quase quatrocentos convidados que fervilhavam nos oito bares montados à beira do lago e, sem que se desse conta, tudo o que passou a buscar foi encher totalmente a própria cara. As pessoas olhavam para ele e tentavam entender que diabos a garota Vence tinha visto nele. Teve a impressão desagradável de que sua bebedeira possuía algo de performance teatral. Ele desapareceu para retomar sua busca; Kaplan era do tipo que se isolava. Ele cruzou, no caminho, com uma prima de Myra, inquieta porque seu namorado, um bibelô humano caça-dotes, e alguns comparsas tinham partido há uma hora para as não zonas, a

fim de comprar crack dos mortos-bancários, e não tinham voltado ainda.

Três automóveis com a placa do executivo se aproximaram pela aleia principal e Igor Vence entrou em um deles, abandonando, rapidamente, a filha expirada. Syd continuou sua caminhada. Tiros vindos do labirinto provocaram nele um surto repentino de adrenalina, mas viu que eram só Júnior e seus amigos que praticavam tiro ao alvo nas garrafas amarelas de refrigerante alucinógeno, apoiados nos ombros trêmulos dos bibelôs humanos. Seu Rastreador tocou e um boletim especial lhe informou que a estação da Transdivisional Norte tinha acabado de explodir, fazendo cerca de quarenta mortos e o dobro de feridos. A notícia teve o mérito de deixá-lo sóbrio. Enquanto dava voltas perdido no dédalo, acabou cruzando com Carrie Vence, graciosa como um hipopótamo, que lhe disse, entre outras coisas, que seus ossos estavam soldados e que ela nunca mais ia crescer. Ela disse também que era apaixonada por ele desde o primeiro instante, quando, aos nove anos de idade, durante o julgamento do irmão, viu de sua cadeira quando ele destruiu o dossiê e saiu da sala em plena audiência. Aos nove anos, ela já sabia o que era ter uma atitude assim e tinha lido romances demais. Disse também que não esperava nada dele e que, se ele estivesse constrangido, podia se mandar sem dizer nada e lhe indicou a saída. Syd se mandou sem dizer nada e, atrás dele, Carrie Vence gritou, como se rogasse uma praga, que havia muito mais lágrimas derramadas nas preces atendidas do que naquelas que não tinham sido. Ele vasculhou o roseiral e não encontrou nada ali além de solidão entre as flores. Voltou para o lago. Cruzou com Myra de vestido vermelho, que o olhou como se ele não existisse, para se dar conta depois de que não era Myra, mas um clone. Cruzou com Myra num tailleur de *tweed*, para se dar conta depois de que não era Myra, mas a mãe de Myra. Nesse instante seu Rastreador tocou para lhe avisar que havia, a alguns metros dele, alguém que o desejava em segredo, e a ficha descritiva da mãe de Myra apareceu na tela.

Acelerou o passo. Cruzou com três clones de Estrelas que há pelo menos cinquenta anos faziam sucesso, garotas de quinze anos, com os cabelos sedosos como um tecido valioso que, uma de cada vez,

pediram que ele as segurasse enquanto vomitavam sobre um canteiro de amarílis, e Syd se perguntou qual seria a cara que fariam apenas se soubessem a verdade sobre as Estrelas.

As Estrelas estavam velhas, era nisso que estava pensando enquanto se despedia das três garotas nauseadas. As Estrelas estavam velhas e, após um número infinitesimal de reconstruções plásticas, a questão não era mais regenerar suas belezas perdidas, mas sim impedir a descamação de suas peles. As lâmpadas ardiam a noite inteira na Cidade das Estrelas como uma fileira de círios num altar sacrificial, pois todas as porcarias que elas tomaram para manter-se subalimentadas tinham destruído seus cérebros até deixá-las com uma eterna insônia. As Estrelas bebiam. Elas se picavam de alucinógenos para reencontrar em seus espelhos seus próprios espectros. As Estrelas odiavam umas às outras. Toda noite, pobres criaturas enlouquecidas pelo desejo, pobres meninas em adoração assassina eram presas nos portões da Cidade.

Toda noite, tinha pelo menos uma que tentava se matar.

Do outro lado do lago, Syd percebeu a silhueta cansada daquele que procurava.

• • •

— É uma história que ainda não contei a ninguém — disse Syd para Kaplan, enquanto lhe estendia a taça de espumante de ópio que o decano dos Doze fora buscar em troca da promessa de sua atenção.

Kaplan levou a taça aos lábios com uma mão de pergaminho, cujos tremores ele não se preocupava em disfarçar. Houve alguns segundos de silêncio, perturbado apenas muito levemente pelo eco distante da farra. Kaplan bebericava sua dose e Syd prestava atenção aos traços gastos de sua figura, sua magreza de condenado, suas pernas inertes, seus olhos de um azul pálido que os anos a fio de ópio pareciam ter descolorido.

— Eu posso até escutá-lo — disse Kaplan —, mas por que essa sua vontade em me chatear com seus segredos?

— É porque — disse Syd — o epílogo interessa diretamente ao senhor.

Syd, então, contou a história de Liza Legrand e do Dick Cacete. Disse desde o início que se preparasse, pois era uma história escrota, a história de uma pobre garota que se perdeu. Essa garota chamava-se Elizabeth Legrand. Vamos chamá-la de Liza. Syd a conheceu no topo de um arranha-céu dos bairros-telas, na Sub-Tex. O arranha-céu Dionysia. Syd conhecia a região, ele havia morado ali. Oitenta andares de telas com defeito, recuperadas como material de construção. Filmes de publicidade dezoito horas por dia. O resto do tempo, os habitantes podiam usar para o lazer de dormir. Os conjugados foram invadidos por nuvens de insetos que nada conseguia expulsar. O zumbido deles misturava-se ao solilóquio publicitário e, ao cabo de algumas semanas vivendo nos bairros-telas, bastava ter um pensamento que ele era engolido pelo barulho. O pensamento dessa gente não era mais do que barulho. Os aluguéis mais baratos da Cidade, noventa por cento subvencionados pela publicidade.

Foi esse lugar que o outro protagonista dessa história escrota resolveu eleger como moradia. Richard “Dick Cacete” Laget, que chamaremos de Dick, ou Cacete. Para Dick e Liza, como para muitos outros, os infortúnios tinham começado quando nasceram. Cacete era o traficante do pedaço. Ele fabricava sua própria droga, que malhava com extrato de *noz-vômica* por ódio classista de sua clientela: os bostinhas dos bairros-bolhas onde a superfarmácia era proibida. Seu miolo mole fazia também com que ele tivesse um fraco por putas menores, que enchia de porrada em vez de comer. Liza era menor. Ela queimava fumo.

Bastou uma noite para revelar a Liza nos vapores de cristal de metanfetamina todo um mundo sombrio, em que o amor físico e os hematomas se confundiam em um novo júbilo.

Como Syd tinha compreendido mais tarde, Liza sofria os primeiros efeitos de uma esquizofrenia que seus parentes não quiseram tratar. Ela tinha a idade em que os amores não correspondidos são a razão de viver. Um tio ou vizinho ao qual ela havia sido confiada a tinha

estuprado aos sete anos. Era uma pessoa adorável, mas completamente degradingolada.

E ela estava grávida.

Ao final de três meses, desesperada com o mutismo de seu Rastreador, Liza começou a falar na confissão em cortar os pulsos ou se enforcar no ventilador de teto. Na noite da final da Copa das Zonas, por volta das vinte e duas horas, Syd recebera a ordem da missão. Ele tinha chegado ao apartamento da garota: ela havia se mandado. Syd a localizou. Disparou pelos bairros-telas.

No penúltimo andar do arranha-céu, uma porta entreaberta irradiava eflúvios de ácido e um clamor de tiro ao alvo. No conjugado-laboratório, o corpo de Dick Cacete espalhava líquidos variados no carpete. Um Rastreador de luxo enfiado na garganta até o esôfago. Um extintor melado com pedaços de cérebro. Pegadas de sangue até a escada de serviço. Lá embaixo, sirenes a todo o volume e o rangido de pneus freando. A Preventiva-Homicídios, um pouco atabalhoada por causa do jogo. Syd passou o ferrolho na porta pelo lado de dentro. Subiu para a laje.

Liza balançava à beira do abismo. Ele não a viu de imediato, foi preciso procurar por ela no nevoeiro. O facho-tela da Torre Clair-Monde tinha varrido a laje, irradiando a nebulosa com as cores do crepúsculo. Liza virou para ele seu rosto esburacado pela droga. Ele disse que estava ali para não deixá-la morrer. Ela contou sua história. Tinha apagado Dick Cacete sob os efeitos da metanfetamina, que ele próprio lhe havia apresentado. Ela fora até a casa do traficante sem nenhuma intenção de lhe fazer mal. Queria tanto revê-lo. Ele não a reconheceu e a chamou de maluca. Foi então que ficou dividida entre seu instinto possessivo e a sensação de onipotência que o barato da droga lhe dava. Na dúvida, tinha partido o crânio do jovem Dick com golpes de extintor e o fizera engolir o Rastreador que nunca havia lhe enviado o sinal de namoro. E agora ele estava morto, por culpa dela, por isso podiam fazer o que quisessem com ela, ninguém iria machucá-la mais que as brumas à sua volta, nem que a furassem toda com facadas.

Syd olhou para Liza, ela era magra como uma espiral de fumaça e, envolta pelo nevoeiro no topo da Torre Dionysia, teve a impressão

de que formavam uma coisa só. Ela perguntou para onde iam os mortos, Syd respondeu que não sabia ao certo, mas que, sem dúvida, eles dois iriam para o mesmo lugar. Foi então que Liza pulou, no momento em que os agentes da Preventiva-Homicídios irrompiam no telhado para encontrar apenas Syd. E o nevoeiro.

— É de partir o coração — disse Kaplan —, e você é um dissidente cheio de boas intenções babacas. Dito isso, não vejo qual é o meu interesse. Será que você está tentando despertar minha consciência para o perigo das drogas pesadas? Você pertence a alguma associação preventiva?

— Eu disse ao senhor que tinha um epílogo na história — respondeu Syd. — Foi o senhor que pronunciou a palavra consciência. A minha sofreu cruelmente com esse episódio. Liza Legrand não me deu sequer um minuto de alívio depois de seu suicídio. Ela passou a morar em minha mente. Invadiu meus pesadelos e minhas ressacas. Isso foi há três meses, eu estava me separando de Myra. Eu virava a noite, recomecei a beber todas. Quando os bares fechavam, estou falando dos bares frequentados pelo mundo dos vivos, eu vagava sem destino pelas ruas para adiar ao máximo a hora de me estirar ao lado de Myra. Na metade das vezes, meus passos me levavam aos bairros-telas. Então, uma vez, subi de novo naquele telhado onde deixei que Liza Legrand morresse. Passei uma ou duas horas lá, sentado em meio ao nevoeiro sem fazer nada. Só contando quantas vezes o facho Clair-Monde passava. Curiosamente, foi precisamente naquele lugar que consegui recuperar minha tranquilidade. Passou a ser um hábito. Mas foi só na minha terceira ida que percebi as engenhocas presas na ponta das hastes. Eu sempre me perguntava para que serviam essas hastes, apontadas para onde?... Para o céu? Eram grandes e pesados recipientes de metal cromado, que já não eram novos. Com uma grelha. De início, não percebi que eram Capttores.

— Capttores, ora, só faltava essa — disse Kaplan.

— Ah, mas eram, sim — retrucou Syd —, a terceira geração, a última tentativa. Voltando para o hotel, dado que, nesse ínterim, eu havia me instalado num hotel, fuzei um pouco na Rede. Encontrei um site de conteúdo militar que remontava ao mandato de meu

ilustre sogro. Tinha desenhos e até um esquema de funcionamento que me pareceu um pouco enganoso. Eu imprimi tudo isso e voltei ao lugar. Eles batiam totalmente um com o outro.

Kaplan terminou o seu copo. Estava na cara que o sujeito tomava coragem. Quando resolveu falar, foi num tom de voz desalentador, insípido, no qual se percebia um enorme cansaço.

— Nós tínhamos estourado os orçamentos. O dilúvio custou o dobro do que foi anunciado pela imprensa. Nós simplesmente não tínhamos mais os meios para limpar.

— Então, por que toda essa onda na mídia sobre os dispositivos terem sido derrubados? Isso foi divulgado em todos os canais da Cidade. O seu discurso, eu me lembro dele... Foi naquele dia que os Doze foram criados, os seus Doze. Doze homens, doze empresas, doze meses para evitar o apocalipse. Aquele slogan babaca. Iniciativa sua.

Kaplan não respondeu nada. Ele se encolheu e cerrou os punhos. Seu olhar se desviou para a lenta queda dos primeiros flocos de neve. Deu de ombros. Disse:

— Me deixe em paz.

Syd teve vontade de arrancar o enfermo para fora de sua cadeira e enchê-lo de pancada. A tristeza infinita que invadiu seus olhos vítreos o acalmou. Então, ele levantou seu copo e bebeu tudo.

— Minha iniciativa... — murmurou o velho.

Ele apoiou a mão no braço de Syd. Sua expressão esvaziou-se de qualquer inteligência e de qualquer rancor; ele deixou seus olhos sem vida vagarem pela tempestade de neve sobre o lago artificial.

• • •

— Eu vou morrer — disse Myra Vence.

Ele fora à sua procura para se despedir. Sabia que o melhor teria sido se mandar como um ladrão, para escapar desses quinze minutos de fortes emoções. Mas queria fazer a coisa certa até o final. O descer das cortinas. A perfeita harmonia. Sentada na cama,

ela chorava um choro sem lágrimas. Percebeu que, por trás da aparência embriagada, ela estava lúcida. Ficou sóbria com a dor. Foi só sobre a sua dor que ela falou. Ele não conseguiu se lembrar de alguma época remota em que Myra conversasse sobre outros assuntos além do seu amor e da sua dor. Em que Myra fosse algo mais do que amor e dor. Ela lhe disse palavras que ele já ouvira antes. Mais de uma vez lhe foram ditas. Ele nunca as pronunciara. Ele era diferente.

Ela lhe disse que tudo estava sem cor e que não via mais o futuro. Que não sobrara nada, mais nada, que ele lhe tirara tudo. Durante três anos, viveu apenas para esperá-lo, de manhã até a noite, ela deixava as horas escaparem até que ele chegasse com aquilo que trazia consigo. Ele trazia a vida. E agora ele estava indo embora e reavendo seu bem. Ela já não estava respirando mais. Fazia dois meses que tinha cessado de respirar, naquela tarde de setembro quando ele lhe comunicou que havia acabado. Desde então, ela tinha caminhado, bebido, ficado chapada até o coma, errado de um hotel para outro, de um ambiente para outro, e a única coisa que fazia era correr atrás de sua última respiração. Em vão. Agarrou-se a ele. Fez perguntas. Ele se recusou a responder. Ela insistiu, precisava saber. Ele resolveu responder. Na dúvida, ele dizia não. Não, ele não a amava. Não, não voltaria mais. Não, não sobrara nada. Não, nunca a tinha amado... Ela chorou, e se agarrou a ele. Pela última vez resolveu beijá-la. Mal. O descer das cortinas, a perfeita harmonia. Beijou suas lágrimas e sua carne o remeteu à carnificina da véspera. Ele a largou num lívido assombro e conseguiu enfim a certeza de que nada mais havia sobrado.

Seu Rastreador tocou. Levantou-se para ir atendê-lo, numa atitude intencionalmente mal-educada. Era um número que desconhecia. Myra se deitou de costas e passou a mão em seu ventre vazio.

— Syd Paradine? — disse uma voz rouca de mulher que nunca ouvira antes.

Syd confirmou.

— Eu me chamo Blue Smith, você tentou contactar meu irmão na noite passada.

A garota se calou e Syd soube que Shadow estava morto.

Blue Smith contou que, segundo os tiras, seu irmão havia engolido a própria língua, por volta das sete da manhã, num quarto de um Hotel Etapa da Transdivisional Oeste.

— Podemos nos encontrar? — perguntou Syd.

Do outro lado da ligação, Blue Smith hesitou. Ela disse que ligava de novo. E desligou.

Syd ficou alguns segundos parado em frente à janela. Ao longe, os fogos dos acampamentos das não zonas. Atrás dele, Myra Vence estava tão silenciosa que podia jurar que ela não estava mais ali.

• • •

Ele se livrou da lembrança da angústia nos ventos abrasadores da Transdivisional. Sábado à noite: filas intermináveis de latas velhas emplacadas na periferia, levas de uma garotada superexcitada partindo para a grande festa que não existia. A estrada vibrava com a batida dos rádios em sintonia ao longo de quilômetros de engarrafamento, baixos infernais reforçando a melodia dos anúncios. Syd buscou no seu Rastreador a melhor direção e acelerou entre as pistas para se afastar da garota pálida em pálidos lençóis, o número crescente de perdas. Ir para casa. Meter-se na toca. Esvaziar a cabeça. Um banho, pedir serviço de quarto assistindo às notícias e doze horas de sono.

O quarto 191 do Hotel Nokia-Hilton. Sua casa. Iluminado pela tela, Syd atravessou o campo de batalha para alcançar o frigobar. Pela janela entreaberta, chegava até ele o ruído da Texaco Boulevard: tráfego, sirenes e saturnais. Ele se livrou da gravata e do paletó. Pegou uma garrafinha de vodca. Abriu. E a deixou de lado.

Tinha acabado de perceber que o cofre estava aberto.

Uma mensagem piscava na tela. Ele a ignorou. Voou para o cofre.

Totalmente limpo, esvaziado.

Os tesouros de Syd Paradine.

Sua pistola 9mm, propriedade do SPSM, departamento da Preventiva-Suicídios. Duas caixas de munição. Um fichário de couro fino preto, cheio de recortes de jornais, fotos amadoras, pedaços de dossiês roubados, escritos de uma mão bêbada.

Sua viagem de ida para a Câmara.

Suou frio. Tentou se acalmar. Uma automática e um dossiê subversivo: uma pilhagem igualzinha às outras para uma camareira clandestina do Nokia-Hilton. Ele pegou o telefone para falar com a recepção. Desligou. Preferiu antes visualizar sua mensagem.

Letras em caixa-alta sobre um fundo com a logomarca Clair-Monde.

PREZADO SYDNEY PARADINE

O SENHOR DEVE ESTAR SE PERGUNTANDO O QUE LHE RESERVA O FUTURO. SEJA UM DOS PRIMEIROS A SE BENEFICIAR DE NOSSO RECÉM-INAUGURADO SERVIÇO DE PRESCIÊNCIA. ESSA SIMULAÇÃO FOI REALIZADA EM HOLOGRAMA COM BASE EM SEUS DADOS. UM OFERECIMENTO CLAIR-MONDE.

A tela escureceu para logo aparecer uma imagem obscura e com pouco contraste. Um corredor sem janelas, com piso, parede e teto, todos de um negro fosco. O lugar tinha alguma coisa de quartel e de assustador. Seu próprio rosto apareceu em close. Um rosto desprovido de idade e expressão, ao mesmo tempo altivo e sinistro. Seu rosto holográfico. Arrebetado. Um plano geral de seu alter ego revelou que ele hesitava. Três agentes de preto o obrigavam a andar. A visualização passou por ele, indo na sua frente pelos meandros do corredor, com detalhes de seus pés tropeçando no chão. A imagem foi esperar por ele ao final de uma longa linha reta. Ele surgiu lá do fundo, uma silhueta minúscula e embaçada, os três agentes atrás dele. Syd se viu avançar sobre uma última linha reta. Viu seu rosto se alterar com as equimoses. Viu que diminuía o passo. Viu seus pés se pregarem no chão. Viu os agentes o obrigarem a continuar.

Viu o próprio medo.

Não havia outro ângulo de filmagem.

A simulação parou bruscamente e a penumbra do quarto adquiriu matizes azul oceano e laranja radiante. Syd levantou-se, juntou seu Rastreador, seu distintivo, seu barbeador e as chaves de sua moto, enfiou tudo numa bolsa com roupas e se preparou para bater em retirada. Seu Rastreador tocou no momento em que batia a porta do quarto e dava uma olhada nos seus endereços de cirurgiões extirpadores. Ouviu a campainha de um elevador. Jogou seu Rastreador num carrinho de roupa suja. Deu meia-volta na direção da escada de serviço.

5

“Cada vez que olho para o oeste, eu sinto algo de estranho...”

Syd sentiu um leve arrepio quando a lâmina penetrou em seu punho. Não foi por causa da dor, e sim pela surpresa de não sentir nada, ao mesmo tempo em que percebia o vaivém da ponta dentro dele. Era a visão de sua própria pele, estranhamente arregaçada pela ação do bisturi, e de seu sangue nojento na bacia. Era o alívio de saber que a morfina funcionava e a sensação dos próprios efeitos da morfina. Não era nada mais do que o calafrio da droga.

— Até mesmo você poderia fazer isso — disse o cara que fazia a exérese. — Só é preciso evitar a artéria.

Em seguida, ele recomeçou a cantarolar, e as doze palavras que não parava de repetir e que soaram aos ouvidos de Syd como algo real o suficiente para que ele pudesse se agarrar e, logo, logo, apenas essas doze palavras passaram a existir, e, apesar da quantidade impressionante de armas largadas, meio fora de lugar, inutilizando uma imensa banheira de hidromassagem, apesar de uma menor famélica que desmembrava freneticamente seu próprio Holograma no videotitã, da má-fé sibilante do rádio que só falava em atentados, processos do Executivo contra a Vence Energy, a morte súbita de Charles Smith e o deslumbramento recente do populacho pela última Simulação, não obstante o cheiro de desinfetante de privada, o temporal se chocando contra as vidraças, a cocaína desenhando carreiras em todas as superfícies planas, o afogamento de seu implante bancário no sangue que maculava a bacia, apesar de todas essas provas cabais de que estava no presente, Syd partiu, por um instante, para outro lugar, e, por um momento, reencontrou o caminho, e o caminho tomou conta de todos os seus pensamentos. O caminho que afastava todo o resto, que enchia Syd de indiferença por tudo e, no desvio para esse estado limite onde nada mais importava, nada além do caminho e

desses fragmentos de escuridão que precisava ainda atravessar, juntamente com a convicção de que ele o levaria a algum lugar, encontrou a anomalia sem preço de um momento de paz, tudo isso porque o cirurgião cantarolava:

“Cada vez que olho para o oeste, eu sinto algo de estranho...”

Mais tarde, naquela mesma noite, Syd foi acordado pelo choque de uma palmeira contra a vidraça. A fratura no meio do tronco revelava a armação de ferro e as folhas falsas da palmeira quase rompiam o vidro com o impacto. Atrás, o rio de Sucata refletia as luminosidades de uma aurora de halogênio. O cirurgião estava sentado no sofá em frente, sem fazer nada, a não ser espalhar e refazer, espalhar e refazer uma interminável fileira de cocaína com a ajuda de um dez de copas. A garota de calcinha tinha evaporado e a tela transmitia um episódio de Sub-Tex que Syd já tinha visto. Aquele em que o albino brigava com a anã. Eram cinco da manhã. Syd respirou e todo o seu corpo doeu. Especialmente a cabeça e o punho direito. Um curativo cobria a ferida. Impecável, um trabalho mesmo de profissional. Syd perguntou ao extirpador se podia tomar uma ducha.

O banho trouxe pouco alívio. Seu cérebro tocava bateria e seu estômago se contorcia. Ele se examinou no espelho. O talhe na testa cicatrizava mal. Estava com uma barba de três dias e olheiras que pareciam hematomas. Ele se abaixou, bebeu água da torneira e percebeu que estava entrando em crise de abstinência.

O extirpador tinha um arsenal estocado. Syd se contentou em comprar uma 9 mm. Comprou também munição, um colete de Kevlar reforçado com placas de cerâmica e um chip pirata em caso de blitz. O extirpador quis duas mil unidades, e Syd pagou sem pechinchar. Ao sair do hotel, ele tinha sacado tudo o que podia no primeiro terminal. Em seguida, o extirpador quis saber se ele pensava em ficar na Cidade, e Syd perguntou se ele conhecia outras opções. Foi então que o extirpador lhe contou que sua clientela tinha melhorado um bocado ultimamente. Para as mercadorias, sempre tinha levas de drogados em apuros trabalhando de vapor para todo tipo de marginal, e, de tempos em tempos, contava com o bônus de haver disputas armadas entre os bandos. Já em relação às cirurgias,

era outra história. Tinha cada vez mais gente, os assinantes-modelo, os bacanas cheios da grana, que vinham tirar os implantes para, espontaneamente, ter uma morte bancária. Uns caras que queriam garantir a coragem deles privando-se das possibilidades de retirada. A coragem de partir sem volta. Esses caras deixavam a Cidade. Alguns só tinham um quartinho no centro, cheio de porcarias inúteis. Outros abandonavam além disso mulher e filhos. Eles se mandavam. Pegavam o trem na estação Exit e depois continuavam a pé em direção ao oeste. Eram uns sujeitos que desapareciam da noite para o dia, cujas famílias inconsoláveis tiravam proveito de plataformas de TV e, meses depois, eram encontradas pela Brigada Exterior morrendo sem qualquer assistência a quilômetros de suas casas. Eram esses os caras. E tinha cada vez mais deles. O extirpador topava, todo dia, com um ou dois. Ele não perguntava nada e dobrava seu preço. Era ele a última etapa antes da partida definitiva, e esses caras deixavam, muitas vezes, o relógio e o carro para ele. Seus Rastreadores. Suas alianças. Um deles lhe passou até o telefone da mulher pedindo que ele fizesse qualquer coisa por ela. O extirpador se lembrava muito bem daquele cara. Um chefão de uma agência de pertinência. Um playboy de ressaca, cheio de cacoetes, que quase desmaiou quando viu o próprio sangue. E que, para tomar coragem, ficou o tempo todo cantando:

“Cada vez que olho para o oeste, eu sinto algo de estranho...”

• • •

Nos últimos números da Palm Boulevard, o rio de Sucata se alargava tanto, que não era possível enxergar a outra margem. Era ali que as carcaças eram largadas. Onze guindastes laranja, um estacionamento sem fim, um cheiro de gasolina. Fileiras de palmeiras mais verdadeiras do que as naturais e residências de luxo, todas envidraçadas e de um branco fosforescente, davam lugar a uma sucessão de hangares com as fachadas cobertas de fissuras, uma usina de reciclagem e pilhas e mais pilhas de pneus. Nesse

recanto despovoado, a noite era realmente escura e Syd, de pé na margem do rio, observando o monte de restos imóveis, encontrou neles algo que parecia uma imensidão de águas imundas.

Em alguns momentos, a alvorada de halogênio nasceria e aniquilaria a ilusão, ao revelar os retrovisores sem carro, os assentos estripados por suas próprias molas, os vidros de segurança estilhaçados em forma de estrelas, restos espalhados de motores e toneladas de chapas de ferro amassadas.

Em alguns segundos, o amanhecer viria em seu primeiro dia como pária. Ele não tinha mais nada. Nenhum Rastreador, nenhuma existência bancária, nenhuma identidade. Ele não pertencia mais nem aos Vence, nem às forças preventivas. E o SPI estava atrás dele.

Mas Syd não iria deixar a Cidade; ainda havia muitas perguntas sem resposta. Um monte de perguntas cujas respostas só podiam ser encontradas intramuros.

Ele enfiou a mão no bolso do paletó e a fechou apertando o implante. Foi justamente nesse momento que a manhã raiou e Syd viu sua sombra nascer na superfície de ferros-velhos. Tomou um pouco de impulso e arremessou o implante no meio da sucata, o mais longe possível. Uma miríade de pássaros voou do nada e logo se dispersou. Para a administração, Sydney Paradine acabava de morrer ali; para o resto, faltava conferir.

Alguns pássaros voando voltaram pelo lado esquerdo.

• • •

Lá pelas seis e meia, numa rua que subia da margem do rio para o parque, Syd encontrou um bar que aceitava dinheiro. Fazia dois ou três anos que a política de supressão dos fluxos monetários bárbaros, levada a cabo pelo Ministério do Interior, tinha reduzido consideravelmente essa opção para as fugas. Os pagamentos informatizados ofereciam um controle adicional dos assinantes, eram uma verdadeira mina de perfis psicológicos. O dinheiro em espécie circulava de mão em mão e era impossível de controlar. Os

pagamentos informatizados eram puros como transmissão de pensamento. O dinheiro vivo era um poço de micróbios. Os pagamentos informatizados serviam como certificação moral para se conseguirem os créditos, que eram a sustentação dos lares. O dinheiro em espécie parecia ter sido inventado apenas para o favorecimento da prostituição, do jogo, do tráfico de armas e dos cristais de metanfetamina. Em 29, o cash tornara-se proscrito para a aquisição de qualquer bem móvel superior a duas mil unidades, bem como para toda e qualquer habitação, combustível e título de transporte.

Ainda havia, felizmente, algumas putas que faziam ponto fora dos terminais de prostituição e alguns donos de bar que seguiam as putas. Syd entrou, sentou-se num reservado e pediu um cheeseburger e um café duplo com cortisona.

O ambiente era o de um fast-food para insones. A clientela era indistinta. Uma dúzia de caras esquisitos com pinta de bancários, que bebiam a mesma coisa que ele e tocaavam a abertura dos mercados em seus microprocessadores de comando. Uma garota quase bonita, vestindo um impermeável por cima do pijama, com bolsas debaixo dos olhos, que lia o jornal da véspera. Um pinguço que recebia um sermão sobre a temperança de seu microprocessador.

O sanduíche veio gorduroso, a carne esturricada por fora e crua por dentro. Syd espalhou o ketchup e devorou a comida. Engoliu o café alterado e pediu mais um. Em seguida, conectou seu microprocessador à Rede e fez uma busca no noticiário usando Charles Smith como palavra-chave.

As respostas chegaram aos borbotões.

Charles Smith condecorado pelo seu feito na noite do Grande Apagão. Galeria de fotos. Tema: pequena libação classuda entre os VIPS. Shadow: todo arrumado, sorriso falso como a hiperdemocracia, aperto de mão diante da câmara com o Executor Watanabe, seguido de conversa animada com dois dos Doze, Reinhart, o Reinhart dos Pan-hotéis, e Marquez, o barão das drogas-refrigerantes. Shadow no bar, agarrado em seu uísque, surpreendido por um flash. O rosto se contraindo assim que tem a impressão de não estar mais sendo

observado. E sempre a presença do SPI em algum canto. O SPI no segundo plano, olhos cravados em Shadow. Alguns entediados, outros animados. No teto, uma faixa enorme balançava com o ar dos ventiladores:

“PARA CHARLES SMITH, DE UMA CIDADE AGRADECIDA.”

Outra página. Agora as entrevistas. Filmadas ou transcritas. Shadow ao vivo quando saía da Torre Clair-Monde. Durante a coletiva que se seguiu. Soltando o verbo com o júbilo da impunidade. Exibindo seu talento com todas as letras. Syd passou os olhos nos comentários: conversa fiada dos assinantes comentando o feito do salvador. Fãs oferecendo seus corpos ao hacker.

Uma das últimas pessoas a vê-lo com vida.

A garota tinha filmado Shadow escondida num posto de gasolina. A câmera indicava que fora no dia 18 de novembro, pouco antes das vinte horas. Shadow, óculos escuros e roupa militar, enchendo com galões de gasolina o porta-malas de um 4 x 4 preto fabricado pela TVR. A garota o abordou. Ele disfarçou, alegando que o nome Charles Smith não lhe dizia absolutamente nada, e procurou esconder o rosto da câmera. A garota insistiu. Ele virou as costas para ela e subiu no carro mancando. Arrancou e se mandou pela autoestrada. Conclusão da garota: *famoso equivale a babaca*.

Syd continuou. Comunicado oficial de necropsia assinado pelo doutor Meyer, um legista do Necrotério Tridistrital que Syd conhecera nos velhos tempos da Criminal. Um cara sério, com a boca sempre cheia de epitáfios para as pobres garotas trucidadas. Segundo seu relatório, a morte havia ocorrido entre as oito e as onze da manhã do dia 19 de novembro de 31. A *causa mortis* fora um sufocamento causado por um corte altamente hemorrágico na língua. Os exames toxicológicos mostraram-se negativos, o que permite concluir que Shadow se automutilara a sangue-frio, sem usar qualquer analgésico. A voz rouca de Blue Smith veio sussurrar no ouvido de Syd. Seguiam-se as matérias na imprensa. O atentado na estação da Transdivisional Norte tinha roubado a primeira página do suicídio do salvador. Syd foi direto para a segunda página. Shadow foi achado na tarde de 19 de novembro por uma empregada em seu quarto no Hotel Etapa. O corpo jazia em posição fetal sobre o carpete.

Segundo a testemunha, uma mulher de cinquenta e três anos moradora das não zonas em situação irregular, tinha tanto sangue no quarto que ela não acreditou que fosse de um único ser humano, e saiu procurando "os outros" em todos os quartos vazios e nas áreas comuns do hotel. A Criminal do Terceiro Distrito chegou ao local lá pelas dezessete horas.

Syd olhou rapidamente as fotos que ilustravam a matéria. A clandestina da não zona tinha razão: havia sangue demais nas paredes do quarto.

A Preventiva não pôde fazer nada. Charles Smith havia protegido sua saída. As estatísticas mostravam que apenas dois por cento dos assinantes sabotavam seu acompanhamento psicológico. Os fora da lei, os determinados, os insubmissos. Esses mentiam na confissão, disfarçavam, cascateavam, davam o troco. Shadow não tinha ficha no SPSM.

Além do mais, na noite do dia 18, a Grande Central o tinha *perdido*.

A reconstituição dos últimos dois dias do Rastreador de Shadow revelou algo extraordinário. Shadow, como o hacker de respeito que era, tinha colocado a própria Grande Central em xeque. Por intermédio de um misturador de vozes. Mas não um misturador vagabundo utilizado por traficantes e maridos adúlteros. Shadow tinha interrompido toda e qualquer emissão de seu Rastreador numa área móvel de cinco quilômetros quadrados ao redor de sua fuga. Os especialistas estavam agora debruçados sobre a parte do caso relativa ao misturador.

Shadow deixara uma irmã e uma lembrança que todos na hiperdemocracia tinham o dever de respeitar e honrar.

Ele seria enterrado no mesmo dia às dezessete horas no cemitério do antigo aeroporto. Syd tirou o nariz de sua tela e terminou a xícara de café. A bebida esfriara e lhe deixou um amargor a mais. O dia artificial tinha atingido seu ápice e, do lado de fora, as ruas estavam banhadas por aquela luminescência esbranquiçada e irregular, semelhante à iluminação de um estádio.

O bêbado atacava furiosamente o teclado de seu microprocessador, que se recusava a lhe vender mais um copo. Os

bancários haviam desaparecido e os lugares que haviam ocupado tinham apenas as ondulações de luz crepuscular Clair-Monde. Syd foi tomado de melancolia. Precisava esperar oito horas antes da próxima etapa e não tinha nenhum lugar aonde ir.

Pelo menos tinha muitas coisas para distrair sua mente.

Na noite do incêndio do Innocence, ocorrera um tipo de nebulosidade eletrônica semelhante à que envolvera a fuga de Shadow. Durante duas ou três horas, incluindo a hora estimada do crime, num perímetro de um ou dois quilômetros quadrados em torno do local do crime, todos os Rastreadores tinham ficado sem sinal. Uma novidade desde que a investigação por Rastreador tinha excluído os outros métodos e, também, um impasse em sua primeira investigação como inspetor. Por fim, a obstrução do SPI lhe permitiu se safar.

Dez anos tinham se passado e a morte de Shadow, com seu quinhão de imprecisões, acabava agora de presenteá-lo com aquilo que havia esperado todos aqueles anos.

Um *modus operandi*.

• • •

— Você não existe.

Syd esperava um táxi na estação do Parque Central, duzentos metros à frente do bar, quando o bêbado apareceu para ativar a paranoia que até aquele instante o tinha deixado em paz. O ébrio segurava seu Rastreador, enquanto o brandia como se fosse uma prova cabal do que dizia.

— De fato, você não existe.

Syd não respondeu e deu uma olhada no fluxo de veículos que vinham à esquerda. Uma manifestação pelos direitos dos cachorros vinha na direção deles.

— Me dá isso aqui — disse para o bêbado.

Ele pegou o Rastreador do inconveniente e fez uma busca por um táxi. Localizou um que descia na paralela e devolveu o Rastreador a

seu proprietário.

— Você tem razão — disse —, é inegável que eu não existo.

Saiu correndo na direção da rua Sete e alcançou o táxi na esquina. Ofereceu o dobro da corrida em dinheiro vivo. O táxi deu meia-volta para retornar à Park Avenue. Eles se viram encurralados atrás de um veículo da Preventiva-Rodoviária. Logo na frente, o bêbado puxava desesperadamente as portas do carro, que se recusavam a abrir.

— ... Segundo nossas informações, o senhor consumiu um litro e oito decilitros de álcool — dizia o automóvel —, não temos condições de permitir seu acesso ao volante. Estimamos em trinta e seis horas o tempo necessário para que volte a estar sóbrio. Reabriremos nossas portas amanhã à noite, às vinte e duas horas em ponto. Obrigado por ter escolhido Volkswagen, o parceiro oficial da Preventiva-Rodoviária.

O táxi fez um desvio e passou pelo carro. Syd se esticou em seu assento. Pelo retrovisor, viu os dois agentes que embarcavam o bêbado, e ao fundo crescia a massa dos manifestantes. Cartazes com a figura do melhor amigo do homem, bandeirinhas e palavras de ordem, cujos direitos eram mais citados do que os dos próprios homens.

• • •

No shopping center do Brinks Boulevard, não havia nada que pudesse deixá-lo alarmado. É claro que a ausência de seu sinal o traía como morto-bancário para qualquer um que passasse por ele, mas as pessoas simplesmente o olhavam como se ele não existisse e seguiam seu caminho. Depois, pensou Syd, o SPI, com esse segundo atentado que acabou de varrer do mapa um imenso centro de lazer dentro de uma bolha numa zona periférica, deveria ter mais o que fazer. A informação fora transmitida de novo às 12h14 em todas as telas do Centro e foi aconselhado aos assinantes que evitassem, de

agora em diante, locais que reunissem muitos consumidores, como os transportes públicos e as torres autônomas.

Syd fez suas compras com a relativa calma que seu pânico havia deixado em seu rastro. Na I&N, onde fez suas aquisições, comprou um boné do SPI e um par de óculos Reflex para disfarçar seu rosto; umas garotas filiformes experimentavam vestidos de festa em promoção, usando suas máscaras antigas que lhes davam um ar de escafandristas.

Ele foi até o espaço da Clair-Monde para, preenchendo uma declaração falsa de perda, receber um novo Rastreador e, ao sair, foi assediado por chamadas publicitárias que tentavam lhe impingir um Martíni Light, cuecas de eletrodos e uma semana de férias no centro de lazer que acabara de explodir; nada disso o fez rir, mas lhe informava que, para a administração, dali em diante seu nome era Darren Schuller e tinha um problema de obesidade. Antes de ir embora, deu uma paradinha na Starbucks para se dar um café gelado com seus pontos I&N. Quatro videotitãs passavam flashes em repetição sem som, e Syd deixou-se hipnotizar pela tragédia silenciosa. Uma vista aérea do centro de lazer pouco antes da explosão, imagens amadoras tomadas de um helicóptero. A esfera, a respiração regular dos geradores, luz quente e fria para, em seguida, a repentina subida das chamas no interior, a superfície da bolha rachando antes de explodir, colunas de fumaça negra invadindo a tela. A legenda "ao vivo" apareceu. O incêndio, controlado em alguns pontos. Uma montanha-russa arrasada. Barracas de batata frita de cabeça para baixo. Um carrinho bate-bate estacionado nos galhos de um carvalho salvo por milagre. E, em todo lugar, rodamoinhos de areia subindo em espirais por entre os escombros e os feridos. Syd lembrou-se, então, de que um pouco antes da guerra fora passear com uma garota da faculdade de Direito. O centro de lazer ainda estava em construção e apenas a parte arborizada da bolha e a rampa de skate estavam abertas ao público. Naquele dia, estavam enchendo o lugar de areia e Syd se lembrava dos reboques despejando montanhas de areia na construção, mas havia se esquecido do rosto e do nome da garota, só lembrava que ela lhe perguntara de onde vinha a areia e ele não soubera responder.

Agora a areia tinha recuperado sua liberdade e impedia a corrida enlouquecida das equipes de socorro, enquanto flagelava os rostos das vítimas horrorizadas pela explosão. O terreno às vezes aparecia nu, deixando entrever as línguas de asfalto numeradas e o número 3 incrustou-se desagradavelmente no olho de Syd. Um picadeiro parcialmente encoberto. Os helicópteros de socorro levantando rajadas de areia. Rostos se perguntando por quê.

Assim, enquanto uma parte dele estava, desde a manhã, ocupada em compor os múltiplos cenários possíveis para a morte de Shadow, ao mesmo tempo outra parte passava em revista as ligações possíveis entre o incêndio do Innocence e suas chances de escapar, e de repente tudo isso lhe pareceu bastante insignificante diante da evidência de que a Cidade ia explodir.

• • •

Despertar no terminal F.

Uma voz no seu sono, primeira chamada para a cremação Mortensen. Syd abriu os olhos e reconheceu o terminal a sua volta. Uma família de luto o olhava de maneira esquisita.

Os assinantes eram numerosos na sala de embarque F-326, todos à espera do ônibus que os levaria às pistas de inumação. É preciso dizer que entre o Apagão e os dois atentados, nos últimos dias tinha havido uma grande elevação na mortalidade e, como lhe explicara a mocinha da recepção, o cemitério estava "superlotado".

Syd endireitou-se em sua cadeira. Uma grande quantidade de olhos vermelhos estava concentrada nele, mostrando certa desaprovação, quando ele se lembrou de que, na camiseta que comprou de manhã na I&N, estava escrito: "OS MORTOS-BANCÁRIOS NÃO TÊM ALMA."

Os alto-falantes transmitiram uma segunda e última chamada. Syd lembrava-se do nome, era o das 16h50. Previsto para logo antes da inumação Smith, que acontecia às 17h01. Deu uma olhada nas telas de informação. A inumação de 17h01 estava no horário. Aproximou-

se da enorme janela envidraçada que se projetava sobre as pistas e encontrou na simetria das aleias do cemitério, na tranquilidade de mármore e na presença furta-cor das coroas de flores uma paz que era quase atraente. Ao longe, a torre de controle readaptada para funcionar como columbário cortava o horizonte cinza e Syd compreendeu que sua vontade não era de descansar, mas de partir.

Havia terminado o tempo em que a gente ia ao aeroporto Louis-Clair para embarcar tendo por destino regiões desconhecidas. A extinção do sol e a interdição dos litorais começaram por reduzir consideravelmente as opções de viagem, então seguiu-se um encadeamento de desastres durante os voos interdistritais, considerados pouco perigosos, e a ameaça terrorista das não zonas, e tudo isso alimentou uma paranoia, que resultou no fechamento, no ano de 04, da zona aérea aos civis.

Foi a oportunidade para Reinhart ser agalado como o último dos Doze. Sua concepção de "relocalização panorâmica" fora uma verdadeira virada para o mercado incipiente de hotelaria nas bolhas. Reconstituição detalhada de paisagens e maravilhas perdidas, hospedagem multigâmica, microclimas, iluminação de vanguarda, os Pan-Hotéis tinham a pretensão de reconstruir *na esquina o outro lado do mundo*. Em poucos anos, Reinhart havia ingressado no círculo extremamente fechado dos bilionários pós-crash. Kaplan resumira a tarefa dos Doze de maneira bastante modesta durante a reunião de cúpula Energia do Desespero, no ano de 05: cabia às empresas selecionadas dissimular as privações que a grande Extinção causara à felicidade humana. A aprovação de Reinhart havia sido absoluta. Tornara-se um bom décimo segundo.

Para Syd, que passara sua lua de mel na suíte preparada para recém-casados de um palácio em Nova Éfeso, nada disso valia uma boa aterrissagem sobrevoando uma capital desconhecida. Ele suspirou: isso nunca mais seria possível. Seu olhar desviou-se para os confins deserdados da pista: os terminais A e B não haviam sido reabilitados e, ali, durante a noite, ocorria todo tipo de farrá. Reunião de seitas de todo tipo de religião, invasão de habitantes das não zonas e de indivíduos sem-teto, receptação, estupros coletivos e

as mais variadas atividades relacionadas com a velha e boa temática da violação de sepulturas.

Os alto-falantes anunciaram a primeira chamada para a inumação Smith: "Apenas a família, repetimos, apenas a família." Então a multidão se afastou e abriu passagem para uma mulher que só podia ser Blue Smith. Ela era precedida de dois agentes do SPI, mais dois a ladeavam e, fechando o cortejo, outros dois a seguiam. Blue Smith caminhava num passo firme. Um vestido preto e um casaco preto. Uma exibição extremamente elegante. Sua caminhada até a porta foi, o tempo todo, uma longa luta de cotoveladas e de expressões transtornadas que acabaram por conseguir afastar até uma distância respeitosa sua guarda demasiadamente próxima. Syd tentou ver o rosto que enormes óculos escuros protegiam dos olhares. Queixo obstinado, nariz aquilino, testa saliente. Seus traços, tomados isoladamente, contradiziam os cânones, mas o todo se ordenava com uma simetria que parecia miraculosa. Syd prestou atenção, tentando desvendar o mistério dos óculos escuros. Blue Smith passou por ele e ele se limitou a admirar sua bunda. Ela chegou até a porta e se virou. Estava procurando alguém. Ela o viu e seus traços miraculosos não deixaram transparecer qualquer reação. Ela deu as costas para ele e apressou o embarque dos agentes para a inumação. Os alto-falantes anunciaram que o acesso às pistas se daria em alguns instantes, por meio de um duplo controle de identidade do Rastreador. Syd bateu em retirada.

Na lanchonete do terminal F, a testa apoiada contra o vidro, prestou a seu antigo camarada de carnificina uma discreta homenagem. Lá longe, no horizonte do campo de lápides, silhuetas minúsculas escutavam, cabisbaixas, a oração puramente formal e de tom indiferente, enquanto quatro homens carregavam o caixão contra o vento. O barulho das turbinas de avião martelou a cabeça de Syd e este o deixou partir, ele, seu anjo mau, aquele que o iniciou, não sem sentir um pouco de inveja, da mesma forma como invejava qualquer um que tivesse uma passagem de ida.

• • •

Syd seguia os carros do SPI dirigindo o carro fúnebre que havia descolado. Ele tinha esperado em frente ao terminal, a vinte metros de distância dos três veículos de serviço, estacionados como de hábito, nos melhores lugares reservados para deficientes. As portas giratórias acabaram por livrar Blue Smith de sua escolta. Ela tentava, reduzindo o passo o quanto podia, esquadrihar tudo a sua volta num ângulo de trezentos e sessenta graus.

Procurava por ele.

Um agente a esbofeteara. Contra sua vontade, ele a obrigou a entrar num dos Mahindra. Syd tinha anotado a placa, contado até dez e dado a partida. Havia seguido os carros sem dificuldade durante vinte minutos. O antigo aeroporto ficava bastante afastado do centro e o SPI estava simplesmente voltando para o coração da Cidade. Na entrada da Ford Avenue, o calor sufocante resultou numa chuva torrencial que começou a lavar as ruas da Sub-Tex. Eram dezenove horas e os operários se espremiavam nas portas dos bares. Syd viu os três carros reduzirem a velocidade e freou.

Blue Smith desceu do carro, bateu a porta, mostrou um dedo médio bastante rijo para os agentes e se enfiou sozinha no primeiro bar.

Os três veículos permaneceram mal-estacionados nos dois lados da rua. Syd se aproximou da calçada e refletiu. Um grupo de operários passou por ele. Enterrou o boné na cabeça cobrindo os olhos, escapuliu do carro fúnebre debaixo da chuva copiosa e entrou no bar, se misturando à multidão.

• • •

— Achei que você não viesse mais — disse Blue Smith.

Por um segundo, ficaram se olhando em silêncio. Blue Smith ainda usava os óculos, seu vestido estava um pouco rasgado e mostrava a pele de suas coxas, mas a curiosidade de Syd teve de se satisfazer em outra parte. Debaixo da luz fria do banheiro, a garota parecia marcada de uma forma impressionante. Um emaranhado de

cicatrizes como teias de aranha estriava seu rosto, descendo pelo pescoço até o decote de seu vestido, ponto em que desaparecia. Cicatrizes cingiam seus punhos e cobriam as costas de suas mãos até o metacarpo. Syd teve uma visão de Blue Smith sem roupa, o corpo inteiro coberto daquelas marcas de guerra. Gostou da visão. Uma descarga soou em algum lugar.

— A gente não tem muito tempo — disse a visão —, eles são estúpidos, mas não idiotas.

— Eles querem exatamente o quê?

— Ah — disse Blue Smith —, eles mesmos não sabem. Eles não têm conhecimento do que eu sei. Mas, tendo em vista os hábitos dessa gente e sua profissão extraordinária, imagino que possam me trucidar a qualquer momento. Porém, não agora, uma vez que, como a irmã do heroico Charles Smith, me encontro sob a proteção oficial deles. Seria um pouco demais. Eles também estão na sua cola. Fui interrogada a seu respeito.

— O que você disse a eles?

— Que eu não o conhecia.

— Mas você me conhece?

— Ah — respondeu Blue Smith —, vi você sendo coberto de porrada há dez anos e parecia que gostava. Mas não se trata nem de mim, nem de suas babaquices de garoto. Trata-se de meu irmão. Meu irmão tinha as mesmas veleidades de suicida que tem uma pedra. Eles o assassinaram, é isso o que eu acho.

— Você poderia me dizer alguma coisa um pouco mais precisa?

— Essa não é realmente a hora — disse ela. — Vá por volta de meia-noite à avenida Absolut, número 77. É o bar em que trabalho. Quero logo lhe avisar, eu danço num aquário para excitar os banqueiros.

— Eu sei como é — interrompeu Syd. — E você tira também os óculos nesse seu aquário? — acrescentou num tom que beirava a rispidez, só para testá-la.

Blue Smith sentiu o golpe, cada traço de seu rosto endureceu. Ela avançou o queixo e o gesto brusco que fez para tirar os óculos parecia de início o de uma bofetada. Blue Smith tinha os olhos de um cego, de um azul Clair-Monde, frio e luminoso como o aço. Da

menina que acompanhara Shadow em sua última luta de neoboxe, aqueles olhos eram tudo o que sobrara, mas o que surpreendeu Syd não foi essa súbita lembrança, nem as olheiras que circundavam os olhos de Blue Smith. O que ele sentiu foi um choque diferente, de um gênero inapropriado.

— Isso não é nada — disse ela. — Acredite ou não, já passei por outras. Até a noite, Syd Paradine.

Em seguida, ela foi embora, deixando-o sozinho.

Só, ele tentava se recuperar do jeito que podia do breve afogamento dentro do aço.

TERCEIRA PARTE

AZUL COMO AÇO

6

Segue o que Syd apurou sobre o incêndio do Innocence.

Na madrugada do dia 9 para o dia 10 de março de 20, um problema de transmissão ocorreu por volta de meia-noite e quarenta pelas bandas de Canon District. De um momento para outro, a Grande Central ficou sem condições de captar um sinal sequer numa área de aproximadamente dois quilômetros quadrados que ia do início da Canon Avenue até depois do Warner Boulevard.

Na ausência de um procedimento-padrão, as coisas foram deixadas como estavam, e eles se deram apenas o trabalho de mandar um sos para a Brigada Eletrônica, que só iniciaria o expediente às sete e meia da manhã.

Devia ser quase uma hora quando um sujeito que podia ter tanto vinte como quarenta anos, com aproximadamente um metro e noventa de altura, trajando jeans e blusão, o rosto escondido por um boné preto, segurando em cada uma das mãos uma bolsa de viagem de tamanho médio, fora visto por uma adolescente insone que devaneava na janela, ao subir a Canon Avenue.

Essa fora a única testemunha ocular que puderam encontrar. Exceto por uma Starbucks, um orfanato e o Bar Innocence, Canon District só abrigava, basicamente, prédios comerciais.

Esse cara, vamos chamá-lo de x, levava em suas bolsas, entre outras coisas, um tripé, munição e meia dúzia de garrafas de vidro que estavam, sem dúvida, cheias de álcool antes de terem sido esvaziadas para serem preenchidas com uma mistura de gasolina, ácido sulfúrico e detergente líquido.

Voltemos ao Bar Innocence. O lugar tinha duas entradas. Uma dava para o lado par da Canon Avenue, na altura do número 50. A outra abria para a Canon Square. Uma pracinha circular minúscula enfiada entre um jardim público sob a bolha e as fachadas de um prédio de esquina, em que se localizavam os escritórios

administrativos de uma fábrica de torneiras. Passava um pouco de uma da manhã quando x conseguiu penetrar na sede da empresa Rei das Torneiras, no número 2 da Canon Square. Ele conseguiu entrar sem arrombamento. O alarme permanecera mudo. As câmeras de segurança só filmaram linhas retas sobre um fundo colorido. O sistema não havia sido danificado, mas cuidadosamente desativado. x sabia os códigos de segurança.

Isso fez pesar graves suspeitas sobre os empregados do número 2. Longas horas de interrogatório que não deram em nada, exceto pela confissão de um cara do Recursos Humanos que só contratava em troca de um boquete.

Como foi revelado, entre outras evidências materiais, duas dezenas de cápsulas de bala e marcas de pegadas (de tênis comum), x se posicionou na janela, no lugar de uma impressora do terceiro andar, e ficou esperando sua hora.

Albert Rattner fora o primeiro a morrer.

Albert Rattner tinha trinta e nove anos. Era dono de uma fábrica de produtos de informática e morava no Vale da Bolha. Ele era infeliz no casamento e, por causa disso, tornara-se frequentador dos bares, sendo um *habitué* do Innocence.

O ponto de táxi ficava mais afastado, no Warner Boulevard. Era para lá que, sem sombra de dúvida, se dirigia Albert Rattner.

Na altura do número 54, Albert Rattner foi baleado no joelho e em seguida no peito. O terceiro tiro rasgou sua face direita. Ele já estava morto quando uma quarta bala fez sua braguilha explodir.

Rip Edwards caiu morto, segurando seu Rastreador, sobre o próprio corpo de Rattner, que ele acabara de descobrir. Tinha digitado o número da polícia; perda de tempo: não havia sinal. Ele só teve tempo para fazer uma única chamada.

A seguinte foi impedida pelas três balas que levou na cabeça.

x continuou sua vigília até as três da madrugada, hora em que o bar fechava. Outros quatro sujeitos foram mortos, um de cada vez. Todos tinham entre trinta e cinco e cinquenta anos e pertenciam a classes socioeconômicas privilegiadas. Todos eram malcasados ou divorciados. Todos estavam saindo do Innocence.

Lá pelas quatro da manhã, quando Syd chegou ao local — ao término de uma longa noite de plantão, que já havia tido suas atrações com um duelo de armas brancas entre mendigos e os ataques em série de um pastor alemão que comeu anfetamina, lá pelas bandas de Alphabet — Canon District estava entulhado de presuntos por todos os lados. Um rasto sanguinolento que levava ao Bar Innocence, incendiado até seus alicerces. O perímetro fora submergido por uma fumaça acre que nada parecia ser capaz de dissipar.

Só haviam sido encontrados seis fósforos para os seis coquetéis Molotov lançados por x. A mão de x fora de uma firmeza a toda a prova. O Innocence tinha queimado instantaneamente. O líquido incendiário tinha se impregnado nas cortinas, condenando as janelas. Uma dezena de homens tentara escapar pela entrada principal. x os tinha queimado a bala. O fogo recrudescera ao atingir os estoques de álcool. Quando chegou às instalações elétricas, o estabelecimento explodiu.

Um total de vinte e sete pessoas encontrou a morte naquela noite.

Mas, apesar das pressões do SPI, Syd tinha relutado um pouco em classificar a ocorrência como acidente. Era, porém, isso que estava evidente, como preto no branco, diante de seus olhos. A investigação fora concluída em 6 de abril de 20, data na qual Syd, com os dois braços perfurados com soros nutritivos, ainda vegetava no Hospital Central. O caso denominado “o incêndio do Innocence” ocorrera devido a um acidente provocado por um curto-circuito na rede elétrica. Em nenhum lugar havia menção aos seis caras assassinados antes do incêndio. Estes encontraram sua posteridade nos anais criminais sob a designação de “tiroteio em Canon District”. Um caso em separado, arquivado como não resolvido. Conclusão das investigações: homicídio múltiplo cometido por um ou mais elementos desconhecidos. Quando o SPI decretava que dois e dois era igual a cinco, dois e dois era igual a cinco e ponto final. Syd suspirou e hesitou antes de passar a uma outra instância. Para ter acesso à Logicriminal, era preciso que ele digitasse sua senha eliminando a possibilidade de ser imediatamente localizado pelo SPI.

Dizia-se que o SPI podia estar em qualquer lugar da Cidade em sete minutos.

Era agora ou nunca o momento de verificar a informação.

Ele levantara a cara da sua tela para uma averiguação rápida do local. O Café Electronique ficava numa antiga igreja. Os fios subiam pelos chassis dos antigos vitrais, que, por sua vez, pareciam apagados em contraste com a brutal iluminação amarela que tombava dos néons dependurados na abóbada. O carpete cinza começava a descolar em diferentes lugares, permitindo o ressurgimento das lajotas milenares. A nave abrigava fileiras de computadores. Um silêncio profundo reinava ali, perturbado unicamente pelas animações do Jogo, gozações de baixo nível ou gritos de agonia, além das três notas baixas, corrosivas e curtas que faziam pairar sobre dezenas de jogadores de olhos opacos, algo semelhante a uma melodiosa ameaça de morte. Os jogadores comiam barras de proteína e bebiam café com cortisona. Um cheiro de merda pairava entre as fileiras de telas superaquecidas, já que os adeptos do Jogo se recusavam a abandoná-lo, por um instante que fosse, e a maioria deles usava fraldas. A igreja tinha três saídas: um pesado portão de ferro batido dando para a Vigésima Segunda rua, o lado esquerdo da nave, que dava para o estacionamento, e o direito, para o Texaco Boulevard.

Bastaria um mínimo alarme para que Syd escapulisse pelo bulevar.

Ele se deu conta de que estava sendo observado, do outro lado da nave, pela recepcionista, uma ruiva gostosa com os olhos operados e que estava o tempo todo ao telefone. Os dois compartilharam um momento de cumplicidade entre indivíduos ainda capazes de lidar com o real neste lugar em que o Jogo parecia transbordar das telas para molhar levemente o mundo com sua baba. Syd fez um aceno gentil com a cabeça: foi ela quem aceitou o pagamento em espécie para os seus trinta minutos de conexão. Na tela, a homepage da Logicriminal esperava.

Ele digitou a senha do SPSM e, em seguida, a senha do departamento de Suicídio. Por último, seu próprio código de acesso.

Olhou para o relógio na parede sobre o pórtico: 20h03. Ele se deu até 20h10 e, quando seu olhar cruzou mais uma vez com o da ruiva,

viu-a desligar bruscamente o telefone e desviar os olhos.

Passou por um momento de dúvida e começou a observar a garota. Uma página se abriu na tela e isso fez com que desviasse a atenção. Tinham lhe dado acesso.

A Logicriminal era um instrumento de pesquisa inteligente que tinha como base de dados a íntegra dos Arquivos Criminais, todas as zonas misturadas sem limite no tempo, que eram completadas com acesso irrestrito à Grande Central. Ela havia sido concebida no ano de 08, tendo como função prioritária a identificação das séries, mas não tardou para que seu uso fosse estendido e se tornasse um enorme balaio de gatos, administrado por uma Inteligência Artificial muito mais eficaz do que qualquer comando de polícia: impressões digitais, identificação de DNA, *modus operandi*, placas de carro, relatórios de balística, perfil das vítimas, lista de suspeitos, antecedentes, folhas de ocorrência, testemunhos, mapas de localização etc. A Logicriminal era alimentada com relatórios de campo, autópsias, últimas confissões, ramificações relacionadas, gráficos de itinerários, e, se ela não desse um nome, daria o lugar onde encontrá-lo. A Logicriminal era capaz de refazer a trajetória de uma arma desde que saiu da fábrica até o momento em que foi usada contra sua mulher e seus filhos. Tratava-se de um instrumento extraordinário, mas, se por um lado, repetia a ladainha da bala e da couraça e era capaz de pegar uma grande quantidade de criminosos comuns, por outro, os mais contumazes pareciam ter-se adaptado a ela.

Syd não precisava da Logicriminal para saber que seu homem era dotado de uma inteligência superior.

Ele selecionou a pesquisa por *modus operandi* e digitou "pane Rastreadores perímetro crime". Em seguida, escreveu "incêndio do Innocence" na entrada de referência. Um ícone de sobrecarga apareceu. O servidor estava tendo muitos acessos. Era para ele tentar de novo em alguns instantes. Verificou a hora. 20h05. Tentou de novo. Servidor sobrecarregado.

Na recepção, o telefone tocava.

A ruiva estava sentada em frente ao telefone que tocava sem dar o menor sinal de que iria atender, sem dar o menor sinal de que

olhava para ele. O aparelho parou de tocar, para logo recomeçar com uma insistência que provocou uma onda de fúria nas fileiras de jogadores. A ruiva olhava em sua direção e baixou os olhos diante do olhar dele. Syd reconheceu em seu rosto uma expressão que conhecia de cor. A de culpa.

Ele deixou cair a xícara de café e o líquido escorreu para debaixo de um pedaço de carpete descolado. Ao se abaixar para pegá-la, viu alguma coisa na antiga lajota. Uma inscrição. Com o pé, afastou o pedaço de carpete.

Era um número 4, que fora desenhado com tinta preta ao longo de toda a pedra. Seu olhar foi da ruiva para a inscrição no piso e desta para a saída do Texaco Boulevard. Estava encharcado de suor. Batia no teclado. Retornou à página anterior. Solicitou que fosse informado, por mensagem de texto, sobre seu Rastreador de serviço. Agarrou sua bolsa e andou com passos rápidos em direção à saída. Ao escutar o portão que se abria pesadamente do outro lado da nave, acelerou. Por trás de um vitral, ele viu o reflexo minúsculo dos agentes de preto postados diante da ruiva, que apontava a sua fuga para eles. Começou a correr. Escutou as balas pipocarem atrás de si, abriu a porta e, quando atingiu o lado de fora, no Texaco Boulevard, continuou correndo.

Continuou a correr até que o deslocamento de ar da explosão fez com que rolasse no chão.

• • •

Syd tinha se levantado e corrido de um só fôlego até o início do Texaco Boulevard. Ele conseguira se sair bem dessa. Algumas belas escoriações e uma dor aguda nos tímpanos. Deu uma parada no Take Away que ficava na esquina com a Dezenove. O jantar milagroso: hambúrguer, batata frita gordurosa e refrigerante ansiolítico. A estação Sub-Texaco estava fechada para obras. Eram mais dez minutos de caminhada até o Microsoft District, passando por umas vinte viaturas de polícia, que, com sirenes e luzes

estroboscópicas, iam para a igreja destruída. A bordo do Transdivisional aéreo quase vazio, ia a cento e vinte por hora por entre os prédios. Seu estômago, a cada curva de mais de trinta graus, parecia que ia colocar tudo para fora. Eram dez horas da noite no relógio da Torre Clair-Monde. Cedo demais para Blue Smith e seu aquário. Os meandros da Central, ignorando os vagabundos e os drogados. Foi no banheiro que percebeu o sangue nas mãos. Tinha limpado seus ferimentos com os meios de que dispunha. Desceu no meio do nada. Caminhou até a Pandemonia e ali, debaixo dos arcos, no retorno de uma avenida larga e deserta cujo nome ignorava, onde de tempos em tempos um carro passava em disparada fazendo voar a brita do terraplano em obras, encontrou aquilo que procurava.

Um Confessionário.

A lei Civ-Tel de 86 tornara a confissão um dever cívico ao qual, sob pena de contravenção, todos os assinantes tinham de se dedicar onze minutos por dia. Eram sessenta e duas unidades de multa telepagáveis em três dias. Syd sabia muito bem disso. Ele nunca se confessava. Na casa dele, as multas Civ-Tel somavam uma senhora receita. Mas os assinantes gostavam da confissão, ficando até mesmo viciados.

Na frente das dez cabines telefônicas ocupadas, uns vinte espécimes com o Rastreador fora do ar esperavam em pé. Não fora a chantagem da multa que os levara até ali, todos os que estavam naquele local deixaram seus quartos climatizados e aparelhados com uma tela, alguns contando até com uma companhia, para se espremer, numa noite abafada de domingo, debaixo de uma garoa suja. Acima do Confessionário, um anúncio em letras cor de laranja garrafais tinha como fundo a imagem de um céu que desaparecera. A iluminação, que vinha de trás, transformava numa espécie de oásis a calçada, que, sob a sombra compacta de Pandemonia, tinha outra utilidade.

CLAIR-MONDE: VOCÊ NÃO ESTÁ SÓ

Tomado por todo tipo de sensações, Syd esperou que uma das cabines ficasse livre. Seu tempo de sono nos últimos dois dias deveria somar seis horas e ele teria trocado com prazer cinco anos de vida por um banho frio. Das cabines mais próximas, ouvia-se um coro de queixumes, um clamor choramingante que o deixava constrangido. Sobre todos os Confessionários Públicos espalhados pela Cidade planava uma aura de hospital. Ele começou a olhar em detalhe os ocupantes que estavam diante de si. Um sujeito excessivamente maquiado, a coluna encurvada e aquelas pálpebras cerradas da consciência pesada, sussurrava. A loura à direita tamborilava na lateral do telefone com suas unhas, que, compridas e enrijecidas com esmalte vermelho-sangue, eram verdadeiras garras. Corpo benfeito. Insegura. Impregnada de medicamentos. Fazendo um solilóquio sobre sua anorexia. Seus impostos. Seu namoradinho que morreu de overdose. A criança póstuma que nasceu débil mental: castigo imanente aos abortos de sua bela juventude. A mãe que morria com parasita no sangue, uma história macabra dos Labos.

Syd recuou para não ouvir. O homem com cara de mau liberou sua cabine e, ao cruzar com Syd, lhe lançou um olhar penetrante como uma lâmina.

Syd tinha duas novas mensagens.

Myra Vence: quatro minutos e alguns segundos de silêncio. De tempos em tempos, dava para ouvir seu choro. Ele percebeu que ela afastava o microfone e ouviu quando se calou.

O segundo recado tinha sido deixado por Phidas, dos Assuntos Internos. A investigação sobre o caso Legrand havia sido encerrada. Syd fora suspenso. Ele tinha de restituir sua arma e o distintivo. A mãe de Liza estava processando o SPSM. Syd corria o risco de ir em cana por assassinato em segundo grau. Phidas achou por bem terminar o recado com ruídos que pareciam interferências eletrônicas.

Isso era tudo. Nenhuma mensagem da Logicriminal. Nem mesmo represálias do SPI, nada de Shadow. De agora em diante, não haveria mais nada de Shadow. Na cabine à esquerda, a loura tinha

surtado. Ela implorava que um canto da cabine telefônica lhe desse um mundo melhor.

Syd disse a si mesmo que chegara a hora de se mandar. Ao dar meia-volta, viu que o homem de quem havia tomado a cabine ainda continuava lá, a alguns metros de distância, olhando fixamente para ele.

Syd começou a caminhada na direção da Absolut Avenue, aquela merda de bairro que nunca dormia. Depois de três quarteirões, reparou que estava sendo seguido. Reconheceu o cara do Confessionário no reflexo do retrovisor de um carro estacionado, fez de conta que não havia percebido nada e continuou sua caminhada sem diminuir a velocidade. Na primeira esquina, virou à esquerda e ficou colado ao muro. Alguns segundos depois, ouviu os passos e a respiração ofegante do outro. Ele o segurou pelos ombros e lhe acertou uma joelhada na boca do estômago. O outro desabou na calçada. Syd fez a pergunta de praxe. Perguntou o que ele queria. A resposta veio em gemidos. Um carro se aproximava em alta velocidade. Syd achou que era um veículo do SPI. Ele segurou o sujeito pelo colarinho. Repetiu a pergunta. O carro passou por eles. Um Chrysler cupê cinza.

Puto da vida, ele levantou o cara que o havia seguido e o encarou. Não tinha nada de tira, informante ou ex-presidiário. A maquiagem exagerava seus traços reconstruídos de garotão. Pulôver de caxemira leve, relógio com diamantes, sapatos de verniz. As mãos e as pupilas tremiam ligeiramente. Syd percebeu os bons vinte anos a mais que traíam seu olhar obscurecido pela experiência. Pensou: pederastia, cocaína, show business. Repetiu num tom ainda mais baixo:

— O que você quer comigo?

A bicha cuspiu um pouco de saliva avermelhada.

A bicha disse:

— Eu gostaria de lhe vender alguns filmes que fiz.

• • •

Tevere o levou até um desses lugares badalados, frequentados por drogados chiques da Absolut, a avenida onde a noite nunca acabava. Syd tinha ainda uma ou duas horas antes de seu encontro com Blue Smith e precisava desesperadamente de um ou dez copos. Como Tevere tinha especificado que gostava de garotos menores, Syd não teve pudores em usá-lo. A sala era minúscula, mas tinha um pé-direito bastante alto. As pessoas se desfaziam em meio às fumaças adocicadas. Bebia-se em excesso como justificativa para as etapas seguintes. Elas se fotografavam para forjar o momento. Syd reconheceu uma ou duas Estrelas em fuga, alguns conhecidos de Myra e, como vedete, o manco do Sub-Tex cercado por seus quatro guarda-costas e uma corte de garotas de beleza diáfana, atônitas, uma superexposição de clichês. A popularidade do herói do Sub-Tex dava muita dor de cabeça à imprensa. Na semana passada, três garotos da Microsoft Avenue tinham dado um tiro no calcanhar direito para se parecerem com o manco.

Havia uns bibelôs humanos a título de decoração. Composições de corpos pálidos e retesados em poses de êxtase. Uma mesa de debutantes se dedicava à heroína social.

Syd virou sua vodca. Que merda estava fazendo ali? A voz de Tevere vinha de muito longe. Syd sentia-se aprisionado dentro de si; a necessidade de dormir, o eco da explosão que ainda se desfazia no interior de seus tímpanos, a ardência crescente de seu primeiro copo.

Tevere tagarelava. Deu a entender que havia fugido de sua própria festa. Ele não tolerava mais as pessoas. Pelo menos, aquelas que conhecia. Produzia programas de tv. O sucesso da ficção holográfica tinha sido uma grande sacanagem para seus negócios. O excesso de oferta havia vencido. O Sub-Tex controlava os reality shows. Tevere queria acabar com o Sub-Tex. Não existia negócio melhor do que encontrar um bando de inválidos que se espancavam e trepavam adoidado.

Syd bebia. Fazia que sim. Estava pensando em sua nova condição, na reorganização recente de sua vida em que a morte tinha tomado o lugar de honra e o despojava de seu tédio. Mais uma dose e

concluiu que dava para funcionar, prestando, em seguida, atenção a Tevere e sua tv conceitual.

Uma pesquisa, duas temporadas, vinte e quatro episódios semanais, que terminariam por desencavar algo de um gênero diferente.

— Que gênero? — perguntou Syd por gentileza.

— Do tipo Messias — replicou Tevere. — A busca do novo Messias — acrescentou ele — ou do novo profeta, ou alguma coisa do tipo. O que você acha dessa ideia?

— Absolutamente nada — respondeu Syd. — E você, já está fazendo o *casting* dos pesquisadores?

— Não — disse Tevere —, estou selecionando o Messias.

Syd olhou para ele da mesma maneira como olharia para um copo vazio.

Tevere tinha batido com o seu copo em cima do bar e dito, como a contragosto:

— Não pense que nessa cidade não tem homens, andando pelas ruas, que poderiam estar muito bem-pendurados numa cruz.

Syd lhe agradeceu. Ele não estava interessado, mas um elogio era um elogio. Tevere tentou argumentar. Como último recurso, tinha evocado o público. Mostrou a pequena multidão ao redor, alguns representantes dessa humanidade que não tinham do que se queixar. Perguntou a Syd o que ele via nos olhos deles. Syd nem se virou. Ele conhecia a noite; pertencia a ela. Conhecia a noite e as suas constelações de pequenas luzes doentes, esses olhos bacentos, vazios, em que sempre vira alguma coisa como uma espera, a espera vital, iluminada de autodestruição, por alguma coisa que não existia.

• • •

Não ia ficar ali para sempre. Tevere lhe deu seu cartão, caso ele mudasse de ideia ou precisasse de ajuda. Tevere percebeu sua cicatriz no punho, seus olhares furtivos para a saída de emergência.

O cara tinha reconhecido que estava velho, confessara sua solidão, suas boas intenções atrasadas. Syd disse que talvez ligasse. Ele apressou o passo na direção da saída. O ar abrasador, carregado de promessas insustentáveis, da Absolut Avenue o tinha reanimado. Caminhou por dez quarteirões, até chegar ao número 77.

O leão de chácara não foi com a cara dele. Syd disse que tinha ido ali para ver uma das garotas. O segurança perguntou:

— Que garota?

Syd respondeu que tinha ido ali para ver Blue Smith. O segurança riu da cara dele: todo mundo ia lá para ver Blue Smith. O sujeito o olhou de cima a baixo e perguntou se ele não era o ex-boxeador. Syd respondeu que sim. O segurança mediu com desprezo seus setenta e dois quilos e balançou a cabeça. Syd lhe perguntou:

— Você sabe o que é um *has been*?

O leão de chácara o deixou entrar.

O número 77 era um desses points noturnos cuja concepção tinha por objetivo não permitir que ninguém saísse intacto. Da escada, Syd sentiu o coração ser tomado pela trilha sonora, uma pulsação ácida, precipitada, que evocava espasmos. A luz negra o ofuscou, ela roubava a claridade da claridade para que renascesse na superfície da sombra. Respirou fundo: o ar do ambiente estava saturado de partículas em suspensão, coca e anfetaminas sopradas pelo ar-condicionado. Ele sequer procurou controlar a excitação perversa que sentia crescer dentro dele. Sabia que isso era apenas um hábito.

No número 77, o cliente precisava estar ligado para curtir sem restrições o poder de vida ou de morte que tinha sobre as garotas. Syd afundou ainda mais o boné sobre os olhos e atravessou o salão, se dirigindo para o fundo, onde, debaixo de projetores azulados, apareciam as primeiras fileiras de aquários irradiantes. Alguns olheiros, metidos em máscaras antigas, supervisionavam o bom desenvolvimento dos shows de striptease. Syd lera no *Correio das Cidades* que uma garota havia morrido ali no mês passado. A investigação policial estabelecera que aquilo que teria sido pura e simplesmente um homicídio por afogamento foi, na verdade, uma parada cardíaca. A maioria das garotas do 77 beiravam a overdose

para aguentar o pique no trabalho. Eram analfabetas, muitas vindas dos Labos, sem família ou qualquer qualificação. Pobres meninas cujo grande objetivo na vida era escapar da prostituição. Fazer *water-strip* era, sem sombra de dúvida, menos cansativo e humilhante que ficar dando na rua. A grana era suficientemente boa para dispensar o cliente no final da noite. Era um mal menor para essas garotas que só tinham o próprio corpo para vender e nenhuma outra perspectiva a não ser adiar uma morte bancária, que, cedo ou tarde, iria acontecer.

Ele reconheceu Blue Smith, ela estava no quarto aquário à direita. Seu corpo maravilhoso, seus cabelos compridos desenhando a água, seus olhos minerais. A água subia rápido. Blue se mantinha na ponta dos pés, com o corpo empinado ao máximo, a cabeça jogada para trás, mantendo o nariz e a boca acima da superfície.

Syd calculou três minutos para que a cápsula ficasse totalmente cheia. Então veria o quanto ela aguentava em apneia.

Eram várias as versões do *water-strip*.

A alimentação das cápsulas era regida pelos microprocessadores das comandas. Cada mesa dispunha de um aparelho e, para os solitários, dispositivos portáteis estavam disponíveis no bar. Eles possuíam duas funções: encher e esvaziar. Era o cliente quem escolhia a garota e a função. Pagar para ver. Ou pagar para testar. Não era difícil acreditar no júbilo que sentiam em ter, na ponta dos dedos, um terminal bancário capaz de deixar um ser humano à beira do afogamento. A prática do direito de recompensa fácil, bastando para isso gastar mais algumas unidades. A maioria dos clientes fazia durar o prazer. No momento, a atenção estava concentrada nos dois aquários do fundo à direita, em que o desenho animado de piratas manetas, sinetas e o piscar de luzes avisavam que estavam cheios. Dentro deles, as garotas se debatiam, arrotando suas últimas bolhas de ar. Syd podia perceber que a número 7 tinha equimoses arroxeadas nos quadris, e a pele fina colada nas costelas parecia que era sugada para o interior do corpo. Seus olhos exorbitantes atrás do vidro.

O frenesi dos néons e das campainhas aumentava. O aquário se esvaziou de uma vez só. Aplausos. Champanhe para a garota do 7.

A garota ficou prostrada por alguns segundos, cuspidando uma baba de água avermelhada. Mesmo tratamento para a outra. Champanhe para a 9.

Agora era a vez de Blue Smith ficar no sufoco.

Blue Smith: no coração de uma strip-batalha.

Num ambiente de torcida, ou até mesmo de execução em praça pública, o afogamento de Blue Smith estava sendo disputado por quatro mesas e dois solitários. Eram banqueiros doidões que, numa discussão exaltada, trocavam insultos de banqueiros, sem conseguirem se livrar do inimitável linguajar adquirido, outrora, na faculdade de administração. Blue Smith, o corpo já supliciado, a expressão ausente no afogamento, parecia permitir com um desprezo imperceptível que se tornasse o álibi dessa luta abstrata que precisava, para acabar, apenas de um punhado de duchas coletivas.

Estava imóvel sem respirar. Prisioneiro das águas fluorescentes, seu corpo parecia azulado. Fechou os olhos. Qualquer coisa era melhor que a asfixia involuntária causada cada vez que inalava, e Syd contemplava essa moça que se deixava escorregar com indiferença para o coma. Ele levou algum tempo para perceber que a situação crítica de Blue Smith não poderia mais ser imputada à perversão de seus admiradores.

Os banqueiros se esgrimavam com seus microprocessadores. A atitude babaca deles, enquanto bancavam os escrotos, tinha sido substituída por um ar de preocupação e pena.

O sistema de alimentação havia enguiçado. Os seguranças começaram a ficar nervosos. Uma vaga discussão começou entre os brutamontes que não sabiam o que fazer e os pobres babacas bonzinhos.

Blue estava se afogando. Seu olhar parecia acusá-lo.

Ele pensou bem rápido: SPI. Partiu para cima da cápsula, empurrando o pequeno grupo para fora do caminho. Sacou sua 9mm e deu quatro tiros à queima-roupa.

A multidão se dispersou aos gritos, enquanto o aquário urinava lentamente seu conteúdo pelos quatro buracos redondinhos na espessura do vidro blindado antes de explodir.

• • •

Com ar de quem jogava conversa fora falando sobre se ia ou não chover, Blue Smith perguntou:

— Você acha que foram eles que tentaram me afogar?

Syd não respondeu. Ele pensava.

Os dois estavam em um desses bares-restaurantes banhados por luz fria que ficavam abertos vinte e quatro horas por dia e de cujo interior emanava um cheiro que era uma mistura de gordura, café alterado e biritá vagabunda. Num reservado ao lado da saída, Syd estava sentado de forma a ter a entrada em sua linha de mira. Sua pistola, recarregada, descansava no colo. Na frente dele, os cabelos pingando, tremendo de frio debaixo do ventilador, estava Blue Smith. Ele havia sugerido que ela esquecesse seu Rastreador no camarim. Ela enfiou as roupas correndo. Ele desviara o olhar. Tinham entrado no primeiro porto. Bebiam um gim daqueles, de deixar doido.

Era um primeiro encontro como os de antigamente.

— Sei lá. A que horas eles largaram você e sob quais condições?

— Lá pelas dez da noite. Um deles recebeu um telefonema que durou alguns segundos. Ele desligou. Fez um gesto e soltou três monossílabos. Eles se mandaram todos juntos. E eu não fiz qualquer esforço para que eles ficassem.

— Onde é que vocês estavam?

— Na minha casa.

— Onde você mora?

— No Sub-Tex. Torre Appolinia. Nos bairros-telas.

— Ford Avenue? Com uma loja da *Delivery* no térreo?

— Isso mesmo. Apesar de frequentar os bacanas, você conhece direitinho a ralé.

Syd achou que não valia a pena responder.

— O que eles estavam fazendo na sua casa?

— Revistaram tudo.

— O que eles estavam procurando?

Blue Smith hesitou.

— Eu não sei — ela disse.

— Parece que você está mentindo.

Blue Smith levantou as sobrancelhas.

— Você não confia em mim? — perguntou.

— Por que confiaria?

— Porque estamos na mesma merda.

— Isso não é razão — disse Syd —, e não, não confio em você.

— Pois deveria.

— Por quê? — perguntou.

— Deveria, só isso.

Syd percebeu, de repente, que não sabia nada a respeito dela.

Ela falou:

— Eu e meu irmão nos encontramos na véspera da morte dele. Sexta-feira de manhã, o dia seguinte ao Apagão. Achei que enlouqueceria se continuasse em casa vendo os noticiários e saí para dar uma volta. Não tinha muita gente, fora os bombeiros que desobstruíam as ruas, retirando carros e cadáveres. Estava nas margens do rio de Sucata quando dei de cara com Charles. Ele estava a minha espera.

— Você deu de cara com ele?

— Foi. Eu tinha brigado com ele. Fazia oito anos que a gente não se via.

— Por quê?

— Ele fez umas coisas de que não gostei.

— Que tipo de coisa?

— Não é da sua conta.

— É da minha conta.

— Não quero falar sobre isso.

— Vamos deixar isso para mais tarde — disse Syd. — Continua. Como ele conseguiu encontrá-la se vocês não tinham mais nada a ver um com o outro?

— Eu não sei. Ele me encontrou, só isso. Ele foi me encontrar para que eu fosse embora com ele.

— Para onde?

— Eu não entendi direito.

— O que ele lhe disse?

— Disse que me levaria para um lugar onde a escuridão não existia.

— É uma frase bastante bonita.

— Foi isso que eu respondi e ele disse que não era dele.

— A gente está divagando — disse Syd. — O que mais ele falou?

— Mais nada. Ele queria que eu partisse com ele. Estava muito agitado. Quer dizer, para os outros parecia completamente calmo, aquela calma exasperadora de Charles, mas, por trás dessa calma aparente, era a revolução. Ele estava paranoico, ficava olhando tudo. Sobressaltava-se e, sobretudo, estava com o rosto todo deformado. Tinha levado porrada igual a você nos tempos áureos. Andava com uma muleta e ainda por cima... Bem, não sei dizer ao certo, havia alguma coisa nos olhos dele... Uma luz apavorante. Parecia que ele havia recebido uma graça divina. E que não podia suportar essa visão.

— Por que você não foi com ele?

— Por causa de todas essas coisas que não quero dizer.

— Continua.

— Ele não se suicidou. Acredite em mim, eu seria a última pessoa a ter ilusões sobre meu irmão. Ele era doido varrido, posso garantir, mas não desse tipo. E, além do mais, queria ir embora. A gente não estoura os miolos no meio de uma viagem. Para isso, a gente espera chegar ao destino.

— Ele não tinha ficha na Preventiva-Suicídios.

— Como você sabe?

— Há apenas algumas horas, era eu quem a dirigia quatro dias por semana.

— Isso além de ser casado com uma débil mental? Sua vida devia ser realmente um barato.

— Antes de seu caso ir parar no SPI, você foi interrogada pela Criminal?

— Fui.

— Você mentiu?

— Muito mais do que para você.

— O que aconteceu com seus pais?

— Você está gozando com a minha cara?

— Você realmente acha que estou?

— Onde você estava em abril de 20?

Abril de 20. Hospital da Central, pavimento de reabilitação, nem consciência, nem porra nenhuma, sequer a faculdade de sonhar um pouco. Quatro meses perdidos de sua vida e, enquanto isso, o SPI abafava o caso do Innocence por razões ainda desconhecidas.

Ele respondeu:

— Em coma, e acho que você está sendo bastante grosseira.

— Meus pais foram assassinados, Syd Paradine. No dia 1º de abril de 20, como uma brincadeira de mau gosto. Durante semanas, os jornais falaram apenas sobre isso.

— Quantos anos você tinha?

— Deixa pra lá.

— Me diz uma coisa, você quer saber por que seu irmão morreu?

Desta vez, Blue Smith não hesitou nem um segundo antes de responder:

— Não.

— O que você quer, então?

— Eu preciso de alguém para me proteger, e não existe mais ninguém para isso. Sobrou para você.

— Syd olhou fixamente o fundo de seu copo. Sobre a mesa, as marcas nas mãos de Blue Smith, uma ao lado da outra, pareciam tão vivas debaixo da luz fria, que davam a impressão de que, de um momento para outro, se abririam. Não, não sabia nada a respeito dela: órfã, machucada, mentirosa, e talvez não quisesse saber mais nada.

Ele balançou a cabeça.

— Eu só tenho as merdas em que me meto para compartilhar — disse ele —, e não tenho a menor vontade de oferecê-las.

— Nesse momento, a única coisa que eu lhe peço é que me acompanhe até minha casa.

O estacionamento da Absolut Avenue.

Sinistro, como só os estacionamentos são capazes de ser. Os carros de luxo da clientela: deslumbrantes em meio ao asfalto e às

poças de óleo. O carro de Blue Smith, um Mustang vermelho e branco, esportivo. Na verdade, era um carro de homem.

Blue flagrou o olhar de Syd sobre o seu carro:

— Qual é a sua, Paradine? Você gosta que lhe paguem bebidas, já eu prefiro que me ofereçam carros.

Ela titubeou, tirou seu bipe e destrancou o carro. Os faróis se acenderam. Syd se virou para examinar o estacionamento. Tinha alguma coisa errada.

Mas não encontrou nada que justificasse seu mal-estar.

Blue Smith sentou-se ao volante. Syd entrou.

— Além do mais — ela disse, parando sua chave a dois centímetros da ignição —, foram ou não foram os três anos de casado com aquela piranha que lhe ensinaram esse mau hábito de as garotas pagarem sua bebida?

Lembrança. Blue Smith pagando as bebidas com seu implante de crédito. Seis gins e dois cafés. O microprocessador do caixa pregando a moderação. Aquela Voz moralizante fez com que batessem em retirada. Não escutaram a mensagem até o fim, mas Syd, de tanto ouvir, já conhecia bem o final.

A mensagem lhe avisava que você não estava em condições de dirigir.

Os módulos de Inteligência Artificial nos veículos eram programados pela Preventiva-Rodoviária.

Para a Inteligência Artificial dos veículos, não era o bastante dar um sermão.

Ela trancava as portas e mandava você curar o porre; por vinte e quatro horas, deixava-o longe de tudo que se parecesse com um volante.

A Inteligência Artificial do carro não deveria ter permitido que as portas fossem destrancadas.

Blue Smith enfiou a chave no contato.

Syd abriu a porta, agarrou Blue Smith pelo braço e a arrancou para fora do carro. Eles rolaram no chão, enquanto dava para ouvir um ruído típico dos carros com armadilhas ligadas à ignição. Syd levantou a garota e eles correram, ao mesmo tempo em que o Mustang explodia atrás deles, na direção da saída. Syd escutou o

choque de pedaços do carro contra a parede. Línguas de fogo cresceram, lambendo seus rastros.

O estacionamento dava para os fundos das torres Pandemonia. Eles não haviam andado sequer dois metros ao ar livre quando começou a chover chumbo por todos os lados.

Syd largou a garota, protegida por um 4 x 4 que devia conter uns cem litros de gasolina. Os tiros vinham da calçada das torres que ficava a trinta metros dali. Uma aleia coberta em U, envolta por chafarizes iluminados. Com pátios e arcadas. Havia dois atiradores ali. Pequenos calibres com silenciador.

Syd tirou o paletó, abriu seu colete de Kevlar e o deu, se autocongratulando pelo súbito cavalheirismo, para Blue. Fez um sinal para que ela o seguisse e rastejaram atrás da linha de carros estacionados.

Os atiradores continuavam a disparar contra o 4 x 4.

Syd sacou a sua 9 mm e sua câmera fotográfica. Posicionado atrás de um jipe, ele foi se arrastando ao longo do capô dianteiro e usou o zoom na direção das torres para localizar os atiradores. A objetiva mostrou uma sucessão de arcadas vazias. Em seguida, um movimento chamou sua atenção: a queda de um cartucho na base de uma arcada.

Syd destravou sua arma e logo foi tomado por um pensamento. "Eles" não sabiam que ele estava armado. Continuou sua busca e, graças a uma breve interrupção do jato d'água do chafariz, localizou o segundo atirador. Este estava tentando se aproximar. Uniforme preto, automática de pequeno porte, cara de filho da puta. SPI.

O agente estava descoberto. Tinha chegado aos chafarizes. Syd considerou que não perderia nada em esperar e voltou sua atenção para os arcos. O outro tinha acabado de sair de sua toca e estava apontando a arma num ângulo de cento e oitenta graus. Os agentes de preto não tinham sido treinados para isso.

Syd apontou e atirou. Viu a automática quicar no chão. Viu o agente cair. Menos um, pensou, mas uma bala passou de raspão no seu ombro.

Ele se jogou de volta para trás do carro e cerrou os dentes. Na frente dele, o buraco redondinho num muro de tijolos parecia

censurá-lo por alguma coisa. Pensou que, se a bala fizesse um buraco na sua cabeça, certamente o faria se sentir um pouco estranho. Virou-se na direção de Blue. Ela estava agachada junto a um pneu e batia os dentes. Uma nova rajada, seguida de um vazio.

“Ele” estava recarregando. Syd fez seus cálculos, levantou-se num impulso e apontou sua arma na direção dos chafarizes. Disparou suas duas últimas balas quase à queima-roupa e, só depois, ficou surpreso com o quão próximo deles havia conseguido chegar o agente.

Em seguida, ele o viu. O homem caído, atingido na barriga e do lado direito, tremendo, o suor e o sofrimento terminando por arrasar seu rosto já lívido. Syd recuou.

Sentiu um frio intenso queimar seu estômago.

O cheiro de pólvora e sangue ardia em sua garganta e em seus olhos.

Sentiu-se vivo, ainda que da maneira mais escrota possível.

7

Eles fugiram pelo labirinto de Pandemonia, no sentido oposto ao som das sirenes que ressoavam em algum lugar nas profundezas do Absolut District. Elas vinham urrando num crescendo atrás deles. Syd agarrou a mão de Blue e a ajudou a correr mais rápido. Eles ziguezaguearam por entre as bolhas de vegetação, o chafariz murmurante e os saguões das portarias que derramavam uma luz fria ao longo da corrida deles indicando o alcance das câmeras de vigilância, que deviam ser evitadas. Torre F a seiscentos metros. Tevere morava ali. Tevere, seu endereço oportuno, suas veleidades de buscar a salvação.

O perímetro estaria cercado dentro de dez minutos. Syd se permitiu cerca de meia hora para se livrar do delator bancário. Uma estimativa razoável para o tempo de reação do SPI. Para ele, a perspectiva era de uma verdadeira façanha: descolar uma lâmina e um analgésico, extrair, sem deixar a garota sangrar demais, um implante de dois milímetros quadrados — tudo isso à beira do *delirium tremens*, sem ajuda e com um ombro a menos e algumas doses a mais.

Na base da Torre F, um alegre quarteto fazia hora diante do interfone. Os dois homens tinham uma idade impossível de determinar pela aparência: ternos sob medida, cabelos grisalhos parecendo tingidos e máscaras de papelão colorido com a imagem de Louis Clair. Acompanhavam-nos dois clones de Anna Volmann, com espartilho e peruca, cara de vinte e dois anos e, nas mãos, flores de cemitério. Ao redor do pescoço, pingentes cheios de pó, com a ponta cortada para facilitar a cheiração, atravessavam a espessura do cristal. Uma das marquesas taradas perguntou a Syd e Blue de que estavam fantasiados.

— De bandidos — respondera Blue.

As marquesas adoraram.

• • •

O elevador dava diretamente para a varanda do apartamento em que o facho de luz da Torre Clair-Monde, localizada quase ao lado, iluminava em ondas os rostos mascarados ou destruídos pelo excesso de perfeição daquela horda de velhos sem-vergonha que se entupiam de álcool e heroína legal. O apartamento: octogonal, todo envidraçado, situado na cobertura. Piscina ao ar livre, com vista para as torres e o tráfego aéreo. No salão de couro branco, a exploração da vida e dos vivos. No centro do cômodo, um aviário com pombos voando em rodamosinhos. Em toda parte, bibelôs humanos. Bibelôs humanos, sendo que o mais velho deveria ter treze anos, pintados de branco e dourado, sobre pedestais de obsidiana. Vinte, talvez trinta deles: uma fortuna. Os bibelôs humanos custavam os olhos da cara, para não mencionar as licenças e taxas. Blue largou a mão dele e disse que precisava de uma bebida. Syd lhe disse que havia coisas mais urgentes. Os pássaros grasnaram. Syd, Blue e todos os Louis Clair de papelão e todas as marquesas de porre, além de Tevere em pleno discurso sobre a arte humana, todos levantaram os olhos para o aviário e perceberam que as aves tinham sido acometidas de demência. Elas brigavam entre si para se lançar e relançar contra as paredes, onde se destroçavam. Tevere tirou de seu bolso um controle remoto e pressionou uma tecla. Um som agudíssimo fez tremer as paredes de vidro sujas de sangue e fingiu-se uma aparência de calma. Tevere então caiu na gargalhada e perguntou quem havia dado cristal de metanfetamina para as aves.

• • •

Syd o puxou para o terraço. Um helicóptero sobrevoou, criando um verdadeiro furacão e encrespando as águas fluorescentes da piscina.

Syd gritou por cima do esporro dos rotores: ele pediu asilo. Pediu uma lâmina e morfina. Quarenta andares abaixo, as vielas de Pandemonia formigavam de policiais que esquadriavam o local.

• • •

Ele tinha arrancado seu curativo e examinado a cicatriz: um pequeno quadrado bem-definido, situado no delta entre duas veias. Tinha dado três comprimidos de ópio legal à garota. Dentro do camarim dos bibelôs, no andar de baixo, eles não seriam incomodados. Essa sala tinha sido feita aproveitando-se o espaço inútil do reservatório da piscina. Esta pesava acima da cabeça deles e toda a sala irradiava um azul líquido. Colunas de metal e grandes lajes de mármore que exsudavam ligeiramente. Várias araras em que estavam penduradas roupas de criança. Pequenas mochilas e tênis de boneca estavam espalhados pelo chão. Um chuveiro no canto. Havia uma fileira de penteadeiras de néon ao longo da parede dos fundos e elas estavam abarrotadas com latas de tinta e outras coisas das crianças. Barras de chocolate pela metade, ansiolíticos júnior, consoles de jogos, Rastreadores cobertos de adesivos. Syd abriu espaço, acomodou a garota numa cadeira e aumentou a luz. Nesse espaço sufocante cheirando a xampu de bebê, ele se preparava para debutar como cirurgião, utilizando utensílios de cozinha guardados numa sacola da Starbucks. Respirou fundo, segurou o braço da menina e fez a incisão.

— Ei — disse Blue —, ainda não fez efeito...

Syd intensificou a pressão sobre a lâmina. Num tom mais de afirmação que de pergunta, Syd declarou:

— Está pensando que eu sou otário.

— Já sei — disse Blue Smith, um tom mais baixo —, você era daqueles garotos que se divertiam esfolando cães e gatos em cima de uma pedra lisa.

— Tive de lidar com *eles*, conheço os hábitos deles. Eles me intimidaram, me encheram de porrada, mas nunca tentaram me eliminar de uma maneira tão franca.

— Está com ciúmes? — perguntou Blue com uma voz de heroína.

Syd sentiu o implante oferecer uma súbita resistência à lâmina.

— Já o encontrei. Agora, me diz o que eu faço. Deixo você aí, viajando no ópio, com suas mentiras, com seu implante traidor e sua

cabeça a prêmio? Ou vou extraí-lo, jogá-lo fora e você me dirá a verdade?

Blue cerrou os dentes e não respondeu nada. Syd enfiou a faca e girou a lâmina. Um fio de sangue escorreu sobre a laje. Syd sentiu uma inesperada excitação queimar seu ventre. A garota lançou um olhar em que o desprezo havia substituído a dor. Ele enfrentou esse olhar. Aumentou a pressão sobre a lâmina, antes de refazer o percurso de alguns milímetros de uma cicatriz. Os tecidos lívidos se reabriam sozinhos, sem que fosse preciso tocá-los.

— Eu vou falar a verdade — disse Blue Smith. — Não para me livrar dessas suas atitudes patéticas, mas porque não quero que você continue a forçar a barra até o imperdoável. Não quero acabar desprezando você.

Sua respiração ficou curta, suas pupilas reduzidas a nada. Ela tremia.

— Meu irmão não voltou com as mãos vazias de sua incursão à Grande Central. Ele trouxe uma coisa. Trouxe um livro.

Ela parou. Sua testa estava coberta de suor. Syd pensou que ela já havia tido sua cota. Ficou envergonhado. Ele fez saltar o implante, que caiu no chão. Apanhou-o. Fuçou a sacola da Starbucks e tirou lá de dentro uma garrafa de álcool a noventa graus, ataduras e algodão. Desinfetou a ferida e fez cuidadosamente o curativo enquanto Blue Smith continuava sua confissão.

— Naquela manhã, quando nos encontramos, ele estava com esse livro. Ele o deu para mim e me pediu para guardá-lo. Voltei para casa e toquei fogo nele. Na pia da cozinha. Levou a porra de uma hora e meia para queimar.

— Por que você fez isso?

— Para afastar o perigo.

— Foi por ter ficado quinze minutos com esse livro que o SPI quer você morta?

— Não. É porque eles acham que eu o li.

• • •

Havia receptores nas telas de publicidade.

Havia receptores também nas janelas e nos distribuidores de bebida. Nos táxis. Nos banheiros públicos. Tinha um em cada ponto de foda do bairro-tolerância. Os distribuidores de remédios. As cabines telefônicas. Os torniquetes do subterrâneo, os frigobares dos quartos de hotel. As bombas de gasolina, os pedágios e os distribuidores de preservativos.

Em todo lugar onde podiam enquadrá-los, havia um. Onde quer que houvesse uma possibilidade de compra, você deixava um rastro de sua visita, especialmente se não comprasse, porque era precisamente nesse caso que se fazia necessária uma intervenção.

Cada terminal bancário era um instrumento de controle em potencial. Isso não era espionagem nem voyeurismo. Não era sequer uma medida de segurança, nem mesmo numa proporção muito reduzida. Era um serviço.

— E a gente não pede muito — dizia Syd a si mesmo, enquanto andava colado à parede oposta à fileira de telas de publicidade ao longo da passarela coberta do quadragésimo quarto andar. O implante dedo-duro de Blue Smith repousava no fundo de seu bolso. O relógio avançava.

Pandemonia: vinte e quatro torres interligadas por esteiras rolantes, um longo deslizar a bordo de um trem fantasma que, em vez de bichos-papões, trazia spots publicitários personalizados. Syd corria ao longo da parede neutra, escondido pela máscara de Louis Clair que tinha pegado de um dos parceiros de negócio de Tevere. Ele estava indo para a Torre M, para a estação mais próxima do Transdistrital aéreo. Ele tinha a intenção de se livrar do implante no primeiro trem. Torre L, dois homens e duas mulheres de penhoar estavam ocupados em se autoproporcionar uma orgia de carne e pizza, regada a conhaque. Dizia-se que Pandemonia nunca dormia. Syd tinha atravessado sucessivamente uma *pool party*, uma aula de aeróbica, a emergência clínica das torres em que se tratavam quase só overdoses e micoses, um *snack-bar*, um shopping center onde mulheres de camisola compravam sapatos. Pandemonia: a menos de dez minutos de seu apartamento, você encontrará, na altura ou na largura desejadas, tudo. Os mais caros aluguéis no centro. Para viver

numa das torres, era preciso ser apadrinhado por um residente, passar numa seleção e num teste psicológico. Pandemonia era uma fábrica de sacanagem. As paredes exsudavam afrodisíacos e drogas euforizantes. Água mineral tratada com pequenas doses de hipnóticos em todos os andares. Dezenas de restaurantes com serviço de entrega vinte e quatro horas, spas, superfarmácias, uma infinidade de bares. Uma vista de tirar o fôlego da Absolut Avenue. Um bastião do qual poucas pessoas na Cidade podiam pretender fazer parte e que, em última análise, não era nada mais do que uma cidade autossuficiente da qual não se consegue mais sair. Syd sempre gostou de imaginar a fatalidade genética do lugar: em poucas décadas, os pandemônicos serão todos primos que teimarão em trepar em família. Uma legião de monstros e de débeis mentais se arrastando ao longo de passadiços majestosos, seus robes adamascados mascarando suas carnes miseráveis. Cromossomos defeituosos erigidos em nome do direito divino. Syd havia compilado essas visões no exercício de suas funções. Não havia um único dia em que a Preventiva-Suicídios não intervisse em Pandemonia.

• • •

Blue não tinha lido o livro.

Blue não sabia ler, pelo menos não muito bem.

Syd passou por um Confessionário. Três cabines ocupadas. Dois homens, uma mulher, sem disfarces, em pleno flagrante. Syd passou perto dos três, mas o ribombar de um trem que entrava na estação Pandemonia censurou suas palavras, impedindo sua compreensão, e tudo o que ele captou foi que era a hora das lamentações, seguido de uma frase que ouvira brotar, incompleta, anônima, de dentro da sua memória, alguma coisa sobre orações e lágrimas, que começou a obcecá-lo enquanto pulava por cima dos torniquetes e caminhava contra o fluxo dos passageiros com seus rostos sombrios. Assim que as portas se fecharam, ele arremessou o implante num vagão, o trem se afastou, soltando um apito lamurioso de ferragens usadas,

deixando-o sozinho na plataforma, entregue ao clamor e às luzes da cidade que o envolveram como uma libertação. E, de repente, lhe vieram ao mesmo tempo a frase e a expressão resignada no rosto de Carrie Vence quando ela lhe disse que havia mais lágrimas derramadas pelas orações atendidas do que por aquelas que não o foram, e, ao mesmo tempo, lhe veio a certeza de que seria ela quem o levaria até o livro.

• • •

— Syd e eu não dormimos juntos — disse Blue a Tevere, quando ele lhe convidou para entrar em seu apartamento. Mas era verdade que ela tinha um estilo que não teria feito feio em Vegas, aquele Pan-Hotel dedicado ao estupro, em que Syd havia comemorado o seu segundo aniversário de casamento com uma exuberante demonstração de brinquedos eróticos, pó e os indesejáveis que Myra vivia enfiando nos seus lençóis para arrefecer seus desejos de escapar. — A gente não está transando, então vê se para de nos olhar com essa cara de quem sabe tudo — acrescentou Blue, num tom mais elevado, parecendo realmente que ia explodir, enquanto Tevere se afastava, sem insistir, e ela corria para o banheiro sem olhar em nenhum momento para Syd.

Deixado sozinho, ele serviu uma vodca e tentou pôr ordem no seu caos interior. Uma série de conexões que levava a lugar nenhum, uma fuga cujo fim era conhecido de antemão. Neste caso, e como era apenas uma questão de tempo, ele perguntou o porquê de sua obstinação. Alguns instantes a mais ou a menos na chegada, que diferença isso fazia? Ele percebeu que, no final das contas, a sua trajetória pessoal não tinha nada de singular. Algumas rotações por minuto a mais, isso era tudo que a distinguiu da maioria. Iria morrer em breve, parabéns pelo furo jornalístico. Diluiu a metafísica com um gole de vodca. A ideia de sua própria morte bateu em retirada, voltando a ser a comichão usual que a gente escolhe coçar ou esquecer, e percebeu que não estava em condições de refletir de

forma correta porque seu pensamento estava inteiramente tomado pelo chuveiro que escorria atrás da parede. Ficou com raiva dela e de si mesmo, e, na esperança de que as más notícias do mundo o esfriassem um pouco, ligou a televisão no canal Clair-News.

A explosão do Café Electronique na Texaco às 20h07, naquela mesma noite. Imagens tremidas, capturadas pelos Rastreadores dos transeuntes. A igreja em chamas, as labaredas subindo fulgurantes assassinando a noite, a chegada dos tiras da Metropolitana com suas capas e seus copos de café acoplados à mão esquerda. As mangueiras impotentes dos bombeiros, as macas saindo umas atrás das outras, ambulâncias e furgões bloqueando a rua e, escapando de uma mortalha fechada apressadamente, a cabeleira flamejante da ruiva que o tinha traído.

As imagens de arquivo vinham sustentar a tese apocalíptica. O centro de lazer sob a tempestade de areia. A plataforma de embarque da rodoviária Transdivisional Norte: uma carnificina sob o fogo cerrado das telas de publicidade, as quais, em vão, se tentou desligar. Para as vítimas que portavam receptores, era um grande mergulho coletivo. Um mergulho acompanhado de chamadas publicitárias personalizadas que continuavam a tentar impingir aos mortos xaropes contra tosse, substitutos de refeições, estadas no Pan-Hotel com preços reduzidos, relógios e carros. Syd aumentou o volume quando viu Sylvia Fairbanks perambulando diante das ruínas do Café Electronique. Fairbanks descrevia a cena. As Atividades Anticitadinas aconteciam naquele momento. A Brigada Exterior. A Criminal e a Metropolitana. Syd prestava atenção. Nada sobre os números que marcavam o chão como alvos. Nada sobre a natureza dos explosivos. Recomendações. As recomendações de praxe. Em seguida, Fairbanks deu o furo. O Grande Apagão teria sido o primeiro atentado. O início dessa tragédia da qual ainda desconhecíamos a quantidade definitiva de atos. E tudo isso nos leva de volta a Charles Smith. O homem que resolvera o acidente. O homem que, dois dias antes, tinha dado fim a sua vida com uma violência que sugeria a existência de uma mente agitada. As notícias principais foram substituídas por outras de menor relevância. A carcaça carbonizada do Mustang de Blue Smith surgiu na tela. Nada

sobre os dois oficiais mortos. Shadow fora implicado no primeiro atentado. Faltava provar. Tentaram matar sua irmã. Conclusão: evitar os locais públicos.

O flash foi interrompido e Syd respirou. Nenhuma imagem de Blue. Nenhum anúncio de que ele era um homem procurado. A fuga, até então, era uma vitória fácil. Ele se permitiu uma segunda dose de vodca por conta da aflição e, depois, percebeu que fazia um bom tempo que não ouvia a água correndo. A porta do banheiro estava fechada. Nem um som. Chamou a garota. Sem resposta. Levantou-se e bateu na porta. Nada. Bateu com mais força. Entrou em pânico.

Ele não sabia nada a respeito dela, exceto que era imprevisível. Ela estava em péssimo estado quando se trancou. Durante seus primeiros *briefings* na Preventiva, tinham lhe ensinado a reconhecer as situações de alerta. A garota tinha acabado de perder o irmão. Fazia uma hora que dois caras haviam sido fuzilados na frente dela. Ela estava bêbada e cheia de ópio legal. Ela tinha algo de friamente desesperada.

Syd esmurrou a porta como se fosse arrombá-la. Alguns segundos, que mais pareceram horas, se passaram até que Blue finalmente respondesse com seu estilo de sempre. Ela berrou:

— O que é? Me deixa em paz, Paradine.

Agora, era ela que ele queria esmurrar. Ele se sentiu um imbecil. Percebeu que também estava completamente bêbado. Berrou.

— O que você está fazendo aí dentro há mais de meia hora? Por que você não respondeu quando eu chamei?

— Porque eu não quero falar com você. Nem com você, nem com ninguém.

— Saia já daí.

— Não saio.

— Saia daí — gritou dando um chute que fez a porta balançar —, estou me aborrecendo...

• • •

O abraço deles tinha alguma coisa de colegial. Qualquer coisa de um embate desesperado. Um desejo de agarrar um ao outro, de fundir suas naturezas sólidas e distintas, como duas matérias diferentes, em uma só substância, cuja classificação química ficaria entre explosiva e incendiária. Em teoria, transar seria a menor das consequências ao terem selado seus destinos em meio a tantas aflições. Na prática, foi um milagre de pele. Blue Smith fazia isso como uma profissional; ele, como um presidiário. Os dois saíram ganhando. Por três vezes. A primeira delas foi rápida, eles sequer tiraram a roupa. Nem chegaram até a cama. Escorregaram até o chão, abriram caminho em meio às roupas e, logo que ele compreendeu tudo isso, veio o medo de fazer tudo muito rapidamente e decepcioná-la, então se concentrou no flash noticiário, em que continuavam a contar os mortos, mas, de uma maneira que considerou desprezível, isso o excitou mais do que esfriou. E o mesmo para tudo à volta deles: o mau gosto, o facho Clair-Monde que lançava uma luz crua sobre as carnes, os ecos próximos de sirenes que poderiam significar para eles o fim da viagem. Eles se descobriram novamente na cama e as roupas acabaram voando com tamanha presteza que, quando perceberam, usavam apenas suas ataduras, e isso produziu o efeito de lembrar-lhes que aquilo que viviam naquele momento não era nada além de uma trégua, então adiaram a retirada das ataduras. A terceira vez foi iniciativa dela e, para ela, essa vez foi a boa. Foi ela quem o deitou, antes de cavalgá-lo guiando e segurando sua mão até chegar o momento. Ela então jogou a cabeça para trás, seu fôlego encurtou-se e intensificou-se até tornar-se um bando de gemidos que duraram o tempo em que seu carro apareceu em chamas no segundo plano. Ao arrancar seu corpo do dele, deixou-se cair a seu lado e só então foram capazes de se olhar nos olhos e, nos olhos de Blue, ele viu mais do que esperava, viu alguma coisa de pura felicidade e uma promessa indeterminada e, talvez, até mesmo um motivo para insistir em sobreviver.

• • •

Naquela noite, Syd dormiu com a arma na mão um sono pesado em que não havia qualquer sinal de sonho. Lá pelas cinco horas, foi acordado por um sobressalto de angústia. Ele apontou a arma. Para a parede. E Blue não estava mais ali. Enfiou o jeans e saiu do quarto. Corredor sem janelas, noite fechada. Piscou os olhos para se acostumar à escuridão. “Blue, Blue”, a voz no tom mais baixo possível. Sem resposta. Passos abafados até as escadas. Vozes atrás de uma porta. Abriu.

Tevere. A caminho do sétimo céu. Manifestando sua alegria com pequenos guinchos. Tendo, à altura da cintura, cabelos loiros. Esse cheiro... Um cheiro de suor e lubrificante. E também um outro que ele levou algumas frações de segundo para reconhecer. Xampu de bebê.

O garoto virou-se para ele e Syd tentou encontrar seus olhos na penumbra. O garoto tinha olhos azuis, como os dela, e Syd olhou fundo nesse olhar... e nada encontrou. O garoto enxugou a boca e Syd, também com secura, fechou a porta.

Ele não queria ver.

Ele não queria saber.

Ele subiu as escadas, o estômago dando voltas, os olhos cheios de lágrimas secas por essa merda toda, toda essa merda de mundo e sua impotência para fazer qualquer coisa. Ele deveria ter enchido Tevere de porrada. Deveria tê-lo obrigado a esquecer o gosto da carne fresca golpeando em cheio aquela cara com algo pesado. Ele gostava de Tevere, isso era o pior. Tevere era um bom sujeito, um cara bacana, só que, de tempos em tempos, usava uma criança para afogar o ganso. Nisso, ele não era o único, nem o primeiro, nem o último.

“Que essa cidade se exploda”, pensou Syd, “que ela se exploda, que todo o mundo vá para o inferno, inclusive o último dos inocentes”.

Blue estava sentada no meio da sala. Imóvel.

De onde estava, ele a via quase de perfil. Seu nariz ligeiramente adunco, seu queixo voluntarioso, o ponto luminoso de seu olho muito aberto. Ela não o ouviu chegar. Ele deu alguns passos sem

tentar disfarçá-los, mas ela não teve nenhuma reação. Blue estava absorta em sua contemplação.

A festa tinha deixado em sua esteira restos de pó de vidro, poças de álcool e alguns estragos, mas as crianças-bibelôs tinham permanecido em seus lugares. No lusco-fusco, pareciam pequenas estátuas de madeira. No silêncio, dava para ouvir o coro da respiração delas.

Blue encarava um dos meninos. Ela estava tão perto que seus narizes quase se tocavam. Ela respirava no mesmo ritmo que ele, no mesmo ritmo de todos. Inclusive o seu, era como se ela não estivesse mais viva.

E em seus olhos, não havia mais nada.

Apenas um vago reflexo de inocência.

Syd virou as costas e voltou para a cama.

8

Carniça, o número 1 dos reconstrutores plásticos desde 96, tinha sua clínica entre a esquina da rua Quarenta e a Microsoft Avenue, no coração do centro de negócios, a dois passos da Torre Clair-Monde, onde estavam os 4 x 4 do exército e os soldados indecentemente armados até os dentes destacados apenas para regular o fluxo dos trabalhadores engravatados. Com exceção da neurose que pairava nos banners eletrônicos (a Torre Clair-Monde policiada até o estacionamento e o Distrito Ex totalmente fechado), podia-se dizer que a Cidade estava determinada a negar a ameaça, mesmo que esta fosse exibida em imagens tremidas de chamas, ruínas e manchetes em letras garrafais mostradas pelos videotitãs dispostos ao longo de toda a extensão da Microsoft Avenue; no sopé dos arranha-céus, os assinantes prosseguiam, impassíveis em sua marcha, entre cheiros de fritura e dióxido de carbono, e em meio ao esporro imutável e reconfortante de buzinas e palavrões.

Quando Syd saiu do metrô, com seus óculos Reflex e o seu boné de criminoso em fuga, a persistência da Cidade em suas atividades lhe bateu como uma vertigem, e ele se perguntou se não estava nadando em pleno delírio. O tempo estava quente e úmido e, no espaço aberto da praça Clair-Monde, um vento violento engolfava a rua. Diante da clínica de Carniça, os motoristas pareciam jogar uma partida de xadrez com Minis e cupês. Parado em fila dupla, um Rolls preto com a placa VENCE 8 EXE. O relógio da Clair-Monde bateu onze horas. Syd inspecionou o que havia à sua volta. Esquinas, fluxo de veículos, as saídas dos prédios. Excetuando-se quatro soldados recém-saídos da adolescência que marcavam passo em frente a uma barraca de cachorro-quente, tudo o que ele viu foram civis. Diante dele, a fachada da clínica de Carniça: um rosto feminino de proporções perfeitas, esculpido em três andares. Alguns degraus subiam por uma boca feita de estuque, escancarada de tanto

devorar todas as peruas do distrito. Syd entrou. No interior, a decoração era humana e filmes institucionais mostravam em uma enorme quantidade de telas a história e o processo de reconstrução plástica. Meninas-bibelôs espalhadas aqui e ali sobre cubos plexiglás. Pintadas de rosa e preto, as cores de Carniça. Dimensionado com precisão milimétrica, fazendo o papel de anúncio, acima da área de recepção, um painel gigante dizia: "TODOS TEMOS DIREITO À JUVENTUDE, TODOS TEMOS DIREITO À BELEZA. NA CLÍNICA DOUTOR CARNIÇA, EM PARCERIA COM O MINISTÉRIO DA APARÊNCIA, A BELEZA NÃO É MAIS UM PRIVILÉGIO."

"O.k., o.k., basta de citações", disse Syd a si mesmo. Abaixo do painel, um longo console castanho-escuro em que criaturas bastante harmonizadas com os dogmas locais brincavam com seus fones de ouvido. Syd teve uma lembrança desagradável da ruiva, que ela descansa em paz, do Café Electronique. Afundou o boné e se aproximou para perguntar por Carrie Vence. A recepcionista respondeu que miss Vence estava nas "Pernas". Syd virou a cabeça e olhou ao longo do saguão, onde duplas mal-ajambradas de mães e filhas discutiam em voz baixa. As mães eram exuberantes e sem idade, com ares de Estrela. As garotas tinham os joelhos ossudos e o olhar fugidio. Ele lançou um olhar suplicante à recepcionista. Ela então se ofereceu para acompanhá-lo. Chegaram aos elevadores. Em uma tela, Anna Volmann, em close, apregoava os méritos do dr. Carniça. A recepcionista lhe informou que "Anna" era uma cliente fiel. Syd se absteve de dizer que "Anna" também tinha sido sua cliente fiel no tempo em que trabalhava na Preventiva-Suicídios. Eles saltaram no quarto andar.

Foi em silêncio que atravessaram os "Dentes", os "Órgãos" e os "Implantes Capilares", onde alguns banqueiros tonsurados, na quarentena vergonhosa, esperavam a vez mexendo em seus Rastreadores. Gritos ecoavam do fundo do estabelecimento, mal encobertos pela doce voz proveniente das telas: *"Aperfeiçoada nos Labos em 08, a reconstrução plástica se distingue da primitiva cirurgia estética..."*, *"A hipoderme é fabricada a partir de um derivado de silicone. Em baixas temperaturas, ele se apresenta em uma forma semissólida, semiviscosa. Possuindo a aparência enganadora de uma mucosidade..."* Eles passaram por meninas de

dez anos em cadeira de rodas. As meninas babavam com a cabeça caída. Syd perguntou o que essas crianças faziam em cadeiras de rodas. A recepcionista sugeriu que ele quebrasse as costelas e, depois, tentasse andar cem metros. *“Todo mundo tem direito à Beleza. Todo mundo tem direito à Juventude. Na clínica Doutor Carniça, em parceria com o Ministério da Aparência ...”* Eles chegaram às “Pernas” e a recepcionista o deixou ali.

As “Pernas” haviam sido reservadas de maneira exclusiva para a ocasião. Um vasto espaço que evocava o desigual casamento entre uma sala de cirurgia e um provador de roupas. Cheiro de tinta fresca e desinfetante, portas envidraçadas à prova de som dando para a rua Quarenta, de onde vinha, de tempos em tempos, o som de uma buzina mais alta do que a média. Carrie Vence estava afundada numa poltrona de couro, rodeada por um bando de médicos e recepcionistas que vestiam blusas nas cores rosa e preto e brandiam próteses assexuadas. O ambiente ressoava com conversas que cresciam num entusiasmo galopante.

— Tudo depende do seu objetivo — disse alguém. — Podemos aperfeiçoar, redesenhar, remodelar.

— Essa curva aqui, esse contorno seria maravilhoso para a sua personalidade — disse um médico enquanto agitava uma batata da perna translúcida debaixo do nariz de Carrie.

— E a virilha — disse o outro —, não devemos nos esquecer da virilha, pois subestimamos muitas vezes a importância da virilha.

— No entanto — replicou o médico que parecia estar no comando —, se você quiser alongar, teremos de liquefazer.

— Eu quero alongar — disse Carrie. — Diga-me como é que você pretende fazer isso.

— Muito bem — respondeu o cirurgião-chefe —, é muito simples. Nós vamos determinar um tratamento à base de anticálcio.

— Por injeção ou via oral, você pode escolher.

— O tratamento dura de três a seis semanas. Durante este tratamento, seus ossos se tornam líquidos e podemos proceder à intervenção.

— As tenazes — disse Carrie.

— É uma possibilidade — disse o médico —, mas o tratamento é longo e enfadonho.

— Foi isso o que minha mãe fez — disse Carrie.

— Com todo respeito a madame Vence, as técnicas têm evoluído desde os anos 90.

— Aqui, nós preferimos empregar os magnetos.

— Ah, é? Fale-me a respeito dos magnetos.

— Bem, a extensão eletromagnética é realizada da seguinte forma: nós vamos injetar os polos na intraóssea — disse o velho.

— É claro — interrompeu um outro — que a senhora estará sob anestesia geral.

— Esses polos vão se espalhar na substância óssea liquefeita para ser absorvidos. Em seguida, é o eletromagnético de base.

— De base — confirmou o eco.

— É claro que a senhora terá hematomas e ficará seis meses sem poder andar.

— Alguns retoques, um pouco de fisioterapia, e tudo fica perfeito.

— Vai ser preciso remodelar — disse o outro ao retomar o modelo de batata da perna e erguê-lo como se fosse uma tocha.

— Vou ganhar quantos centímetros? — perguntou Carrie.

— Entre oito e doze — responderam em coro os quatro médicos.

— O.k. — disse Carrie —, faremos por liquefação.

Syd tossiu. Carrie Vence o viu e, naquele momento, sua altiva confiança desapareceu.

• • •

No bar localizado no olho da clínica Doutor Carniça, Syd e sua ex-cunhada ficaram se olhando de esguelha, ele com seu café gelado, ela com seu Bellini light, antes que uma única palavra fosse trocada. Esse início de contato silencioso, sem dúvida necessário, dado o teor da última conversa entre os dois, fazia a delícia dos parasitas e Syd sentiu-se tomado por um princípio de enxaqueca, alimentada pelo fogo cerrado da arenga pró-carnificina estética e pelos toques dos

Rastreadores. A mesa vizinha: dois rapazes em plena separação. Um deles vestia uma camiseta na qual se lia "Descartado". Na do outro, "Disponível". Fora isso, era difícil diferenciá-los com seus queixos quadrados, seus bronzeados e olhos tingidos do mesmo azul aguado. Lançavam olhares furtivos em sua direção. Tinham o ar vagamente desesperado sob as ataduras.

Syd ignorava em honra de quem Carrie Vence havia se disfarçado naquela manhã de menina bonita. Ele não podia deixar de perceber o desastre. Os cabelos dela caíam agora até a cintura e brilhavam como as coisas vivas. Ela usava enormes óculos Reflex. Parecia uma mosca capturada pelo sargaço. Havia algo de desengonçado no desenho da sua boca. Seu lábio superior estava mais volumoso do lado direito e palpitava ligeiramente. Ela tirou o seu Rastreador, ligou a função espelho, examinou a si mesma e fechou a cara. Depois de fuçar na bolsa, tirou lá de dentro uma pequena seringa azul brilhante. Puxou a tampa e um cheiro levemente químico chegou às narinas de Syd. Ela fez uma careta e se injetou. Syd viu o líquido diminuir no carregador. Carrie removeu a seringa, fechou-a e a colocou de volta na bolsa.

O seu lábio superior inchou e a assimetria desapareceu.

— O que é isso? — perguntou Syd.

— São alérgenos — respondeu a garota. Ela pediu outro Bellini light e, em seguida, acrescentou: — Isso é só o começo.

— Começo de quê? — perguntou Syd.

— Da minha metamorfose — respondeu ela.

Syd não falou nada.

— Eu também estou fazendo um regime — disse ela.

— Ah, sim, qual? — Syd respondeu, educadamente.

— Cocaína diet — disse ela.

Syd franziu o cenho. A garota detestava pó.

— Eu sei — disse ela —, existem opções menos radicais. Meu médico me mostrou a técnica boa para vomitar, mas o que você quer? Ela destrói os dentes. E a aspiração deixa sequelas insignificantes.

— Hum, e você já pensou em fazer algum esporte? — respondeu Syd.

Carrie Vence o olhou como se ele tivesse sugerido que ela se cortasse toda.

— Hum — disse Syd —, mas você tem certeza de que quer emagrecer?

Ela o interrompeu.

— Olhe para mim, você me comeria?

Fez-se um silêncio constrangedor.

— Não — disse Syd.

Carrie Vence mergulhou no seu Bellini.

— Por outro lado — disse Syd —, você só tem treze anos.

Carrie Vence riu amarelo:

— Sejamos francos; só você seria capaz de considerar que isso é um argumento contra.

Syd resolveu mudar de assunto.

— Como vai Myra? — perguntou, optando por um caminho fácil.

— Está na pior — disse Carrie —, mas você e eu estamos pouco ligando, é como se fosse o atentado da Transdivisional, certo?

Syd quis detalhes.

— Vamos apenas dizer que, desde a cerimônia de expiração, ela tentou se matar duas ou três vezes — começou Carrie. — Por causa dessa puta, a gente está com uma patrulha da Preventiva literalmente morando lá em casa. Ontem, ela conseguiu despistá-los. Escapou para a casa de papai, na ala cujos códigos eles, obviamente, não têm. Meu pai, você sabe, tem uma máquina para trocar de sangue. Ela ligou a máquina sem encher e se injetou com ar. Mas papai a encontrou e, para encurtar, ela não conseguiu.

— Bem — disse Syd —, se isso é só o começo, estou louco para saber o que vem por aí.

— Eu vou lhe dizer — retomou Carrie —, talvez seja uma babaquice, e eu não posso afirmar que estou intimamente convencida, mas algo me diz que essa é a verdade, talvez, não sei, seja simplesmente uma sensação. O cérebro e o coração são órgãos que saíram de moda. Espero que a próxima geração saiba se livrar disso como se fossem pelos desnecessários. Vou me presentear com pernas de um metro, um rosto novo e olhos violeta. Vou ficar com o peso de uma sombra deixando de comer graças a essa droga

maravilhosa. Espero que ela liquide em mim a mesma quantidade de neurônios e de gordura. Vou ficar com uma saúde péssima, terrivelmente frustrada e completamente idiota. Vou ser poupada da puberdade. Vou ser linda e impiedosa. Terei olhos bacentos e vão achar que são misteriosos. Não vou mais ter vergonha dos meus arrebatamentos pelos outros como se fosse uma doença constrangedora, porque não terei mais nem o vigor, nem a capacidade de senti-los. Vou ser um objeto de desejo. O nada num magnífico casulo. E vou ser feliz, como só os imbecis e os filhos da puta sabem ser.

— Está bem — disse Syd —, mas antes que você vire a sua irmã, vou aproveitar os seus últimos momentos de lucidez para lhe pedir uma informação.

Carrie não teve qualquer reação. Ela simplesmente se calou e bebericou seu coquetel até o fim. Syd tentou olhar através dos vidros espelhados. Viu apenas o seu próprio reflexo distorcido. À sua direita, o Descartado e o Disponível brigavam em voz baixa. O Descartado estava quase tendo uma crise. Ele levantou a voz:

— Você não pode fazer isso comigo — exclamou —, você sabe o quanto eu odeio usar camisinha...

Ambos perceberam a súbita atenção de Syd, que, constrangido, fixou seu olhar no médico holográfico que discursava na tela e pensou em quão conveniente era dispor sempre de uma tela para a qual pudesse desviar o olhar.

"Se você aprecia os detalhes, pode-se dizer que o processo de reconstrução plástica é semelhante ao modelismo. Isso não significa, porém, que você possa praticar a reconstrução plástica em casa."

Syd franziu a sobrancelha. Uma piada? Uma recomendação útil?

Ondas de uma substância pastosa, de uma indecorosa cor de carne, encheram a tela.

"Apesar de sua aparência pegajosa, a hiperderme é uma matéria incrivelmente escorregadia. É difícil fazer com que ela cole, sobretudo à pele humana. Os primeiros experimentos objetivavam alterar sua composição de modo a incluir na hiperderme propriedades adesivas. Infelizmente, o sucesso foi tamanho que,

durante o cozimento, a hiperderme acabou aderindo com mesma intensidade ao molde e ao sujeito...”

— Isso é emocionante, hein? — disse Carrie.

— É, e como eles se viraram no fim das contas com essa cagada?

— Eles colam — respondeu Carrie.

“A cola! É isso! Eureka! A supercola! É assim que nós fazemos...”

— Era essa a informação que você queria me pedir?

Syd murmurou que não, mas já não sabia ao certo. O frio no bar, contrastando com o calor lá de fora, tão intenso que praticamente se fazia visível, o discurso monocórdio e rápido que as telas desfiavam, o estalido imperceptível das bolhas na taça de Carrie, as minúsculas rachaduras no vidro colorido da íris gigante na qual a mesa estava encaixada e por onde a luz de fora abria caminho para entrar, os lábios inchados da garota e até mesmo sua própria presença, que ele contemplava meio a distância, como se fosse a de um outro: o vazio daquele instante foi como uma grande descarga elétrica. Estava vagamente ali, vagamente vivo. Ele procurava de maneira vaga por algo que era muito necessário.

O que era mesmo que estava procurando? Ah, sim.

— Estou à procura de um livro — disse.

Carrie soltou uma risadinha. Ela com certeza ignorava que o arco esquerdo do seu lábio superior tinha encolhido como um pedaço de bife jogado num copo de Coca-Cola.

— Você procurou na Rede? — perguntou ela.

— Sim, e encontrei métodos para aprender a dizer não, a se alegrar ou para conseguir um aumento... Se alegrar. Que terminologia abominável.

— Qual é o gênero do livro?

— Do gênero proibido.

— Proibido — exclamou Carrie —, e riu de novo.

Syd desviou os olhos dos rictos hediondos de sua ex-cunhada, e mais uma vez recorreu à tela, porém, desta vez, o artifício acabou por capturar toda a sua atenção com tantas revelações inesperadas.

O Dr. Eureka Supercola fazia os retoques finais em sua colagem. Tratava-se de um processo muito mais sofisticado do que parecia à primeira vista, ele explicou, uma vez que se tornava necessário obter

uma ótima adesão sem que, no entanto, os poros fossem obstruídos, por isso os pontos de cola eram espalhados por toda a superfície a ser reconstruída sem dar margem a erro.

Os planos de corte feitos no manequim e vistos de cima ilustravam o que era dito.

Eram aqueles planos de corte que deixavam Syd tão impressionado.

A cola era azulada e ligeiramente fosforescente. Os pontos de cola enfeitavam o manequim de maneira encantadora. Visual tratado. As linhas de aderência mostradas em azul mais escuro. Recordações. Cartografia sobre um corpo humano. Uma cartografia que Syd se lembrava, não sem dificuldade, de ter estudado de perto na noite passada.

As cicatrizes de Blue, o estranho relevo de sua pele, seu corpo inteiro como sobrevivente de um longo aprisionamento nos braços de uma medusa. Uma floração de ranhuras lívidas, apertadas umas contra as outras, e, em alguns lugares, surgia alguma outra marca proeminente, grande, ovoide, delicadamente sulcada em seu contorno, comparável a um nó a partir do qual se ramificavam as marcas de uma flagelação.

Eram os locais precisos onde o meticuloso médico havia aplicado seus toques de cola azul. Hipóteses sem pé nem cabeça percorreram a mente de Syd. Ele tentou censurá-las. Razão contra imaginação. Se quisesse saber de onde saíra Blue Smith, era só perguntar a ela. Se fizesse mistério, bastaria livrar-se dela. Subitamente, foi atravessado pelo pensamento de tudo aquilo que Blue Smith devia *sofrer*.

Então, as palavras que Carrie Vence tinha acabado de dizer chegaram com um ligeiro atraso até ele:

— Nada é proibido, neste mundo de merda — disse Carrie —, nada é proibido, especialmente os livros. Você não entendeu nada, meu pobre Syd, mas isso não é grave, meu motorista vai levá-lo.

• • •

Syd olhava os marcos quilométricos desfilarem do outro lado do vidro molhado pela chuva morna enquanto tentava não pensar em Blue Smith. As medidas restritivas adotadas em resposta ao Apagão foram inauguradas no mesmo dia. O ar-condicionado externo tinha sido desligado. Os dias halogênicos, recalculados em função dos impostos locais. Apenas alguns quarteirões da Sub-Tex e os condomínios-bolhas continuariam a se beneficiar de uma esbórnica de energia correspondente a mais de nove quilowatts por metro quadrado. O Grande Buraco, como era chamado por Carrie, a finalidade da viagem e o lugar onde ela conseguia seus livros, se encontrava nas ruínas do antigo aeroporto, Terminal A. Chegava-se lá pela Transdivisional 26. A estrada atravessava a periferia leste e seus loteamentos. A baixada entre a Cidade e as não zonas era uma das inúmeras áreas onde reinava a decadência bancária. Syd deixou seu olhar vagar pelo plano de fundo. Tal era o alinhamento das torres, tão próximas umas das outras, que os fiapos abertos de um céu cinza como as paredes conjuravam esse aspecto de uma única e mesma massa. De tempos em tempos, seus olhos percebiam a nódoa de um pano colorido posto para secar em uma sacada. Milhares de assinantes viviam ali e acabavam de ser abandonados no escuro.

Eram quase treze horas e a noite pesava, imóvel, letal, sobre a periferia.

• • •

Cemitério de aviões, sem mais nada, e, sob os cadáveres, livros. Enquanto caminhava pelas ruínas, Syd se maravilhava com essa coesão, sem dúvida involuntária. O motorista tinha estacionado antes dos torniquetes do Terminal A. Syd entrou sozinho no saguão. Os mendigos se aninhavam sobre os bancos e uma barafunda de drogados ressoava até o alto da abóbada, que, feita de vidro fumê, respondia ao eco de seus passos. Uma nuvem de fumaça flutuava, eram vapores de cocaína de má qualidade, aparelhos de ar-

condicionado desajustados. Um cheiro nojento de perfume no lugar das emanações de corpos sem asseio, que algum lugar do seu cérebro tinha gravado para sempre, nos bons velhos tempos de seu início de carreira na polícia, quando fazia blitz nos mortos-bancários para expulsá--los do perímetro da Cidade. Apenas uma luzinha funcionava em cada três. Syd avançou numa semiobscuridade alimentada pela fumaça até a pista, sombras surgiam sem aviso em seu caminho. Uma galeria de caras quebradas, sujas, murchas. Um rosto, a hiperderme arrancada pela metade, balançando como uma velha casca. E, fazendo as vezes de bancos e camas: caixas de maços de cigarro, de revistas e de cosméticos. Estripadas, derramando seus tesouros sobre o linóleo. Mendigos enchiam a cara bebendo pelo gargalo de frascos de cristal lapidado, porre pesado à base de Heure Jeune, o perfume da Clair Derm. Três vagabundos o assaltaram. Queriam o casaco e os sapatos. Quando Syd tirou o casaco, viram a arma na sua cintura. O homem que liderava o ataque levantou o braço como um sinal de trégua. Eles se afastaram. Syd continuou sua marcha. Vidros quebrados sob seus pés. Agora que seus olhos se acostumaram à escuridão, ele viu que o aeroporto inteiro estava coberto de garrafas vazias, todas colocadas de pé sobre seus fundos, com a luz fraca que vinha das pistas ricocheteando por entre as espessuras dos vidros e fazendo com que brilhassem como pedras preciosas oferecidas à estátua. Quando Syd percebeu a estátua, pensou primeiro que os seus sentidos estavam lhe pregando uma peça. Foi em sua direção e a forma branca pareceu cada vez mais real. Ela ficava cada vez mais definida, se intensificava, parecia estar quase tomando vida em meio à fumaça movediça e à luz estelar. A estátua era de mármore branco e sua superfície ligeiramente granulada lhe lembrou a pele de Blue Smith. Ele passou o dedo ao longo de suas curvas frias e quando tirou seu dedo ele estava coberto de uma fina camada de sujeira. Ficou surpreso que a estátua parecesse tão branca. Ela representava uma mulher com os quadris muito largos, de rosto andrógino, os olhos fechados com um véu de pedra. Ficou mais uma vez surpreso: se a forma diante dele fosse de carne e osso, ele não a desejaria. Mas de pedra e imóvel, emergindo de um cemitério de garrafas em

meio a vapores de imundície, ela era linda, de uma beleza que lhe falava com palavras que ele nunca tinha ouvido.

• • •

Ele seguiu ao longo da fachada envidraçada para o portão A-21. Ali, o túnel de embarque despencava sobre as pistas onde jaziam as cabines dos aviões sem as asas. Ele quase quebrou o pescoço ao rolar pela íngreme descida, mas se segurou nas estruturas em forma de anéis metálicos do interior do tubo e deu um salto de três metros aterrissando sem danos.

O “Grande Buraco”. Quando foram proferidas por Carrie, antes de sair do carro, no Vuitton Boulevard, ladeada pelos seus quatro seguranças parrudos, essas palavras não despertaram nada nele. Ele perguntou o que elas significavam e Carrie soltou uma risadinha, uma risadinha de escárnio que fazia naufragar seu sorriso de garota. Ela lhe respondeu que o destino dele não era mais do que um caixa eletrônico. Enfim, um antigo caixa eletrônico. Um entreposto. Entupido até a boca com um estoque que não podia ser vendido nem destruído decentemente. Um depósito.

Carrie ainda não era nascida quando o Grande Buraco foi fechado e depois comprado por Clair Monde, simbolicamente, por um dólar. Até então, havia sido um mau negócio para todos os interessados. Durante décadas, o Grande Buraco tinha empatado dinheiro numa mercadoria muito especial. Naquela época, os negócios funcionavam. Havia usurários franqueados em todas as partes da Cidade. E, de repente, as mercadorias se desvalorizaram... Tinham ficado com um estoque que ocupava espaço, juntava poeira e já não valia mais nada... A história havia seguido o seu curso. Falência, o proprietário jogado nos Labos. As lojas foram em sua maioria reconvertidas em Starbucks. Quanto ao estoque, ele foi transferido para um hangar do ex-aeroporto, onde se trocavam havia pouco as peças defeituosas dos motores de aeronaves. Terminal A, Portão A-

21, um grande pórtico dilapidado e grafitado à vontade, que nem mesmo era preciso arrombar para entrar nele.

• • •

As últimas palavras de Carrie vieram à cabeça de Syd no momento em que dava um pontapé com força na porta de ferro enferrujada. Ouviu-se um estalo e as dobradiças gemeram quando o batente saltou para trás. As luzes das pistas violaram a escuridão do hangar, traçando no umbral da porta um caminho esbranquiçado onde flutuava um pouco de pó.

Syd deu alguns passos e parou. Diante dele, o vazio, delimitado por um gradeamento que percorria todo o comprimento da galeria.

A música se apossou dele e o levou para dentro.

Ela devia estar bem alta, pois parecia que vinha de muito longe e, mesmo assim, chegava até ele. Os baixos pulsavam como socos no coração, um lamento irreal, cortante, o que o fazia lembrar-se de ultrassons, tudo tão tênue como um suspiro, luminoso como uma lembrança de infância.

Ele chegou à escada em caracol, descobrindo as profundezas abissais do entreposto: quatro paredes com uma altura igual à nave de uma catedral que, de início, pensou estarem inteiramente cobertas de livros. Mas só algumas estantes isoladas ainda conservavam sua carga. O resto desabara no abismo. Centenas, milhares de volumes formavam um campo de páginas arrancadas, que eram como uma fina camada de neve que cobria o chão do Grande Buraco com uma luminosidade branca, uma longa reverberação desértica e gélida. E, sobre esse líquen, outros despojos repousavam. Corpos de pedra sem a cabeça. Todos os tipos de formas decaídas, espalhadas, e Syd, observando o conjunto de cima, encontrava nessa explosão a unidade de uma derradeira obra que dava a impressão de um profundo e imaculado sono.

Ele viu acenderem um fósforo. Uma figura emergiu da penumbra, os traços desfeitos, de uma palidez macabra, chupando avidamente

um cigarro que ficou em brasa como um pedaço do inferno. O homem estava prostrado em uma poltrona enorme. Apenas o gesto repetitivo de sua mão até os lábios rompia esse reino inanimado, ao qual tudo ali parecia estar submetido. A música vinha de um aparelho de som barato, revestido de plástico colorido. A mão livre do homem roçava de leve as teclas. Syd se perguntou se ele havia notado a sua presença. Teve sua resposta no momento em que pousou o pé no chão. Escutou um clique e a música parou.

Perguntaram o que ele queria. Não se devia dar muito crédito à bagunça. Ela era só aparente. Bastava Syd fornecer um título e o homem designaria o local onde, em meio à poeira, estaria o livro. Syd não tinha nenhum título. Mas estava realmente à procura de um livro. Um livro sem título que os iniciados chamavam de *o livro*, como se só houvesse ele. Um exemplar circulara recentemente próximo a ele. Das duas pessoas que tiveram sucessivamente sua custódia, uma estava morta e a outra em *sursis*.

Seu interlocutor foi tomado por uma terrível crise de tosse e jogou o cigarro fora. Uma pilha de guimbas, maços vazios, fósforos queimados se acumulava no chão. Syd percebeu o brilho de um pequeno espelho pendurado num canto, uma torneira pingava abaixo, a brancura fosca de uma pia. Caixas de pizza. Um odor rançoso de molho de tomate disputava com o cheiro de tabaco. Em voz baixa, com um falar arrastado e imperioso, esse sem-teto tísico do Grande Buraco lhe perguntou o que tinha acontecido com o exemplar em questão.

Syd respondeu que ele fora destruído.

— Ao que eu saiba — disse o outro —, só havia um. A última vez que tive notícia, estava no relicário da Grande Central. É deste que o senhor está falando?

Resposta afirmativa.

— Então, ele não existe mais.

Syd mostrou-se impressionado. Seu informante sem-teto tinha uma maneira bastante aristocrática de se exprimir. Seu informante sem-teto sabia das coisas. Este teve um novo acesso daquela tosse espasmódica, com vestígios de sangue. Ele queria se curar pelo mal. Um cigarro apareceu. Um fósforo foi riscado. Syd estremeceu. A

pergunta que ia fazer ficou estrangulada em seus lábios. O livro, o seu conteúdo, a luz terrível que ele havia acendido nos olhos de Shadow, tudo deixou de interessá-lo no momento em que reconheceu, na chama trêmula do fósforo, de quem era o rosto devastado que estava à sua frente.

Lizovic. Um dos Doze. O homem dos Labos.

Ele pensou na hora em acabar com ele. Um pensamento estéril, sem violência, que não trazia nem impulso, nem desejo. Nenhum desejo imperioso de vingança veio animar sua mão, aquela que acariciou através do tecido do paletó o revólver em sua cintura.

O pensamento tinha irrompido a partir da obviedade do esquema. Ele, filho de um pai sacrificado em circunstâncias obscuras, posto, com poder de fogo, diante do grande culpado desarmado. Entretanto, era mais inteligente do que isso. Ele quis ser mais inteligente do que o mal.

Ele pensou que Lizovic era muito mais do que a possibilidade de uma vingança, era alguém que conhecia a verdade. Syd, então, fez com que falasse.

Fazia dez anos que o ex-ministro da Recuperação não dormia. O castigo dos homens maus. Ele era um homem mau. Seus juízes tinham aperfeiçoado o conceito de remorso. Ele havia sido operado. Eletrochoques, neurolépticos, todo um circo cirúrgico e químico para remover de suas pálpebras a capacidade de se fecharem e de seu cérebro a habilidade de abafar o grande barulho desta maldita consciência. Felizmente, ainda lhe sobrara uma saída, e o caminho para ela ficava a cada momento mais curto. Lizovic acendeu um outro cigarro na guimba ainda acesa do último.

Ele pagou pelos seus crimes e pelos dos outros. Sua cabeça foi escolhida porque pelo menos uma cabeça devia rolar. Havia conseguido purgar sua pena perpétua dentro dessas paredes. Fora condenado a uma eterna noite em claro. Pedira que o poupassem do silêncio. Há dez anos vivia da música e fazia pouco que não conseguia mais tirar coisa alguma dela. Foi então que toda a sua vontade de ser salvo foi direcionada aos Marlboro fortes: lenta e peremptoriamente, matava o tempo com eles, na esperança de, a longo prazo, ele mesmo se matar. Às vezes, era tomado por uma

crise e destruía alguma coisa. Uma estátua, romances, cujo luto pranteava como ao de amantes assassinados num acesso de fúria.

Os Labos nasceram de uma brincadeira de mau gosto.

No momento do crash, em 99, ele formava com Vence, Kaplan e alguns outros o embrião daquilo que se tornaria os Doze. Era uma de suas primeiras reuniões. O desafio era colossal, a terrível depressão, o dinheiro parecia ter desaparecido. Naquela época, as pessoas matariam por uma geladeira, por aspirina, por um saco de café ou um bom par de sapatos. Ele, Lizovic, fora o primeiro a brincar com o desespero: não sobrara mais nada para os assinantes, nada, a não ser seus corpos. Naquelas silhuetas emaciadas, morrendo de fome na Cidade, estavam escondidas fontes inimagináveis de riqueza: as do sexo e da vida, cuja exploração era proibida apenas pelas considerações morais de um tempo fácil, bobagens. Poucos dias depois, ele fora nomeado para a Recuperação, com a missão de pôr em prática o conceito. Os credores tinham adorado, os bancos, as agências de crédito, todas essas organizações anônimas. Lizovic não lembrava mais quem tinha sugerido a loucura final: permitir ao insolvente o direito de enviar seus filhos menores para se “valorizarem” para eles. O primeiro carregamento que chegou aos Labos no ano de 05 era composto em oitenta por cento de crianças com menos de doze anos. Para a maioria dos devedores, isso foi uma bênção. Poucos foram os que optaram por pagar com a sua própria pessoa.

— Alguns, entretanto, fizeram isso — murmurou Syd.

Ele hesitou. Era bombardeado por imagens. Não conseguia mantê-las afastadas. Elas subiam, machucando e varrendo tudo em seu caminho. Imagens cujo conteúdo bruto não tinha, a rigor, nada de horrível. Ele, acordando, naquela manhã no final de outubro de 20, no seu quarto dos bairros-telas. A cama de campanha que comprara pela Rede num canto da sala. A limpeza do apartamento, o qual tinha sido minuciosamente esfregado para o regresso do pai. Tinha se barbeado. Tinha chegado cedo à estação.

Por seis vezes os trens tinham chegado e deixado seus passageiros. Por seis vezes Syd encontrou-se sozinho em uma

plataforma deserta, à espera. À espera da chegada do pai, que nunca aconteceria.

— Eu não quero saber nada do Labos — exclamou —, só estou interessado no livro. Você já o leu? Pode me falar a respeito dele?

Lizovic escarrou uma ostra e o encarou. Seus olhos úmidos de febre vieram inspecionar a confusão de Syd. Lizovic viu a vertigem que tinha se apoderado dele. Viu que estava armado. Ele falou. Falou lentamente, sublinhando cada palavra, sem tirar os olhos do rosto pálido de Syd, a quem ele sabia ter traído.

— Recorremos ao livro — disse Lizovic — no momento da minha nomeação para a Recuperação e pelas mesmas razões. É o texto fundador do mundo tal como o senhor o conhece, sobre o qual o senhor não sabe nada se não leu o livro. Não adianta nada que eu o cite ou tente resumi-lo para o senhor: é preciso que o senhor apenas abra os olhos. Abra seus olhos e veja o mundo, e assim que seus olhos se contraírem de horror e de indignação e optarem por se desviar, assim que o senhor for confrontado por algo cuja visão não pode suportar, deve dizer a si mesmo que tudo isso foi escrito, fundamentado e decidido pela consciência de alguns de seus semelhantes, deve dizer a si mesmo que isso foi ignorado, autorizado, permitido pela consciência ou inconsciência de todos os seus semelhantes. Eu não posso lhe transmitir o que sei, não posso lhe transmitir o que foi para mim ler esse livro. Não é possível contá-lo como uma história, não se pode discuti-lo como se faz com as ideias, é uma experiência quase física, uma iluminação, uma metamorfose da percepção que ocorre de maneira tão violenta que a mais violenta das drogas jamais seria capaz de provocá-la. A gente se torna dono do mundo, a gente o possui pela terrível verdade de sua concepção, a gente não pode fazer nada a respeito e se o senhor quiser um exemplo...

Lizovic parou. Ele tossiu, cuspiu e perdeu o fôlego. E acendeu outro cigarro. Então, recomeçou com uma voz alterada, quase inaudível:

— Se o senhor quer um exemplo, aqui está um. Temos de eliminar o aspecto sensorial, clínico. É importante que o senhor se livre das imagens, porque não é nessa imagem que reside a verdade do livro,

mas em sua inspiração, sua fundação. Se tivesse tido a oportunidade de ler o livro, o que iria encontrar teria disparado no senhor a mesma iluminação insuportável, o mesmo ódio cego e impotente, a mesma execração a absolutamente tudo, a mesma indignação de tal intensidade que torna homicidas mesmo aqueles que são adversos ao assassinio, se eu lhe disser o que acabou sendo a vocação, a resolução dos Labos...

O *extermínio*...

Syd enfiou duas balas na cabeça de Lizovic.

QUARTA PARTE

EXIT

9

Uma mistura de vapores de álcool com suor frio constituiu seu destino nas trinta e seis horas seguintes. Um destino melhor do que ele merecia. Sempre soubera que no dia em que desse espaço à violência que havia nele seria uma questão de tempo até ser inteiramente possuído por ela. Houve períodos de sua vida que podiam comprovar isso. Períodos que ele tentou ignorar. Em vão. Porque esses períodos de violência eram essencialmente ele, eram mais o seu verdadeiro ser do que o grande deserto que havia a seu redor: os anos a fio que a necessidade o obrigou a rejeitar. Ferir e se ferir, o resto consistia apenas em momentos em branco. Toda a intensidade que ele era capaz de conseguir com grande dificuldade desse conjunto de sensações largado no passado: a existência havia se condensado no exercício desse poder. Ele havia matado, havia espancado, havia recebido mais do que devia receber, havia bebido até entrar em coma. E havia sofrido, no seu corpo e na sua consciência, mas ficara a convicção de que acabaria por se render, totalmente, definitivamente.

Ele queria sumir. O livro tinha virado fumaça e, com ele, evaporaram as respostas que buscava. Agora, investigador sem investigação, ele não tinha mais qualquer razão para correr. Condenado com a pena suspensa, estava de saco cheio de fugir. Ele tinha voltado para a Pandemonia, para *ela*, para sua última escala, seu último porto.

• • •

Eles viviam à noite. Queriam acreditar que o mundo já não existia fora daquele quarto. Tinham conseguido salvar um pedaço para eles,

não muito, dezoito metros quadrados, uma cama, uma banheira e um carregamento de álcool. Dia e noite tornaram-se indistinguíveis desde que a eletricidade fora limitada. A única diferença era o ruído. Havia a noite barulhenta, aquela dos dias passados, quando os assinantes ainda se agitavam em busca de subsistência e distrações, e, em seguida, havia a noite silenciosa e, no coração desta, eles conseguiam roçar seus sonhos com a ponta dos dedos: eles estavam fora do tempo, fora do mundo, fora de perigo.

Por volta de uma hora, os projetores aéreos de relevância tinham diminuído. As passagens do Transdistrital ficaram espaçadas. O barulho das sirenes havia recuado para o norte, na direção do Sub-Tex e das fronteiras das não zonas. A noite havia se fechado sobre eles como uma vastidão de águas protetoras. Eles perceberam que estavam sem Euphorie Light, com a qual cortavam o efeito da vodca em doses cada vez mais longas, a fim de atrasar ao máximo a rebordosa. Desde que Syd voltara, eles não se tocaram. Um constrangimento adolescente fazia com que os dois se comportassem como estranhos cheios de não me toques, obrigados a compartilhar a mesma cela. Syd tinha saído do quarto, a fim de obter os excipientes para o álcool destilado. No salão, as crianças-bibelôs, devolvidas à liberdade pela ausência de Tevere, participavam do Jogo. Sempre essas três notas baixas opressivas. A melodia medíocre lembrou-lhe a sinfonia do homem que ele havia abatido. Pensou, então, em tudo o que não suportava mais: a música, o mar e o céu, pensou em sua própria infância e, depois, em seus mortos.

Blue não estava no quarto. Pela porta entreaberta do banheiro, escapava um ar quente e úmido, e o ruído da água correndo. Syd esvaziou seu copo. “Primeiro repeteco”, pensou, e empurrou a porta.

• • •

— Você nunca me contou o que é isso — disse Syd, depois da transa, enquanto abria o roupão de Blue e acariciava com os dedos

toda a extensão de uma cicatriz de tecido morto em forma de arabesco que cobria a barriga de Blue. O chão úmido e ensaboado do banho os havia retido até que se tornara inviável para aquilo que queriam fazer. Eles haviam, então, retornado para a cama e Syd teve a impressão de que não sairiam dali até que viessem buscá-los. Blue fechou seu roupão e serviu-se de uma bebida.

— Medusas — respondeu —, de quando eu tinha onze anos.

— Quando você tinha onze anos, o fundo do mar não era mais tão facilmente acessível.

— Os aquários da Cidade — disse Blue. — Nós fomos visitá-lo com a escola. Isso exaltou a imaginação de um monte de garotas que me odiavam, por razões que ainda desconheço. Elas marcaram comigo lá, à meia-noite, para que acertássemos nossas contas, e me jogaram dentro do tanque.

— Você estudava em que escola?

— Isso é um interrogatório? — perguntou Blue.

— Eu não sei — disse Syd —, na escola a gente aprende todo tipo de coisa. A gente aprende a ler, por exemplo.

— Vá à merda — disse Blue, e virou as costas.

• • •

Ela mentia e Syd não se importava. Ele decidiu que, de agora em diante, ia se lixar para praticamente tudo. Ele continuou a beber sozinho. Ao seu lado, Blue, imóvel e mal-humorada, fingia dormir. Às sete horas da manhã, ele sentiu tesão. Colocou a mão sobre a garota, que, sem entusiasmo ou resistência, deixou que ele fizesse. Em seguida, ele se deu conta de que estava morrendo de fome e foi até a cozinha. Comeu apressado seu *cheeseburger*, porque os olhos vazios das crianças-bibelôs lhe metiam medo. As crianças-bibelôs dormiam em pé, os olhos semiabertos, como os cavalos. Voltou para o quarto. Os corredores dançavam. Ele se deitou ao lado de Blue e reuniu suas poucas reservas de ternura para acariciar os cabelos dela

em sinal de trégua. A música de abertura de um desenho animado ecoou em algum lugar do apartamento.

— Eu queria que a gente conseguisse sair daqui — disse Blue, e Syd achou que ela estava chorando, mas quando, para ter certeza, a fez girar sobre si mesma, viu que seus olhos estavam secos.

• • •

Eles não podiam ir embora dali. O reencontro e a boa vontade de Tevere foram providenciais. Como ex-tira, Syd já havia estado do outro lado da rede. Para onde poderiam ir os fugitivos?

A Grande Central sabia de tudo. Das relações conhecidas aos breves encontros, tudo era listado e classificado. Os hotéis mais vagabundos não ofereciam o menor direito de cidadania aos mortos-bancários. Eles eram denunciados imediatamente à Clandestina. Sobrava a incerteza de uma fuga para as não zonas. O acaso tinha posto Tevere no caminho de Syd. Nem Rastreador, nem chip bancário dedo-duro sabiam do reencontro deles. Esse relacionamento não estava registrado. O esconderijo ainda tinha alguns dias de vida. Poucos dias para decidir entre fugir e ficar. A Câmara ou as não zonas... Felizes alternativas. Ele quebrou a cabeça pensando e não encontrou outras.

Às oito horas da manhã, Syd, que estava no limite do tédio, lembrou que tinha ainda a metade de um charuto em algum lugar do quarto. Ele liberou lentamente o braço que o sono de Blue havia raptado. E foi fumar no banheiro, sentado na borda da banheira. Eram oito horas da manhã e era noite fechada. Syd lembrou que o Executivo tinha confiscado o amanhecer. A terceira alternativa despertou dentro dele. Ele se levantou e encarou o espelho. Três dedos formando uma arma: o indicador e o dedo médio em riste e o polegar perpendicular a eles. Syd apontou o cano contra a testa e abaixou o polegar. “Bang”, murmurou.

• • •

Eram dezessete horas quando Syd acordou. Ele apertava com força na mão direita o charuto apagado. A seu lado, Blue assistia ao noticiário sem som. Ele enterrou sua enxaqueca na curva da cintura dela. Blue aumentou o volume.

Desde a manhã, ocorriam combates às portas da Cidade. Foram realizadas batidas nas não zonas. Embora nenhuma prova ligasse a autoria dos ataques aos moradores das não zonas, “eles” quiseram dar um exemplo. Três ou quatro figuras locais tinham sido sequestradas pelo SPI para serem interrogadas. Informações tinham vazado e, desde as dez horas, as famílias das vítimas tinham se aglomerado atrás dos postos fronteiriços para exigir as cabeças dos presumíveis autores. Dois furgões foram atacados. O primeiro com sucesso, resultando no linchamento sumário de seu ocupante. O segundo conseguiu forçar a passagem. Três agentes de preto tinham usado as armas sobre a multidão. Detenções em massa. A Cidade, pasma de indignação. Naquele dia, ninguém foi trabalhar e, além disso, uma denúncia anônima informou às Atividades Anticitadinas que o Prédio da Rádio seria o próximo alvo. Nove sujeitos da TecnoCrime foram ao local para desmantelar tijolo por tijolo o enorme edifício em forma de U, vistos ao vivo em todos os canais da Cidade. Os explosivos, infelizmente, ainda eram raros, e, além disso, dois mil taxistas se reuniram em frente ao prédio para protestar contra o fim das emissões.

• • •

Às nove da noite, eles se vestiram com um roupão de tecido atoalhado e se juntaram a Tevere para o jantar. Fazia duas horas que este último tentava em vão acionar o serviço de quarto. Todos os três saíram de roupão pelas aleias que formigavam de pandemônicos esfomeados e despenteados, agarrados em seus Rastreadores para lotar de invectivas a caixa postal das Reclamações. Syd assumiu a liderança na descida até as cozinhas.

Eles atacaram os frigoríficos, as despensas e as adegas, e algumas disputas eclodiram, tendo a posse de um presunto cru como prêmio.

Syd, Blue e Tevere jantaram em frente à tv, à base de vodca. Blue não comeu nada, não disse nada, se contentou em entornar um copo atrás do outro, enquanto não tirava os olhos de uma retrospectiva da primeira temporada de Sub-Tex. Na tela, o cego enchia de ousados tabefes o homem-tronco. A conversa, reduzida a um lero-lero entre os dois homens, girava em torno dos ataques e das reais possibilidades de fuga para as não zonas. Tevere, que havia visitado naquele mesmo dia seus escritórios esvaziados pela greve, tinha sido capaz de recolher algumas opiniões. No final do dia, três empregados haviam se mandado para nunca mais voltar, tendo como objetivo pegar, apesar do tráfego, o trem noturno para a Zona Exterior Oeste, na estação Exit. Tevere sentia-se, ele próprio, impedido de partir porque, e ele apontou com um gesto cheio de ternura para os três pedestais dos bibelôs na sala, “quem cuidaria da minha coleção?”.

Blue, então, levantou-se da mesa, sem dizer uma palavra. Tevere fez o que se faz nesses casos. Mudou de canal e aumentou o volume. Syd tornou a encher os copos. Enquanto caíam de boca nos restos de um saboroso Vacherin, assistiram ao vivo à explosão do Prédio da Rádio, incluindo os sapadores e os curiosos. Eles correram para a janela. Na extremidade leste do bairro de negócios, havia algo que parecia uma grande fogueira.

— Por que você nunca me fala do seu irmão?

— Por que eu falaria dele?

— Não sei, os aflitos fazem isso.

— Eu não estou aflita — disse Blue.

Ela abafou um suspiro. Syd, que estava sentado na beirada da cama, o mesmo charuto apagado na boca, se apalpando à procura de fósforos, virou-se para Blue. Ela estava deitada de barriga para cima, os braços cruzados e os punhos cerrados. Pálida nas extremidades, de roupão branco, o rosto de madrepérola, flutuando em cima de lençóis escarlates. Syd pensou naquelas estrelas cadentes que, por vezes, apareciam na janela de seu quarto de criança, cujo fulgor admirava sem, contudo, saber que elas já

estavam mortas. Ele pensou na história que seu pai lhe contara. A história de um cara, um saxofonista, cuja namorada tinha empacotado, e ele fora até o inferno para trazê-la de volta. O cara solicitava uma audiência com os donos do lugar e executava seu solo, que era bonito e triste e amolecia o coração dos guardas frios e ferozes. Ele, então, conseguia a garota de volta, mas com uma condição. Tinha de guiá-la para fora do calabouço, sem se voltar para ela. Se ele olhasse para trás, uma vez que fosse, o contrato seria quebrado e restaria para a garota o retorno, imediato e sem apelação, ao cárcere. O saxofonista começou a caminhada de volta, a namorada em seu encalço. O passo da garota era tão leve que, mesmo para o ouvido apurado do virtuose, parecia não haver ninguém atrás dele. Ele, então, olhou para trás. E a garota se desfez imediatamente no ar. Ela se dissolveu nos braços do sujeito, virando areia, ar, vento. E ele voltou ao mundo dos vivos, sozinho com seu saxofone.

— Eu estou angustiado — disse Syd.

— Eu sei — disse ela —, mas você não devia ficar. — E Syd pediu que ela continuasse a falar.

Blue disse que a fascinação duvidosa que ele sentia pelo irmão dela nunca fora recíproca. Fazia muitos anos que as engrenagens do coração de Shadow tinham enferrujado. Um único mecanismo continuara a funcionar desde então, e não era o da camaradagem. Nem o do amor filial. Nem mesmo o do amor. Não, Shadow nunca sentiu nada em relação a Syd que não fosse uma vaga benevolência, a qual trairia na primeira oportunidade. Ele havia se aproveitado dele. Ele usava tudo e todos, mas servia apenas a uma única causa.

— Qual? — Syd perguntou.

— A minha — respondeu Blue.

Em seguida Syd assistiu a um milagre, uma lágrima no canto do olho de Blue Smith. Ele lhe pediu para falar mais, e ela recusou. Ela só queria esquecer o assunto. Um silêncio inquieto invadiu o ambiente. Syd olhou à sua volta: garrafas vazias, as roupas amarfanhadas no chão. Blue petrificada em seu ultimato. Os lençóis úmidos jogados para fora da cama, revelando a capa do colchão maculada com manchas. A tela sem som transmitia uma campanha

em prol das crianças, a da pronta adoção. Syd levantou-se e escancarou as janelas. Esticou o pescoço e deixou que o vento batesse em seu rosto. A leste, o fogo tinha diminuído, e não projetava mais do que uma vaga incandescência e turbilhões de fumaça preta que pareciam ser uma continuação do céu. O vento devia estar soprando de lá, isso porque Syd podia sentir o cheiro de queimado. Eram quatro horas da manhã, os postes com iluminação halógena tinham sido reduzidos a uma luzinha fraca e as telas haviam interrompido suas emissões.

Apenas as cores Clair-Monde cortavam a noite.

Syd jogou o conteúdo de seu copo pela janela. Ele se dirigiu ao banheiro, ignorando Blue, cuja pose convidava a uma foda. Encheu o copo com a água da torneira e jogou dentro dele três comprimidos de aspirina. Completou seu tratamento com cortisona e anfetaminas legais. Achou esquisito beber a água transparente. Evitou seu reflexo no espelho e se enfiou no chuveiro. Ficou cinco minutos sob o jato de água gelada, tratamento de choque para clarear as ideias. Quando saiu, estava finalmente em condições de olhar para o espelho. O livro tinha virado fumaça, reduzindo a cinzas a palavra final sobre a morte de Shadow. Mas o livro não era tudo. Se ele não podia saber o porquê, pelo menos poderia saber como.

Era hora de voltar à perseguição.

Isso fora registrado na tela do telefone público.

Fazia quarenta e oito horas que estava em suspenso entre a Logicriminal e a sua caixa de mensagens. Fazia muito mais tempo que estava na parte submersa de sua própria consciência, que a parcialidade manteve inativa durante todo esse tempo.

Ele suspeitava. Ele sabia.

Imbecil. Cego. Covarde.

Tinha negado mais do que uma suspeita. Tinha negado a evidência. Entre a própria vida e a verdade, ele escolhera a verdade. Optara por colocar sua vida em perigo para continuar em busca de um objeto indistinto, em estradas onde as placas tinham sido sabotadas, cujos atalhos haviam sido direcionados para a morte.

Entre a verdade e Shadow, ele escolhera Shadow.

Estava registrado na tela do telefone público.

Sua pesquisa pelas palavras-chave “pane Rastreadores perímetro crime” resultou em algumas linhas.

Ref. — 10/03/20 — Incêndio do Innocence — ARQUIVADO

18/11/31 — Delito de fuga, Smith Charles, em Mandatos e Pesquisa — ARQUIVADO — nº MR 31802

10/03/20 — Tiroteio no Canon District, relativo a homicídio por bala, homicídio múltiplo — POR RESOLVER — nº CRIM 20321

1º/04/20 — Duplo homicídio Smith, Smith Thomas, Smith Serenity, relativo a homicídio por balas, homicídio múltiplo — POR RESOLVER — nº CRIM 20568

• • •

Enquanto fugia pelos corredores desertos de Pandemonia, Syd tentou traduzir sua certeza imediata em termos lógicos. Mas, ao mesmo tempo em que ele estava ansioso para saber, começou a autojustificar seu desvio do objetivo. O SPI é que o tinha levado ao erro. O SPI estava envolvido nos dois casos. Eles tinham abafado o caso do Innocence e, dez anos mais tarde, essa confusão toda em torno da morte de Shadow. Casos incômodos, duas tentativas energéticas de abafá-los. Mas ali, onde Syd tinha visto Shadow apenas como uma vítima pontual, agora percebia com uma clareza fulgurante que havia um culpado. Seu culpado.

Não foi o SPI que havia congestionado a Rede para encobrir o assassinato de Shadow. Fora o próprio Shadow que tinha usado suas armas para proteger sua fuga. Pela terceira vez.

Dez anos antes, nas três semanas que se seguiram ao incêndio do Innocence, dois assinantes foram apagados. No nevoeiro. As vítimas: Thomas Smith e Serenity Smith, ou seja, os pais de Charles “Shadow” Smith.

Shadow: o seu amigo, o seu iniciador, o seu modelo. O herói da Guerra Narcótica. O melhor hacker da divisão. O salvador do Grande Apagão. Um incendiário. Um parricida.

• • •

Ele estava ao seu lado quando ela acordou. Sentado à sua cabeceira como se fosse a de um moribundo. Durante duas horas, ele a tinha olhado dormir. Ela dormia um sono milagroso, a paz distribuída pelos seus traços como um bálsamo. Apesar de uma impaciência quase febril, Syd não teve coragem de violar seu descanso. Agora, ele tinha uma ideia do que um pouco de paz significava para Blue Smith.

Ele esperou. Mais alguns segundos contemplando a moça intacta. Isso porque Syd desconfiava que, ao penetrar no mistério de Shadow, não restaria muita coisa a saber sobre Blue.

Ela despertou e ele deu início às hostilidades.

• • •

"Neste caso, eu lhe proponho um trato. Vou lhe contar tudo, mas depois a gente se manda. Na estação Exit, há trens que saem de hora em hora para a Zona Exterior Oeste. O último sai às oito horas. Quero que a gente viaje hoje. Quero que a gente abandone a Cidade.

— Certo."

Ficou acertado que eles não esperariam mais um segundo sequer antes de bater em retirada do quarto, no qual tanto um quanto o outro estavam sufocados a ponto de enlouquecer. Deixaram Pandemonia rapidamente, conscientes de que ainda fariam uma escala ali antes da partida definitiva, e pegaram as chaves do carro de seu anfitrião adormecido. Syd sentou-se ao volante e os dois não trocaram palavra enquanto o 4 x 4 devorava a rua salpicada de lixo e entulhos. Os trabalhadores mais humildes foram os primeiros a

fugir e as ruas estavam entregues ao abandono e à sujeira. Blue tinha escolhido como Confessionário as margens íngremes do rio de Sucata. Saíram por volta das sete da manhã. Durante quinze minutos, dirigiram lentamente o carro e viram, sob seus olhos, a Cidade despertar de seu sono e começar, sem que Deus se dignasse a acender as luzes, a viver. As trevas... Ali como em qualquer lugar...

Syd tinha parado o 4 x 4 no estacionamento dos Matadouros da Cidade. Ao fundo, uma passagem dava para uma ruela paralela ao cercado de ferro no qual o gado era reunido. Syd e Blue subiram o caminho em meio ao fedor e aos mugidos das vacas que ali esperavam para ser abatidas. Um lance de escada até o cais. Bastante íngreme.

Syd passou na frente.

Eles chegaram às margens. O ferro-velho transbordava para fora do leito do rio e os dois sentaram sobre o capô de um velho táxi. O chão estava coberto de garrafas de cerveja, seringas e embalagens de sanduíches.

Blue falou, o olhar fixo sobre as ondas imóveis, todas feitas de peças arrancadas e chapas de metal dobradas, embora de tempos em tempos, a cada passagem do Transdivisional sobre a ponte dos Matadouros, fosse obrigada a calar-se.

Blue falou, mas não foi a sua própria história que ela contou. Porque não era isso que ele queria ouvir. Syd queria ouvir a história de Shadow e ela, portanto, contaria a história de Shadow.

É claro que ela desempenhava um dos papéis principais nessa história, mas, para não interferir no desenrolar dos fatos, iria relatar os eventos como se não tivessem acontecido com ela. Como se tivessem acontecido com outra pessoa.

Alguém que eles não conheciam, nenhum dos dois.

Serenity Smith não era de fato uma criminosa. Fora uma mãe ruim, tinha a alma de puta e maldade para dar e vender; no entanto, seu crime, em certo sentido, fora apenas a reprodução banal de um esquema familiar — comum, e também errado. Isto é, fora a própria mãe que a criara assim, preparando-a como se fosse um terreno para construção, esperando, em última análise, tirar algum proveito dela.

Trinta anos depois, o nascimento de Blue iria oferecer a essa curiosa tradição matriarcal sua apoteose.

Tal como acontece com os cafetões que viciam seus jovens recrutas no crack ou na heroína, a mãe educara Serenity para o luxo. Ela a transformara em uma viciada em supérfluos. Serenity seria uma dessas mulheres capazes de passar por cima da virtude, da moral, de sua própria consciência e de sua autoestima para conseguir serviços e objetos. A mãe puta, porém, se rendeu ao amor. Serenity fugiu no dia seguinte ao seu aniversário de 26 anos com um jovem proletário.

O casal comprou uma oficina de carros na zona periférica. Passados três anos, o negócio florescia lentamente. Eles haviam ascendido à propriedade privada e, portanto, decidiram procriar. Charles nasceu no hospital da Santa Casa Airbus. Durante os meses que se seguiram, a mulher, que havia se tornado mãe recentemente, viu-se tomada pelas ansiedades típicas. A começar em relação à juventude e à beleza, à perspectiva de uma vida dedicada dali em diante exclusivamente ao bem-estar da prole. Ela deixou de amar seu marido. Teve ambições sociais. Eles se mudaram. Instalaram-se numa pequena casa na periferia do Vale da Bolha. Investiram em revestimentos, cortinas e estofados em *toile de jouy*. Charles seria educado com os bacanas. Bem no meio desse período de transição, o Rastreador de Serenity tocou para matar saudades. Um de seus contatos estava sentindo sua falta. Sua mãe tinha sido desligada.

No seu terceiro Natal, Charles foi coberto de brinquedos, que ele imediatamente começou a abrir com a faca, cheio de um entusiasmo balbuciante, o que encheu de satisfação o coração do pai. Serenity ganhou um casaco de pele de coelho de segunda mão. Naquela noite, bêbada de champanhe vagabundo, ela destruiu a louça.

No mês de fevereiro seguinte, Serenity regressou de uma ida ao centro escoltada por dois policiais e com algemas no pulso. Ela foi flagrada no Centro Comercial do Brinks Boulevard com as mangas de seu casaco de pele de coelho cheias de cosméticos e bugigangas. O casal conheceu então a sua primeira briga violenta. Thomas Smith não queria admitir que sua esposa era uma ladra. Serenity, aos berros, amaldiçoou a si mesma por ter se casado com um miserável.

Ela declarou que lhe tinham roubado a vida. Ela merecia mais do que isso: merecia um destino.

Foi quando mergulhou numa depressão profunda, decretou que viveriam em quartos separados e começou a se embriagar.

Thomas Smith sofria de um mal ameaçado de extinção: o amor conjugal. Ele chorava todos os dias. Fazia confidências ao seu Rastreador e implorava a uma divindade indefinida que lhe desse a graça de ganhar na loteria.

Foi seu ajudante quem lhe trouxe alívio: ele mencionou o direito ao Conforto Mínimo e um litígio recente que opôs um assinante endividado numa ação contra a Cidade. Isso dera origem a uma jurisprudência que se tornaria o embrião daquilo que seria o direito ao Endividamento sem limite.

Graças aos créditos obtidos, Thomas pôde multiplicar seu negócio. Ele comprou um casarão com gramado. Serenity passou a dirigir um 4 x 4 militar e foi preciso um quarto inteiro para guardar os seus casacos de pele. Uma única falha: Charles, abalado pela discórdia entre os pais, não falava mais com eles e enchia de porrada seus colegas de turma.

O ano de 99 fora notável.

O crash veio pôr fim a toda essa felicidade consumista.

No casarão, os Smith, famintos, tiveram de apertar os cintos e os casacos de pele de Serenity foram devorados pelas traças. Charles não ia mais ao colégio e ficava o tempo todo despedaçando torradeiras e para-raios. À noite, ele vagava por ruelas desertas e roubava quartos desocupados. Em casa, se trancava no quarto e ficava tramando coisas.

Seis anos se passaram. Aconteceu a Grande Extinção e, no lar dos Smith, as únicas luzes que havia eram as das fogueiras e tochas. No pequeno salão, um grande fogo ardia noite e dia, consumindo um por um todos os móveis da casa. A fogueira, que ficava em frente à grande tela apagada, reanimava os cristais escurecidos com listras vermelhas e amarelas. Era ali que Thomas Smith se sentava algumas vezes, podendo ficar até dez horas sem se levantar, com os olhos fixos no reflexo do seu lar na tela apagada da tv. Foram seis anos, durante os quais ficavam vigiando a rua onde passavam os furgões

da Recuperação, que faziam batidas nas casas de família. Seis anos no corredor da morte, é o que Serenity, com a voz embargada e sem poupar no drama, mais tarde diria ao filho para justificar o seu ato.

Porque a ideia foi dela.

Apesar do afastamento dos cônjuges, Serenity dera à luz uma menina, em abril de 06. Este segundo nascimento não provocaria nem entusiasmo, nem interesse na mãe. Durante dois meses, a filha caçula de Smith não teve nem berço, nem carinho, nem mesmo um nome. Ela berrava, sufocando embrulhada numa zibelina devorada pelas traças, das profundezas de um quarto lá em cima.

O tédio e a atração pela novidade levaram Charles a examinar um pouco mais de perto a máquina de barulho do primeiro andar. Ele descobriu um ser minúsculo, com dois olhos enormes, de um azul de *chroma-key*, embutidos em uma pequenina figura feroz. Ele pensou em tufos de erva daninha ou nesses gatos domésticos que alguns meses de abandono e fome tinham transformado em predadores. Decidiu cuidar dela. Depois de alguns meses, os irmãos se tornaram inseparáveis.

Serenity Smith percebeu a aliança. Ela aconselhou o filho a deixar a criança sozinha. Ninguém na família deveria se apegar a ela e ela, em especial, não deveria se apegar a ninguém. Ela devia crescer ignorando até mesmo a existência da palavra amor. Tendo em vista o destino que a aguardava, essa era uma precaução saudável. Cada carinho que ela recebesse agora seria um tormento futuro. Blue, que recebera esse nome porque era Blue o que ele via ali, nunca deveria conhecer o amor.

Ele não deu atenção a isso.

Charles continuou a cuidar de Blue. Ele lhe ensinou sua tabuada. Levava a irmã para passear, levava-a para ver os gatos selvagens. Ele a ensinou a não ter medo da chuva, dos trovões e dos carros. A subir nas árvores, a correr rápido, a intimidar um animal selvagem bloqueando as sensações de medo. Às vezes, ele a surpreendia, de tocaia atrás da porta, espiando Serenity em pleno solilóquio diante do espelho.

Sem dizer palavra, ele arrancava a menina dessa contemplação.

Quando Blue fez seis anos, ele decidiu que ela era forte o bastante para fugir. Eles andaram até a autoestrada e ficaram pedindo carona para os carros. Um sedã caindo aos pedaços, com uma carroceria de duas cores, parou para apanhar os dois irmãos. Dentro estavam dois homens que se ofereceram, soltando risadinhas e olhares oblíquos, para levá-los ao Centro. Charles recusou o convite. Ele viu o mal naqueles dois homens. Eles voltaram para casa. Thomas Smith deu uma surra de fio elétrico no filho. Passados dois meses desse episódio, foi Serenity quem levou Blue ao Centro. Os transportes públicos haviam voltado. Um ônibus, trazendo todos os dias enxames de trabalhadores, parava na porta da residência.

Acampamentos foram erguidos. Uma lanchonete surgiu. Os edifícios abandonados foram derrubados e cartazes, que ofereciam qualidade de vida a preços moderados e anunciavam as futuras Torres Utopia, foram colocados em tapumes nas esquinas das ruas, maquetes de construções e promessas de vendas estavam disponíveis juntamente com o cadastro, sem necessidade de hora marcada.

Serenity voltou sozinha do Centro. Sozinha, mas com os braços carregados de produtos de primeira necessidade. Xampu, carne, vinho branco. Triunfante, ela anunciou ao filho que havia salvado a casa.

Ele amarrou a cara de vez. Exigiu saber onde a irmã estava. As respostas de Serenity foram evasivas e contraditórias, alusões imprecisas a uma pensão, uma adoção vantajosa. Em seguida, Thomas Smith começou a procurar trabalho. Aproveitando-se da ausência do pai, Charles submeteu a mãe a um interrogatório detalhado.

Ele a ameaçou, a xingou e a torturou.

Serenity lhe disse finalmente a verdade. Blue fora enviada aos Labos em troca de uma grande soma de dinheiro. Esse era o plano. Sempre fora o plano. A gente, como se diz, havia fabricado a garota para gerar riqueza e ponto final. A culpa não era de Serenity. A vida era assim. Charles encheu de porrada a mãe até deixá-la quase morta. Depois, fugiu. A partir daquele dia, toda a energia que ele tinha desperdiçado até então encontrara, finalmente, seu objetivo.

Charles foi para o Centro do Segundo Distrito. Ele rapidamente encontrou trabalho como entregador de locadora de jogos de videogame. Simultaneamente, enviou uma proposta para tomar o lugar da irmã nos Labos. O vaivém administrativo o mandava de uma repartição a outra, da perícia médica para os exames. Depois de alguns meses, sua proposta foi rejeitada: seu preço era demasiadamente baixo. Ele jurou que encontraria outro meio. De entregador, ele se tornou um reparador e, depois, produtor. A empresa matriz lhe pagou um curso rápido de computação. Ele vivia nos bairros-telas. Aluguel pago pela publicidade. Acabou sendo expulso, porque neutralizava as emissões sempre que desejava um pouco de silêncio. Ele se mudou para o beco Johnnie Walker, dividindo o aluguel com dois drogados. Passara a ter um trabalho importante, era agora supervisor de territórios eletrônicos. Dormia pouco e, de noite, vagava pelas regiões que lhe haviam sido confiadas, e expandia seu alcance, violando as barreiras, estendendo o caminho até chegar à própria Grande Central. No seu quarto do beco, tinha acesso permanente ao fluxo das confissões de estranhos, que ouvia até vomitar. Ali, concebeu um amor e um desprezo inalteráveis pela natureza humana. Foi ali, também, que descolou o apelido infantil de Shadow, o qual lhe fora dado como um batismo de fogo por outros mortos-vivos que exploravam as águas turvas da Rede com menos sucesso. Ele encontrou párias de olhos azuis que convidava para encontros em quartos de hotel.

Soube das verdadeiras razões da Guerra Narcótica antes mesmo que ela fosse declarada, e se alistou. Era soldado raso no Batalhão dos Alistados Voluntários; não esperou pela sua hora, ele a fez acontecer. Tinha a mania de piratear a correspondência ultrassecreta. Ele sabia que não havia inimigo nenhum. Sabia que a luta era contra o nada. Sabia as verdadeiras metas. Propôs um acordo; seus talentos de hacker e homem de ação faziam dele o agente ideal. Em troca, ele queria a irmã... Shadow convidou Syd para assassino auxiliar. O resto era história. Uma história em *off* que Syd conhecia melhor do que a própria Blue. Ela recomeçaria, portanto, a partir do reencontro do irmão-herói com a garota salva tarde demais.

Um mês depois, na plataforma da estação Transnorte, Shadow reencontrou uma menina de catorze anos que lhe era irreconhecível. Os Labos tinham tirado proveito dela e, entre outras sevícias, Blue tinha servido de cobaia para as cirurgias plásticas mutantes e fora obrigada a receber outro rosto, o qual ela odiava cada detalhe por tudo o que ele lhe lembrava. Eles a dotaram de uma epiderme de composição revolucionária, cuja patente não recebeu posteriormente licença para ser explorada. Uma epiderme inalterável que não manifestava as reações do corpo. Nem o cansaço, nem as marcas, nem os rubores podiam macular a máscara. Nem alergias, nem hematomas ou ferimentos.

Isso foi comprovado ao longo de seis séries de testes regulamentares.

Quando Shadow recuperou Blue, ela caminhava com muletas, dopada de analgésicos. Era um médico atrás do outro, todos perplexos diante de tanto sofrimento imperceptível. Shadow cuidou dela em casa. Ele pagava o tratamento desviando fundos.

Blue entrou em convalescença. Quis sair, sair para conhecer o mundo exterior que ela nunca havia visto. Seu irmão a levou ao cinema, a restaurantes, a parques de diversão. Nunca a deixava sozinha. Ele a acompanhava quando ia fazer xixi. Não deixava ninguém falar com ela. Ele a levou para assistir a uma luta de neoboxe. Ele conhecia o campeão. Era alguém que ele teria respeitado e amado se fosse capaz. Um cara a quem ele estava ligado pelo mal, intensamente próximo, portanto. Blue devorou as pipocas com um ligeiro gosto de queimado. Bebeu cerveja pela primeira vez e sentiu uma tontura.

Syd subiu na arena e ela teve uma vertigem. Ela o viu procurar os golpes e absorvê-los sem retaliação. Viu o sangue dele correr, sua pele ficar azul e seus membros entrarem em convulsão. Ela reconheceu nele algo de si mesma. Shadow a levou embora antes do fim da luta.

Ele raramente a deixava sozinha. Trabalhava em casa. Não tinha amigos.

Blue havia aguardado pacientemente que seu irmão não resistisse e fosse ver uma mulher. Uma semana após o jogo, aconteceu.

Quando Shadow voltou para casa de manhã cedo, encontrou a irmã inconsciente numa banheira cheia de sangue. Pensou que ela havia se suicidado. Mas Blue não estava morta, e nem por um momento quisera morrer. O piso do banheiro estava cheio de resíduos de plástico, finos como crisálidas. Blue tinha arrancado o revestimento com o qual os Labos a tinham ridiculamente vestido. Seu corpo era uma ferida só, mas voltara a ser novamente ela mesma, pronta para viver.

Ela permaneceu quatro meses de cama. Suas lacerações cicatrizaram de uma maneira menos repugnante. E durante esses quatro meses, contou ao seu irmão de que região precisa do inferno ela voltava.

Ela lhe falou dos Labos. Falou de horrores que ele nunca imaginara. Sobretudo, lhe contou sobre o Innocence.

Blue havia passado três anos nos Labos propriamente ditos. Os últimos três. Quando chegou, em abril de 12, a designaram, por assim dizer, a um anexo. Os recintos do Innocence pertenciam à Cidade e dependiam do antigo Ministério da Recuperação. Era uma franquia muito lucrativa, cuja verdadeira atividade era melhor não saber. O SPI assegurava a discrição e o sigilo.

Era um bordel de crianças.

Shadow surtou. Ele destruiu o apartamento e arrebitou a cara de um pobre sujeito que teve a péssima ideia de tocar a campainha, no número 30 do beco Johnnie Walker, para vender enciclopédias. Todo dia, Shadow desaparecia por duas ou três horas para correr. Ele corria a esmo, pelas ruas da Cidade. Corria até cair de exaustão. Desaparecia com tanta frequência que Blue sequer percebeu que de 9 de março a 1º de abril, ele passou todas as noites fora.

Eles se mudaram. Ela crescia. Ele construiu a reputação de que era um gênio. Ganhou muito dinheiro. Ela não tinha o direito de sair. Não tinha o direito de confrontar de novo o mal. Em 24, Shadow foi preso por espionagem industrial. Blue hesitou em fugir imediatamente. Antes, havia algo que queria fazer, que queria fazer há anos. Ela queria ler o diário do irmão. Levou cinco meses para decifrá-lo.

Shadow tinha incendiado o Innocence. Tinha executado seus próprios pais. Por causa dela. À noite, ele se encontrava com garotas parecidas com ela em quartos de hotel. Não adiantava fugir sem deixar endereço. Ele iria encontrá-la. Ela foi visitar o irmão na prisão. Ela lhe falou, ela lhe suplicou. Blue arrancou de Shadow sua própria libertação. Nunca mais retornou os telefonemas do irmão, cujo amor a aterrorizava. A insanidade de Shadow fora apenas uma reação a um passado que, até a mais tênue lembrança, ela queria destruir dentro de si. Ele, num certo sentido, o simbolizava. Ele *era* o passado.

E ela queria seguir em frente. Ela queria viver. Houve um tempo, um período muito curto, logo após sair dos Labos, uma zona de transição em que sua lucidez começou a se manifestar, onde ela havia compreendido que o pesadelo tinha acabado. Mas, para ela, o término do pesadelo significava também o fim do mundo que ela conhecia. Ela se viu despojada, entregue à sua própria vontade, e não sabia o que fazer com essa súbita liberdade. Não sabia como se sobrevivia nesse mundo exterior de horrores atenuados. Ela não percebia seus atrativos. Tinha pensado em desistir. Em sequer tentar. Tinha pensado em morrer.

Mas numa noite, em meio a uma multidão barulhenta e suada, num ginásio que reabria em horas não muito regulamentares, a única atração que ela pensava jamais poder encontrar neste novo mundo lhe fora revelada com a força e o brilho de uma epifania.

Uma vertigem...

10

“... O Executor Watanabe foi encontrado morto há três horas, em seus aposentos do Palácio Executivo. O chefe da Cidade teria se matado com uma bala na cabeça às duas horas desta manhã, após uma reunião extraordinária sobre a luta contra as atividades anticidadinas. O comunicado oficial do Palácio foi categórico quanto à natureza do ato: trata-se de um suicídio incontestável. Após a reunião, que durou até muito tarde, Georges Watanabe voltou imediatamente ao Palácio e teria passado um longo tempo no quarto de seu filho antes de se trancar em seu gabinete. Ele teria, em seguida, escrito sua carta-testamento, cujo conteúdo não fora divulgado. A carta manuscrita seria extremamente curta: não mais que uma frase com inflexões paranoicas. O Executor teria bebido meia garrafa de uísque antes de voltar contra si sua arma pessoal: um revólver calibre 38 com silenciador. O corpo foi encontrado às oito horas dessa manhã. Fotos ilegais já circulam na rede.

“Rei morto, rei posto. Quem será o sucessor do Executor nesse período de grande crise? Não será o vice-Executor Gregory De Bourgh, cujo envolvimento no escândalo das Usinas Exteriores é notório, mas o vice-Executor honorário, o retorno triunfal ao poder político desse veterano da reconstrução hiperdemocrática. Eu me refiro a Igor Vence, o antigo braço direito de Clair e, desde a primeira colaboração entre eles no Projeto de Energia do Desespero, o mentor intelectual de Watanabe. Por ora, os assuntos em pauta continuarão a ser despachados pelo governo, enquanto se aguarda a posse de Igor Vence no Palácio Executivo, agendada para amanhã, às dezesseis horas. Terceiro mandato para o líder dos Doze, o primeiro para o sistema Clair. Georges Watanabe deixa um filho de doze anos e uma Cidade tomada pelo caos. Dois mandatos, sendo o segundo inacabado, uma Executante marcada, entre outras coisas, pelo fechamento definitivo dos Labos e o emprego do direito de veto

aos Trinta e Oito. Enquanto isso, o número de assinantes de partida para as não zonas torna-se cada vez maior...”

Syd diminuiu o volume do rádio e decidiu não dar atenção ao caso. Watanabe tinha estourado os miolos porque fora atropelado pelos acontecimentos. Ele era um fantoche. Eram os Doze que puxavam os barbantes. Três negócios dos quais nunca desistiu: os Labos, os Trinta e Oito e a privatização das polícias. Bom para ele, conseguiu ganhar seu purgatório. Quanto a Vence, ele passava simplesmente dos bastidores para o proscênio, nenhuma mudança radical para o sogro, afora talvez a obrigação de clarear os dentes. E de resto, Syd estava se lixando. Ele também ia se mandar.

Soltou um suspiro. O som do rádio tinha sido reduzido a um sussurro apenas perceptível, deixando todo o domínio sonoro para o barulho da chuva no capô do automóvel. No assento do carona, Blue sentava-se o mais ereta possível, se penteando; como o perfil rígido de uma efígie de moeda, ela fingia uma calma que era desmentida pelo tremor de suas mãos escondidas entre os joelhos. Manuseava febrilmente, quase rasgando, os dois bilhetes de trem que eles tinham comprado na Rede às custas de Tevere. Duas passagens de ida para a Zona Exterior Oeste.

Cada quilômetro percorrido, enquanto o 4 x 4 se dirigia para a estação Exit, era como uma porção da realidade que se desfazia à passagem deles para ser dispersa e arrastada pela chuva.

Tevere não quis ir com eles. Foi no momento em que Watanabe, desiludido, soltava o seu derradeiro soluço sobre o tapete persa da Comissão Executiva que eles voltaram à Pandemonia, às pressas, pressionados por uma fuga premente, o único antídoto possível para a sensação de irreversibilidade que tomara conta dos dois após as confidências de Blue. Tevere estava em plena medição de seus bibelôs. Um após o outro, os garotos-esculturas ficavam com as costas coladas na parede enquanto as mãos sinuosas de Tevere tocavam sua barriga, seus ombros e seu crânio, para que não o enganassem. Syd compreendeu que Tevere não ia sair dali. E, embora não soltasse vivas por não precisar salvá-lo, achava triste terem sido salvos por esse cara, só ele, porque Blue, por razões facilmente compreensíveis, não suportava o sátiro dedicado, e Syd

se perguntou se não estava também preso a esse chão por um laço que não seria assim tão fácil de romper.

Ele virou no Texaco Boulevard na altura do número 130, ali onde uma série de piquetes e alguns tiras delimitavam a região devastada, onde ficava a igreja que tinha explodido. Não fosse por isso, seria possível dizer que a sucessão de dramas dos últimos dias nunca tinha acontecido. Syd evitou as vias com pedágio e pegou a faixa da esquerda, cujos veículos avançavam a passo de cágado, expostos na linha de frente da poeira dos bate-estacas e dos ferros-velhos habituais das grandes vias.

TUDO O MUNDO TEM DIREITO À BELEZA, TODO O MUNDO TEM DIREITO À JUVENTUDE.

C DE CONFESSONÁRIO: CONTE-NOS SEU PRESENTE, NÓS LHE DIREMOS SEU FUTURO.

BANCO DA CIDADE: FAÇA UMA SESTA, É O SEU DINHEIRO QUE TRABALHA.

LOTERIA URBANA: AQUI SE FABRICAM MILIONÁRIOS.

COKATRIL: ALIMENTE-SE PELO NARIZ.

PAN-HOTEL: O PARAÍSO NA ESQUINA.

PREVENTIVA-RODOVIÁRIA: ANDE RÁPIDO, MORRA VELHO.

PREVENTIVA-AGRESSÕES: O DIREITO À NUDEZ.

ANÚNCIOS-TELAS: VOCÊ É NOSSO CONVIDADO.

UÍSQE LIGHT: A BEBIDA QUE FALTAVA PARA AS GAROTAS.

LEXO JÚNIOR: OS MENORES DE 6 ANOS FINALMENTE ENCONTRARAM O *MARCHAND DE SABLE*. [\[1\]](#)

PREVENTIVA-SUICÍDIOS: MERGULHE NA NET.

H COMO HOLOGRAMA: O HERÓI É VOCÊ.

CLAIR-NEWS: A VERDADE, SOMENTE A VERDADE, TODA A VERDADE.

S DE SENTIMENTAL: COM CLAIR-MONDE O AMOR ESTÁ A POUCOS METROS.

COM CLAIR-MONDE, A FELICIDADE NÃO É MAIS UTOPIA.

Só uma vez, a última, Syd se recusou a se refugiar dentro de si mesmo. Só uma vez, ele tinha decidido ouvir. Tinha decidido olhar. As vozes se misturavam e se confundiam, lutando umas contra as outras, as imagens se sucediam, se aceleravam, vinte e quatro imagens por segundo, numa centena de videotitãs ao longo de todo o bulevar, e as telas nas laterais dos ônibus e dos táxis, e as telas nas vitrines, e as fachadas envidraçadas que funcionavam como refletores até o céu nebuloso onde os feixes gigantes dos retroprojetores disputavam espaço aos empurrões com suas tomadas em *travellings* circulares, cortes secos, quedas bruscas e voos rasantes, tabletes de chiclete grandes como mesas de tortura, horizontes sintetizados, hambúrgueres falantes, bonecas copulando, cães que levavam gente para passear na coleira, gordas que se transformavam em loiras mais rápido do que a luz do semáforo ficava vermelha, os dentes brancos como louça que afundavam em barras energéticas com o barulho de um raio partindo uma árvore, utilitários esportivos transando, pais loiros dando consoles de

videogames para os filhos loiros, que os deixavam finalmente em paz para que a tranquilidade fosse restabelecida em grandes salas loiras, Estrelas mortas há séculos sorrindo para as objetivas, camisinhas revestidas de agente erétil feito a partir do falo de um adolescente infeliz, e novamente pais loiros, mas dessa vez dando sedativos para os filhos loiros agora epiléticos graças ao abuso de jogos de vídeo, máquinas de café expresso vomitando um líquido gorduroso como uma secreção, câmeras fotográficas imortalizando adúlteros com sua teleobjetiva, gente enlouquecida pela insônia se infligindo grandes marteladas na cabeça, enquanto outros, os felizes, engoliam Clonaxil e voavam para além das nuvens, nuvens, aliás, inumeráveis, não as cinzentas, com o horizonte inchado de chuva e atiradores, mas rosa, luminosas, leves como uma gaze, etéreas sobre uma lagoa em que Anna Volmann se banhava sob um sol ardente, auroras deslumbrantes deslizando pelas praias na maré baixa, tudo contido dentro de lâmpadas de ultravioleta, parte das cabines a serem instaladas em casa, raios de sol de pixels se escondendo nos ramos de uma árvore de chicletes, ventos soprando suas rajadas na superfície de um mar azul sombrio, carros esporte furando os pedágios para disparar nas estepes onde harpas eólicas dançavam com frases e palavras que se desnaturavam através das imagens, perdendo sua flexão, perdendo a segunda pessoa do plural, o imperativo e o sedutor, sobrando apenas fragmentos, partículas órfãs abandonadas na decolagem que o ouvido de Syd recolhia, para que seu cérebro fizesse delas então o que quisesse.

Aqui, ILIMITADAS, aqui, VERDADE, aqui, BELEZA, FELICIDADE, SOZINHO, AREIA, VELOCIDADE, SEMPRE, PORQUE, UTOPIA, PARA VOCÊ, DESEJO, PULAR, PARAÍSO, FUTURO. LÁ LONGE...

As buzinas e a confusão iam se multiplicando à medida que eles se aproximavam de Exit. Fazia quarenta e oito horas que os assinantes fugiam em massa, abandonando seus carros, que bloqueavam os acessos à estação. Alguns policiais, sob os impropérios dos futuros expatriados que estavam se lixando para essa autoridade que deixariam para trás no momento preciso em que o trem de 12h45 partisse para as não zonas, tentavam organizar uma leva de fugitivos, dando prioridade aos motoristas de táxi.

Syd disse a Blue que era melhor eles continuarem a pé e tirou do carro as três malas entupidas de biscoitos proteicos, frascos de xampu, munições e, o mais importante, um purificador de água que o previdente Tevere lhes dera, correndo o risco de matar de sede suas orquídeas antes que conseguisse comprar outro. Precaução puramente formal, pensou Syd, e que não os impediria de morrer de fome e sujeira nessas não zonas onde, com exceção de imensos complexos industriais nos quais moradores das não zonas eram explorados, só havia acampamentos ou ruínas, construções sem telhado, sem água ou eletricidade, lembranças das antigas potências que a Cidade tinha vampirizado antes de deixá-las morrer: escadas aos pedaços subindo para o céu negro, janelas sem vidro, algumas paredes ainda de pé embora não sustentassem mais nada.

À medida que se aproximavam da estação, a multidão ficou tão compacta que avançar tornara-se uma manobra militar. Syd segurou o braço de Blue e a apertou contra si. Eles entraram no tumulto. Uma gama de suores e perfumes contraditórios veio estimular uma área precisa do cérebro dos dois, aquela propensa às náuseas, já bastante solicitada ao longo dessas duas noites que passaram bebendo vodca. Na entrada da estação Exit, o clima não estava para cortesias. Três adolescentes de quinze anos deram um encontrão violento em Blue para passar e Syd, reprimindo um reflexo de revidar, apenas se contentou em fechar o cerco. Atrás deles, estourou uma briga. Multidões compactas são bons condutores de brigas. Ela foi crescendo. Atrás do cordão de isolamento que delimitava a sinuosidade da fila, cerca de dez ou quinze caras da segurança continuavam a bancar os escrotinhos com os seus cassetetes de choque elétrico, sem a menor intenção de intervir. A missão deles era apenas garantir, aos assinantes que quisessem se mandar, que se mandassem de vez e em maior número possível. E para dois viajantes em particular, Syd Paradine e Blue Smith, ambos encabeçando a lista negra do SPI, era ótimo que nessa cidade onde era tão difícil entrar, fosse tão fácil sair. Esse era um belo exemplo de benevolência: o perdão, tendo como única condição a concordância em deixar o jogo. De ambos os lados da entrada diante deles,

estavam dois avisos, em tinta preta sobre um fundo sujo caiado de branco:

ESTAÇÃO EXIT, TODA SAÍDA É DEFINITIVA.

Um tiro ecoou atrás deles. Syd não precisou se virar para saber que tinham atirado para cima. Perguntou-se por que ele mesmo não pensou nisso. Após cinco segundos do choque de praxe, a multidão gritou, se dispersando ou beijando o chão. O atirador escondeu rápido a arma e correu para dentro da estação, era um típico pai de família, ladeado pelas filhas gêmeas, com aparência classuda, que não combinava em nada com sua estratégia, bem original, para furar a fila. Syd agarrou o braço de Blue e eles se mandaram atrás do burguês, pulando malas e corpos encolhidos sobre o asfalto. Atrás das cordas, os seguranças caíam na gargalhada.

• • •

A estação Exit remontava ao dilúvio. Durante a era solar, ela tivera o monopólio das ligações com a costa. Após a interdição dos litorais, garantia apenas o serviço mínimo. Eram vinte e duas linhas, mas só três funcionavam. Uma de reserva, duas para o tráfego de ida, nenhuma linha para a volta. O acesso era feito por intermédio de um átrio coberto. Lojas de bebidas, uma Starbucks, uma banca de jornais, uma loja da *Delivery* e restaurantes de fast-food em guerra. Depois do átrio, o teto se transformava em uma grade de metal, através da qual luzes de dezoito quilowatts projetavam sombras de teia de aranha sobre o concreto nu das plataformas. O Rei do Hambúrguer se estendia por um mezanino em forma de U que dominava o átrio. Syd e Blue se instalaram no alto das plataformas, vendo ao longe a maré de viajantes. Flutuava no ar da estação, mesmo enquanto os trens estavam parados, o eco suspenso dos rolamentos, a confusão dos freios e das despedidas. Syd comeu as

últimas migalhas de seu sanduíche. Seu café estava morno. Ele o bebeu. Diante dele, Blue empurrou o seu prato de panquecas.

— Sem fome? — perguntou Syd, para se arrepender imediatamente da estupidez de sua pergunta.

Blue fez um gesto vago que poderia significar qualquer coisa. Falta de fome, ausência de apetite para comer, falta de vontade de falar pois não havia o que dizer.

Debaixo da ponte dos Matadouros, após o ponto final em suas confidências, enquanto todos à sua volta pareciam escutar o dobrar dos sinos pelo chefe da hiperdemocracia e, quiçá, pela própria hiperdemocracia, houve um silêncio, igual àqueles que se seguiam aos tiroteios. Syd não tinha respondido às confissões de Blue. Sua história fora pródiga em revelações, algumas lhe dizendo respeito demasiadamente. Algumas calando um pouco fundo demais.

Não porque Blue o amasse há muito tempo e, sem dúvida, de maneira errada. Não que esse passado pesado demais a tivesse estragado para os olhos dele. Pelo contrário, Syd não imaginava ser compreendido e aceito por alguém que não conhecesse as verdades vergonhosas e indefensáveis da vida. Ele sempre soube que Blue tinha tido mais do que merecia. Ela era dessa espécie particular cujas pupilas dos olhos carregavam um temperamento obscuro, a voz não tinha idade e o riso era impróprio, um riso no qual os gritos eram abafados.

A expectativa de vida dessa espécie peculiar ficava abaixo da média. A expectativa de vida e a expectativa sobre a vida.

Eles passavam os dias num terrível devaneio. Avançavam numa câmara sem janelas, totalmente à parte do mundo. Eles, com frequência, se compreendiam melhor do que os outros, mas aproveitavam muito menos disso do que o mais imbecil dos membros ativos da sua espécie. E depois, por vezes, o confronto ganhava espaço. Uma fissura, uma imprecisão. Por onde eram devolvidos à vida.

Blue estava viva. Graças a ele. Ele era o depositário de sua reintegração ao ruído e ao movimento do mundo. Era a sua estação primeira, a sua única esperança na vida.

— Por que você esperou todo esse tempo para vir me procurar? — perguntou Syd.

Blue fez um gesto vago que poderia significar qualquer coisa que quisesse: Isso é problema meu. Deixa para lá. Qual é a importância disso?

• • •

Eles marcaram um encontro para dali a quinze minutos, na plataforma A. Syd tinha que cuidar do destino das chaves do carro de Tevere. Blue foi trocar as unidades hiperdemocráticas por uma moeda segura. Metade em álcool. Metade em dólar para o mercado negro. Syd entrou na fila em frente à *Delivery*, e como não queria pensar em Blue, neles dois, na partida e em tudo que estava pendente, pensou em outra coisa. Três dias após a morte de seu pai, a *Delivery* tinha tocado a campainha de sua casa. Receber uma carta de um morto era uma experiência e tanto. A carta teve, entre outros, o mérito de deixá-lo imediatamente sóbrio. No dia da sua detenção, o velho tinha redigido duas páginas de uma prosa de cortar o coração, justamente porque não era essa a sua intenção. Recomendações frias como as orientações de alguém hierarquicamente superior, variações sobre o tema da moralidade, expressões infelizes de um pedantismo nunca visto, uma afetação pudica e luminosa de um pai de família cheio de ilusões sobre seu filho, que passaria a vida inteira sofrendo por não ter podido responder. A interpelação brusca do empregado da *Delivery* interrompeu seu pensamento. Syd deu-lhe as chaves: entrega paga para Matthew Tevere, Central-Norte, Pandemonia, Torre F, para, em seguida, voltar à plataforma A, cheio de desprezo por si mesmo, por sua propensão a ficar com pena de si mesmo. Cheio de comiseração de Blue e Shadow. Ele teve um bom pai. Por esse privilégio sem preço, deveria bater com a testa todos os dias no chão em sinal de agradecimento a um Deus efêmero.

• • •

Os alto-falantes cuspiam ao mesmo tempo seus assovios.

Era meio-dia e meia e as telas foram tomadas por retratos em sépia de Watanabe, flashes da viagem compulsória só de ida. No topo das escadas que desciam para a plataforma A, um monte de passageiros devaneava. Chegara a hora do dilema: voltar atrás para a dança das cadeiras dos atentados a bomba ou embarcar para a pré-história com a mulher e os filhos. Recuados, pequenos grupos estavam em plena confabulação. Blue estava em pé, resoluta, olhando firmemente para as plataformas. Syd se juntou a ela e percebeu em seu rosto uma breve expressão de alívio, que ela rapidamente engoliu.

— Está na hora — disse ele, e, juntos, eles tiveram o tempo necessário para avaliar o alcance do grande salto: alguns degraus, uns vinte para descer até os torniquetes que davam para a plataforma a céu aberto na qual um trem, com todas as portas abertas, estava à espera para engolir seu quinhão de passageiros para uma viagem sem volta.

Na extremidade da plataforma A, os trilhos mergulhavam no túnel de Exit, eram duas horas sob a superfície, sem adeus possível à habitual sucessão de casas imundas, cujas vistas das seteiras davam para a partida de outros, que, desde que o mundo era mundo, pontuavam qualquer trajeto ferroviário. A partida era definitiva. A partida era imediata. Nada de transição suave para os mortos-bancários voluntários. Após duas horas, o trem era jogado de novo ao ar livre e isso já acontecia nas não zonas, ou seja, com a noite absoluta pesando sobre a planície, com o brilho veloz do trem que atraía alguns destacamentos locais, comitês de recepção à base de insultos e lixo juntado como munição para armas de arremesso, resultando em alguns vidros quebrados e talvez um ou dois ferimentos para estragar a cara dos bons cidadãos. Após cinco horas, os passageiros da Exit de 12h45 chegavam ao fim da viagem. Nada de estação, nada de parentes e amigos, nada de avisos e nada de ponto de táxi. Onde se dava a parada, a linha de trem fazia

apenas o retorno. Então, a Brigada Exterior tinha dez minutos para apear de seus cavalos e promover a evacuação do trem. Syd observou a maior parte dos passageiros se dirigir lentamente para as plataformas. Homens covardes, civilizados, homens que tinham apostado a vida inteira na inviolabilidade de uma porta blindada, na honestidade dos bancos, na superioridade da linguagem sobre os punhos, na quantidade de tiras protegendo suas cabeceiras. E Syd experimentou um misto de pena e admiração por esses homens desarmados e pela coragem de que precisaram para queimar suas naves. No entanto, não deixava de ser uma boa piada, essa inversão do êxodo. Desde sempre, as grandes áreas das não zonas e as áreas urbanas valorizadas eram vasos comunicantes. Comunicavam-se em uma única mão. Os requisitos para a admissão eram muito rigorosos: esta era negada a muitos homens e mulheres que não tinham cometido outro crime além de ter nascido no exterior, mas alguns sujeitos, os chamados de elite, às vezes passavam com êxito em seus exames de entrada. Homens fortes, homens inteligentes, aqueles que traziam consigo o necessário para restabelecer os efetivos urbanos às forças depauperadas pelo conforto e a abundância. Mulheres selecionadas como se fossem éguas, crianças para encher os bordéis. Os moradores das não zonas tinham sido as minas de energia da hiperdemocracia. A hiperdemocracia os utilizara como uma provisão, buscando neles o reabastecimento de acordo com as suas necessidades. Os moradores das não zonas sempre olharam deslumbrados para as fronteiras, remoendo a esperança da passagem para uma vida melhor. Agora, o êxodo ocorria na direção oposta. O navio naufragava e era uma questão de salvar a própria pele. A emigração de médicos, engenheiros e trabalhadores especializados. Arquitetos, mecânicos, empresários, cozinheiros. Levaria algum tempo, talvez, até que se fizesse a reconstrução. Mas a reconstrução seria feita. Daqui a alguns anos, a Starbucks e os Pan-Hotéis, mesmo que com nomes diferentes, o que não faria qualquer diferença, seriam erguidos aqui, onde sopra, por ora, um vento de escorbuto sobre um deserto de ruínas. Os moradores das não zonas formariam, então, um anti-Clair-Monde. Alguns caras se lançariam sobre o poder de livre direito que irromperia da terra

fertilizada. Haveria guerrilhas, profetas, ideias. Com a tectônica social, afluiriam os ricos e os pobres seriam enterrados, moedas seriam cunhadas, postes seriam erguidos e, um belo dia, um sujeito inventaria a Coca-Cola.

Syd compreendeu que não podia ficar. Ele virou-se para dizer isso a Blue, mas viu em seus olhos que ela já sabia disso muito antes dele. O sibilar de uma saraivada de apitos eletrizou a multidão. Syd e Blue permaneceram um diante do outro com o coração disparado. Eles não disseram nada. Não havia nada a dizer. Essa coisa entre os dois, eles guardaram dentro deles, o regresso simples ao ponto de convergência de suas trajetórias, aquelas três noites de acampamento em torno de um irmão morto, essa verdade que deveria mudar de mãos.

O pouco que tinham vivido, o nada que fora prometido.

Houve uma segunda saraivada de apitos e Blue desceu o primeiro degrau. Ela desceu o segundo degrau e virou-se para assistir. Houve uma série final de apito. Houve cavalgadas. Houve um anúncio sobre a partida iminente do Exit de 12h45 que ele não ouviu. E depois Blue desapareceu.

Syd ficou plantado no topo da escada, contemplando as fulgurações vermelhas projetadas do aviso Exit escrito em néon no alto da plataforma. O trem ganhou velocidade e desapareceu. O contraste da velocidade com o chão deu a Syd a sensação de uma grande ventania.

[1] Personagem folclórico que, ao derramar areia sobre os olhos das pessoas, induz ao sono. (*N. da E.*)

QUINTA PARTE
ANTES DO CREPÚSCULO

11

Tão leve quanto um sujeito que teve a metade de si mesmo amputada. Um número excessivo de almas esperava nas plataformas da Central e do metrô. Da Exit, Syd pegou o Transdistrital para a Sub-Tex. A Sub-Tex era ligada à Central por intermédio de um longo duto iluminado em amarelo berrante. A linha 4 da Central o deixava na esquina da Sétima com a A, onde ficava o hospital Daimler-Misericórdia. Syd pretendia pegar o doutor Meyer na saída de seu trabalho como executor que assassinava com injeções letais. Doutor Meyer tinha assinado aquele bando de omissões e inverdades, o relatório oficial sobre o saudoso Charles Smith. Quando ele não remexia nos cadáveres com olhos vendados e consciência desligada, o doutor dirigia um departamento do hospital distrital. Agonias metodicamente encurtadas. Ele saía às cinco da tarde.

Os alto-falantes anunciaram a entrada na estação do trem para Alphabet. Syd se virou para a esquerda, onde brilhavam os olhos do metrô. O trem do outro lado também foi anunciado. Syd concentrou seu olhar nos dois conjuntos de trilhos, pensando nos poucos sujeitos que ele havia salvado do impacto de um trem a oitenta quilômetros por hora. Os trilhos ficaram cobertos por fragmentos de corpos humanos, que deram lugar à serigrafia do rosto de Blue no momento em que a perdeu. Os trens entraram rugindo na estação.

Syd viu, claramente, as duas linhas se desviarem uma contra a outra, um desvio gritante, enérgico como um impulso contrariado. Os trens ondularam pesadamente, os freios guincharam tão agudos quanto a última nota do registro de um contralto.

As duas paralelas então se juntaram, antes de se fundirem no impacto.

Syd teve o reflexo de se mandar antes que o pânico tomasse conta do lugar.

• • •

O burburinho da estação Central ao fundo, escapando à multidão que corria no encalço dos trens, os berros dos alarmes, o cheiro de metal superaquecido que subia do acidente subterrâneo. Enfim Syd tinha alcançado o ar livre para perceber que este não era muito mais do que um subterfúgio.

Os semáforos ignoravam as filas de veículos, enquanto acendiam em uma confusão de três cores.

Nas quatro esquinas da Fortune Square, o fluxo de carros, constantemente realimentado pelas ruas perpendiculares, crescia a olhos vistos, parecendo um mar aberto e furioso numa ressaca de buzinas e de rangidos de pneus freando. De olho no cruzamento, um cordão de policiais armados tentava restaurar qualquer coisa que se assemelhasse a tráfego. Ao redor, ao longo da calçada em que as latas de lixo transbordavam, os pedestres estavam imóveis, parecendo recorrer ao céu de publicidade, buscando nele as indicações de uma nova direção. Syd viu, na Fortune Square Oeste com a rua Vinte, que a superfarmácia tinha baixado as cortinas. A Starbucks fechava a varanda. A via expressa exclusiva trouxe um carro do corpo de bombeiros, sirenes gritando a todo vapor em frente à saída do metrô. Na rua Vinte, o pelotão de carros atravancados na travessia, com um rugido de embreagens indecisas, começou a avançar perigosamente sobre a faixa de pedestres. Por meio de um megafone, um guarda de trânsito anunciou que não hesitaria em abrir fogo sobre os contraventores. E, para sustentar seu argumento, pôs para funcionar sua pistola-metralhadora, apontando-a em um ângulo de trinta graus para o chão. Uma série de buracos redondos se abriu sobre o asfalto. As embreagens se acalmaram de súbito. Syd pôde atravessar no centro da multidão, em meio ao cheiro de medo e cordite.

• • •

O impacto desse agravamento repentino do mal não demorou. Syd continuou andando na direção do Alphabet, tentando sufocar dentro de si a imagem de Blue que se intensificava à medida que os segundos iam enterrando o último momento dos dois. O caos de Fortune Square não era um paliativo para as lembranças. Syd corria, atravessando avenidas com seus distúrbios, os semáforos rebeldes e os abusos de autoridade da polícia, e, no centro desse caos metastático, parecia que só ele sabia para onde ia. A notícia do toque de recolher o surpreendeu quando estava percorrendo a avenida A na altura da rua Sete, onde ficavam as entradas de emergência do Misericórdia. Eram quatro da tarde em ponto quando as telas-titãs deixaram a publicidade de lado para informar à Cidade que, a partir das nove da noite, todos os assinantes localizados em vias públicas sem permissão especial seriam sumariamente executados.

• • •

Diante do Misericórdia, um grupo de drogados em péssimo estado fazia um assalto medíocre. O hospital podia ser visto de longe. Na frente da emergência, uma tela-titã transmitia, vinte e quatro horas por dia, vídeos otimistas. Hemiplégicos batiam os pés calmamente em pequenas piscinas. De repente, seus sorrisos irrealis de resignação, impulsionados à base de ansiolíticos, viraram fumaça com a explosão do primeiro coquetel Molotov. Syd viu o fogo e gelou. Duas buchas em chamas se desprenderam e caíram sobre a fileira de seguranças que guardavam a entrada. Eles recuaram rapidamente para o interior. O grupo tinha cassetetes. Porretes elétricos contra armas de cano serrado. Nas fileiras dos drogados, alguns deles usavam mochilas dos excedentes do exército, nas quais apareciam garrafas cheias de um líquido transparente, com um pano torcido no gargalo. Os drogados brandiam seus passaportes de Narcóticos, com o ar indignado de quem sofreu grandes injustiças. Devido ao cruzamento com a rua Sete, onde a barafunda de veículos

estava em seu auge, Syd não podia ouvir o que eles berravam. Ele somou dois e dois. No caminho, havia passado por muitas superfarmácias, todas fechadas. O suficiente para enlouquecer a facção toxicomaniaca da população. No cômputo geral, o Misericórdia até estava se dando bem. Duas dúzias de assaltantes, dos quais apenas um terço conseguia ficar em pé. Os guardas voltaram à cena, com o reforço agora dos tiras de azul e de suas armas. Syd decidiu tentar a entrada administrativa, na avenida B. Deu meia-volta na direção oposta, enquanto, atrás dele, a fuzilaria encobria, por alguns instantes, a monotonia do refrão de buzinas e apitos.

• • •

As crianças choravam enquanto os adultos se revoltavam, os feridos graves se esvaíam num braço de sofá ou no vão de uma janela. Na recepção, as enfermeiras berravam nos rádios, tentando, em vão, estabelecer contato com as ambulâncias que, provavelmente, segundo disse um coordenador, com a voz entrecortada pela transmissão deficiente, a Cidade tinha engolido. A não ser pelo barulho do próprio sobressalto, ninguém parecia alarmado com o incêndio que havia tomado a ala norte do hospital. O alarme chorava seu pranto ondulante que não comovia mais ninguém. Um sujeito vestido de couro da cabeça aos pés teve uma parada cardíaca e seus vizinhos se afastaram enquanto soltavam gritos indignados. Um pai de família começou a berrar com as recepcionistas, amaldiçoando toda a equipe médica e de enfermagem do Hospital Daimler-Misericórdia, que estava provavelmente ocupada demais em bolinar os pacientes em coma. Syd desapareceu na direção dos elevadores e ninguém criou qualquer obstáculo.

• • •

Nada de controle na recepção do Bloco E. Um corredor e as portas, um silêncio só perturbado pelo barulho de passos, cuja origem Syd não foi capaz de localizar. Ele usou o telefone da recepção para encontrar alguém no bloco. Foi o próprio médico quem atendeu. Syd foi breve. Disse simplesmente que precisava falar com ele. O médico lhe disse onde esperá-lo. Tinha que fazer uma última intervenção cirúrgica e depois iria tomar uma bebida no bar do Pan-Hotel na esquina.

• • •

Na sala de descanso do pessoal do hospital a vista era para o corredor da morte.

Uma divisória de espelho com fundo falso dava para o corredor por onde os voluntários acessavam o Bloco E. Syd andava em círculos. O lento despertar da consciência de seu ato de automutilação, a perda de Blue, lhe flagelava implacavelmente em um lugar particularmente sensível que, até então, nunca havia suspeitado existir, tendo, de tempos em tempos, a convicção, seca e súbita como uma eletrocussão, de que jamais iria revê-la. Ele havia se virado para o exterior, na esperança de que surgisse alguma distração, qualquer uma. Após alguns minutos, ouviu as portas da sala cirúrgica baterem no final do corredor. Colou então o nariz atrás do espelho para observar os últimos momentos de um homem. Este tinha talvez uns cinquenta anos. Nada em seu rosto ou em seu jeito revelava doença ou depressão. O homem estava impecavelmente vestido. Ele avançava dando pequenos passos forçados e ajeitava constantemente o nó da gravata e o caimento do paletó, como se estivesse indo para uma entrevista de emprego na qual seria avaliado em cada detalhe.

Ele parou diante do espelho e respirou profundamente.

Syd captou ansiosamente o olhar desse homem que se acreditava sozinho. Ele viu a total humildade de uma alma que estava no fim. O homem se endireitou e retomou sua marcha para o bloco, firme e

ereto, como a justiça, e o som de seus passos continuou a martelar na cabeça de Syd muito tempo depois de ele desaparecer por detrás da porta. Foi então que Syd soube o porquê das suas próprias obsessões, essas imagens que nunca o deixavam em paz, não importava o que fizesse: a morte de Shadow, os cadáveres queimados no meio do deserto, imagens violentas e nojentas o suficiente para servir de pontos de referência, seus últimos pontos de referência aqui embaixo.

• • •

“Sim, o Smith foi espancado, ele foi espancado e detido. Tinha ferimentos nos antebraços. Posso confirmar que ele passou uma parte de sua última noite na Terra com algemas apertadas. Posso confirmar que ele estava sem o implante e fora um trabalho clandestino. Acho que ele próprio fez cirurgia. Há algo mais. Os técnicos me trouxeram uma dúzia de amostras do sangue que inundava o quarto. Pelas fotos, se diria ser um matadouro no final do dia. Demasiadamente vermelho. Analisei o sangue e fiz uma descoberta grotesca. Era o+ e seu amigo tinha sangue AB-. É um grupo raro e eu pensei que precisava agir rápido. Sim, a morte de Smith fora encenada. Ele já era um presunto frio quando “eles” o levaram para o motel. “Eles” maquiaram o quarto com excesso de zelo e “eles” fabricaram uma falsa testemunha. Quem são “eles” e por que “eles” fizeram isso? Não faço a menor ideia, e se era seu amigo, você tem direito de perguntar. Mas, como um felizardo que escapou do post-mortem, posso lhe dizer uma coisa: durante a preparação do corpo, meu assistente não teve estômago para olhar. Fui eu mesmo quem colocou a espátula na boca de Smith, e precisei fazer uma pescaria. A língua estava cortada em dois e eu precisei extraí-la manualmente. O corte foi um trabalho grosseiro, irregular, com falhas e marcas de dentes claramente visíveis na base da língua. Charles Smith efetivamente comeu a própria língua, e a comeu sozinho. Ele a comeu a seco. Os exames toxicológicos não

revelaram nem álcool, nem estupefacientes. Eu desconheço qualquer meio de pressão que seja intenso o bastante para obrigar alguém a se autoinfligir tamanho sofrimento. Nem a ameaça de uma arma, nem de espancamento. A promessa de uma morte seria, portanto, vista como uma bênção por ele. Os espancamentos, como um mal menor. Apenas uma vontade ferrenha de terminar com tudo poderia conduzi-lo a esse ato intolerável, uma vez que esse ato intolerável lhe pareceu, todavia, mais tolerável do que continuar vivo.”

Quando eles chegaram a Pandemonia, um coro de sirenes avisava aos assinantes do início do toque de recolher. O médico disse a Syd para não se preocupar com ele. Ele tinha autorização para circular de noite. Syd partiu e seu adeus foi um último olhar para as mãos do Doutor Morte no volante. Ele caminhou até a Torre F, sem pressa, do jeito que se entra numa rua sem saída. Sua investigação estava de pernas para o ar. Torturas mais toleráveis do que a própria vida. A Cidade em fase terminal. A partida de Blue, definitiva.

O médico o seguiu com o olhar desde a entrada do jardim, o mesmo olhar pesado com que havia examinado o corte em seu punho no bar do Pan-Hotel. Syd entrou na Torre F com a certeza quase absoluta de que o bom doutor apertaria a tecla D, de Delação, assim que tivesse dobrado a esquina da Absolut Avenue. Ele ouviu o carro arrancar, o crescendo do motor e, em seguida, o decrescendo. Deu de ombros. O hall estava empestado de cheiro de cera e deserção. Ele pensou em se deitar no chão para esfriar sua exaltação em contato com o mármore, até que a Clandestina viesse buscá-lo. Apenas sua investigação o havia mantido vivo e essa investigação agora não fazia mais sentido, não tinha mais objetivo, nem mesmo o de salvar a própria pele. A voz do porteiro chegou até ele como se fosse um sonho. O porteiro o chamou pelo nome. Syd se aproximou e recebeu das mãos do sujeito, cuja existência ele nunca tinha percebido, um grande envelope lacrado com cera amarela.

— O entregador não pôde esperar pelo senhor, ele precisava seguir em frente por causa do toque de recolher.

Syd olhou para o invólucro. *Ela* escrevera o nome dele no endereço com grandes maiúsculas desordenadas. O nome *dela* adornava o selo de segurança com uma letra cursiva de criança que tinha perfurado o papel dos lacres.

Syd ouviu os carros cantarem pneu, as portas baterem e uma cavalgada de sapatos com biqueira de ferro nos jardins. Ele rasgou apressadamente o envelope. Dentro, encontrou os dois bilhetes para o Exit das 12h45, ambos não usados, e um livro sem título.

12

Instintivamente, Syd tinha tomado a direção da Sub-Tex. O toque de recolher pretendia impedir as Atividades Anticitadinas. Pretendia proteger os assinantes. Na Sub-Tex não havia muito para destruir, nem muita gente que realmente valesse a pena proteger. A princípio, a designação Sub-Tex abrangia tudo o que ficava além do Texaco Boulevard. Ainda assim, a Texaco havia desenhado uma cicatriz interminável no ventre da Cidade que, vista a partir desse ângulo, dava a Syd a impressão de um corpo monstruoso, cuja cabeça e tronco, saudáveis e bem-formados, descansavam sobre membros inferiores infectados e atrofiados por excesso de esforço. Desde o sucesso do seriado hipônimo, a denominada Sub-Tex tinha sido reduzida a uma pequena fração de Alphabet, alguns quarteirões isolados em torno da avenida z. Syd sabia que ali teria onde se esconder. Ele tinha saído de Pandemonia pelo estacionamento, passado rente aos muros da Absolut, chegando à rua Sete, e, dali, começara a sua descida. As avenidas desertas, imóveis, como se lavadas, tinham recuperado sua perfeição original, uma perfeição inanimada. Com a perspectiva de que nada mais iria obstruí-las, elas pareciam intermináveis, levando direto a um outro mundo. Syd teve a impressão de que a Cidade se aproveitava do toque de recolher como uma representação do despovoamento que a ameaçava. Em uma dúzia de quarteirões, cruzou apenas com três veículos: um carro oficial com vidros fumês, um 4 x 4 do exército que subia a Texaco a cento e cinquenta quilômetros por hora: seis recrutas, todos ostentando armas — um deles, de pé no assento do carona, disparava rajadas de felicidade. Uma van carregada de presuntos. Syd correu para se abrigar nos andaimes, em meio a montes de lixo abandonados, tudo sob uma iluminação reduzida ao mínimo. Correu sem pensar em nada. Exceto, talvez, no perigo. Por todos os lados, os motores dos carros de patrulha rugiam. Os gritos dos militares,

animados pela velocidade e pela impunidade, aumentavam e depois diminuían, com os estalidos onipresentes dos tiroteios, e eram muito regulares, pensou Syd, para justificar sempre uma execução. Enquanto subia a Texaco na direção do delta que ela formava ao se unir com a Microsoft, para fazer sua travessia em duas etapas, ficando menos exposto, três helicópteros passaram por ele. Os helicópteros voavam baixo, roçando nas fachadas dos arranha-céus desabitados do bairro de negócios, o feixe de seu canhão de luz varrendo as grandes áreas descobertas na área da Texaco. Syd parou de súbito quando viu o homem correndo. O facho capturou a sua corrida esbaforida e desengonçada. O homem acelerou, atingiu a calçada em frente e procurou uma saída.

No alto, um dos helicópteros parou de se deslocar. Os outros dois se afastaram indo em direção ao norte. Syd viu o 4 x 4 entrar na Quinta rua pela contramão. O veículo parou ao lado do homem. Seu ar de agonia foi captado pelo canhão de luz que revelou sobre o muro da frente o desenho gigante de uma cesta. Syd segurou seu impulso e começou a correr. Os militares lhe deram as costas. Cinquenta metros a leste, o helicóptero manteve-se parado em pleno voo. Diante dele, o homem. Ele correu silenciosamente, agachado. Alguns quarteirões depois, virou à direita, e o homem também correu. Ele correu na direção oposta. A primeira salva de tiros esburacou os tijolos. A segunda se perdeu em uma espiral de fumaça branca. Na terceira, Syd dobrou a esquina do bulevar por uma passagem estreita da Sétima rua. Ele se abaixou sob um pórtico e recobrou o fôlego, e não sabia dizer se o cessar-fogo que se seguiu queria dizer que o homem tinha fugido ou se havia morrido.

• • •

Às 22h10, enquanto atravessava a avenida R, o estrondo distante de uma explosão chegou até ele. Houve uma movimentação geral de veículos de patrulha: cantar de pneus, acelerações frenéticas,

sirenes, e sempre essas rajadas a esmo envolvendo-o, passando por ele para então desaparecer. Ele apertou o passo. Na curva de uma pequena rua vizinha aos bairros-telas, ele viu, imóvel como uma estátua numa portaria, uma cabeça branca centenária com olhos sem vida, que entoava salmos na língua dos sonhos, e percebeu que tinha chegado à Sub-Tex.

• • •

Vinte oficinas de embranquecimento somente na avenida z. Os anúncios escandalosos jogavam na cara da gente suas promessas nojentas parecidas com os rabiscos de néon em ambos os lados do eixo que se estendia para além dos limites da Cidade: descoloração da íris como brinde para quem fizesse um enxerto de pele, a revisão das pálpebras em até doze parcelas mensais. Uma tela-vitrine mostrava o embranquecimento progressivo de uma mulher negra. Uma outra oferecia vários formatos de olhos caucasianos. Uma paleta dérmica, com tons de alabastro e âmbar, dominava a vitrine oposta, como se fosse uma amostra de revestimento para banheiro. Afora isso, as atividades comerciais da avenida z eram divididas entre algumas lojas de bebidas destiladas, uma Sucursal da Arte Humana e os terrenos a céu aberto onde estavam estacionados, vegetando na poeira, carros oblongos que, em troca de algumas notas de cem, serviam para os últimos estertores. Bancas de sanduíches. Estoques de roupas velhas de décima mão. As casas eram baixas, todas construídas no mesmo modelo: tijolos vermelhos, janelas de grades, umbrais de concreto.

Eram moradias de operários aposentados, centenárias, decaídas, tal como seus moradores. Precisamente aqueles que, ao construírem a Cidade, tinham recebido o contestado direito de viver ali eternamente. Fazia quase um século que os aluguéis permaneciam estagnados, congelados para assegurar o gozo dessa fatia da população. A Sub-Tex tinha, portanto, escapado à escalada vertiginosa dos preços intramuros. Era a alternativa aos bairros-

telas. Os agonizantes-bancários, muitas vezes, faziam ali uma escala antes da inevitável queda para o subúrbio. O mesmo acontecia com os embranquecidos, os acidentados de trabalho. Os dispensados de Clair-Monde. Aqueles que fugiam do aperto dos bairros centrais, o recurso desesperado da primeira necessidade. A abertura.

Em geral, se não houvesse o toque de recolher, a rua seria invadida por hordas de adolescentes viajando em ácidos legais, gesticulando e gritando para dissipar o grande suspiro de tédio e silêncio que varria a avenida z, e, quiçá, um ou dois operadores de turismo desocupados da Sub-TEX, alguns caçadores de imagens buscando notícias, querendo fotografar os pobres.

• • •

O número 611 da avenida z estava aberto. Através de uma escotilha côncava, dois olhos doidões de metanfetamina, aumentados pela espessura do vidro, espreitavam os visitantes. A porta foi entreaberta por um branqueado franzino, viajando longe, muito longe dali. Syd pediu que o levasse até Bookie.

Eles atravessaram a vastidão do clube. Uma noite como outra qualquer no número 611. Na pista, todo tipo de inválido dançava dentro das suas possibilidades. De todos os cantos, sons rudes, desprovidos de qualquer tessitura, viciavam o ar, liberando uma força e uma violência quase palpáveis, tão palpáveis quanto o calor úmido que deixava a multidão totalmente mobilizada. Os sons se apoderaram de Syd, determinando sua percepção das sucessivas aparições doentias. Membros amputados, figuras de olhos brancos, silhuetas deformadas. A multidão estava tomada pelas atividades típicas oferecidas pelas casas noturnas: essa mistura de sexo e drogas que negava a realidade que cada um deles teria de encarar na manhã seguinte. Mas, assombrada por esses homens e mulheres destituídos de aparência humana, essa paródia de festa, horrivelmente cômica, tinha algo de engodo. Um engodo em relação à própria vida, a suas promessas não cumpridas. Um homem com a

cara queimada ria bem na frente dele. O riso, um riso artificial de drogado, iluminava suas pupilas, trincava sua mandíbula, mas as comissuras petrificadas da boca recusavam-se a se levantar; a fronte baixada, caindo diretamente sobre os olhos, paralisava toda a expressão, e havia algo nesse desenho mal-acoplado no pescoço que combinava com os movimentos descontrolados desse riso clandestino, que fazia pensar mais ainda no ricto e nos sobressaltos de um transe. Syd acelerou o passo.

Bookie tivera a ideia de fundar o local ao atravessar uma rua da Sub-Tex, na saída de um grupo de apoio para gente que sofria de discriminação física. Ele percebeu que se tratava de uma clientela livre de direitos. Tinha montado o clube com base numa política simples: só entrava quem não conseguia entrar em nenhum outro lugar e que, à noite, se mantinha confinado à própria casa por medo de ser visto. No número 611 não haveria lugar para o olhar. Quem estivesse no mais profundo isolamento teria ali seu espaço de conagração. Sobreviventes dos Labos. Mutilados em acidentes de trabalho. Obesos. Mal branqueados. Nanicos. Os muito queimados. Levemente retardados. Deficientes motores. Neurodegenerados. Surdos-mudos. Velhos nas últimas. Bookie disse à imprensa que não havia nada de mais bonito no mundo do que o amor que uma anã pode inspirar a um homem cego. No número 611, milagres desse tipo ocorriam todas as noites.

Essa matéria nas páginas mundanas da *Clair-News* chamou a atenção para Sub-Tex de algumas corujas, orgulhosas de sua originalidade. Myra era uma delas. Tinha ficado impressionada com a ligação de Syd com Bookie.

Fora Bookie quem o recrutara havia quinze anos para bancar o saco de porrada vivo nos ringues fajutos perto do rio de Sucata. Não havia ninguém igual a Bookie quando se tratava das variedades. Ele caçava os bibelôs humanos nas zonas dos sem-direitos. Vendia Rastreadores falsos. Foi ele quem tinha começado a série na tv. Distribuído os papéis. Todos *habitués* do 611, seis deles esquecidos da forma humana, agora, Estrelas... De repente, Syd começou a se questionar, a duvidar de que poderia aprender mais com o livro do que simplesmente atravessando a Cidade, se envenenando com as

arestas que o tinham tocado recentemente, que, a longo prazo, eram mortíferos germes imemoriais.

• • •

Na tela de tv, os locais arrasados se sucediam cada vez mais rápido até quase se fundirem numa única dança epiléptica. Os bombeiros apressados, a poeira, edifícios destruídos, cacos de vidro, ambulâncias, a fumaça que se espalhava pelas ruas como uma doença.

As vítimas.

O sangue nas imagens foi colorizado em branco. Todo esse sangue branco sobre cadáveres pálidos. Quiseram amenizar o choque, mas o resultado ficou ainda pior. Purificação. Renascimento. A Cidade branqueada, banhada em sangue. E, além disso, havia os gritos, as lamúrias e as sirenes. A gente sabia, de tanto ver, o que significava esse clamor. Ele era tão significativo, tão violento quanto a cor verdadeira do sangue.

Foram encontrados números gravados ou pintados no térreo ou no subsolo da maioria dos edifícios afetados. Outros tinham sido de tal forma pulverizados que era impossível a realização de uma perícia. Os locais tinham explodido na ordem cronológica da numeração. Houve um total de trinta e quatro atentados no espaço de quatro dias. Os atentados tinham-se multiplicado segundo uma complexa combinação de fatores. E com certeza haveria outros amanhã. Os explosivos foram identificados. Plástico C-5. A ideia sugerida pelos peritos era de que a busca fosse feita apenas dentro dos muros.

(A Zona Exterior Norte estava sendo bombardeada desde a manhã. Grupos desolados lançaram expedições punitivas. Resultado: cerca de sessenta assinantes vingados e o dobro de mortos-bancários restituídos à igualdade graças às granadas.)

Uma última coisa.

No coração do bairro de negócios, numa pequena rua perpendicular à Microsoft Avenue, por volta de 17h40, um arranha-

céu havia explodido naquela mesma tarde. Porém, algo aconteceu por lá, algo que um passante prontamente filmou com seu Rastreador.

A imagem grosseiramente granulada apareceu na tela, vacilante, obstruída pela poeira.

Superexposta.

Houve uma abertura na neblina através da qual, por alguns minutos, o sol tinha brilhado.

• • •

Um porta-voz das Atividades Anticitadinas apareceu de forma lamentável depois do milagre. Terno e gravata azul-marinho, tendo ao fundo lambris com brasões. Falando com as mãos, tentando justificar o toque de recolher. Repetindo ainda o velho e mesmo refrão, a doutrina-mãe do Clair-Monde. Restrição da vida para proteção da vida. O refrão engasgou num estampido. Bookie tinha dado um tiro na tela. O aparelho deu um salto para trás e se estatelou na lareira. Os circuitos pareciam agonizar. Saíram algumas faíscas azuladas como se fossem espasmos, para, em seguida, morrer.

Bookie se virou para Syd e perguntou o que ele queria. Syd disse que precisava de uma sala fechada, segura e silenciosa, e de tempo.

• • •

Sentado numa cama de campanha num quarto de doentes, ele leu o livro. O pai de Bookie, fechado em si mesmo. Seus olhos, duas luzinhas acesas no fundo de uma máscara mortuária, encimando um corpo maciço que, ao que tudo indicava, a nutrição improvisada e a eterna posição sentada nunca iriam dissolver, sua pele morena de extrema vulnerabilidade cuja visão dava o mesmo arrepio que observar a moleira de um recém-nascido se mexer. As janelas

abertas davam para a avenida Z com suas portarias fantasmas, o comércio inexistente desse lado do mundo. Do lado de fora, o assobio dos motores, o atrito das enormes rodas de veículos pesados contra o asfalto e, ao longe, o céu escuro sem horizonte.

Ele leu sob o olhar do velho. Por volta de uma da manhã ele terminou a leitura e, então, teve a sua terrível iluminação.

Ele se levantou e se aproximou das janelas. Ofegante, olhou para o mundo e, ali, a raiva, o ódio, essa indignação assassina que, em conjunto, foram crescendo dentro dele enquanto lia foram partidos para se tornar uma única prece.

Ele queria ver com seus próprios olhos.

Ele queria ver o amanhecer subir sobre o mar.

• • •

Uma limusine, avenida z.

Novinha em folha, o número indecente das cilindradas lustrado no reino da decadência e da segunda mão. Os faróis iluminaram a real composição do ar: poeira e sujeira, pegando de passagem os velhos operários que pareciam ter sido congelados nas escadas das portarias. Syd sentou-se no banco de trás no qual as janelas de vidros fumês protegiam adequadamente o interior dos olhares das patrulhas.

Anna Volmann respondera ao primeiro chamado. Syd tinha sugerido que precisava vê-la a respeito de um assunto. Anna Volmann, entediada com a morte, estava pouco ligando para os pretextos de Syd. Bastava que ele quisesse vê-la, isso servia. Ela mesma se ofereceu para lhe enviar imediatamente o motorista.

Syd tinha se despedido de Bookie. Bookie estava trancado em seu quarto de edição. Para ver o copião do próximo episódio de Sub-TEX, enquanto bebia água limpa. Syd tinha perguntado o que ele fazia sozinho. Bookie respondeu que todos tinham saído para procurar a Festa Móvel.

— Mas está na hora do toque de recolher — protestara Syd.

— Mas está na hora do toque de recolher — respondeu Bookie.

Syd engoliu a segunda ingenuidade que tinha na ponta da língua. A Festa Móvel não existia. Bookie sabia disso. Os outros, sem dúvida, também.

Ele havia descido para esperar lá fora. Esperou por quinze minutos na avenida z, remoendo seu novo conhecimento. Lutando contra a própria violência, que havia sido despertada mais forte do que nunca pelo livro, e a qual, sabia, teria mais cedo ou mais tarde de satisfazer.

Tinha uma sensação estranha, parecida com um orgasmo: uma grande alegria desesperada. Daquele tipo de alegria que demandava seu contrapeso exato de sofrimento para se libertar plenamente. Ele sabia e, com essa sabedoria, a Cidade lhe pertencia. Ele a possuía graças a essa doença vergonhosa, sobre a qual era agora um dos únicos especialistas, o único, em todo caso, que tinha o direito de reivindicar uma relativa inocência.

O motorista preferiu subir pela avenida z novamente, em vez de pegar a perimetral. A Cidade ficava num ponto exatamente oposto à Sub-Tex, no topo, na periferia oeste. Quarenta minutos de viagem, talvez menos, graças ao toque de recolher, que, para os detentores de passes, havia feito de toda a Cidade uma única via expressa.

• • •

O cartaz I&N invadiu seus devaneios pouco antes da saída para a Cidadela. Ele pediu ao motorista para parar. O motorista freou bruscamente. Syd saiu do carro e subiu no teto do carro. Uma lâmpada halógena servia de spot, derramando um fluxo amarelo claro sobre o rosto irreal Anna Volmann. Ela estava sentada em primeiro plano, a cabeça inclinada para a frente, olhos semicerrados dos quais surgia algo parecido com ressentimento, a mandíbula contraída. Ela dava aflição, um pedaço de mulher que não perde o viço. As mãos foram refeitas, nada nela era verdadeiro, uma figura

de uma perfeição de cera, um corpo calculado. Podia-se dizer que ela tinha sido projetada.

Atrás de Anna, uma falésia avançava sinuosamente por quilômetros a fio, estendendo a perspectiva ao extremo. Num ponto de fuga milagroso, a terra empalidecia ao encontro de um sol branco e espumante. Syd a atacou com a lâmina da navalha. O cartaz se soltava ao sabor das imperfeições da colagem. Um tiroteio irrompeu por detrás do muro, imediatamente seguido pelos protestos de uma dúzia de cães invisíveis. Syd puxou o resto com a mão, deixando no painel a metade esquerda inferior de Anna Volmann.

Entrada dos artistas, ala oeste, a fim de evitar a multidão. (Ao pé da Cidade das Estrelas, sempre havia a multidão. Uma multidão que era impossível dispersar. Que era impossível calar. Ao pé da Cidade das Estrelas, havia sempre uma multidão suplicando que a deixasse entrar no único enclave conhecido do espetáculo. Era uma ilusão que não resistiria a um direito de visita. De forma que permaneciam na porta.)

Pátio quadrado, cinquenta limusines estavam estacionadas uma atrás da outra, todas negras, luzentes e absolutamente idênticas, iguazinhas a uma colônia de baratas cascudas. Syd conhecia a casa. Ele tomou emprestada a lanterna do motorista e se meteu sozinho no labirinto da Cidade. Havia nas galerias uma escuridão quase total, não em virtude de restrições de energia elétrica, mas porque as Estrelas assim exigiam. A maioria das paredes estava coberta por espelhos, que não podiam ser tocados devido ao tombamento histórico do local, sobre o qual as Estrelas tinham apenas o usufruto. As Estrelas dormiam pouco e, de noite, vagavam pelos corredores intermináveis, e não suportariam ser pegas traiçoeiramente por um espelho brutal. Sob as arcadas que ligavam a ala oeste ao prédio principal, Syd cruzou com Leia Schuller, a irmã gêmea de Lila Schuller, que tinha sido assassinada por um fã, no início dos anos 20. O caso mundano não resolvido do século. Ao passar por ela, descuidou em baixar a lanterna. O fecho de luz tocou o rosto devastado da estrela, que pulou bruscamente para trás, como se tivesse sido queimada. Syd se lembrou, em seguida, do apelido que

os empregados deram ao lugar quando toda essa mania de grandeza acabou por levar até eles sua amargura.

O leprosário.

• • •

Foi encontrar com Anna no balcão nobre. Ninguém atendia em sua suíte. O porteiro não bancou o difícil ao localizá-la para o famoso herói da Preventiva-Suicídios.

A Estrela estava sentada, com as costas apoiadas na quinta coluna. Ela entornava o seu uísque a seco. Apesar dos óculos Reflex que escondiam boa parte de seu rosto, Syd observou, pelos movimentos quase imperceptíveis e regulares de sua cabeça, que ela estava com os olhos fechados. Ele percebeu que a embriaguez da Estrela só podia ser parcialmente atribuída ao uísque.

O balcão nobre dava para a entrada principal, protegido dos olhares pela magnitude da reentrância e uma dúzia de colunas que carregavam a espessura dos tempos antigos. Os gritos vindos de baixo tocavam bem fundo as tripas. Não era uma questão de decibéis. Mas o acento atroz que cada clamor, cada pedido, cada soluço carregavam, isso porque havia ali assinantes que soluçavam a sério, era o diapasão de um coro de duzentas vozes, talvez trezentas pessoas reunidas ali, por tão pouco, no meio de lugar nenhum, no meio da noite.

A súplica.

Anna Volmann era, de longe, a mais popular entre todas as pensionistas da Cidade. Seu rosto, "o" rosto que qualquer um reconheceria mais rapidamente do que o de sua própria mãe, aparecia quatro mil vezes por dia na retina de todos os assinantes, sem contar as milhares de réplicas vivas que as reconstruções plásticas, públicas ou particulares, produziam a todo vapor respondendo a uma demanda que nunca diminuiu. Roteiristas davam a alma lhe dedicando romances e grandes feitos, enquanto um exército de relações públicas trabalhava para abafar seus

deslizes menos dignos. Seus sócias mais bem-acabados eram exibidos de tempos em tempos nos jantares beneficentes, os políticos disputavam os seus dublês e um vago escândalo tinha eclodido em 27, quando duas Annas de primeira qualidade tinham sido vistas, na mesma noite e na mesma hora, em quartéis-generais distintos de dois lados rivais. Fora a própria Anna quem tinha orquestrado a peça. Uma forma tão boa quanto qualquer outra de sugerir que era hora de deixar em paz a porra da sua maldita pessoa. Um mês após o evento, ela foi parar na lista vermelha da Preventiva-Suicídios. Desde então, as intervenções de Syd com suas tentativas de suicídio chegaram a uma frequência insuportável, quase todos os meses, sempre *in extremis*.

Ela havia encasquetado que iria assassinar o seu próprio ícone. Nas noites de insônia, ela saía perambulando pela cidade. Sem escolta, rosto descoberto, ela se divertia, bem do jeito que gostava de aprontar, com a punhalada de um olhar de nojo, a ponta envenenada de um sussurro de menosprezo. Ela obrigava seu motorista surdo-mudo a levá-la a bares. Enchia a cara sozinha. E enchia-se de adoradores. Esses dormiam com o mito e, muitas vezes, maltratavam a mulher por se sentirem desprezados. Típico. Dessas noites, Syd frequentemente consertava os ultrajes. Um boato acabou se espalhando por toda a Cidade, de que uma sócia degradada, indigna da Estrela, assombrava os bares de cocaína, nas ruas de esbórnica em Absolut, uma sócia que era, sem dúvida, a própria Estrela. Apesar das devastações e das contrafações, seu rosto era reconhecível por todos, precisamente pelo que havia de inimitável e de inalterável. Os olhos cinzentos, quase transparentes, cuja fixidez parecia lutar permanentemente contra a iminência das lágrimas, onde, de vez em quando, passavam o riso e a alegria com a mesma expectativa de vida de um choque elétrico.

A coluna recortava a noite opaca. A cabeça de Anna parecia solidária com o mármore, cujos matizes lembravam quase exatamente as nuances pálidas de sua pele. E para além do parapeito, desse clamor invariável que saturava o ar, a dezenas de quilômetros, quilômetros diluídos na imensidão caliginosa do céu, ela ainda continuava lá.

Seu rosto, "o" rosto, grande como uma nuvem, feito de neblina e luz ultravioleta, que naquele momento preciso engolfava pouco a pouco a lenta travessia de uma esquadrilha de helicópteros, como os grandes insetos pretos na testa de um cadáver. Anna Volmann queria ser imortal. Era isso, nem mais, nem menos, que a deixava louca. Anna Volmann queria viver para sempre, e quando se lembrava dessa impossibilidade, ela tentava dar cabo da própria vida, assim como as pessoas que, com medo de serem abandonadas, abandonam primeiro.

Ele não teve nenhuma dificuldade em convencê-la a sair para dar uma volta. Ela estava bêbada. Ela sufocava. Ela lhe perguntou aonde eles iriam. Ele desdobrou o cartaz e lhe mostrou a falésia.

13

Cerca de quarenta quilômetros depois das barreiras de controle, Syd sentiu, de dentro do porta-malas, o carro parar. A mala foi aberta e a súbita claridade fez com que suas pálpebras ardessem. Ele saiu sem jeito do porta-malas. A estrada estava dentro de um tubo de vidro. Paredes curvas derramavam uma luz fria, pulsante, que dava a impressão de estar respirando. O traçado, de surpreendente pureza, se prolongava através das não zonas até perfurar a linha que flutuava no horizonte. A poucas centenas de metros à sua direita, um incêndio rasgava a noite. Syd reconheceu a marca em néon dos Hotéis Etapa. Com as costas viradas para o braseiro, homens e mulheres de roupão, em pé, devaneavam com grandes xícaras de café na mão: todos olhavam para o oeste, para o ponto onde a estrada continuava além de onde a vista alcançava.

• • •

Ele não queria adormecer. Seu corpo inteiro doía, os dias sem dormir eram como pregos que lhe enfiaram na retina. Mas a estrada... Eles iam a mais de duzentos e a velocidade fustigava seu estômago. A seu lado, Anna lia o livro em silêncio. Quilômetros desapareciam com o fulgor dos instantes, exibindo os postes telefônicos caídos, o flash de uma carcaça de avião, os oásis regulares das Gin Stations, ou simplesmente a uniformidade cativante do deserto. De repente, Syd percebeu que exultava. Desejou nunca alcançar seu destino. Desejou estar morto e, como pena perpétua por seus erros, ser condenado a uma viagem sem volta, nem destino, a viajar sem nunca desacelerar ou parar, a viajar para o meio do nada.

• • •

Foi com uma cotovelada nas costelas que ele foi acordado. As muralhas costeiras estavam a menos de dois quilômetros. Ele sacudiu seu corpo dolorido. Do lado de fora, as trevas envolviam o tubo. Ele se ajeitou no porta-malas se perguntando onde Blue Smith estaria agora. A porta bateu.

No controle, os funcionários aduaneiros perguntaram por que o carro tinha parado. Do alto das muralhas, as sentinelas vigiavam o menor movimento suspeito na superfície de um deserto límpido como o alto-mar. Syd ouviu o vidro baixar e Anna Volmann murmurar algo sobre um cão morto no meio da estrada. Houve um intervalo em que Syd calculou que os guardas corressem os olhos pelo rosto devastado da Estrela. Em seguida, o carro acelerou, seguiu viagem e, passados alguns minutos, Syd relaxou a mão da coronha da arma.

• • •

Ele saiu para o ar fresco da estrada, quando saíram do tubo depois das muralhas. Entrou mais uma vez no carro e encostou-se no vidro da janela de trás, viu o formigueiro de um acampamento militar colado à muralha, que serpenteava a perder de vista, planície afora. Avistou outro acampamento a, talvez, quinhentos metros dali, em direção ao sul, e ponderou que os postos deviam se suceder, com o mesmo intervalo, ao longo das muralhas que, por sua vez, pareciam intermináveis.

E então viu o céu. As névoas se esvaíam ao se aproximar da costa. A linha fronteira era confusa, parecendo o resultado de uma luta. Limbos negros, grossos como o magma, eram desfiados poucos metros adiante, onde se misturavam com o céu para, em seguida, recuarem. Eram sete da manhã e ainda não era bem o amanhecer. A névoa cedia ao infinito do céu que, lentamente, despertava de sua própria noite, sacudindo suas últimas sombras para se transformar

numa imensidão branca, de uma pureza comovente. Lá longe, no extremo ponto de fuga, uma luz atravessava, rosa e constante, e, logo abaixo, lá estava ele.

O mar.

• • •

A estrada sinuosa se aproximava o máximo possível do precipício, como se tivesse sido concebida como uma atração perigosa. De tempos em tempos, as extensões de gramíneas desistiam, mergulhando de cabeça num negror compacto e brilhante, na direção da fúria hipnótica da água. Após uma última curva, a estrada começou a descer em linha reta em direção à baía. Syd viu que uma cidade ocupava a terra lá embaixo. Quatrocentos metros adiante, eles ultrapassaram um aviso indicando a entrada no anexo divisionário Heritage.

Àquela distância, Syd não podia distinguir mais do que uma confusão de telhados e ruas estreitas, o traçado em U da avenida principal que corria ao longo do mar e alguns anúncios em néon que berravam a publicidade de motéis e cassinos. No interior da região, onde as construções ficavam rarefeitas, a presença de uma Gin Station completava a semelhança de Heritage com qualquer um dos anexos mórbidos afastados do Centro. Eles tomaram a avenida principal e foram acompanhados pelo amanhecer. Syd piscou. O brilho súbito e ofuscante do sol sobre o asfalto o cegou e queimou seus olhos até o cérebro.

À sua volta, a cidade desconhecida aparecia num borrão artístico. Ele mantinha seus olhos feridos desviados para longe, se perguntando por que a gente era assim, por que as coisas faltavam até o intolerável para dar em nada, nada de verdadeiro, quando restituídas. E então pensou em sua investigação, nessa grande parcela de obscuridade intacta, mas o pensamento de que a estrada estava longe de acabar lhe devolveu a razão. Percebeu que o desvio

não era real. Estava, naquele exato momento, seguindo as pegadas de Shadow. O livro levava Shadow à morte. O livro o levava até ali.

• • •

Estavam fazendo uma filmagem em Heritage.

Barreiras foram levantadas ao longo de toda a estrada. Houve um barulho de campainhas que lembraram a Syd os trens do passado. O motorista parou o carro e desligou o motor. A perpendicular estava deserta. O asfalto brilhava como um espelho; uma pequena cruz de fita preta parecia um arranhão. Dois homens surgiram, abrindo fogo com seus Special .38. Os homens usavam máscaras azuis, com dois furos na altura dos olhos. As detonações romperam com o coro das ondas. Acima, a câmera dançava perigosamente na ponta de uma grua, o braço flexível de um belo vermelho vivo fazia parte da atuação fulgurante, como se a própria cor combatesse contra o vazio. Um dos duelistas caiu com o fogo das balas e morreu em cima da fita preta. A câmara subiu ainda alguns metros e, em seguida, parou. Uma voz gritou: "Corta."

O homem caiu cerca de vinte vezes. Morreu por todos os ângulos. Ele dava à morte uma elegância admirável.

Anna Volmann bocejou. Anna Volmann bebia uísque para matar o tempo. Aquilo poderia levar horas. Era assim em Heritage. Heritage tinha um quê de buraco perdido e tudo para servir de estúdio. A cidade fazia, assim como as movimentações que lhe eram características, as vezes de plano de fundo. Ela era tolerada como um mal necessário. A captura de imagens era permanente. A captura de imagens era prioritária. As ruas, as fachadas, o próprio mar, tudo funcionava como um grande set, no qual os destinos de cerca de cinco mil almas recenseadas dispunham apenas de um direito de passagem no final do dia. Ninguém se dava o trabalho de remover os trilhos dos *travellings*, que ficavam largados ao longo das ruas. Fora dos trailers, onde uma vida ordinária pretendia aprisioná-lo, o próprio tempo era livre. Heritage tinha afrouxado e corrigido

suas engrenagens; ele se resumia a rompantes, sequências que faziam e desfaziam o irreversível, uma longa linha reta diluída no esforço contínuo de dezenas de equipes, cansadas de penar, dependendo da máquina, de seu know-how, de suas próprias forças para arrancar do momento real algum curto espaço de ilusão.

Eles filmavam nos estúdios do centro da cidade, bem ali, por detrás das fachadas, ao longo das quais os militares patrulhavam. Eles filmavam na praia, além dos cones laranjas que delimitavam a área reservada para o duelo, vinte metros de trilhos que corriam da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, uma câmera barriguda, esplendorosa, apontada à queima-roupa para as bocas descamadas de uma ala de Estrelas em cadeiras de roda, suspensas para o enquadramento. Elas seriam retocadas depois, quadro a quadro, ultraje após ultraje, meio apagadas; acabariam adornando os muros da Cidade e ninguém seria capaz de dizer que naquele dia o vento soprava a ponto de cobrir de areia uma cadeira de rodas. Estavam filmando no mar, na ponta sul, onde a água esverdeada pela sombra da terra transportava as árvores mortas cujos braços inchados e torcidos pela imersão pareciam implorar ou ameaçar as embarcações imóveis para uma tomada invisível. A campanha tocou, permitindo novamente a passagem. Anna viu a equipe se dispersar para o alto de Heritage e deu de ombros. Eram filmagens de perseguições de testemunhas para programas hologramas, atores cujas imagens seriam decapitadas para serem substituídas pelo rosto do espectador. Perseguições e execuções, era só isso que se filmava em Heritage. Policiais em holograma, pornôns em holograma, folhetins em holograma. Assassinatos de pais em holograma. O mal em holograma. O bem em holograma. A redenção em holograma.

O carro acelerou e atravessou um campo de batalha de areia cinzenta. E, enquanto passavam, os mortos em ação recolhiam suas entranhas e se levantavam para fazer fila na Starbucks em frente. Um extra esmurrou a capota devido a uma freada um pouco abrupta. Outro jogou a guimba na janela traseira. Anna Volmann baixou o vidro e os xingou. O motorista acelerou.

Eles cruzaram o cenário da Sub-Tex que reproduzia à perfeição a avenida z. Ao longo da calçada, havia cinco de seis anormais

chafurdando em cadeiras, cujo espaldar trazia bordado em letras douradas suas qualidades.

O Manco. O Homem-tronco. O Albino. A Anã. O Cego. Todos usavam óculos Reflex. Todos estavam entediados. Davam broncas em seus assistentes. Um guarda-costas segurava um para-sol sobre o albino. A chuva falsa começou e um diretor fez um sinal para liberarem o set.

Do outro lado, na praia com a maré baixa, duas minúsculas silhuetas de mulheres espalhavam cinzas sobre o mar. O plano de filmagem foi ultrapassado. As mulheres tinham sido filmadas de longe. As cinzas foram filmadas em primeiríssimo plano. Por três vezes, a poeira teve de ser substituída no vaso, e por três vezes, o vaso lançou seu pó no mar, e Syd percebeu que tudo isso era apenas uma desculpa para filmar o mar, para filmar o mar combinado com o sol.

Eles abordaram um piquete de grevistas.

Cerca de cem figurantes ocupavam ambas as calçadas e o caminho até a curva que dava para a ladeira do hotel. Na frente da grade, que abrigava os estúdios de edifícios administrativos, três fileiras de soldados, com fuzis e escudos antimotim, aguardavam para entrar em ação.

Os extras usavam fantasias ridículas e traziam cartazes de reivindicações; a maioria usava essa máscara azul de verdugo veranista. Não havia armas visíveis nas fileiras dos manifestantes.

"DEVOLVAM-NOS O NOSSO ROSTO." "FORA COM AS ESTRELAS." "EXIGIMOS O FIM DA CÂMARA LENTA E DOS FLASHBACKS AMARELADOS." "CHEGA DE FINAL FELIZ." "EXIGIMOS SANDUÍCHES IGUAIS PARA TODOS."

"LIBEREM O SUPER 35." "QUEREMOS MONÓLOGOS, QUEREMOS PLANOS GERAIS."

"QUEREMOS O FIM DA NOSSA CONDENAÇÃO ÀS MASSAS."

A hostilidade se formou espontaneamente, cresceu e repercutiu como uma onda quando o carro chegou à avenida lotada de gente. Anna Volmann incitou o motorista mudo a não se deixar levar pela cordialidade. Que jogasse o carro sobre a multidão. E daí se um ou dois saíssem mutilados, o que havia de errado com isso? Os extras não tinham alma. Eles não eram gente. Os insultos dispararam. Os figurantes cercaram o carro. O rugido do motor acelerado parecia

excitar os agressores. Mãos e cartazes caíram sobre a carroceria. Rostos se colaram às janelas, rostos cujo exagero da maquiagem grotesca combinava com a ferocidade impenetrável sob os capuzes. Anna Volmann, afundada no banco do carro, não apresentava qualquer sinal de medo. Ela não mostrou nenhum sinal de medo quando um palhaço, depois de decapitar o seu cartaz, pegou o tripé de fibra de basalto para acertar em cheio o para-brisa.

Os tiras atacaram. Em questão de segundos, a multidão se dispersou. A polícia batia nos extras com a parte larga dos escudos antimotim. Os figurantes retaliavam com golpes de cartazes. A escalada foi arrebatadora. Os cartazes viraram cassetetes. A retaguarda da tropa postada perto do portão atirou para o ar e, em seguida, investiu. Um coquetel Molotov voou. Os tiras lançaram algumas granadas. O carro acometeu, pegando em cheio um punhado de manifestantes, passando por cima do resto das chamas espalhadas sobre o asfalto e apagando-as com os pneus. Quando a limusine acabava de virar na subida da entrada, alguns extras sacaram suas armas e os policiais não esperaram para abrir fogo.

• • •

Syd olhava as lâminas esbranquiçadas investirem e reinvestirem incansavelmente contra os recifes, ao mesmo tempo que inventava epitáfios em memória de Colin Parker. *Colin Parker 01/31, que, ao se matar, acreditou, sem dúvida, que realizava seu primeiro ato como homem livre. Colin Parker 01/31 acabou como vivera, rebotalho social, consumido em meio ao lixo no incinerador municipal.*

Colin Parker, caso encerrado.

Colin Parker tinha feito seu grande mergulho, porque o apagão tinha cortado o início do show. E então ele se encontrou completamente sozinho e a realidade o tinha deixado totalmente confuso. O mesmo para seus iguais, atrações de circo. O que aconteceu com Parker aconteceu com tantos outros: para ele, como para seus semelhantes, sobreviver em Clair-Monde tornara-se uma

espécie de suplício da roda. A roda girava e, a cada volta, a cabeça do homem preso mergulhava. E, a cada volta, a água enchia mais ainda sua boca e suas narinas. A água invadia o interior, aumentava nos pulmões. A gente voltava para o ar livre, mas não era mais capaz de respirar. A gente morria na roda e esta não parava de rodar. O SPI havia feito o que se faz em casos assim: tinha eliminado as provas. Os suicídios do Grande Apagão eram indícios de que a Cidade estava doente. Era, portanto, melhor que ela, em vez de começar a autoexaminar o seu corpo para descobri-lo coberto de sarcomas, continuasse a ir a um restaurante, ao cinepub e, um mês por ano, ao Pan-Hotel da esquina, além de três vezes por semana à superfarmácia.

A Cidade doente... Syd sempre tinha suspeitado de alguma escrotidão desse tipo. Havia sinais em demasia, sinais em néon que, para sua grande perplexidade, a maioria dos assinantes parecia olhar sem ver e, em seguida, continuava seu caminho. E, enquanto ele, durante todos esses anos em que andara à toa ao longo das avenidas lunares, só tinha pensado na aurora e no oceano das primeiras horas de sua vida, que acreditava perdidos, sem volta, tão perdidos quanto sua própria inocência, agora que tinha diante de seus olhos o milagre de pureza do mar, a bênção ofuscante da luz, os seus pensamentos se voltaram para a Cidade, com seus apartamentos insalubres dos bairros-telas, as chapas escurecidas do rio de Sucata que não cessavam de subir, ameaçando engolir as margens e invadir o cais, as inúmeras variações dos traços de Estrelas colados nos rostos inexpressivos de um exército de adolescentes, rostos esses providos de uma estupidez triunfante e que deixavam qualquer um surdo com as telas de publicidade aos berros em todas as esquinas, sem que ninguém, ninguém se levantasse e gritasse um basta em nome do silêncio. Ele pensava nos arranjos de crianças pobres que embelezavam as salas de visita. Pensava nas não zonas, no grande lugar periférico onde os assinantes, que não valiam nem mais, nem menos do que os outros, morriam de banimento. Ele pensava que, de uma maneira ou de outra, esse banimento fora mais uma decisão do que um consentimento. Para, em seguida, dizer a si mesmo que os culpados

não tinham logrado grande coisa. Para aqueles e também para os outros, o amanhecer lhes tinha sido tomado e, quiçá, a capacidade de reconhecê-lo, por mais ridícula, por mais absurda que fosse essa contrapartida.

Um modo de viver.

Ele se aproximou bastante da beirada. Brincava com sua própria vertigem, com as águas turbulentas, incansáveis. O sol castigava do lado de fora. O sol acariciava sua exaustão. Ele estava com a barriga completamente vazia. Tinha dormido duas horas em três dias. A seus pés, minúscula, Heritage brilhava, como se desenhada pela incidência dos raios solares. Dali, do alto da falésia, o anexo surgia exatamente como era: um órfão, nascido milagrosamente de sua própria luz, como, outrora, as cidades industriais cresciam sobre as minas. Dali, ele parecia tranquilo. Ele havia deixado Ana no Pan-Hotel Origem e saído para dar uma volta. Tinha subido o mais alto possível, queria meditar sobre a busca idiota que havia escolhido, o objetivo irrealizável que havia determinado.

Em nome de que havia abandonado Blue Smith? Em nome do quê havia renunciado às suas parcas esperanças de felicidade? Blue era mais inteligente do que ele, ela sempre soube que eles não tinham a menor chance. Ela sempre soube de que o vínculo deles padecia de um grande desequilíbrio. Isso porque ele era irrealizável para ela, mas ela... ela era para ele apenas uma garota que ele amava.

Ela sabia que cedo ou tarde teria de liberá-lo para a sua perseguição.

Para correr atrás... do quê?

Da verdade... De sua própria infância, a qual imaginara que seria devolvida pelo oceano. Sentiu calafrios diante da ideia da presunção sem limites de que fora capaz ao se imaginar apto a descobrir a verdade sobre seu mundo, a imaginar que esta pudesse existir, nítida, inteligível como o fim de uma investigação. Ao ser dispensado, havia embarcado sem perceber. Na noite do dia 18 para o 19, no deserto progressivo da periferia, ele surpreendera o horror. O encontro com o horror exigia respostas.

Com sua dispensa, passara a ter entre os seus ativos alguns casos arquivados.

A Cidade doente arquivada da mesma forma que se arquivava uma investigação de homicídio perpetrado por *um ou vários desconhecidos*.

Syd pensava no mal. No que era o mal. Um eco, uma repercussão. Uma ofensa recebida e depois retribuída no inconsciente. Um crime de transmissão.

Ele pensava na mãe de todas as ofensas, ele se perguntava quem a havia perpetrado. Gostaria de saber se pecava por indulgência. Viu os limites de sua inteligência.

O livro não lhe disse nada sobre a morte de Shadow nem sobre os atentados. Ele não lhe fornecera o nome dos culpados. Só lhe restava interrogar o oceano. Foi o que fez. Era uma história antiga, a do oceano de Syd. Uma história de infância. Quando era criança, ele acreditava que o oceano pertencia ao pai. Acreditava que as coisas nos pertenciam pelo amor que se tem por elas. Seu pai o levava para o mar. Syd pensava naquela frase que Carrie lhe havia dito. Era sobre a eternidade. A eternidade que era o mar partindo com o sol. Não era precisa. A eternidade era poder partir com os dois. Era graças a seu pai que sabia disso.

Seu pai não estava mais lá.

Para essa ofensa não havia compensação possível.

Ele viu os limites de sua própria justiça.

Deixou de perceber o silêncio e a rigidez dos elementos. Começou a aceitá-los. A impressão que tinha era de que desapareceria diante deles. O sentimento de solidão o atingiu como um atordoamento. Solidão. Era essa distância fixa, o sol que penetrava em seu olho, o ruído incessante das ondas que ele tinha assimilado como uma nova forma de silêncio.

Ele sacou a sua 9mm e disparou três vezes ao acaso. Atirou sem realmente saber onde. Atirou no silêncio. Sobre a eternidade incompleta.

Acreditou que seus ouvidos maltratados pelos estrondos estavam brincando. Ledo engano. Um vão da falésia devolveu o eco de seus próprios disparos. Mas, em vez de tiros espaçados e compactos de pistola, foi uma rajada. Seguiu-se outra, vinda de ainda mais longe.

Em seguida, mais uma, depois, mais outras, estas tão remotas que se confundiram com o vento.

As sentinelas.

As sentinelas brincando com as metralhadoras para acalmar seus nervos. Isso o fez se recordar da Guerra Narcótica. Ele se lembrou de um telefonema.

Shadow tinha ido ali antes de morrer.

Um ou mais desconhecidos.

Ele queria ouvir. Queria ouvir suas justificativas.

Foi da suíte de Anna Volmann que deu seus telefonemas. Pelas janelas entreabertas, borrascas quentes traziam o rugido incansável das ondas misturado ao clamor do tumulto.

Um postigo mal fechado estava batendo, bem perto dali. Syd sentiu seus nervos se agitarem. Duas vodcas geladas para tratar de sua febre. Bastou o telefone tocar uma vez para Vence atender. Syd disse que queria vê-lo.

— Eu pensei que você estivesse morto — disse Vence.

— Mas estou, não imagino o que possa lhe sugerir o contrário.

— Como posso ajudá-lo? — disse o outro.

— Vou lhe dizer isso cara a cara.

— Então, eu estou esperando por você.

Syd lhe disse que estaria lá em poucas horas. Estava prestes a desligar quando se lembrou de pedir a Vence que não dissesse nada a Myra. Ele não queria vê-la. Não queria causar a ela uma dor desnecessária.

— Você pode vir sem se preocupar — disse Vence, antes de desligar primeiro.

Syd completou seu copo e digitou o número de Identidades e Localizações. Aproximou-se da janela e afastou as cortinas fustigadas pelo vento.

Ele viu os insetos pretos surgirem, os helicópteros chegaram em grande quantidade provenientes do mar. As rajadas recrudesceram e redobraram, Syd sabia agora que não se tratava mais, para as forças costeiras, de enganar o tédio e o silêncio.

Precisava se mandar dali, e rápido. Uma mulher atendeu a chamada. Syd passou a sua antiga matrícula da Criminal e solicitou o

número do Rastreador de Blue Smith, residente da Ford Avenue, Sul / Segunda Distrital. A mulher lhe pediu que aguardasse enquanto a Central cruzava todos os Smith da Sub-Tex. Enquanto ele anotava o número, a mulher lhe disse que o sinal rastreado não respondia e que não era possível localizar a tal Smith. Syd respondeu que tudo bem e desligou. Ele digitou o número. A ligação demorou a completar. Caiu na caixa postal. A voz rouca de Blue, fria, comedida, soou como uma acusação. O vento assobiava o tiroteio em seus ouvidos. Ele esperou de pé. Cabia a ele falar e as palavras falharam. Tentou reanimá-las à base de vodca. Ele tossiu no fone. Disse que queria apenas saber se ela ainda estava viva. E não disse mais nada.

Seu último telefonema: para a recepção, para pedir que Anna Volmann fosse localizada. Ocupado. Foi jogar um pouco de água fria no rosto e, em seguida, desceu. Saiu do elevador e tomou imediatamente a tangente.

A partir do saguão, era possível ver uma dúzia de Mahindra pretos emporcalhando a harmonia dos jardins. Toda a fração não sindicalizada de Heritage parecia ter marcado um encontro no Pan-Hotel, para não falar das manchas pretas ou cáquis, cortesias de uma proporção bastante significativa de uniformes. O saguão lotado era uma algazarra de choro de criança e trechos de conversas tensas. Bebia-se a seco. Falava-se de represálias. Quatro soldados bancavam os porteiros. Na recepção, três agentes de preto vigiavam o pessoal encarregado. Syd se esquivou pelo primeiro corredor. Encontrou um bar anexo, um pouco escondido, cortinas fechadas, veludo carmesim. A penumbra convidava a um porre matinal. Espelhos e cartazes fora de moda languesciam sobre os lambris. A fumaça de cigarro aumentava a penumbra. Telefone no bar.

Syd chamou a recepção. No reservado que ficava ao fundo, ele reconheceu o Manco da Sub-Tex, que embebedava propositalmente uma garota espetacular. A recepção foi localizar Anna Volmann na parte baixa da falésia, lá onde uma plataforma rochosa captava a luz melhor do que num set de filmagem. Quando saía, Syd viu pelo espelho que a garota, enquanto se deixava beijar, empurrava sua bolsa para debaixo do banco com a ponta do pé.

• • •

O poço do elevador tinha sido aberto dentro da falésia. Enquanto ele deslizava entre duas camadas de pedra, Syd se sentiu tomado por uma ansiedade indistinta. Achou que era devido à claustrofobia. A bomba não explodiria antes de longos minutos. Era tempo o bastante para que pelo menos aquela velha desagradável se mandasse do hotel. Tempo suficiente para ele dar o alerta; uma boa ação da qual só sobraria encrenca, apenas o pretexto de adiar o fim de algumas pessoas totalmente desconhecidas.

Exceto pelo motorista silencioso, sentado no braço de uma espreguiçadeira e concentrado em brincar com o Cubo Mágico, o local estava deserto. Duzentos metros quadrados de rocha plana, toda de carvão antracito. Nas espreguiçadeiras vazias, as almofadas brigavam contra o vento e nada de Anna Volmann. As marolas lambiam a orla. Um cais de madeira se projetava na direção do horizonte. Sob um caramanchão coberto de sapê, um bar reduzido à sua expressão mais simples. Geladeira, telefone e limões cortados em quatro nas bandejas de prata manchada. Syd ligou para a recepção para avisar da bomba. Desligou na cara do empregado com suas perguntas supérfluas. Aos pés do motorista, os objetos de Anna cobriam a pedra. Um roupão com o brasão do Pan-Hotel, um Rastreador-joia, maços de dólares presos por um pregador de notas.

Syd virou-se para o mar.

O telefone tocou atrás dele, enquanto ele passava em revista as impurezas da enseada. Uma campainha aguda, estridente como uma má notícia em plena noite. O telefone tocou sem parar, ao ritmo das boias e da espuma que espirrava das ondas, reduzindo a nada o eco dos tiros, o coro de gritos provenientes do Cinecittà Boulevard e o marulho das águas prisioneiras da enseada. Logo, só sobrariam as espreguiçadeiras sibilantes e a pureza desesperadora do mar. Syd caminhou pelo cais.

Ele protegeu os olhos do sol com as mãos e fez a sua visão alcançar o mais longe possível, para além das boias que delimitavam o perigo.

Então, ele a viu.

Ela nadava lentamente, sem parar, em linha reta na direção do sol.

Syd foi obrigado a baixar os olhos, ofuscado por aquilo que não se podia encarar. Ele baixou os olhos no momento preciso em que Anna tocava a linha do horizonte. Ele sabia que era uma miragem, um simples jogo de perspectiva. Sabia que, para Anna, o destino que ela se prometera recuava à medida que ela se esforçava para chegar. Sabia que Anna, em breve enfraquecida, voltaria para a terra. Ela não veria qualquer outro horizonte.

• • •

Os tiras contra os extras. Do lado dos uniformes, Syd reconheceu braçadeiras da Especial com suas fardas cáquis. Os extras tinham triplicado seus efetivos. Eles tinham mantido suas vestes sacerdotais para a ofensiva. Coelhoos gigantes e faraós agressivos deram em assalto, espingardas de caça e arremesso de coquetéis Molotov. Havia três blindados em frente aos estúdios.

A manifestação tinha se deslocado ligeiramente.

Do interior do carro parado nas colinas acima da cornija, Syd ajustou de novo o zoom e a imagem saiu do quadro. Ele reenquadrou a imagem e ficou balançando o Rastreador de Anna Volmann da direita para a esquerda, da esquerda para a direita. Uma chuva de granadas partiu dos estúdios. Volta e meia, um homem caía. Os de uniforme e os de fantasia: igualdade. Um blindado em chamas estava nos portões do edifício administrativo. De dentro dos jardins cobertos de feridos, eles tentavam extinguir a fogueira com a mangueira colorida usada para regar as plantas.

De uma altitude segura, os helicópteros faziam círculos no céu claro, esperando só Deus sabia o quê, talvez a dispersão da batalha sobre a avenida para confundir o alvo, para entrar em combate. Na praia, alguns presuntos estavam estendidos.

Bem-vindo ao Heritage. A fábrica de sonhos. Paraíso na Terra.

Syd afundou de novo no assento do carro e cuidou de seus próprios negócios.

Ele tinha decidido não se preocupar com a perda de Anna Volmann. Tinha deixado isso num canto bastante atravancado da sua consciência.

Depois de consolar o motorista, recrutou-o para sua causa: voltar à Cidade o mais rápido possível. A evacuação do hotel acabou por ajudar sua fuga. Pelo que pôde apreender através da fresta aberta pelo vidro baixado, enquanto, sentado no banco de trás da limusine, tratava com desconsideração os dez agentes de preto na frente do Pan-Hotel, a bomba tinha sido desarmada e a garota presa, mas, para uma segurança maior, decidiram pela evacuação do local. Levas de famílias de administradores, equipes e Estrelas tentando recuperar tanto seus carros quanto sua prole, na grande zona que virou a evacuação, ainda atrasada pelo afunilamento provocado pelos controles dos Rastreadores. A urgência, mesmo assim, permitiu que ele passasse, veículo listado classe A+, confirmado pelo sinal do Rastreador que, atrás do vidro fumê, agasalhava na palma da mão, evitando olhar no fundo da tela para a foto de uma Estrela morta. Agora, a Cinecittà Boulevard estava totalmente dedicada ao lançamento de explosivos e ao disparo de rajadas contínuas. Os carros, no entanto, avançavam. Devagar, mas avançavam. Syd notou que a estrada tinha sido desviada para a parte de trás dos estúdios.

• • •

Poucos metros antes da Gin Station, percebeu que não seria tão fácil assim. A estrada sem nome, uma larga placa de asfalto desprovida de calçadas, esticava seu zigue-zague ao longo dos contrafortes dos estúdios para, em seguida, se bifurcar através do deserto na direção das muralhas costeiras e de seus acessos nevrálgicos para a estrada-tubo. Pouco antes do trevo onde ficava a Gin Station, três 4 x 4 do exército e uma dúzia de homens armados faziam a barragem preliminar.

Três agentes de preto supervisionavam as operações. No programa: controle das listas, identificação pelo Rastreador, identificação bancária, revista corporal. Motoristas e passageiros. Nada de tratamento preferencial para mulheres e crianças.

Syd examinou o terreno. À sua esquerda, hectares e mais hectares de planície deserta, areia e poeira aquecidas em brasa tão longe quanto a vista podia alcançar. Alguns arbustos balançaram debaixo de uma pancada de chuva e vento, que terminou tão abruptamente quanto havia começado.

Uns vinte cavalos de pelos lustrosos, à primeira vista puros-sangues, faziam uma algazarra num pasto delimitado por cerca eletrificada: a todo galope, desordenados, dando coices e realizando rápidas mudanças de andamento que faziam com que se jogassem uns contra os outros, isso em meio a um concerto de relinchos assustadores. Exceto pelas malvas desbotadas que apareciam como arbustos deprimentes, não havia uma polegada de sombra por quilômetros e quilômetros, até as primeiras nuvens que descansavam ao longe. A partir dali, a fronteira parecia irreal: um acesso materializado às terras do pesadelo.

Dois veículos tinham passado. Um terceiro foi reprovado e foi-se juntar aos outros, em um grande estacionamento onde vegetavam trailers e carretas. Ali, outros sicários fardados de cáqui continham os fugitivos aprisionados. Apenas os inscritos nas listas A e B eram autorizados a regressar ao centro da Cidade. Syd disse a si mesmo que era tempo de pensar em termos de fuga.

Os estúdios alinhavam suas portas dos fundos a quinze metros de distância dele. Paredes leprosas, sem janelas: sugerindo alcovas escuras, cômodos afastados, clausura. O bastante para improvisar diante dos acontecimentos o tempo clandestino necessário para refletir.

A fila de carros engoliu mais alguns metros de asfalto. Enquanto seu veículo avançava, Syd sentiu o suor frio descer pelas costas. Ele sabia que caíra numa armadilha. Pela janela entreaberta, o tiroteio continuava a chegar até ele, insistente, incansável, tão incansável quanto o quebrar das ondas ou a perseguição dos arrependimentos. Sim, lhe parecia que os disparos incessantes tinham algo de

remorso, de um surdo tormento; dessas vozes que são impossíveis de calar.

Deu um breve adeus para o motorista antes de sair pela porta que dava para o lado dos estúdios. Ele se mandou, agachado, tendo o cuidado de continuar encoberto pelos carros que o escondiam da vigilância dos homens da blitz. Ele chegou à sombra dos contrafortes. Da estrada, alguns passageiros o tinham visto. Depositou todas as suas esperanças no individualismo. A primeira porta se recusou a abrir. Ele correu ao longo da parede até a próxima, diminuindo em cerca de dez metros a distância que o separava da Gin Station. Preferiu encarar a ameaça. A segunda também se recusou a abrir. Ele colocou todo o seu peso sobre o trinco da porta. Trancada. Estava quase chegando ao prédio seguinte quando a primeira buzina soou. O cara não parava de tocar. Bastou uns poucos segundos desse buzinaço para que a denúncia se espalhasse de carro em carro, de bons cidadãos para bons cidadãos, como um rastilho. Trinta alarmes sonoros tocando juntos. Eles começaram a se mexer do lado da blitz: um destacamento foi enviado, quatro pessoas, com o fuzil automático na altura do peito, em marcha acelerada para o perímetro encoberto pela sombra, para o qual apontavam o aceno dos braços de um bando de babacas que acreditavam estar agindo bem.

Syd, então, sacou sua arma. Pouco importava agora a discrição. Ele mandou a fechadura pelos ares e entrou.

• • •

O interior: feito sob medida para a fuga. Centenas de metros quadrados, com o teto alto como o de uma catedral, o chão nu onde corriam os cabos, com pilhas e pilhas de cubos e caixotes, tudo largado de qualquer jeito, cartazes sobre rodas, paredes de cartolina e gesso, perspectivas de *trompe l'oeil*, afrescos oferecendo aos olhos paisagens de cores impossíveis e figuras humanas de duas dimensões que pareciam estar vivas em meio à barafunda. Uma

escuridão de estrada abandonada onde, aqui e ali, luzes brancas, que simulavam faróis eram mantidas acesas como se as filmagens continuassem. Syd tirou proveito de sua pequena vantagem. Ele mergulhou no labirinto, se encostando nas beiras dos tabladros vazios, tentando manter seu curso para o Cinecittà Boulevard e suas portas de saída para a guerrilha. Das profundezas vinham ecos diversos. Ecos desprovidos de significado. Tiros, crepitações, ruídos de passos, respirações, o ranger de portas, lutas invisíveis soavam como a ira de Deus. Através dela, Syd pensou ter ouvido a entrada de seus perseguidores, uma confabulação seguida de dispersão e o ruído das botas de metal batendo em metal, encoberto imediatamente por uma nova onda de impactos vindos do auditório.

Ele se afastou. Não podia confiar em seus sentidos. Ouviu um passo atrás de seu ombro que o assustou; isso foi antes de perceber que era o ranger agudo da neve. As paredes pareciam emporcalhadas com murmúrios.

Gotas de suor frio escorriam pelas suas costas.

Avançou. Avançou porque era só o que podia fazer. As forças que haviam provocado sua investigação, nascidas do medo irracional de ficar imóvel, imóvel e sem desejo, como o valor de um vale negociado com morte, começavam a se exaurir. Ele caminhou sem ter mais qualquer precaução. Andou simplesmente para não ficar parado. Estavam filmando nos estúdios, estavam filmando carnificina e fornicação, assassinatos sanguinários e fornicação, tudo o que havia de mais autêntico, com o sexo e a morte sendo encobertos pela mesma máscara azul. Arquejos e gritos, uma mistura de dor e prazer que chegava até ele como se os dois fossem seus. Começou a ficar tonto, o jejum e a falta de sono, combinados com a visão crua da carne debaixo dos projetores, provocavam nele uma náusea que o deixou cambaleante. À sua frente, uma garota estava sendo possuída por cinco homens. Ela estava sem máscara. Seu rosto era um convite a que ela fosse devorada. Escutou a música enquanto buscava os olhos da garota sob pálpebras epiléticas, esses véus do êxtase sob encomenda. A cadência e a textura dos sons evocavam para ele os cheiros de couro envelhecido e cigarro do carro de seu

pai, algo que lembrava os bons tempos que nunca mais voltariam. Uma voz envolvente cantava...

Porque meu amor é como o vento...

E selvagem é o vento...^[2]

Ele percebeu que a garota o estava encarando e naqueles olhos ele não viu... nada.

Ele correu para vomitar no banheiro.

• • •

A primeira coisa que ele viu foi a placa EXIT em cima da porta dos fundos. A luz amarelada de corredor de metrô dependurada do teto. Dois homens urinavam. Um extra no mais completo despojamento, apenas com sua máscara de pano azul em torno do pescoço, cantarolando a letra da canção bela e triste.

E um cara do SPI.

Um cara do SPI, dando uma mijada. O agente de preto deu uma olhada rápida nele pelo espelho que ficava sobre os mictórios enfileirados. Nada na expressão do agente parecia indicar que o havia reconhecido. Syd foi para a fileira oposta. Sua náusea tinha ido embora. Ele agiu naturalmente: desabotoou a braguilha de seu jeans e tentou urinar. Manteve-se de costas para o espelho. Ele não conseguia urinar. O grandalhão sem máscara e sensível foi o primeiro a sair. O agente de preto se ajeitou. Ele se virou. Syd sentiu que seus olhos lhe perfuravam as costas. E se abotoou rapidinho. O agente deu um passo em sua direção.

Syd atacou primeiro.

Ele deu uma rápida meia-volta ao mesmo tempo em que se projetou de lado para, em seguida, dar um soco de direita. O agente tentou se esquivar como podia e recebeu o soco no ombro. Syd antecipou-se à resposta e o punho esquerdo do agente pulverizou o vazio. Este perdeu ligeiramente o equilíbrio e Syd o agarrou pelos dois braços, acertando-lhe uma joelhada na barriga. O agente teve tempo para lhe dar um soco no queixo antes de se dobrar

soluçando. O soco empurrou Syd de costas contra os canos. Seu próprio sangue esquentou sua nuca. O agente pôs a mão no lado esquerdo. Bastava um tiro e toda a tribo do SPI chegaria voando. Syd se jogou sobre o agente, o abraçou pela cintura, e os dois valsaram sobre a louça molhada. Ele esmurrou o antebraço do agente até que largasse a arma.

O agente se soltou. Na confusão, Syd sentiu uma porrada no nariz, o osso entrando, o que provocou uma dor lancinante. Levantou-se, agarrou o outro pelo colete e bateu a parte de trás da cabeça dele contra a parede. O agente perdeu os sentidos por um instante e Syd acertou alguns socos lentos e pesados. A cabeça do agente tombou para o lado esquerdo com os socos e os ladrilhos atrás dele ficaram todos sujos de sangue. Syd não conseguia parar de bater. Sua vigilância diminuiu. O outro posicionou o joelho entre os dois. Syd, então, o empurrou com o ombro esquerdo, enquanto encaixou um golpe certo na parte de cima de sua cabeça. O agente dobrou os joelhos e escorregou pela parede. Syd enfiou a cara do agente na torneira.

O silêncio retomou seus domínios. Syd soltou sua presa. O corpo do agente escorregou trinta centímetros e permaneceu preso com a cabeça dentro da pia. Ainda respirava. Syd queria passar suas mãos doloridas sob água fria. Ele pressionou a torneira e percebeu que não havia água.

A parede estremeceu. Balançou. Syd olhou para cima. Durante um interminável segundo, ela pareceu hesitar e, em seguida, lentamente desabou. Foi ao chão com um barulho de deflagração.

Syd correu para a porta. Ela se recusou a abrir. Ele colocou todo o seu peso no ferrolho. Ouviu a cavalgada. Ouviu o barulho metálico.

Usou toda a sua força contra o ferrolho, que acabou se soltando. Abriu a porta.

Tijolos.

Um cenário.

Os acontecimentos seguiram seu rumo e Syd, preso como estava à sensação de não retorno, via tudo fora de foco. Ele viu os agentes pisotear o tablado e invadirem as privadas. Todo um arsenal de armas apontadas para ele e os gritos habituais, berrados através de

seu estupor, que o alcançavam como se fossem sussurros. Como se dissessem respeito a outra pessoa. Eles o agarraram por trás. Tomaram sua arma. Ele foi brutalmente algemado.

Um dos agentes levantou o colega em que Syd dera um belo jeito. Seu rosto agora era apenas uma ferida ensanguentada. As pálpebras rasgadas sobre os globos oculares, brancos e redondos como ovinhos de codorna. Ainda respirava. Havia pelo menos uns vinte agentes que formaram um círculo ao redor de Syd, todos com seus instintos à flor da pele. Uma matilha de cães ferozes à espera do tiro de largada. Syd ficou tonto, tamanha era a semelhança entre aqueles rostos. Tão semelhantes entre si como o branco dos dois olhos do agente que ele havia surrado. Tão parecidos quanto ovos.

Eles o colocaram para fora a pontapés, dando de quebra murros na ferida aberta em sua cabeça. Era como se estivessem enfiando pregos em seus miolos. Os homens que abriam a procissão voltavam, de tempos em tempos, para lhe dar mais porrada. Isso terminou por destruir de vez seu nariz, que começou a esguichar sangue diretamente dentro da boca. Ele se armou de uma coragem idiota, que era tudo que lhe restava.

[2] Tradução livre de "For my love is like the wind... And wild is the wind...", letra original de Dimitri Tiomkin e Ned Washington, gravada por David Bowie. (*N. do T.*)

14

“Estou viva.”

A voz de Blue na caixa de mensagens disfarçava, sob um tom aparentemente frio, acentos de encorajamento e perdão. Uma ligeira modulação alterava aquela curta frase, um ruído de fundo parecido com o mar podia ser ouvido ao longe. Syd fechou os olhos. A ideia de que Blue estava viva o possuiu completamente.

Ele ouviu o sinal sonoro. O espaço vazio para a gravação foi ativado sem que ele pronunciasse uma palavra sequer.

O agente de preto desligou o telefone. Syd serrou dentes e punhos. O porrete bateu em seu cotovelo. A dor subiu ao longo do braço em uma velocidade fulminante. Seu cotovelo doía de forma inimaginável. Ondas de dor se propagaram como se fossem ressonâncias. O agente bateu novamente. Depois de novo. E de novo.

Syd pensava que, apesar de tudo, essa dor bem que podia parar. Ele pensava também que sofria por opção. Era ela quem eles queriam. Um encontro. Bastava que ele marcasse um encontro com ela para que eles a pegassem. Por cinco vezes, o agente de preto tinha digitado o número do Rastreador de Blue. Por cinco vezes, Syd se recusou a entregá-lo. Não era uma questão de coragem. Ele gemia e gritava como um porco, chorava lágrimas quentes e sabia muito bem que fedia a urina. Não, naquele momento não estava nem um pouco destemido e sentia coceira entre as pernas, lá onde o jeans encharcado de mijo roçava. Ele tinha decidido permanecer em silêncio antes. Agora, sabia que não era questão de coragem, mas de estar ou não consciente. Se tivesse sabido de antemão o que lhe aguardava, teria provavelmente entregado Blue. Mas ele havia decidido inconscientemente e tinha se bloqueado. Mesmo que quisesse, não seria capaz, da mesma forma que era incapaz de determinar que seu coração parasse de bater, de ordenar à sua

própria língua que pronunciasse as palavras esperadas. Por cinco vezes, os três lhe tinham espancado com o bastão, nos cotovelos, no rosto e no meio das pernas. O agente de preto oficial, aquele que sabia falar direito, digitou o número. Foi ele quem estendeu o fone até a altura do rosto de Syd.

"Estou viva."

Syd manteve o silêncio.

• • •

A agulha. Uma velha figura que foi gravada com o buril específico dos anos de convivência com a doença e a morte, não essa morte fanfarrona e clandestina, cuja sombra pairava sobre as trajetórias dos tiras, dos fora da lei e dos homens violentos em geral, mas uma humilde, fedorenta e precoce, em hospitais, com corredores brancos e leitos espartanos, cuja tática era se valer de uma tocaia paciente, uma armadilha lenta e cuidadosa como um bordado feito de orvalho congelado. Syd ficava sempre maravilhado ao ver até que ponto as singularidades físicas desapareciam entre as classes sociais com o envelhecimento. Os velhos ricos, os velhos pobres. Os traços de alguns se tornavam como os daqueles bois que eram alimentados e untados com cerveja, já outros se cobriam de jaça, a pele secava, chupada por seus próprios ângulos, como se o trabalho feito pelas partes lisas e sulcadas da pele correspondesse à ciência exata da injustiça social. Velhos médicos eram como pequenas figuras esculpidas no gelo... Syd se contorceu na cadeira. A agulha dançava em frente a seus olhos, uma faísca pequena e fria, cuja visão lhe dava um pavor animalesco. Substâncias viciantes eram injetadas nos presos. Eles ficavam fissurados. Eram abandonados à fissura. Syd sabia que o sucesso da tortura mais básica era apenas uma questão de tempo. Ele não sabia quanto tempo seria capaz de suportar, com todas as suas forças unidas contra a dor, sua própria violência que, apesar do horror das sensações, estava em êxtase por ter finalmente encontrado sua vocação. Quanto tempo aguentaria

resistindo a si mesmo? A química penetraria em suas defesas, iria possuí-lo de dentro para fora. Não seria mais uma questão de resistir à dor. Mas de fissura. Ele mesmo, então, imploraria que o deixassem trair a garota.

Os sicários o seguraram por ambos os ombros, acariciaram seus hematomas. A ponta da agulha mirou, furou e soltou seu fluido. Syd sentiu o torpor invadi-lo. Mesmo os seus pensamentos se tornaram espessos, lentos, vagamente petrificados. Seu corpo inteiro em branco.

Tranquilizantes.

Ele começou a soluçar, seu nariz escorreu, seus olhos derramaram uma torrente de lágrimas estúpidas, lágrimas de gratidão e amor pela pequena figura de gelo.

• • •

Desde que o pegaram, havia sido espancado sem parar. Ele tinha tornado a passar pelo grande circo pornô como num sonho, nem sequer tirou uma casquinha dessas derradeiras carnes úmidas que tinha a chance de ver pela última vez. Ultrajes e cusparadas dos bons cidadãos assinantes de Heritage tinham alegrado a sua despedida do ar livre. Tinha olhado o sol pela última vez, encarando-o durante todo o trajeto na direção da ponta norte e de seu heliporto improvisado; manchas negras tinham se formado na frente de seus olhos deslumbrados, queimados pelo sol. De tempos em tempos, o agente no assento do carona perfurava a pele de seus dedos, braços e ombros usando o acendedor de cigarros do carro. Como um dissidente de estirpe, Syd tivera direito a um helicóptero só para si. Enquanto o aparelho fazia um grande U sobre o centro de Heritage, ele viu que os confrontos continuavam, através da fumaça densa liberada por uma dúzia de lares distribuídos ao longo do Cinecittà Boulevard. Durante quase duas horas, eles voaram na retaguarda de outros três furgões aéreos cheios de guerrilheiros, e, de repente, Syd compreendeu o motivo real de sua situação de

isolamento ao assimilar o breve lembrete que o agente, após uma enésima seção de espancamento, dera ao piloto. Os outros aparelhos se dirigiam para o Quartel General do SPI, na Zona Periférica Sul. Só ele deveria ser conduzido aos Labos.

• • •

Ele sentou-se à mesa.

A tortura sempre teve lugar de destaque na lista de seus enigmas insolúveis. Esse desvario insondável que possuía o homem comum quando tinha um corpo vivo à sua mercê. Além daquela merda que funcionava como fundo subterrâneo dos instintos de sua espécie, cuja origem e composição Syd nunca fora capaz de identificar, ela havia suscitado nele outras perguntas sem resposta. Como alguns foram capazes de resistir a isso, se ele pertencia a esses homens ou se fazia parte de outros. Aqueles que entregavam na hora, se cagando e rastejando, suas mulheres, seus filhos e seus irmãos. Ele se perguntou também como faria se, caso contrário, o destino o deixasse numa posição de estripar os outros com sua própria merda subterrânea. Se seria tomado pelo desvario. Se seria capaz de não se entregar.

Após sua chegada aos Labos, ele só passara por áreas isoladas: a pista estava dentro das fortificações do enorme edifício em forma de U, concreto sobre areia. Tudo em volta era o deserto. Fizeram-no entrar pelos departamentos administrativos: longos corredores de luzes opalinas, silêncio contaminado pelo sutil ronronar de equipamentos em modo de espera. Nos meandros dos corredores vazios, ecos pouco discerníveis de gritos e espancamentos o aterrorizaram talvez até mais do que se tivesse visto a imagem. Fizeram-no entrar num escritório de cerca de sessenta metros quadrados, com janelas altas com vista para um pátio asfaltado, paredes revestidas com papel de parede com motivos florais fora de moda, todo maculado por manchas. Fichários metálicos laranja suportavam grossos arquivos, o que fez Syd se perguntar o que

poderiam conter. Ventiladores de mesa e luzes indiretas de abajures estavam espalhados por todos os lados. Uma cafeteira, um cheiro de café rançoso que ocultava parcialmente aquele que Syd pensou que deveria ser o odor residente impregnando o lugar: suor, desinfetante e um fedor de carne podre. Uma escrivaninha num canto, cadeiras alinhadas contra a parede, dois computadores de antes do crash e um laptop novinho em folha, um sofá de couro surrado e, deixado como que por descuido num canto, um vistoso emaranhado de alicates, cabos, porretes, tambores de gasolina e detergente, um grande gerador portátil, cacos de vidro e todo tipo de objetos pontudos, cortantes, ou até mesmo lúdicos, como um velho soco-ínglês enferrujado, trapos sujos e três baldes embutidos como latrinas. Exceto por essa lista específica, era um escritório deprimente e de aparência bastante barata, entupido de cafeína até o teto, com pátina da rotina, carregado de zelo e horas de sono roubadas. O habitual da tortura. Syd sentiu sua testa se cobrir de suor. Seu nariz quebrado, suas costas e seus rins moídos, além de suas mãos, onde o acendedor de charuto desenhou pequenos círculos de carne viva, já eram mais do que ele poderia ter suportado. Sabia que aguentaria enquanto não arriscasse nada mais do que essa ideia babaca que ele tinha sobre sua própria honra.

Do desembarque à chegada neste quarto úmido, seus guardacostas da primeira hora se abstiveram de provocá-lo ou espancá-lo. Eles tinham, sem dúvida, se cansado desses métodos monótonos, uma vez que a hora dos verdadeiros festejos se aproximava. Syd estava nesse ponto de suas reflexões quando teve seu último grande encontro do dia: sua nova metade inseparável, o companheiro sacramental que lhe tinha sido designado para as próximas horas, as últimas, provavelmente.

O homem de preto. O graduado. Aquele que sabia se exprimir convenientemente.

Ele quase acreditou. Quase acreditou que ia se safar assim.

Syd estava estirado no catre que era, como de costume, o único mobiliário da cela. Os analgésicos o faziam planar, afetando até a consciência de sua estada prorrogada. Ele pensava estar levitando. Mas, no momento seguinte, achava que o catre afundava no chão.

Ele brincava com seus dedos quebrados. Contemplava suas contusões e lacerações inflamadas nas suas costelas. Passava seus dedos ainda inteiros, os da mão esquerda, ao longo das queimaduras e dos hematomas. Tocou suas partes. Estavam intactas. Desde que o largaram dentro da cela, havia repetido várias vezes esse gesto e, a cada vez, as encontrou como as tinha recebido; ele se recuperava dessa intensa emoção. Seu coração inchou-se novamente de uma infinita gratidão por esta existência tão caluniada, essa existência que sabia, apesar de tudo, mostrar às vezes clemência, uma vez que ele continuava ainda a ser um homem.

A cela era mal isolada e chegavam até ele, da área destinada às cobaias, choramingos, solilóquios e gritos desarticulados. Conhecia agora a nova vocação dos Labos, esses Labos que nunca foram fechados. Os corpos continuavam a ser usados, como sempre tinham sido. Alguns seguiam para o cativeiro, ao término de uma longa iniciação, entregues às mãos dos algozes. Prostituição ou SPI. Os membros do SPI, com exceção de uma proporção significativa de voluntários-suicidas, eram ex-Labos. Outros, a maioria, serviam à ciência. Pouco importava se estivessem vivos ou não. O homem sem direitos deixava de ser um homem, era apenas um tubo digestivo afligido por uma consciência. A ética era, aqui, observada. Nenhuma constituição pretendia proteger a dignidade dos tubos digestivos.

As almas serviam igualmente à ciência.

• • •

“Aquilo que nós queremos saber é aquilo que você sabe.”

Syd balançara a cabeça lentamente. O chefe tinha mandado acender todas as luzes, ligar os ventiladores e abrir as duas janelas. Um sicário havia oferecido uma cadeira a Syd. O próprio chefe tinha lhe servido uma xícara de café e um copo de água. O café era bom e quente, as lâmpadas irradiavam uma luz suave, as correntes de ar tinham em pouco tempo dissipado o bafio e, pelas janelas abertas,

ecoava o barulho dos rotores e da grande autoestrada principal que lembrou a Syd o quão próxima estava a liberdade, e que ela continuava a existir bem ali, por detrás daquelas paredes. Sim, o que ele sentia era quase um bem-estar. O olhar gentil do agente graduado, apesar do vazio de seus traços, ajudava muito. Syd sabia que eram os piores, aqueles que mantinham as mãos limpas, aqueles que, no momento certo, pareciam comungar do sofrimento de suas vítimas, como que contrariados por ter sido preciso chegar a esse ponto. Mas, até então, nada havia sido dito e a atmosfera sugeria que um interrogatório do SPI era uma simples consulta.

— Isso não é exatamente um interrogatório — disse o homem. — Você detém poucas informações que, em consideração a você, podemos fazer o obséquio de ignorar. É absolutamente impossível que saiba mais do que nós. Quando digo nós, não me refiro nem a mim, nem à instituição a que sirvo... Você, evidentemente, sabe ao que me refiro, não é mesmo?

— Não — respondeu Syd, franzindo levemente as sobrancelhas, porque, por um lado, não entendia sinceramente a alusão, e, por outro, se perguntava se o interrogatório tinha começado.

— Então está bem — disse o homem. Syd acreditou ter surpreendido, naqueles olhos sem pestanas ou pálpebras, algo parecido com decepção.

O homem abriu seu laptop, digitando algumas teclas. Ele voltou a falar ao mesmo tempo em que espiava a tela com o canto do olho: um programa qualquer estava sendo carregado. Atrás dele, os três sicários ociosos matavam o tempo como podiam, cheios de tiques e agitados como cavalos sufocados pelo calor excessivo.

— O crime que você cometeu não foi um ato claro, mas uma condição que pode ser remediada. Essa condição é o conhecimento. Para trocar em miúdos, você sabe demais. Temos de avaliar a extensão desse conhecimento insalubre, para então puni-lo de acordo. De duas formas. Puni-lo e evitar que cause danos. Eu mesmo não sei de nada. Não sei de nada oficialmente. O fato de protegermos as informações não significa que temos o prazer de usufruir delas, da mesma forma que esses transportadores de valores que nunca veem a cor do dinheiro. Eu vou guiar essa

entrevista, mas as respostas apenas passarão por mim. Eu sugiro que fale a verdade. *Aquilo* que irá lhe avaliar e lhe ouvir jamais poderá ser enganado. Sabe mais do que você. Conhece toda a verdade sobre você, sobre o que você tanto desejava saber a ponto de ter desafiado estupidamente a morte. Na tentativa de mentir, omitir ou deturpar, você estará tentando enganar a onisciência. Você tentará enganar a própria verdade.

O olhar do agente foi desviado para a tela. Syd tomou um gole de café frio. Não tinha sido muito difícil de entender que era a Grande Central quem fazia as perguntas. Sentia-se, agora, estranhamente calmo. A partida estava, obviamente, perdida de antemão.

O que estava em jogo era colossal e estúpido: sua própria vida. Ele nunca tinha se importado em saber o quanto ela valia, a que ponto era apegado aos sentidos e à consciência. Soube, nesse instante, que aquilo que o prendera era a boa intuição, opalina, das coisas possíveis. De repente, soube qual era o objetivo da viagem, dessa viagem tortuosa que o vira abandonar tantas coisas possíveis: talvez fosse nada mais do que um longo e cego suicídio.

Sentou-se à mesa.

Falou da Guerra Narcótica. Uma guerra de gangues, um inimigo que não existia. Os assassinatos que ele mesmo cometeu, sob o distinto patrocínio daqueles que a opinião pública considerava bonzinhos. Uma banal recuperação do mercado, mas sangrenta. Uma iniciativa doentia entre outras.

Ele falou do Innocence. Falou de Shadow. Shadow, que tinha assinado a sua sentença de morte ao subir lá em cima, na Grande Central, onde estava o livro. O livro que tinha ensinado aos dois a ver o mundo. Shadow, que o havia precedido em Heritage e, sem dúvida, ali.

Ainda sabia de mais coisas. Seu conhecimento doentio ia muito longe. Sabia quais tinham sido as atividades do SPI na noite que se seguiu ao Apagão. Tinha assistido aos funerais incomuns das infelizes atrações circenses. Agora, sabia o que eles eram.

O livro o ensinou.

Os precursores.

Ele falou do livro. O livro e suas revelações. Algumas exigiram que fosse verificá-las. Ele foi a Heritage. Viu o mar e o Sol. Viu que eles estavam incólumes.

E depois havia a Cidade em si. Em última análise, não havia nenhuma necessidade de ter assistido às proezas vesperais do SPI, de ter lido o livro, ou de ter ido respirar o ar iodado e sufocante de Heritage para compreender que a Cidade estava doente. Sua concepção já a traía por si só. Apenas a ocupação de seus espaços, de um lado as oportunidades oferecidas, de outro, o miserê, a união berrante do simbólico com o mundano: o desfiladeiro de néon da Texaco Boulevard. Havia as queimadas feitas pelos laboratórios, onde a cidade tinha experimentado seu renascimento. A droga legal, a morte bancária, a Festa Móvel, o deus espetáculo. Tinha a confissão. Voz orfeônica do grande corpo crivado. Seus sintomas de fase terminal.

E havia também a noite. Essa noite que espalharam sobre a Cidade. Ela abria suas sombras, asfixiara as auroras, o amanhã e a intuição das coisas possíveis, corrompera até o passar do tempo e a maioria das almas que se viram aprisionadas nela. Ela tinha sido fabricada. Tinha sido distribuída. Tinha sido mantida.

Syd havia visto os Capttores. Sabia até o nome do sujeito que tinha sujado as mãos, mesmo sem conhecer o rosto.

— Você não conhece o seu rosto? — perguntou o homem.

— Não.

— Você sequer suspeita?

— Tenho suspeitas — disse Syd —, suposições, nada que seja palpável. Eu lhe falei das minhas verdades comprovadas. Pensei que era isso o que queria.

Então viu, novamente, nos olhos bondosos de seu interlocutor, aquele olhar benévolo que não passava de uma má-formação, um lampejo prontamente abafado de esperança frustrada.

— Diga-me quais são.

— A mesma mente doente... — sussurrou Syd.

O outro não tinha entendido direito. Ele colocou suas duas mãos abertas sobre a mesa e inclinou o tórax para a frente.

À espreita.

Syd percebeu, de repente, que o agente do SPI não sabia mais do que ele. E que ele também queria saber. Seu desejo era tão intenso quanto o do carcereiro da ala das penas capitais que caíra de amores pela bela infanticida.

— Eu falei — disse Syd — que é o trabalho de uma mesma mente doentia. Tudo isso é excessivamente harmonioso em sua escrotidão.

Se o agente ficou desapontado, desta vez não demonstrou nada que pudesse sugerir isso. Ele afundou de novo em sua cadeira e perguntou:

— Onde está Blue Smith?

• • •

Antes disso nada tinha acontecido. Sua vida nunca tinha acontecido. Ele nascera neste chão e seus olhos jamais tinham visto outro espetáculo que não fosse os rodapés. Um a um, todos os dedos da sua mão esquerda foram quebrados. Todo o seu corpo foi espancado com o porrete, em todas as partes. Não havia realmente mais um corpo, só a poeira dos ossos, as feridas, uma respiração. Ele odiava a garota. Por duas vezes, pediu que lhe dessem uma nova oportunidade. Prometeu fazer o serviço. Mas, assim que a dor passava, sua determinação voltava e a voz de Blue na caixa postal a abortava. Ele pagava por essas desistências. Por duas vezes perdera a consciência. Sua cabeça era enfiada dentro de um balde cheio de mijo e de merda. Seus pulmões lhe traziam a consciência de volta. Tinham-no despido. Esguichavam água em seu corpo. Tinham-lhe dado choques elétricos.

• • •

O mal menor.

O mal menor era estudado. A gente não buscava nem a solução, nem a panaceia, nem a cura. A gente estudava, analisava o que

pudesse ser precisamente um mal menor.

— Você se acha o último dos justos, caçou daquele que sabia falar corretamente, você está fazendo a gente morrer de rir.

Apesar da ação dos tranquilizantes entravar seu raciocínio, Syd não parou de se perguntar, enquanto os sicários o levavam ao longo do corredor interminável do setor de cobaias para sua futura cela, se tinham feito um desvio ou se aquele era o caminho previsto. Se o homem tinha claramente escolhido arrastá-lo por ali e por que ele se dava o trabalho de fingir que o interrogava. Alguns sujeitos já traziam consigo suas desgraças ao chegar e tinham se contentado em se encarcerar apenas com elas. Outros tinham entrado neutros, e era preciso ajudá-los um pouco. Syd podia, contudo, ter a certeza de uma coisa: não havia inocentes entre aquelas paredes. Não que todas aquelas pessoas tenham cometido crimes e que o processo fosse assim justificado. Simplesmente, na área das cobaias, a gente ficava longe, muito longe, dessas bobagens. Elas pertenciam ao mundo exterior, eram uma ideia caprichosa que devia ser esquecida. A área de cobaias era um buraco negro onde se aniquilava tudo aquilo que não fosse puro sofrimento.

O que constituía o espaço, a disposição das celas de detenção, a cor das paredes ou tipo de iluminação, Syd não tinha a menor lembrança. Apenas os cheiros, os gritos e as sombras que havia naquele lugar, além daquela sensação de que tudo acabava ali. Das explicações do agente, Syd só guardara fragmentos, um ruído de inseto que aumentava mais ainda sua confusão. Parecia que os Labos separavam o estudo dos sofrimentos do corpo e o estudo dos sofrimentos da mente, que são mais abstratos, antes de promover um retorno ao sangue. E a empatia e a inteligência, cujos reflexos apareciam de relance nos olhos de um ou de outro, morriam no processo, não sendo possível sobreviverem nesses confins sufocantes.

Um prisioneiro, ao escutar seus passos, virou-se para o corredor. Ele olhou para Syd. Sua órbita direita vazada, negra. Um murmúrio distante informou a Syd que o homem tinha enucleado a própria vista. E tudo o que Syd sabia, tudo aquilo em que tinha acreditado,

a busca idiota que o levava até ali, morreu, se aniquilou no vazio berrante daquele olho.

• • •

Eu levarei você aonde as trevas não existem.

Esperarei por você hoje, em Exit. Existem trens que saem até o anoitecer. Em Exit.

O agente desligou o telefone.

Syd fizera o que esperavam dele. No momento em que os efeitos do analgésico começaram a se dissipar, ele se deu conta de que imolaria a si mesmo. Não imaginava enfrentar uma segunda sessão.

Foi, de imediato, largamente recompensado com calmantes e ácidos lisérgicos.

Anunciaram para ele que, dali em diante, nada mais adiaria sua passagem para a Câmara. Syd sequer foi capaz de encontrar dentro de si a energia para o medo.

Ele tinha traído. Fora humilhado. Isso o deixava completamente indiferente.

• • •

Eles saíram ao ar livre da noite do meio-dia e cortaram caminho na imensa vastidão onde um helicóptero pronto para decolar levantava nuvens de areia que se enrolavam entre as pernas dos agentes e os pneus de caminhões e, antes de voltar para o deserto, se prendiam na interseção dos feixes dos faróis. Syd não pensava em grande coisa. Os sentidos já tinham começado a abandoná-lo, eles de qualquer maneira iam largá-lo. A consciência já se preparava para adormecer, cristalizando seus primeiros cristais de gelo. Ele não sentia medo nem angústia. Apenas estupor: essa realidade de ruídos, de luzes e de vento, a realidade do seu caminhar, de seus pés esmagando a areia, a dos motores, do cheiro de gasolina, dos

rostos desconhecidos indo para a saída, o seu próprio corpo vivo e sofrendo, como isso poderia desaparecer, cessar, sem volta. Estupor. E uma tristeza imensa e branca, não porque fosse morrer — ele ignorava o significado dessa palavra —, mas porque acabara de perceber que nada mais seria possível.

E o pensamento em Blue perdera-se nessa frase.

Ela já não lhe pertencia mais, nunca mais seria possível tê-la.

• • •

Nada de ritual para a Câmara.

A Câmara ficava no subsolo: chegava-se a ela por uma série de corredores e escadas fedendo a umidade. As paredes pretas e brilhantes mostravam um número gigante, sempre o mesmo, um grosseiro 35, de tinta branca descascada. O espaço fora construído num antigo bunker. Se não tinha ritual para ela, havia um pequeno detalhe em relação a ela: enquanto o mundo era executado, nada era letal na Câmara. Ali, ninguém era assassinado, mas muitos morriam. Syd não seria executado. Não mais do que Shadow o tinha sido. E alguns outros antes deles. Na porta, Syd disse àquele que falava corretamente que tinha chegado, talvez, a hora de abandonar os circunlóquios.

• • •

Um quarto à prova de som.

Syd se sentou dizendo a si mesmo que, em todo o caso, não morreria idiota.

Uma poltrona de pena capital: entraves metálicos que, com seu peso, se fecharam em torno de seus punhos e tornozelos. Os dois sicários apressaram-se em sair.

A Câmara: um pouco mais, um pouco menos do que dez metros quadrados, quatro paredes cobertas com relevo de figuras

geométricas de um rosa nauseabundo e mucoso. Syd não ouviu a porta se fechar. Ele soube que estava fechada devido ao súbito mal-estar que sentiu: um confinamento amniótico, abissal.

O silêncio tornara-se, de repente, afiado como um cutelo. Ele literalmente derrubou Syd, que, então, ouviu o próprio corpo.

O medo do espaço confinado se dissipava à medida que ele entrava em si mesmo. Ele estava cego, órfão, ignorante de tudo que não fosse sua própria agitação. As suas entranhas cheias de uma borra imunda onde se debatiam seres moles. Um sismo o atravessava de tempos em tempos, fazendo com que tudo jorrasse num esgoto de carne triturada.

E em breve os corpos moles, os vivos e os mortos, estavam em todo lugar do quarto.

E o quarto tinha-se tornado seu próprio coração.

Syd despencava. Ele despencava em um abismo sem fundo e era o abismo que falava com ele, cantando uma música sem pé nem cabeça, um canto que a tudo engolia.

Em meio ao estupor, uma luz ofuscante atingiu a parede.

Apareceu um letreiro com as extremidades desgastadas.

HISTÓRIA DE MYRA V

Syd se virou com dificuldade: um raio de luz branca poeirenta cortava o ar, na altura do quarto. Ele estava fora do abismo. As imagens apareceram. Ele agarrou-se a elas como sua única certeza.

Uma figurinha em holograma aprisionada numa gaiola. Tomada em primeiríssimo plano: traços exacerbados de Myra. Seus olhos negros, imensos, barrados pelas sobrelanceiras horizontais, que corriam até as têmporas. Sua boca desproporcional. A parte da frente das maçãs de seu rosto naquela cara ressecada pela antívida. Seus olhos: duas cavidades sem pupilas de onde escorriam lágrimas de desenho animado. Ela segurava as barras da jaula, suas articulações estavam brancas. Sufocava. Segurava seu próprio corpo, ela o apertava com todas as suas forças e as falanges de seus dedos ficavam azuis.

A gaiola se metamorfoseou, desdobrando-se num túnel cercado por grades. Myra andava lá dentro. Caminhou até a capela e se ajoelhou para uma oração silenciosa. Ela telefonava, ninguém atendia. Ela bebia. Se afundava na cocaína. Ela se entupia de Zolapin, Atarax, Nausepan, para então voltar à cocaína: esticava as linhas empedradas com um palmo de comprimento. Ela segurava o próprio coração e Syd podia ouvir os batimentos.

Isso porque seu coração era o próprio quarto. Porque o quarto era o mundo.

Porque Myra era obcecada pelo mundo.

Ela recomeçava a andar. Vomitava. Urinava num teste de gravidez. Syd poderia ver o seu púbis sem pelos, anêmico, os ossos salientes das suas coxas magras sobre o vaso da privada. Myra não estava grávida. Ela arremessava o teste. Ela bebia, capotava. Fazia outro teste. Não estava grávida.

Ela passeava pelos jardins na bolha da residência Vence, atravessando indiferente auroras e tempestades, sempre repetindo aquela mesma oração sem voz, que não era senão a voz mecânica e doentia do coração de Syd.

Ela titubeava. Seu rosto estava todo lambuzado de muco. Ela sufocava. Procurava sua respiração e seus olhos desvairados olhavam à sua volta, mas pareciam não encontrar qualquer coisa que pudesse respirar. Ela, então, caiu de joelhos, seu rosto empalideceu, ela babava, seu nariz deixou escorrer duas linhas de sangue, de um vermelho inadmissível, sobre os lábios e o queixo brancos, seus olhos ficaram vazios, o coração multiplicou seu batimento, rolando sobre as carnes esmagadas, e não havia nada além desse coração. Ele era a respiração do mundo. Ele era o quarto que era o mundo. Era Syd. Era a agonia de Myra.

O coração batia mais forte e Myra morreu.

O coração continuou a bater. Um novo letreiro apareceu na tela.

HISTÓRIA DE VÁRIOS DESCONHECIDOS

O branco ofuscante abriu-se sobre uma não zona em guerra.

Videoimagens. Imagens reais. Ruínas e soldados. A noite devorada por chamas altas e claras. Arame farpado, barricadas de escombros bloqueando uma rua. Moradores das não zonas, maltrapilhos, suas caras inflamadas carcomidas pela desnutrição, seus fuzis novos em folha, perfeitos, que destoavam do corpo em farrapos.

Eles caíram sob uma rajada silenciosa.

Outra rua, de outra cidade decaída. Outros soldados, outros corpos desconhecidos que eram furados por balas silenciosas. Outras imagens. Outros sobressaltos e outras quedas, os mesmos impactos surgidos do silêncio. A hecatombe continuava, absurda. Invariável. Tiros e mortos. A imagem determinada corria, mostrando sempre a mesma coisa. As cenas desfilavam na frieza da uniformidade. Acontecia sempre a mesma coisa, de forma que nada acontecia. Desconhecidos eram atingidos, e morriam. Um boliche de corpos vivos contra um pano de fundo de terras distantes. Sob extrema tensão, os rostos tinham desaparecido. O brilho mais ou menos vivo que estava escondido no fundo dos olhos de todos os homens, que refletia a singularidade da matéria de que cada um era feito, tinha empalidecido, diminuído, apagado pelo recrudescimento da matança. Um brilho que nunca mais voltaria, nem mesmo com as armas rendidas. Essa mecânica doentia da matança, esse eterno revide que ele mesmo desconhecia de onde partira o primeiro golpe, parecia ter-se libertado de sua própria concepção, algo que subia e espumava, varrendo e devastando tudo em sua cegueira e violência, perfeitamente pura e funcionando com equidade: ela não reconheceria ninguém como próximo. Diante do cataclismo cego, tão cego quanto a tempestade, qualquer grito, por mais vigoroso que fosse, não seria mais que uma tentativa inútil de comunhão, e a comunhão teria exigido uma renúncia à vida. Era preciso ir até o final da impotência. A impotência perturbando a mecânica, perturbando-a com lamúrias ou gritos que se perderiam como os sons dos insetos diante do trovão e a impotência da consciência que não toleraria o luxo, a impropriedade de uma indignação. De súbito, o som foi liberado. Syd, novamente, perdeu todas as certezas. Os batimentos tinham retomado a posse do quarto. Os batimentos

eram o quarto. Eram o mundo. Eles eram os disparos dos fuzis, os gritos de agonia, o crepitar das chamas. Eram a morte diante de seus olhos. Syd se conscientizou de seu poder e de seu erro. A mecânica doentia de seu próprio coração. Ele soube então como os primeiros homens, diante dos primeiros relâmpagos, viram neles a existência de Deus.

Ele não sentiu seus dentes afundarem na própria língua. Não sabia o que estava fazendo. Não sabia mais nada. Só sabia que precisava parar com aquilo.

Aconteceu, então, o milagre.

O silêncio voltou com o estrondo da explosão.

• • •

Quando voltou ao ar livre, estava num campo em ruínas. Ele desprezou o massacre que acontecia no chão. Seu primeiro movimento foi o de levantar os olhos.

O sol.

O sol devastava a cobertura de nevoeiro. Feixes de raios perfuravam as camadas de gás e atingiam o solo em inúmeros lugares, delimitando, como um perímetro de perdão, o contorno dos corpos despedaçados dos agentes. Não havia nada de uma bela tarde ensolarada: aquilo que Syd via no céu parecia mais uma erupção vulcânica. A abóbada sobre a cabeça dele tinha o aspecto de uma cratera invertida, furiosamente ativa. As abóbadas negras do gás de Kaplan se misturavam com a radiação suprema. Nos pontos onde se encontravam, o céu enrubescia como pedaços de espelho refletindo um matadouro em brasas.

Syd hesitou. Um ruído de motor veio até ele como num sonho.

Ele dispersou sua letargia e foi se arrastando até a Transdivisional. No horizonte, uma tempestade de sol deixava literalmente em brasa a carroceria amarela de um táxi.

• • •

O sujeito dirigia para escapar das bombas.

Ele não queria deixar a cidade, e não queria morrer estupidamente. Não que tivesse medo da morte, mas uma morte imbecil era muito pouco para ele. Aos quarenta e dois anos, com um corpo saudável, e tendo ainda alegrias por vir, acabar abatido sem aviso prévio, apanhado por uma carga de explosivo plástico C-5, só porque esqueceu de pagar o estacionamento e voltou na hora errada. Por ter descido na estação errada. Essas hecatombes de plástico C-5 levavam a ideia de uma justiça imanente ao desespero. E não tinha como saber quem os colocava e com qual reivindicação.

Era preciso ser um bom paciente, um belo poço de ignorância a respeito do que era a vida para os homens, para se ter a pretensão de mandar desconhecidos ao inferno, inocentes que virariam velas em uma capela qualquer, e essa capela, continuava o motorista de táxi, não tinha sido ainda construída, não tinha sequer sua primeira pedra.

Ele, então, suspirou dizendo que aquele que mostrasse ao mundo os bons de um lado e os maus de outro seria bastante esperto. A gente não era tão inocente assim. A hiperdemocracia foi um negócio sórdido, é isso aí.

Em todo caso, ele não tinha a menor vontade de falar a respeito, e, para afastar o azar, ele dirigia, dirigia sem nunca parar. E além do mais, era gostoso dirigir com o sol, e o resto... Ele sempre gostou de dirigir. Afinal de contas, estava fazendo o seu trabalho. Mas dirigir sob o sol...

Uma alegria que há muito tempo não sentia.

Syd lhe perguntou por que ele não ia simplesmente embora da cidade.

O taxista tinha uma resposta na ponta da língua.

— Para onde?

• • •

Dirigindo na Transdivisional Norte. Contando os mortos.

O sol tomava a estrada formando um tabuleiro de luz, como as eclusas que atravessam uma represa. Syd segurava a vontade de chorar, de liberar aquela sensação de que mais nada era possível. Estivesse morto ou vivo.

Ele iria até o fim. Interrogaria Vence. Iria até o final de suas respostas.

Tinha agora certeza de que tinham lhe dado ácidos. Ele sentia a ilusão em seu corpo: essas praias sem odores, em lugares onde a carne crua afirmava o contrário. Ele se lembrou das celas do depósito do comissariado divisional, onde os presos comiam as próprias mãos à vista de todos sob a influência do LSD. Lembrou-se de ter atirado em drogados e que as balas saíam pelo outro lado, sem que eles parassem de correr.

Sentia-se, porém, perfeitamente lúcido. Lúcido e sem dor. E enquanto seguia no táxi, a sua consciência era revista: a decadência de Myra e a sua morte lhe eram indiferentes. A ideia de ter traído Blue não despertava nada nele. Já as sensações que tinham tomado conta dele na Câmara se calavam, como as reminiscências de um pesadelo que, ao despertar, recuam diante da realidade surda dos gestos do cotidiano, ficando, no entanto, a dúvida de que talvez houvesse mais realidade contida no nevoeiro em processo de dissipação do que no cheiro do café, no bem-estar do chuveiro, na promessa de um dia como outro qualquer.

O rádio também contava seus mortos. Aqueles da hiperdemocracia.

Às 14h10, sessenta e quatro pontos tinham explodido. Nesse ritmo, sobraria muito pouco da Cidade ao entardecer. O primeiro crepúsculo que ela veria desde muito tempo. Não havia explicações para essa reviravolta insensata do sol. O caso Kaplan ainda não tinha vazado.

As autoridades preconizavam a partida... Para os assinantes, era recomendada resignação. Era preciso se decidir a deixar a Cidade. A Cidade sofria de um mal inexplicável, um mal contra o qual não se podia lutar.

O sol, em sua misericórdia, tinha voltado a brilhar sobre as não zonas. Prenúncio de uma nova oportunidade para os assinantes de

Clair-Monde. Era preciso ir embora. Abandonar as estradas, os prédios, as lojas, as indústrias.

Era preciso reconstruir. Em outro lugar.

Havia outro lugar. As fronteiras estavam sendo abertas. Aviões estavam sendo fretados. Trens estavam sendo redirecionados.

Deixar a Cidade.

Os assinantes se recusavam, contudo, a partir. Eles estavam pregados àquele chão do qual conseguiram arrancar uma parcela para a própria conta. O navio fazia água por todo lado. Desde a véspera, tinham se multiplicado os ataques dos drogados aos hospitais e às superfarmácias. O Executor reconheceu o erro do toque de recolher, os seus muitos abusos, imperdoáveis. A Cidade estava minada. A previsão era que houvesse incursões das não zonas e dos subúrbios aos bairros centrais, sendo a Texaco Boulevard o ponto de concentração. Os protestos tinham-se propagado como um incêndio florestal. O Executor tinha mobilizado todo o seu efetivo militar e policial: um verdadeiro exército assegurava a contenção de um motim que, esperava-se, seria maciço e furioso, exigindo mais do que soluções.

Exigindo reparação.

• • •

O tumulto aumentava em frente ao portão da residência Vence. Havia cinegrafistas e engenheiros de som para assaltar um cordão policial com o escudo EXE no uniforme, enquanto maquiadores e cabeleireiros passavam o tempo jogando cartas nos capôs dos veículos. Caminhões de produção com os logotipos de redes de TV, cobertos com adesivos dos patrocinadores. Recuadas, estavam as limusines sombrias e impenetráveis do Poder, com as placas identificadoras e os batedores garantindo sua integridade. Uma horda de soldados, assistentes, braços direitos, delegados de todo tipo, usando terno e gravata e corte de cabelo adequados, sapateavam com os seus Rastreadores na mão ao longo de toda a

avenida. Podia-se adivinhar a presença dos figurões à sombra dos vidros fumês. Nada de *laissez-passer* para o Executor. Uma novidade. Aqueles desordeiros estavam aflitos por um copo de café da Starbucks, quase todos estavam maquiados. Eles sabiam o que queriam.

Queriam Igor Vence.

Igor Vence tinha deixado todo mundo do lado de fora. O novo Executor tinha roubado de sua elevada missão algumas horas de paz para chorar a perda de sua filha.

Syd disse ao taxista que ficaria ali. Procurou algumas palavras para se despedir: não encontrou nada para dizer. Ele saiu e o táxi arrancou imediatamente, deu meia-volta e se afastou pela estrada inundada de sol.

Syd caminhou. Ele atravessou a multidão, pensando que nunca se sentira tão isolado, tão afastado de seus semelhantes como naquele instante. Os ruídos humanos e a conversa chegavam até ele num dialeto primitivo. Os poucos olhares que se fixaram sobre ele, na medida em que avançava na direção do portão, foram desviados ou expressavam um nojo próximo ao horror. Syd podia tentar o quanto quisesse esconder a mão destruída no bolso e se esforçar em manter um olhar impassível, mas as últimas horas tinham deixado a sua marca sobre ele, mais do que hematomas e feridas. Ele percebeu num retrovisor seu maxilar crispado, seus ombros caídos, seus olhos de velho, e ele fedia.

O pária continuou, mesmo assim, a caminhar. Ele pediu licença com uma vozinha suave, baixinho. Atingiu o cordão de segurança. Disse que era esperado. Que era da família. Os tiras o revistaram. Tinham visto nele o olhar desvairado, a solidão e a barba suspeita do regicida. O pária insistiu. Ele se dirigiu ao homem que comandava. Disse que era viúvo. Disse que seu nome era Syd Paradine. O tira exigiu do pretendente que comprovasse sua identidade com um documento. A revista não encontrou nenhum Rastreador e isso já era um crime punível com a prisão. Syd apresentou seu antebraço ao controle: a cicatriz da cirurgia, as marcas das agulhas, os dedos mortos. Ele sugeriu ao tira que o deixasse tentar o reconhecimento óptico do portão.

• • •

Ouviu os tiros quando pisava na aleia de cascalho. Atravessou, ao ritmo das detonações, os jardins multissazonais que, recentemente, haviam permanecido, graças à determinação de uma vontade, todos numa mesma estação: o outono. A folhagem dos ciprestes estava nimbada de brumas imóveis, não havia vento e sob a luz fria do dia artificial o parque, apesar da riqueza de cores vivas, transmitia um grande suspiro de malva. Syd respirou fundo. Do solo subia uma emanção rançosa de maçã e de madeira molhada, esse cheiro de um tempo obscuro, que Syd sempre considerou como sendo o máximo dos luxos: poder respirá-lo na própria casa. A primeira alma com que cruzou foi a do filho único de Igor Vence. Júnior perambulava sobre uma faixa de terra cultivada recentemente: ele tropeçava, pisoteando o trabalho minucioso dos montículos, com um fuzil na mão. Vestia um luto avacalhado: as tiras de sua gravata jogadas por sobre um dos ombros, a camisa, amarrotada e manchada de vômito, pendia desarrumada sobre seu quadril de menina. O perímetro em torno dele estava todo tomado de sol. Júnior se curvou para trás, ajustou seus óculos escuros, colocou a coronha no ombro e disparou para o ar. Syd ouviu algo partir lá em cima. Júnior continuou. Esvaziou um carregador inteiro. Choviam cacos de vidro em volta deles. Choviam raios de sol, um sol a pino que aniquilava as névoas. Júnior reconheceu Syd e apontou a arma para ele.

Júnior disse:

— Ela não se suicidou.

Syd viu o rosto do garoto, suas mãos esfoladas, carcomidas pelo pó de vidro, tremendo sobre a arma.

— Ela ficou doidona direto, ficou seis dias sem aparecer. Não queria mais nos ver, não queria mais falar com a gente. Eu também não queria falar com ela. Pobre idiota chapada. Ela só falava com meu pai. Queria que meu pai encontrasse e mandasse uns caras pegá-lo para trazê-lo, de qualquer jeito, para cá. Ela não queria mais comer. Meu pai a obrigava a comer com o negócio para escravos,

uma coisa da coleção dele. *Speculum oris* é o nome do negócio. Ela também não queria mais dormir. Andava de um lugar para outro. Andava e falava sozinha. Gritava, ficava o dia inteiro dentro de uma banheira com água fria, ou andava segurando as costelas, assim, de uma maneira sufocante, era de meter medo. Ela cortou os pulsos uma vez, mas meu pai disse que era fingimento. Ele disse que ela não queria realmente morrer. Mas ela respondia que iria morrer e que era preciso que você soubesse, porque se você a visse, se soubesse em que estado ela estava, você não a deixaria assim. Ela dizia que tudo estava branco, que o mundo tinha sumido, que não havia mais futuro. Dizia que tentava ver o futuro e que não conseguia, que só via o tempo, todo esse tempo sem você, a mesma coisa que nada, que era melhor estar morta. Tentamos tirar a cocaína e os comprimidos dela, mas ela tinha escondido droga por todo lado. A gente não podia amarrá-la. Ela pensava que estava grávida. Disse que havia indícios, que vomitava, que seu corpo havia mudado. Pobre idiota, pobre drogada imbecil. Ela passou ontem o dia inteiro fazendo testes. Negativos. Ela morreu esta noite. Meu pai não quis me dizer se foi uma overdose. Ele não quis me dizer do que foi que ela morreu. Mas eu sei. Ela morreu de tudo isso.

“A gente está morrendo disso.”

Ele se calou e ficou olhando para Syd como se esperasse por uma resposta. Eles estavam muito próximos, agora, e a arma repousava sobre o peito de Syd. Ele não encontrou nada para dizer, afastou o cano da arma e retomou sua marcha em direção à casa.

Quando, para encurtar a distância, cruzava o gramado, avistou Carrie Vence. Ela estava sentada, sem fazer nada. Estava com os olhos fechados e oferecia seu rosto ao ar fresco. Suas pernas estavam cobertas com uma grande manta laranja e Syd de imediato não viu que era uma cadeira de rodas. Lembrou, então, que já simpatizara com ela no passado, quando ele lhe dizia pelos cantos que ela, e somente ela, tinha sido reprovada em toda a porção de humanidade.

Carrie Vence não estava de óculos escuros. Quando ouviu Syd se aproximar, ela abriu os olhos esbugalhados pela medicação. Apertou

sua nuca contra o espaldar da cadeira, como se estivesse com medo. Um tiro ecoou nos jardins.

— Então — perguntou —, você encontrou o que procurava?

Syd disse que sim.

— Você foi, de fato, o único — interrompeu ela. — Veio para ver o, hum, corpo?

— Não — respondeu Syd —, eu vim para ver seu pai.

Carrie Vence disse que ele estava no escritório. Syd colocou uma das mãos sobre o ombro dela. Carrie ficou arrepiada. Ela não rejeitou a mão dele, ficaram alguns segundos sem falar, então ele se afastou, mas, enquanto subia os degraus do umbral para entrar na casa, ela virou-se e gritou:

— Você não tem nada para me dizer?

Ele deu meia-volta e entrou.

• • •

Igor Vence se picava ao som do motim.

O enorme escritório estava suspenso entre a luminosidade intensa do outono artificial que era filtrada pelas persianas e a penumbra do canto onde estava Vence.

Ele estava deitado sobre uma marquesa, as pernas encolhidas contra o peito. Com seus óculos escuros e seu escalpo de cabelos brancos, na penumbra, ele estava perturbadoramente parecido com um monte de fotos da primeira página de jornal. O Executor se injetou, desfez o torniquete, retirou a agulha. Jogou tudo no chão. A parafernália brilhava no assoalho. Duas seringas, algodão usado, brilhos foscos de prata escurecida. A sala era dominada por uma rigidez, uma ausência de movimento que pesava muito mais do que a sombra ou o silêncio, exceto pelas imagens pulando no videotitã. O volume tinha sido reduzido ao máximo, mas, através de um ruído parecido com o dos insetos, percebia-se a violência. Ela não chegava até eles. Tudo aqui parecia destinado à inércia, essa imobilidade onde nada mais era possível.

Vence falou.

— Se ainda não entendeu o que é essa cabeça doente pela qual tanto anseia, é porque você é um imbecil que nada vê — disse ele.

Syd percebeu que precisaria apenas ouvir. Vence olhava para o teto, sua respiração estava curta, ofegante. Era bem da sua natureza sequer mencionar a morte da filha na frente daquele que tinha sido o artífice indireto. Vence estava arrasado. Mas iria se recuperar. Nele, os golpes e perdas tinham a cama feita há muito tempo. A realização deles, mais do que um choque verdadeiro, marcava simplesmente a entrada numa outra era onde as coisas se apequenavam.

Vence era um homem sem esperança, portanto sem revolta. Ele falaria. Não por força da aliança que os dois selaram pelo luto, nem por compaixão, nem para satisfazer sua mania de orador; falaria porque Syd tinha conseguido chegar até ele.

— Não há nenhuma cabeça — disse Vence —, apenas orações. Preces ruins, súplicas inviáveis. Eu cometi crimes, atrocidades, e você também. Os meus são maiores do que os seus, se raciocinarmos em termos de danos; não falo das vidas que você tomou, eu o acuso de ter todo esse tempo respirado na ignorância. Cada uma das suas respirações não significou, durante trinta anos, outra coisa senão um consentimento. Você ignorava o alcance... a Grande Central é apenas um instrumento: ela despoja, ela decreta, com a mesma estupidez, a mesma brutalidade que, outrora, fizeram parte de sua concepção. Uma utopia, um sistema em perpétua evolução, designado para uma busca permanente da perfeição, um sistema sem cabeça, onde o poder pertenceria a todos e a ninguém. Um sistema capaz de levar em consideração todas as preces feitas a cada segundo por todas as partículas com a missão de satisfazê-las ao máximo.

“Eu ouvi as confissões... eu as escutei. Toda vez que era tomado de escrúpulos, que perdia a desilusão, ia à Grande Central para ouvir a Cidade gemer... Você não faz ideia do que são todas essas vozes, todas essas vozes que reclamam ou se contemplam ou urram, sabendo muito bem que seus urros nunca terão o poder de intimidar a marcha demolidora da vida, ou talvez eles tenham essa esperança,

mas acredito que há simplesmente um ponto em que as pessoas não aguentam mais gritar... E todo esse barulho mostrou-se de uma esterilidade desoladora: lá, onde o filtro da Grande Central poderia colher um espírito puro de reforma, ou até de revolução, havia somente um desejo pelo melhor cativo possível, uma seleção de ópios, o desejo passivo de que as coisas permanecessem inalteradas, que as fissuras se tornassem buracos, e depois canyons, pouco importava, contanto que não fosse o próprio filtro da Grande Central que estivesse ameaçado de ver a terra se abrir sob seus pés... Mas a terra está minada... Se você quer uma cabeça, eu lhe ofereço uma. Eu lhe ofereço a de Clair. O mundo elegeu Louis Clair, e com esse único ato deixou de ser inocente. Essa propensão imemorial para eleger o escroto, tal como algumas mulheres escolhem instintivamente o homem que vai maltratá-las. Louis Clair era um idiota cheio de boas intenções, ele se acreditava demiurgo, mas não tinha religião nem poesia. Era aquele tipo de político que alardeia bem alto as mudanças, como se elas fossem um chocalho, sem ter a menor ideia do que está dizendo. O importante não é o que ele diz, mas a força de sua convicção. Ele tinha uma grande inteligência matemática e incríveis dentes brancos que exibia com prazer. Sem estes, não creio que tivesse sido eleito. Em 82, com o Alerta-acidente, tornou-se o homem do momento. Dois anos mais tarde, com a tecla S para Sentimental, virou literalmente o messias. Os assinantes lhe dedicavam uma adoração sem limites. Ele os fazia contentes. Divorciou-se da mulher. Passou a viver como um astro do rock. Tinha uma fortuna de bilhões, sorria com todos os seus dentes brancos e encarnava perfeitamente o velho fantasma do empresário de pulso firme. Ia de divisão em divisão para dar palestras sobre o que devia ser o mundo.

“A persuasão pela força.

“Sua popularidade cresceu, virou sua cabeça. Ele começou a surtar, a imaginar que tinha sido enviado à terra para melhorar o mundo. Quando os vendedores de telefones celulares começaram a acreditar que eram Deus, foi o início das encrencas. Quando toda a população, por sua vez, começou a acreditar nisso, as encrencas entraram num caminho sem volta. Em 85, ele foi eleito para a

Presidencial. Seu sorriso de um vintém furado passou a decorar as notas de dinheiro.

“Ele construiu a maldita torre e instalou nela a Grande Central. Já tinha sua própria ideiazinha. A hiperdemocracia era a sua ideiazinha.

“Ele impôs as leis do Civismo e Telecomunicações. A confissão pelo Rastreador foi decretada obrigatória. Se confessar para um telefone celular onze minutos por dia se tornou um ato cívico. O funcionamento da Grande Central é de uma simplicidade desconcertante. Três máquinas, três programas. Despojar. Interpretar. Determinar. Para Clair, era primordial que os assinantes ignorassem o alcance da confissão. Ele queria virgindade. Altruísmo. Esse tipo de coisa. Queria conhecer antes de todos aquilo que o povo realmente queria, antes que o próprio povo soubesse. A fonte do proselitismo das mídias e das capelas. Se os assinantes tivessem conhecido o seu poder, a situação teria mudado. Claire pensava que as confissões, expressas com conhecimento de causa, fossem premeditadas, ditadas pelos interesses pessoais acima dos dos outros, ou, ao contrário, pela neurose de pensamentos impuros. Eu acho que, talvez, houvesse um pouco de consciência. De qualquer maneira, interesses pessoais acima dos dos outros eram só o que havia. Clair era paranoico. Ele queria guardar o segredo a qualquer preço. Ele fundou o SPI exclusivamente para isso. O SPI tinha por missão proteger o segredo. Esse segredo não era, nem mais, nem menos, outra coisa que a própria hiperdemocracia e o território do SPI acabou por se estender a todas nossas decisões, a todas nossas ações... Porque nós tínhamos o poder, mas voltarei a isso mais tarde. O erro de Clair foi pensar que o povo se autogovernaria de maneira inconsciente. Ignorando a amplitude de seu desejo, os assinantes não podiam medir as consequências. Eles não tiveram a possibilidade de se censurarem, de raciocinar e, quiçá, mesmo se tivessem tido, talvez não soubessem o que fazer.

“Eles desejaram *errado*.

“E fomos obrigados a executar. Não havia nenhuma possibilidade de escapar ao poder absoluto da Central. Uma vez que Clair, antes de morrer, tinha garantido a sua retaguarda. Em 88, ele mandou reconstruir dois terços da Cidade. Clair-Monde lhe auferia somas

alucinantes, rendimentos que ele entregava ao seu xodó, que era a hiperdemocracia. Ele mandou reconstruir dois terços da Cidade e, ao fazê-lo, preparou armadilhas. A Cidade foi construída sobre minas.

“Clair me contou isso alguns dias antes da doença roubar-lhe a lucidez. A Cidade foi construída sobre minas explosivas. E é a própria Central que tem o poder de acionar os detonadores. São três situações previstas. A primeira, no caso de tentarmos, eu ou outro qualquer, desativar ou sabotar a Grande Central: a Cidade explode. A segunda, no caso de eu querer me abster, enganar os decretos da Central: a Cidade explode. A Grande Central, e sua inteligência tristemente notória, têm acesso direto ao coração e cérebro dos assinantes. Não é possível escapar de sua vigilância. E a terceira, se o seu papel for revelado aos assinantes, a Grande Central saberia disso e a Cidade explodiria. Clair e seu complexo de demiurgo. A destruição da Cidade está programada para sete dias. Sete dias de catástrofes num crescendo e, no crepúsculo do sétimo dia, o fim.

“Com a morte de Clair, eu fui eleito. A hiperdemocracia era aferrolhada, intocável. O Executante é uma farsa. Um cargo minado em meio ao fogo cruzado. O impossível exigido pelos assinantes, de um lado, e o apocalipse do outro. Eu errei o passo em 00... Por oito anos, me contentei, usando minha própria pessoa como refém, com os decretos imbecis da Central, sem provocar grandes prejuízos à minha consciência. Eu não podia fazer nada, eu não podia evitar nada. O crash de 99 marcou o ponto do qual não se poderia retornar. Tínhamos que reconstruir a fortuna da Cidade. Sem ter lido uma linha de literatura durante toda a vida, você descobriu tudo isso sozinho. As grandes fortunas são construídas sobre grandes crimes. E correndo o risco de me foder, matei dois coelhos com uma só cajadada. Meus crimes foram grandes, a minha fortuna foi feita. Sim, nós nos fartamos. Nós éramos doze e compartilhamos entre nós a carniça... Os assinantes foram drogados e viciados em ópio até os ossos. Eles transavam na Rede, bebiam muito, tinham a nossa bênção para se drogar, compravam móveis, trocavam de Rastreador a cada seis meses e ficavam com os olhos arregalados na frente da TV achando que tinham o poder de desligá-la. Esse corpo fraco nos pertence, nós o alimentamos com colherzinha de prata e

brincamos com ele. Nós o brutalizamos e degradamos. Fomos confrontados com um processo que não podíamos parar, decidimos acelerá-lo, o que o tornou pior, para termos a ilusão de que tínhamos algum poder sobre as coisas ou, talvez, simplesmente porque isso nos excitava.

“Somos altamente condenáveis, mas isso não tem importância. O erro não surgiu a partir de malefícios isolados de um pequeno grupo de homens maus, ele já estava há muito tempo ali... No começo de tudo e, de qualquer forma, ele estava dentro de nós...”

“Há alguns anos, os assinantes vêm exigindo um mundo melhor. Nunca, se é que já houve uma esperança, ela estaria nisso, as massas se resignaram totalmente aos mundos que foram criados para elas ou que elas ajudaram a criar... A esperança mora bem ao lado do erro, no fundo de nós mesmos, ela responde dali. Os assinantes estão exigindo um mundo melhor, na cegueira, naturalmente, de seus próprios erros, mas o que eles exigem é justo: aquilo que deveria ser, e que nunca será. A Central respondeu com brutalidade, como sempre. Diante do clamor unânime por outro mundo, ela respondeu com a destruição.

“Essa é a suposição. Criar um mundo melhor presumia que este fosse destruído para que ocorresse o renascimento em outras terras, em outras eras... Receio, infelizmente, que ele não traga nada de novo. Da mesma forma que os dias se parecem. Enquanto isso, temos que fugir. Precisamos sair dessas paredes. Antes do anoitecer.”

• • •

Entraram em carros separados. Do lado de fora, os jardins foram devolvidos à sua calma brumosa com o desarmamento do herdeiro da casa. Ele embarcou com o pai e a irmã no veículo que deveria conduzi-los ao Palácio-Ex. A última etapa antes da deserção.

As forças de ordem já tinham começado a proceder à evacuação da Cidade: a primeira e última obrigação do Executor Vence se

limitaria ao pronunciamento de um discurso de validação.

Não houve nenhum adeus, eles não se encontrariam novamente. Syd subiu no carro. Foi o último a partir: das profundezas do desvario em que mergulhou com os comprimidos de ópio e das lucubrações do velho poderoso, viu os sedãs, os motociclistas e o carro fúnebre arrancarem.

O trajeto para sair do Vale da Bolha foi percorrido sem problemas, rápido, livre, na esteira do esquadrão oficial. Syd viu que um sol sem novas alterações brilhava sobre a estrada.

Ele permanecia sentado no banco, completamente imóvel.

• • •

Ele dissera ao motorista que iam para Exit. Mecanicamente, porque ele não via nenhum outro destino. Quando o trânsito da rua Vinte envolveu o automóvel, Syd teve uma visão: Blue o esperava na plataforma.

Reencontros nascidos da traição.

Então, quando estavam entrando na Microsoft, Syd viu o tráfego, um tráfego tão caótico que ele soube que nunca seriam capazes de passar. Vence apareceu nas telas-titãs. Ele arengava para a multidão. Syd não entendia o que ele falava. Viu apenas o estremecimento que tomava conta da multidão de assinantes e, em seguida, a raiva. Disse ao motorista que o deixasse ali. Ele desceu do carro e atravessou a rua em direção ao metrô, em meio ao esporro das buzinas, dos motores e dos insultos. As filas de carros pareciam se alinhar até o inferno e, quando ele chegou ao metrô, viu nas telas que o linchamento do Executor tinha sido eclipsado pelos motins na Texaco Boulevard.

Ele hesitou. Refletiu. Deu um passo na direção do metrô. A linha ia direto para Exit.

Ficou imóvel. Olhava a tela obscurecida pelas bombas de fumaça. Boulevard Texaco entregue à sua noite, as corridas e os gestos, os tiros e os homens que caíam, a violência que desfigurava os rostos,

violência sem objetivo, sem esperança, apenas a violência em si, e, justamente porque não havia objetivo ou esperança, ela era tudo que restara.

Ele começou a caminhar em direção ao bulevar.

FIM

Agradecimentos

*Quero agradecer, com todos os advérbios possíveis,
a Dorothee Janin, por sua amizade e seu inestimável
apoio, que em nenhum momento vacilaram
ao longo desta empreitada.*

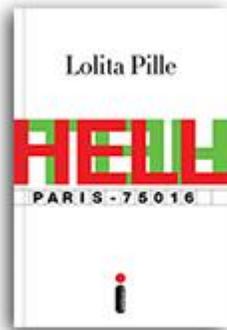
*Agradeço a Georges-Olivier Châteaureynaud
pela atenção e pelos excelentes conselhos.
Agradeço, é claro, ao hipocondríaco Manuel Carcassonne
e agradeço ao meu pai por ter me ensinado a ler.*

Sobre a autora

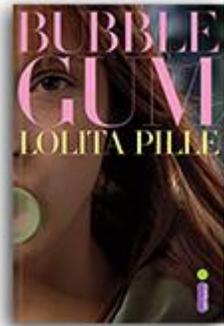


Lolita Pille, escritora francesa nascida em 1982, em Sèvres, formada em literatura, é autora de *Hell Paris 75016*, que chegou às listas de best-sellers no Brasil, e de *Bubble Gum*, ambos publicados pela Intrínseca.

Conheça outros livros da autora



[Hell](#)



[Bubble Gum](#)

Table of Contents

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Primeira parte: O grande apagão](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[Segunda parte: Morte de um hacker](#)

[4](#)

[5](#)

[Terceira parte: Azul como aço](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[Quarta parte: Exit](#)

[9](#)

[10](#)

[Quinta parte: Antes do crepúsculo](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros livros da autora](#)